

ANGIE MELLO

DO QUE SÃO
FEITOS OS

Sonhos 



ANGIE MELLO

DO QUE SÃO
FEITOS OS

Sonhos 

ANGIE MELLO

DO QUE SÃO
FEITOS OS

Sonhos

Copyright © 2018 Angie Mello

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Autor

Angie Mello

Revisão e copidesque

Luhana Andreoli

Ilustração: Freepik

1ª EDIÇÃO — ANGELA MARIA DE MÉLO — SÃO PAULO — 2018

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora Angie Mello foram assegurados.

Plágio é crime! Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1990. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos: Pena de 3 (três) meses a 1(um) ano ou multa.

Esta é uma obra de ficção, quaisquer semelhanças com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terão sido mera coincidência.

Todos os direitos desta edição são reservados à **ANGIE MELLO**

angelina1071@gmail.com



Índice

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça outros títulos da autora



Capítulo 1

“Ai, meu Deus!”

— Você já soube da novidade?

Bella levantou a cabeça e olhou sua amiga e companheira de trabalho com curiosidade. Marisa possuía estrutura óssea larga, e embora não pudesse ser considerada uma beldade, era uma mulher vistosa, e o ritmo de sua grande família a ajudava a se manter esbelta, apesar de ter dado à luz a cinco filhos. Era casada com um pescador havia quatorze anos, e sua beleza e sorriso afável irradiavam uma felicidade interior.

— Não. Que tipo de novidade? — perguntou Bella, enfiando a apostila que estivera lendo dentro de uma pasta marrom. Pensava em fazer um curso de pós-graduação à noite, mas depois de verificar os preços, resolveu que podia esperar um pouco mais. Enquanto isso, decidiu que começaria a estudar por conta própria nas horas vagas.

— Tudo indica que o terreno vazio perto da praia foi vendido. Hoje cedo, quando eu vinha para cá, vi uma movimentação de homens vestidos em uniformes com o logotipo de uma construtora nos bolsos, e também havia máquinas de terraplanagem por lá.

Bella surpreendeu-se.

— Então o velho Tião Duarte resolveu vender aquele terreno enorme,

depois de décadas disputando na justiça com os irmãos?

Marisa fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Pois é. Parece que ele acabou cedendo, afinal, tinha jurado que jamais venderia, porque não queria ninguém construindo por aqueles lados. Todo mundo sabe o quanto ele é apegado àquela faixa de areia.

Marisa deu de ombros. Sebastião Tenório Duarte era dono de diversos imóveis na cidade, a maioria alugado, e criava cavalos puros-sangues num haras que construía nos arredores. Possuía ainda uma fazenda de laticínios no interior do Estado de Minas Gerais. Os Tenório Duarte eram uma família tradicional, de prestígio, e o velho Tião, como o chamavam, era o homem mais rico e poderoso da região. Inclusive, eram como uma dinastia na política local há várias gerações. Começou com o avô, que passou o legado para o pai dele, e atualmente a incumbência estava nas mãos do irmão mais velho e de um primo. Ambos se revezavam na Prefeitura e na Câmara Municipal, tanto no cargo de prefeito como no de vereador.

— Depois que o Joaquim Tenório morreu, o Tião brigou com o Bernardo e com o Vicente, e isso já faz mais de vinte anos. É voz corrente que se recusou a vender para preservar a beleza natural naquela área. Deve ter recebido uma oferta e tanto para fazê-lo mudar de ideia. Sem falar que ele não anda muito bem de saúde. Isso deve ter influenciado na decisão.

— É bem possível, afinal, é um homem de idade avançada, e os três filhos parasitas só fazem sugá-lo. O que será que pretendem construir?

Marisa suspirou. Colocou os cotovelos sobre a mesa e apoiou o queixo nas mãos, o olhar distante e pensativo.

— Olha, num terreno tão perto da praia, eu imagino que casas ou prédios. — Seu rosto se iluminou com o pensamento que cruzou sua mente. — Ou, talvez, um resort ou hotel! — Especulou, animada e batendo palmas.

Contrariando a reação da amiga, Bella torceu a boca, demonstrando dúvida e um certo desgosto.

— Um hotel ou resort aqui, neste fim de mundo? Não sei, acho provável que sejam casas ou prédios, como você disse.

— Que nada! Se para nós, que vivemos aqui, aquele lugar é um paraíso, imagina para o pessoal da cidade grande? Eu acho que seria muito bom, desenvolveria o turismo da região. A faixa da praia de água transparente, a areia branquinha, as rochas, os morros... Tudo é tão lindo!

— Eu sei o quanto aquele lugar é maravilhoso — murmurou Bella, observando o entusiasmo na fisionomia da amiga quando falava, ainda assim, não se deixou influenciar. — Mas se dependesse de mim, eu preferia que a região continuasse assim, exatamente como está. Eu não sei se é uma boa ideia ter esse tipo de construção tão perto daquela área. É uma das poucas praias intocadas e preservadas que temos por essas bandas. Eles chegam com suas máquinas enormes, começam a construir, e mais tarde vêm esse pessoal da cidade grande e trazem com eles a sujeira, o barulho e a poluição.

O semblante de Marisa mudou para grave e ela aquiesceu com a cabeça.

— Infelizmente, esses são os inconvenientes do progresso, minha amiga! Seja o que for que tenham a intenção de construir naquele terreno, vai gerar emprego e movimentar a economia da cidade, e Deus sabe o quanto estamos precisando disso. Estamos estagnados, parece que paramos no tempo, até a pesca já não é mais como antigamente. Os homens ficam dias e dias em alto-mar e, quando voltam, não trazem nem um terço do que costumavam trazer. Esse novo empreendimento pode ser uma opção. Você sabe que tem gente que acaba deixando a cidade por falta de oportunidade de trabalho.

Foi a vez de Bella concordar.

— Eu sei, e é uma pena, de verdade, mas isso já é um resultado negativo, devido às mudanças do ecossistema. Enfim, tudo tem dois lados, um bom e um ruim, não é mesmo? A questão é qual deles se sobrepõe ao outro. Eu só não pensei que o progresso atingiria aquela praia tão cedo, mas parece que me enganei. Tenho um carinho especial por aquele lugar. Bem, não

adianta ficar especulando, em breve vamos saber de tudo, e com todos os detalhes. — Bella juntou suas coisas, pegou a bolsa e se levantou. — Então, você vai querer carona? Quero chegar logo em casa. Tenho uma montanha de provas para corrigir e pretendo tomar um banho e relaxar um pouco antes de começar.

Marisa imitou seu gesto e pegou a bolsa que havia largado no encosto de uma cadeira, ajeitando a alça no ombro.

— Nem me fale, tenho um calhamaço para corrigir também — contou, acompanhando a amiga para fora da sala de descanso dos professores. — Aliás, não é hoje a estreia do Eros no Bar do Capitão?

O Bar do Capitão era o ponto de encontro oficial da cidade. Decorado com temas marítimos, possuía três ambientes. Durante o dia, funcionava como um restaurante e servia pratos feitos com frutos do mar, sendo considerado o melhor em sua especialidade em toda a redondeza. À noite, o local se transformava numa casa noturna, onde os filhos e filhas das famílias mais abastadas reuniam-se para se divertir, conhecer gente nova, beber, dançar e jogar conversa fora. Era um bar tão famoso que recebia visitantes das cidades vizinhas com frequência.

— Sim, é. Bem lembrado. Ele não se aguenta de tanta ansiedade, não fala de outra coisa, está ensaiando há semanas. E o pior é que nem tenho algo decente para usar esta noite.

Marisa encarou a amiga com genuína surpresa.

— Como assim você não tem?

— Marisa, você sabe que eu faço o tipo caseiro. Quase não saio à noite e não sou de frequentar bares e casas noturnas. Minhas roupas são casuais, compradas para o dia a dia. E eu não quero chegar lá mal arrumada.

— É claro que você não vai mal arrumada! E, Bella, tenha dó, com essa sua figura alta, esbelta e todas as curvas nos lugares certos, até um saco de farinha com um cordão na cintura ficaria elegante em você!

As duas riram enquanto caminhavam lado a lado, atravessando o pátio.

— E, você, exagerada como sempre — retrucou Bella com modéstia, passando pelo grande portão de aço. — Vou ver se encontro algo apresentável na loja da Claudia Sales. Há tempos que ela me chama para experimentar umas peças que mandou trazer da capital. Eu sempre digo que qualquer hora dessas eu vou e acabo não indo. Também, onde eu usaria aquelas roupas que ela vende? E nem dinheiro para isso eu tenho — concluiu, olhando na direção do local a uns cem metros do prédio da escola, onde estacionara seu carrinho popular.

Após deixar a amiga na esquina de sua casa, Bella passou na loja, como havia planejado, e agora no banco de trás estava a sacola de papel contendo um vestido que ficara muito bem nela. Considerou o modelo apropriado para a estreia do irmão mais novo, além disso, combinava com a única sandália de tiras que possuía. Com um leve sorriso no rosto, pegou a estrada que dava para sua casa e que ficava a duas quadras da praia. Aumentou o volume do rádio, passando a cantarolar a música tema de *Um lugar chamado Nothing Hill*. Abriu mais o sorriso ao recordar-se de Betty, outra amiga, com quem assistira ao filme e que era tão cinéfila quanto ela. As duas já haviam compartilhado ótimos momentos juntas desde que se conheceram, há quase três anos, época em que a ruiva sardenta e risonha viera trabalhar na secretaria da mesma escola onde lecionava.

Dirigia na estrada de terra há uns dez minutos, quando, de repente, algo surgiu na sua frente.

— Minha nossa! — exclamou, assustada e freando o mais rápido que seus reflexos permitiam, derrapando e levantando uma nuvem de poeira. Fez o possível para desviar da enorme moto preta que saía de um acesso lateral e cruzava a estrada. Ela deu uma guinada abrupta para a esquerda, mesmo assim não foi capaz de evitar colidir com a lateral da Harley, fazendo seu carro voltar a derrapar e ir de encontro a uma árvore. Ainda conseguiu ouvir o barulho da moto raspando pelo chão de terra batida.

Por um momento, Bella permaneceu parada, sem ousar sequer respirar. Por sorte, sempre usava o cinto de segurança, e agradeceu aos céus por não ter acontecido nada mais grave. O rádio parou de tocar e ela passou a ouvir um zumbido incessante na cabeça. Sentindo-se zozza, foi se recuperando aos poucos, tanto do impacto quanto do susto. Precisou de alguns minutos para sair do estado letárgico em que estava.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! — repetiu, descontrolada, enquanto soltava o cinto, abria a porta e deixava o carro.

Do lado de fora, levou o olhar até a moto caída, foi quando o viu. O homem grande tentava se levantar, e de onde estava, Bella só podia ver que ele possuía uma compleição robusta e ombros largos.



Capítulo 2

“Que homem é esse?”

Em uma fração de segundo, George soube que não seria rápido o suficiente para evitar o choque com o Pálio. Num instante ele pilotava a moto, e, no outro, se viu caindo e sendo arrastado por vários metros, sentindo cada saliência da estrada de terra pelo tecido da calça jeans. Após parar e sentindo-se atordoado, ele se remexeu, tentando descobrir se havia quebrado algum osso, contudo, afortunadamente, parecia que tudo estava inteiro.

George tossiu e engasgou algumas vezes, a garganta seca por conta dos grãos de poeira que tomavam conta do ar ao seu redor. Movido pela adrenalina, esforçou-se para levantar a moto apenas o suficiente para conseguir sair debaixo dela. Respirando com dificuldade pelo esforço despendido, permaneceu quieto e sentado onde estava. Apoiou as costas no corpo da Harley e abaixou a cabeça. Sentia-se tonto e concluiu que seu estado era resultado da pancada e da queda.

Num lampejo, recordou-se da reunião marcada com o advogado responsável pela obtenção das várias licenças junto aos órgãos competentes. Precisava delas para poder iniciar a obra do mais recente e importante projeto de sua empresa, e teria que estar no escritório dele, que ficava no centro, em menos de vinte minutos. É claro que não compareceria ao compromisso, já que, devido ao que acabara de acontecer e da fraqueza crescente que sentia,

difícilmente seria capaz de levantar a moto sozinho.

— Merda! — praguejou entredentes, sentindo uma fúria fria o tomando.

Tinha vindo de São Paulo de helicóptero exclusivamente para encontrá-lo. Com sua agenda apertada, sabia que seria complicado conseguir outra brecha, mas teria que dar um jeito. O projeto precisava sair do papel, e isso só aconteceria após ter todas as respectivas licenças aprovadas. Como o projeto era novo, ainda tinha alguns meses antes de iniciar a construção. Por enquanto, o pessoal encarregado cuidaria da terraplanagem e de outros detalhes necessários para deixar o terreno no ponto para quando pudessem construir. O som de passos cada vez mais próximos o tirou de suas divagações.

Foi com o coração descompassado que Bella chegou perto do homem sentado e apoiado na motocicleta. Tinha uma expressão preocupada no rosto e abriu a boca para perguntar como ele estava, então o ouviu:

— Você é doida ou tirou a carta por correspondência? — indagou George, o timbre de sua voz, normalmente grave e profundo, saiu ríspido. Ele virou meio corpo para poder olhá-la. — Quase me mata! — esbravejou, irritado.

Sentindo o golpe, pois não estava preparada ou acostumada a rompantes de mau humor como aquele, Bella permaneceu olhando em sua direção sem esboçar qualquer reação por um longo momento. Moveu a cabeça para os lados, assimilando a acusação totalmente injusta e procurando desanuviar a mente para ser capaz de formular uma resposta à altura.

Que sujeito mais mal educado! Quem ele pensa que é para falar assim comigo? Sei que deve estar abalado por causa do acidente, eu também estou, mas nem por isso penso em acusá-lo ou tratá-lo de maneira tão grosseira!

Apoiando-se na indignação que sentia, Bella, por fim, respondeu:

— Ei, quem apareceu do nada na minha frente foi você! Se não desvio

a tempo, eu podia ter morrido! — defendeu-se, brava, porém, sua zanga arrefeceu quando viu o sangue escorrer para baixo de uma das pernas da calça jeans. — Você está ferido... — murmurou, com os olhos fixos na mancha vermelha que aumentava, gradativamente.

George seguiu o olhar dela até o rasgo no seu jeans e viu o sangue pingando e formando uma pequena poça embaixo da perna direita.

— Parece que me machuquei quando caí e a moto me arrastou — disse o óbvio, mas não sentia dor, talvez por conta da descarga de adrenalina liberada no momento do impacto. — Deve ser um ralado, nada de mais — concluiu, sem fazer muito caso.

Nervosa e ansiosa, pois jamais estivera numa situação como aquela, Bella discordou da conclusão do homem.

— Precisamos pedir ajuda — disse, o olhar fixo no ferimento. Ver todo aquele sangue escorrendo fazia Bella sentir-se mal, porém, não conseguia desviar os olhos.

George balançou os ombros, cedendo. Não queria discutir, e talvez a mulher tivesse razão, uma vez que a poça seguia aumentando de tamanho. Sentiu a fraqueza aumentar, como se minasse suas forças aos poucos.

— Está bem, mas acho que levará um bom tempo até a ambulância chegar. Como está o seu carro? — quis saber, e havia um toque de esperança em sua expressão.

Bella virou ligeiramente a cabeça na direção do seu querido carrinho, agora com a frente amassada. Ela o tinha comprado há quatro anos, assim que completou dezoito e tirou a carteira de motorista. Na época, trabalhava de recepcionista num pequeno escritório de contabilidade durante a semana e fazia bicos como babá aos sábados e domingos. Precisou de muita disciplina para conseguir economizar o valor da entrada e financiou o restante em três longos anos. Ao vê-lo do jeito que estava, sentia o coração apertado. Era seu meio de transporte e o único bem material que possuía. Sentiu-se culpada por se preocupar com o estado do carro quando o homem na sua frente

encontrava-se ferido e sangrando. Conformada, suspirou, afinal, o acidente podia ter sido bem pior.

— Não sei, eu não tentei ligá-lo depois que bati na árvore, mas pelo visto só vai sair dali com a ajuda de um guincho — especulou, deixando os ombros caírem.

George se afastou da moto e levantou-se devagar e com dificuldade. Começou a andar até o carro, deixando, sem perceber, um rastro de sangue pelo caminho.

Bella procurou se acalmar, mas não era tão simples, e o danado do homem não facilitava.

— Perdeu o juízo? Não devia se mover, que dirá levantar e sair andando. Está perdendo sangue! — gritou ela, o segurando pelo braço, tentando impedi-lo de prosseguir, mas ele conseguiu se desvencilhar dela com facilidade. Sem outra alternativa, Bella acabou indo atrás dele.

George ouviu as advertências da mulher e decidiu ignorá-las. Parecia que tinha levado uma eternidade, mas chegara perto do carro, e ao encontrar a porta do motorista aberta, entrou e sentou, contraindo a expressão numa careta. Uma palidez alarmante tomou conta de seu rosto.

— Eu te disse. Por que tem que ser tão teimoso? — questionou Bella, impaciente. Bufando e tremendo de raiva por ele não a ter escutado, deu a volta no carro, abriu a porta e pegou a bolsa que deixara sobre o assento do carona. Apressou-se em abri-la e remexeu o interior à procura do celular. Ao encontrá-lo, discou os números de emergência e aguardou. Quando foi atendida, passou a explicar o que tinha ocorrido falando rápido e se atropelando nas palavras. Precisou repetir duas vezes por conta do nervosismo, e, ao finalizar a chamada, voltou até onde o homem a aguardava.

— A ajuda está a caminho. A atendente disse que deve levar de dez a quinze minutos para a ambulância chegar — informou Bella, voltando a olhar para a coxa dele, onde o tecido grosso agora estava encharcado. — Está sangrando demais para ter sido só um ralado. Acho que é mais grave do que

isso. Precisamos dar uma olhada, e se for como imagino, teremos que fazer um curativo para tentar deter ou pelo menos reduzir o fluxo — sugeriu e se perguntou se havia alguma coisa em sua bolsa que ela poderia usar para cortar o tecido, porém, antes que concluísse o pensamento, viu-o inclinar o corpo para trás, elevar ligeiramente o quadril e tirar um canivete do chaveiro que usava pendurado no cinto de couro.

Tentando controlar o tremor das mãos, George começou a abrir a lateral da calça, começando onde estava rasgado. Notando sua evidente dificuldade, Bella se ajoelhou à sua frente e, sem falar nada, pegou o canivete, terminou de cortar o tecido, segurou uma parte dele com cada mão e o puxou na costura, abrindo-o até conseguir expor a ferida por completo. Virou a perna com cuidado e delicadeza, examinando o talho de uns bons vinte centímetros localizado logo acima do joelho, na parte externa da coxa.

A carne tinha sido rasgada por algo pontiagudo, provavelmente uma pedra, e pelo que via, nenhuma artéria importante tinha sido atingida, o que era uma boa notícia, pois, caso contrário, ele poderia entrar em choque por conta da hemorragia, ou, no caso da veia femoral, até mesmo morrer em questão de minutos.

Mantendo-se calado, George tirou a camiseta que usava por baixo do colete pela cabeça, tomou o canivete das mãos de Bella e começou a rasgá-la, separando duas tiras. Com uma, ele envolveu a coxa uns dois centímetros acima do corte e apertou, fazendo o mesmo perto do joelho com a outra, improvisando dois torniquetes. Ao terminar, fechou os olhos e deixou a cabeça pender no encosto, exausto e respirando profundamente. Mesmo de olhos cerrados, pontinhos de luz dançavam na frente dele. Voltou a abrir os olhos e piscou várias vezes, tentando fazer com que sumissem.

Minutos se passaram, e quando ele virou o pescoço, notou a mulher estática ainda ajoelhada ao seu lado. Ela tinha os olhos sobre o ferimento, mas logo os desviou para seu torso, passando por ele e descendo pelos seus braços, seguindo até suas mãos e logo subindo para se fixarem em seu rosto.

Durante o tempo em que ele esteve concentrado cortando o tecido e fazendo o curativo, Bella tinha acompanhado cada um dos seus gestos, e era como se estivesse sob algum tipo de transe hipnótico. O homem estava sem camisa, deixando o poderoso torso e o abdômen plano à mostra. Sem se conter, ela passeou o olhar pelo corpo dele, espantada e fascinada ao mesmo tempo, pois jamais havia visto algo sequer parecido antes, não assim, ao vivo.

Ele possuía diversas tatuagens, que cobriam o peito musculoso, desciam pelos seus braços fortes e terminavam nos dorsos das mãos. Viu que até os dedos eram tatuados. Quando George se virou para o lado, ela pôde ver os desenhos que tomavam toda a parte superior de suas costas. Ela se pegou imaginando quais seriam os significados dos desenhos, e ao erguer a cabeça para encará-lo, seus olhares se encontraram e Bella entendeu o verdadeiro significado da expressão “*e o tempo parou*”, que era comum encontrar nos romances que gostava de ler, mas não pensou que aquela cena pudesse acontecer na vida real, e muito menos com alguém como ela.

G-suis! Que homem é esse?, indagou-se intimista enquanto seus olhos varriam o rosto anguloso e largo, de queixo forte e másculo. Sobrancelhas escuras e cílios espessos emolduravam um par de olhos azuis penetrantes. Ele tinha pequenas rugas nos cantinhos dos olhos, a boca possuía lábios bem feitos ladeados por uma barba fechada no estilo *hipster*^[1]. Os cabelos eram cortados bem curtos nas laterais, penteados para trás, e os fios deviam ser mantidos no lugar com ajuda de gel ou de alguma pomada. Mesmo com o semblante abatido, a aura de vitalidade masculina que o envolvia inspirava admiração. Conscientizar-se disso fez com que algo se revolvesse dentro dela, sentiu um frio na barriga e seu estômago se contraiu. Um calor estranho cruzou todo o seu corpo e uma espécie de conexão se instalou entre os dois.

Como se percebesse que ela o examinava, George ergueu a cabeça e a encarou de volta. Conhecia aquela expressão. Era um misto de admiração, confusão e choque. Sentiu ondas tomarem seu corpo quando seus olhos pousaram na mulher inegavelmente linda. Sentiu a garganta travada, os nervos pulsando, e não sabia dizer se era devido à presença dela ou pelo susto

que ambos compartilharam havia poucos minutos.

Retribuindo o exame minucioso que ela fizera nele, os olhos de George percorreram Bella, passando pelos reflexos quase loiros, do cabelo castanho, os cílios escuros, o nariz reto, a boca bem desenhada, os lábios macios e convidativos, as formas exuberantes daquele corpo jovem que o conjunto de saia e blusa marrom e sem atrativos não conseguiam ocultar. E foi preciso apenas um instante para George perceber que havia uma atração incitante entre eles.

Que olhos lindos!, pensou, fascinado e se perdendo por um momento no brilho esverdeado dos olhos cor de mel.

Com uma ponta de remorso, concluiu que devia um pedido de desculpas a ela, afinal, estivera distraído e zangado por conta da discussão acalorada que tivera com a esposa ao telefone pouco antes de subir na moto e pegar a estrada. Mais uma das incontáveis que tiveram nos últimos tempos, e todas elas haviam se iniciado por algum motivo tão banal que ele sequer lembrava depois.

Dizer que sentia muito por tê-la tratado mal não lhe arrancaria um pedaço, e que culpa ela tinha das amarguras e ressentimentos que ele carregava? Reconhecia que parte do acidente tinha sido sua responsabilidade.

O grito agoniado de uma sirene ao longe quebrou o vínculo invisível que os ligava e ambos giraram as cabeças ao mesmo tempo na direção da origem do som.

— Estão chegando! Finalmente! — exclamou Bella, o rosto bonito iluminado e os olhos castanhos brilhando. Deu uma última olhada na direção dele e se levantou, aprumando o corpo e esperando a ambulância se aproximar.

— Chegaram antes do que imaginei — comentou George, aliviado, contudo, seu alívio durou pouco. Num gesto involuntário, ele prendeu o lábio inferior entre os dentes, reprimindo um gemido. Como o nível da adrenalina voltava ao normal, a gravidade da lesão o fez ofegar no instante em que uma

dor aguda e alucinante o atingiu, sentindo a perna começar a latejar.



Capítulo 3

“De tirar o fôlego”

Enquanto observava os paramédicos cuidarem do motoqueiro tatuado, Bella se perguntava se devia ligar para Enrico, seu irmão mais velho, e pedir para pegá-la, contudo, lembrou-se de que, naquele horário, ele ainda estaria no trabalho, por isso era melhor não incomodá-lo, além do mais, precisava refrear o impulso de chamá-lo a cada vez que surgia uma situação mais complicada. Do jeito que o irmão era, se ligasse para contar do acidente, ele não a deixaria dizer mais nada, tampouco acreditaria quando afirmasse que estava bem, que não havia se machucado.

Tinha certeza de que ele largaria o que estivesse fazendo para ir ao seu encontro sem pensar duas vezes, pois ainda a via como a garotinha de pernas compridas, aparelho nos dentes e tranças nos cabelos que precisava ser protegida, e não como a mulher adulta de vinte e dois anos que de fato era. Muitas vezes, Bella chegava a se sentir sufocada com tantos cuidados, e isso não mudaria se continuasse a esperar que ele resolvesse seus problemas. E, no fim das contas, não tinha acontecido nada com ela, só com seu carro. Definitivamente, não precisava alimentar o lado possessivo e protetor do irmão, caso contrário, Enrico jamais aceitaria que a irmãzinha tinha crescido e era capaz de se virar sozinha.

O excesso de proteção por parte dele era por Bella ser a caçula dos

três irmãos e por tê-la terminado de criar depois da morte dos pais. Ela tinha onze anos de idade na época, e Enrico, com apenas vinte, se tornou o responsável pela casa e pelos irmãos mais novos. Para isso, ele se viu obrigado a abrir mão de coisas que um rapaz dessa idade deveria fazer: curtir com os amigos, estudar e viajar.

Procurando pelos documentos dos pais, a fim de providenciar o funeral, Enrico descobriu que a casa em que viviam estava hipotecada e precisou trancar a faculdade no segundo ano para economizar o dinheiro da mensalidade, concentrando-se em sustentar e cuidar da família. Desistiu do sonho de se tornar arquiteto por causa de Bella e de Eros, o irmão do meio e só um ano mais velho do que ela. Esforçou-se muito para poder pagar todas as contas. Trabalhando como auxiliar administrativo numa fábrica de papel, fazia todas as horas extras possíveis, e às vezes pegava bicos nos fins de semana. Mesmo assim, nem sempre conseguia pagar todas as contas no prazo. Apesar das dificuldades, Bella nunca o ouviu reclamar, pelo contrário, Enrico costumava dizer que, na falta do pai e como filho mais velho, era seu dever ser o homem da casa, e abraçou a responsabilidade de maneira natural.

Honra e responsabilidade foram incutidas nele desde muito cedo, uma vez que se espelhava no senhor Eduardo Magalhães, homem honesto, de família e policial condecorado. Exercera a profissão por mais de duas décadas, até sua morte no trágico acidente de carro ao lado da esposa. O automóvel explodiu depois de bater de frente com outro que entrou na contramão, deixando os corpos de ambos irreconhecíveis.

Bella amava Enrico demais, não só por ser seu irmão querido, mas também por tudo o que fizera por ela, e a última coisa que desejava era prejudicá-lo ou decepcioná-lo.

Colocando a ideia de ligar para o irmão de lado, Bella iniciou uma pesquisa no celular. Meia dúzia de toques depois, encontrou o anúncio de uma oficina que realizava reboques e que não ficava muito longe. Sem hesitar, fez a chamada e explicou a situação, sendo informada de que um guincho seria enviado o mais breve possível. Muniu-se de paciência, pois a última coisa que

queria era ficar no meio da estrada com um carro batido, porém, não havia outra saída.

Levou o olhar para o homem deitado na maca. Uma larga atadura envolvia sua coxa e tinha uma bolsa de soro conectada ao braço direito. Já não parecia tão pálido e não demorou muito em ser colocado dentro da ambulância. Entre protestos e resmungos, Bella conseguiu entender que ele falava sobre o celular ter apagado e sobre deixar a moto caída no meio da estrada. Sem perceber, deu dois passos para frente, chegando perto das portas duplas, que ainda estavam abertas.

— Eu chamei um reboque para levar o meu carro até uma oficina aqui perto. Se quiser, peço para levarem a sua moto. Pode buscá-la quando sair do hospital — sugeriu ela, sem saber ao certo por que fazia aquilo, ainda mais depois do modo como ele a tratara.

O olhar de descrença do homem a fez se sentir desconfortável. Talvez tivesse cruzado alguma linha proibida. *Preciso aprender a controlar minha língua!*, recriminou-se.

George planejava ligar para Sérgio Moraes, seu braço direito na construtora, quando chegasse ao hospital e pedir que ele enviasse alguém para buscar a Harley alugada, uma vez que seu celular tinha descarregado, contudo, ao ouvi-la, ficara agradavelmente surpreso com a oferta.

Tensa, Bella começou a se afastar da ambulância, mas estacou quando o ouviu dizer:

— É muita gentileza da sua parte. Obrigado.

Ela o olhou e meneou a cabeça. Fez uma segunda chamada para acrescentar a informação quanto à motocicleta ao seu pedido. Ao desligar, viu Marco, um dos paramédicos, parado na frente dela. Ela o conhecia, era um dos amigos de Eros e costumava ir até a casa deles. Ele gostava de cantar, e até que era um bom cantor, no entanto, enquanto seu irmão levava a música a sério, para Marco era só diversão, um passatempo que o ajudava a relaxar do estresse do trabalho.

— Bella, você vai ter que vir com a gente — anunciou ele.

— Eu já disse que me sinto bem, Marco. Não estou ferida — assegurou, encarando-o com firmeza. — E preciso esperar o guincho chegar.

O rapaz apontou com o queixo na direção de sua cabeça.

— Está com um grande galo aí na testa. Por fora, é só um inchaço, mas é melhor você fazer alguns exames para podermos nos certificar de que não houve nenhum dano interno. — Diante da expressão alarmada de Bella, Marco apressou-se em acrescentar: — Não quero assustá-la, mas golpes fortes na cabeça requerem cuidados.

Bella ponderou sobre o que Marco acabara de dizer e concordou que seria melhor fazer os exames para sair de dúvidas.

— Está bem, eu vou, mas, antes, preciso falar com os meus irmãos e avisar para onde estou indo. — De repente, parou. — Caramba! Esta noite é a estreia do Eros!

O semblante do paramédico se iluminou com a lembrança.

— É verdade! Eu vou estar lá, não perderia a estreia dele por nada. Bella, agora temos que ir. O outro paciente precisa ter a ferida tratada e suturada, mas não se preocupe, provavelmente não aconteceu nada com você, trata-se só de um inchaço — afirmou Marco, procurando tranquilizá-la.

Com um gesto de concordância e em silêncio, Bella foi até o carro, pegou a bolsa e a sacola com o vestido novo, trancou-o e, ao voltar, entrou na ambulância. Resolveu que ligaria para os irmãos após ser examinada e liberada. De nada serviria preocupá-los antes da hora. Evitando olhar para o homem deitado, ela sentou-se no banco comprido, encostado na lateral da ambulância.

— Está tudo bem com você? — indagou George, seu tom era preocupado. Olhando-a por entre os cílios, observou-a se acomodar. Por algum motivo desconhecido, ela não o olhara nenhuma vez. *Droga, nem cheguei a perguntar se ela estava bem. Caramba, o carro dela bateu contra*

uma árvore! Que filho da puta egoísta estou me saindo...

Bella elevou a mão, afastando da testa uma mecha do cabelo comprido. Tocou-a com as pontas dos dedos e, ao encontrar o local, fez uma careta quando doeu. Concluiu que ficara agitada e nervosa demais para perceber que tinha se machucado. Só sentira que batera a cabeça no momento do impacto, e depois, mais nada.

— Eles querem que eu vá até o hospital para fazer uns exames, já que bati a cabeça com força no volante. Mas estou bem, só sinto o local um pouco dolorido.

— Eu... — George pigarreou. — Eu queria me desculpar com você.

— Pelo quê? — indagou Bella, enrugando a testa, confusa por um momento. Não entendeu de imediato o motivo de ele estar se desculando.

— Pelo modo como eu te tratei antes. Fui injusto e brusco ao falar com você. Reconheço que foi imprudente da minha parte entrar daquele jeito na sua frente. E também quero me desculpar por não perguntar como se sentia — concluiu George. Seu semblante estava sério e ele parecia consternado.

Bella o encarou e analisou sua expressão com cuidado. Ele parecia sincero ao se desculpar, tinha o olhar franco e direto, por isso acreditou que estava mesmo arrependido. Como não costumava guardar ressentimentos, resolveu aceitar suas desculpas.

— De fato você foi injusto, até mesmo grosseiro, mas como está reconhecendo seu erro, desculpas aceitas — disse e abaixou o olhar para a coxa dele. — Dói? — indagou, mordendo o lábio.

— Menos que antes. Ainda sinto uma ardência forte quando me mexo, mas me aplicaram uma injeção para dor e acho que já começou a fazer efeito.

De súbito, Bella arregalou os olhos.

— Se vamos os dois para o hospital, como fica o meu carro? E a sua moto?

George sorriu, achando graça da agitação repentina da moça.

— Não se preocupe, uma viatura ficará aqui até o guincho chegar — tranquilizou-a.

— E como sabe disso?

— Um dos policiais comentou comigo, e vamos ter que prestar depoimento depois que deixarmos o hospital.

— Então temos que ir até o distrito? — *Mais essa agora!*, pensou Bella, chateada. *Vou acabar perdendo a estreia do Eros.*

— Isso mesmo. É o procedimento. E vamos precisar de uma cópia do Boletim de Ocorrência para apresentar às seguradoras — respondeu George, o olhar atento ao perscrutar o seu rosto. Poderia esclarecer que aquela moto não era dele, e sim alugada, mas não achou a informação relevante.

— Entendi — afirmou Bella, procurando se acalmar e sentindo-se tola por não ter pensando sobre nada daquilo. Recordou-se, com pesar, que nem tivera condições financeiras para renovar o seguro do Pálio. *Eu nunca me envolvi numa colisão antes*, alertou a voz em sua cabeça.

— A propósito, meu nome é George. — A voz grave e profunda tirou-a de seus devaneios.

— Eu sou Bella, quero dizer, me chamo Isabella — apressou-se em corrigir, amaldiçoando-se por não conseguir controlar o calor que subiu pelo pescoço, indo até as bochechas. *Que merda!*, praguejou intimista, pois sabia que tinha ficado vermelha.

— Prefiro Bella, combina com você — elogiou George, brindando-a com um sorriso charmoso.

Ele sorriu de verdade. E que sorriso lindo! De tirar o fôlego..., pensou Bella, sentindo o coração bater mais forte. Fez o possível para conter o reboiço dentro de si, uma vez que temia deixar transparecer o quanto se sentia desconfortável, ainda mais quando George sorria e olhava para ela daquele jeito. Pousou uma mão no meio do peito, abismada com o poder que

um homem que acabara de conhecer tinha de perturbá-la. Havia algo nele que tirava o seu ar, e até onde podia lembrar, nunca se sentira tão atraída por alguém como se sentia por ele.

Poucos rapazes chamaram sua atenção no passado. Sempre fora tímida, caseira e vivia com a cara enfiada nos livros. Por conta disso, só tivera um namoro relâmpago, de menos de dois meses, com um colega de colégio, e outro quando já estava na faculdade. Este segundo durara pouco mais de dois anos e terminou quando o namorado a trocou por uma loira oxigenada, dançarina de boate de quinta, magrela e com cara de atriz pornô.

Ok, talvez tenha exagerado na descrição, mas sentia-se melhor ao pensar nela com essa imagem. Depois do término do namoro, evitou se envolver com alguém novamente, ignorou as cantadas que recebia e recusou os convites para encontros, passando a se dedicar somente à família e ao trabalho. Desde pequena, soube que sua vocação era ensinar os pequenos. Depois de se formar, se candidatou e conseguiu uma vaga como professora substituta em uma das escolas do município. Como gostava de crianças, acabou unindo o útil ao agradável.

Para fugir daqueles olhos que a sondavam, Bella passou a mexer no celular. *Tenho que parar com isso! Estou babando nele desde que o vi sem camisa. Preciso ignorá-lo. É o melhor que faço!* E ela o faria, se conseguisse desviar os olhos da magnífica figura, pois mesmo com a cabeça baixa, volta e meia jogava olhares furtivos na direção dele. O modo como aquele homem mexia com ela era um mistério. Ele era bem mais velho, provavelmente tinha o dobro da sua idade, mas conseguia perturbá-la de uma maneira que ela não entendia.

Olhou as mãos grandes e tatuadas, notando que, embora ele usasse anéis, não havia uma aliança ali, contudo, não devia ser livre e desimpedido, e apesar de não querer julgá-lo pela aparência, imaginava que pertencia a uma classe social distinta à dela. Poderia estar enganada, mas acreditava que homens como ele não olhavam para garotas como ela.

Já chega! Em menos de uma hora nós vamos nos separar. Cada um seguirá seu caminho e não voltaremos a nos ver, então é perda de tempo ficar divagando, e pior, fantasiando com ele. Tudo não passa de um encontro breve e inesperado.

Decidida a manter-se firme no propósito de se distrair e conter o fluxo dos pensamentos, Bella tratou de se concentrar em rolar a tela do aparelho, mas o artifício não funcionou. Estava consciente demais da forte presença dele e do olhar azul e intenso que, volta e meia, recaía sobre ela.



Capítulo 4

“São só amigos ou...?”

Linda e adorável, mesmo quando se esforça em ocultar a timidez..., pensou George, cativado. A forma insegura como ela o analisava, a boca entreaberta e os lábios convidativos o faziam ansiar por prová-los. Ao se dar conta disso, refreou os pensamentos, pois já sabia para onde iriam.

Onde estou com a cabeça? A garota tem idade para ser minha filha! Além do mais, sou casado. Mal casado, é verdade, mesmo assim, estou comprometido. E não sou nenhum garoto que se deixa comandar pelos hormônios. Sou capaz de me controlar diante de uma mulher bonita, mesmo que esta mulher seja a primeira a mexer de verdade comigo, o que de certa maneira me surpreende, pois é algo que não me acontecia há muito tempo.

George casou-se com Maristela há exatos vinte e cinco anos, e no último fim de semana ela insistiu em organizar uma recepção para comemorar as Bodas de Prata. Convidou apenas alguns amigos mais próximos, o que, para ela, tratava-se de uma lista de no mínimo duzentas pessoas, sem contar os membros de sua família, com os quais George não se dava muito bem, por conta dos narizes empinados e preconceitos de alguns. A verdade é que ele nunca foi totalmente aceito entre eles, por sua origem humilde.

Com tudo isso, ele não demonstrou o menor entusiasmo. Não estava com espírito para festa, considerava que não tinham o que comemorar, uma

vez que o casamento deles era uma farsa. Aquele sentimento que um dia os uniu há muito se acabara.

Dois anos depois do nascimento de Lilly, a filha caçula, Maristela precisou se submeter a uma histerectomia devido a um mioma, e com o passar dos meses, foi se tornando cada vez mais fria e distante. George insistiu durante um tempo, pois achava que valia a pena tentar manter o casamento. Sua esperança era que pudessem reavivar o que tinham no início, mas os anos se passaram e, um dia, se deu conta de que a esposa não mudaria. Decepcionado e cansado de lutar sozinho, desistiu e deixou a suíte que compartilhavam, levando suas coisas para o quarto de hóspedes. Maristela nunca comentou nada. Se achou bom ou ruim, guardou sua opinião para si. George se enfiou cada vez mais no trabalho e tornou-se um *workaholic*, um viciado. Seu tempo era dividido entre os contratos de construções que negociava e com as filhas, acabando por se adaptar a essa rotina.

A primeira vez em que ele tocou no assunto divórcio, as filhas ainda eram pequenas, e Maristela foi terminantemente contra a ideia. Quando os ânimos se exaltaram, transformando uma conversa até certo ponto civilizada numa discussão exacerbada, ela jurou que faria todo o possível para afastá-lo das filhas, nem que precisasse mover céus e terras. Garantiria que ele não mais as visse, caso insistisse na *loucura* de se separarem.

Ouvi-la afirmar, aos gritos, que não havia a menor possibilidade de uma separação amigável fez George hesitar. Caso partisse para o litigioso, a coisa poderia ficar feia, e seu primeiro pensamento foi o de preservar as pequenas. Dizem que filhos não seguram um casamento. Em muitos casos, não seguram mesmo, mas, em outros, são usados como moeda de troca, principalmente quando se é um pai apaixonado, como era o seu caso.

Ameaçar impedi-lo de vê-las foi a maneira que a esposa encontrou para mantê-lo ao seu lado. Era mimada, orgulhosa e obcecada com as aparências, recusando-se ser a primeira mulher a ter o título de divorciada na sua ilustre família. Seu pai morreria de desgosto e ela ficaria marcada na sociedade, disse um dia, tratando de se justificar.

Maristela nasceu numa das famílias mais ricas do Estado e herdara um sobrenome de peso, portanto, podia contar com os melhores advogados. George, na época em que se casaram, não tinha qualquer vislumbre do que ela se tornaria anos depois. Poderia ter insistido, mas ponderou por algum tempo e acabou adiando a decisão. Achou melhor esperar, pois não queria que as filhas crescessem sem o pai por perto, também não suportaria ficar longe delas. Depois de crescidas, teriam condições de decidir por si mesmas, e a mulher não poderia mais usar seu amor por elas para chantageá-lo.

Cada vez que George voltava a abordar o assunto, ela se recusava a escutá-lo. Um dia, chegou até a simular um suicídio, fingindo que tomara um frasco inteiro de soníferos, a fim de manipulá-lo.

E assim os anos passaram, as filhas se tornaram adultas, e ambos já não eram mais um casal. O casamento deles se deteriora de tal maneira que mal se olhavam nas poucas vezes em que se cruzavam na mansão de dezoito quartos, presente de casamento dos avós maternos dela.

De uns tempos para cá, George vinha se perguntando sobre a razão de ainda não ter saído de casa. Embora não se considerasse um cara acomodado, reconhecia que não era tão fácil abrir mão de antigos hábitos. “*A infelicidade gosta de companhia*”, e nisso, ele e Maristela eram *experts*.

Será que um dia teria coragem de mudar toda a sua vida e tentar recomeçar? Ou sua chance já havia passado e ele teria que suportar aquele casamento de mentira para o resto da vida? *Talvez ainda não seja tarde demais*, conjecturou, levando o olhar para Bella, que parecia muito interessada em algo em seu celular.

Absorto em seus pensamentos, George só percebeu que tinham chegado ao ouvir vozes do lado de fora e as portas gêmeas sendo abertas. Nem teve tempo de se despedir dela. Quando deu por si, a maca estava sendo retirada do interior da ambulância e empurrada através de uma rampa, na direção do setor de emergências.



Bella deixou a ambulância após a retirada da maca com George. Seguiu-a com os olhos, vendo os paramédicos a empurrarem e sumirem no interior do Pronto Socorro, só então pegou o mesmo caminho. Ao entrar, perscrutou o lugar, notando, admirada, que estava relativamente tranquilo. Localizou Marco apoiado no balcão de atendimento, falando com um rapaz que, pelo uniforme, ela deduziu se tratar de um plantonista. Assim que Marco a viu, abriu um sorriso e ruguinhas se formaram no canto dos seus olhos levemente puxados, de um castanho claro quase cor de mel. Seu cabelo, também castanho, possuía um corte moderno, arrematado por um charmoso topete. Bella não deixou de reparar na covinha encantadora na bochecha esquerda, que conseguia se sobressair mesmo com a barba por fazer.

Marco endireitou o corpo e andou até ela, que, apesar de não ser considerada uma mulher baixa com 1,74m de altura, não conseguia evitar sentir-se pequena quando o tinha por perto. Com seus 1,92m e dono de uma figura esguia e atlética, Marco era um homem muito bonito, mas não fazia o tipo metido, que se achava só por ter boa aparência. Além da evidente beleza física, ele era simpático, o que o tornava uma pessoa acessível, contudo, paradoxalmente a esse seu jeito, mantinha-se reservado quanto à vida privada.

Algumas vezes, Bella ouviu o irmão comentar que as garotas caíam em cima de Marco como abelhas no mel, no entanto, ele não dava muita atenção a elas. De vez em quando saía com uma ou outra, mas não mantinha um relacionamento mais sério. Bella podia constatar por si mesma, o quanto o homem chamava atenção. Era só observar o modo como as mulheres presentes ali o seguiam com os olhos enquanto ele andava até ela, ainda mais metido dentro daquele uniforme. Até algumas enfermeiras cochichavam e davam risadinhas depois de ele passar por elas. E Marco parecia alheio ou já tinha se acostumado com tudo aquilo. *Talvez ele só esteja esperando pela mulher certa*, concluiu ela, pensativa.

— Bella, sente-se naquela maca ali. Eu já passei as informações do seu

caso para o médico plantonista. Ele está atendendo um paciente, mas assim que terminar, vem te examinar, tudo bem? — avisou Marco, ainda sorrindo e tocando-a de leve no ombro.

Ela devolveu o sorriso e fez que sim com a cabeça.

— Está bem. Eu vou até lá — respondeu, virando-se e indo até o local indicado.

Enquanto aguardava, seu olhar procurou pelo homem que não conseguia tirar da cabeça. Ao localizá-lo do outro lado da sala, Bella sentiu um arrepio gelado descer pela espinha no instante em que seus olhares se encontraram. Intrigada, o viu apertar os lábios e estreitar os olhos, e se perguntou se era mesmo um lampejo de raiva e desgosto que viu em sua expressão. Estava tão distraída que levou um susto quando o médico plantonista parou à sua frente e começou a falar com ela.

— Olá! Eu sou o doutor Mário Barcellos. Seu nome é Isabella, correto? — indagou o homem alto e robusto, após consultar o prontuário.

— Sim, está correto — confirmou Bella.

— Bem, Isabella, eu soube que sofreu um acidente de carro. Então, como se sente? — perguntou, colocando a prancheta de lado e aproximando-se dela.

— Eu só sinto a testa um pouco dolorida — ela respondeu.

— Entendo. É normal. Dentro de uns dias, o inchaço e o hematoma vão desaparecer. Algo mais? Tontura? Náuseas? — O médico prosseguiu com as perguntas, retirando o que parecia ser uma pequena lanterna de formato cilíndrico, lembrando uma caneta, do bolso do jaleco. Dirigiu o fecho de luz para os olhos dela, examinando-os com acuidade; primeiro um e depois outro. A luminosidade a fez piscar várias vezes.

— Não. Nada — redarguiu Bella, vendo-o se afastar e voltar a guardar a caneta-lanterna no bolso do jaleco branco.

— Isso é um bom sinal, mas, por via das dúvidas, vou pedir que faça

uns exames — o médico repetiu o que Marco havia lhe dito. Com um sinal, chamou a enfermeira. — Por favor, leve esta paciente para fazer uma radiografia da parte frontal da cabeça e uma tomografia — instruiu e anotou as solicitações no prontuário de Bella. — E me avise quando estiverem prontos. — Dizendo isso, se dirigiu a ela mais uma vez. — Nós nos vemos mais tarde, Isabella — despediu-se com um aceno e deixou a sala, a fim de atender aos demais pacientes que o aguardavam.



Enquanto a maca era empurrada pelo grande salão do Pronto Socorro, George suspirou, conformado, pensando que nem teve a presença de espírito de se despedir dela, mas, talvez, fosse melhor assim. Sem despedidas. Minutos depois, ele observava sua perna ser examinada, quando uma sensação forte o fez levar o olhar até a porta e a viu entrar e andar na direção do balcão de atendimento. *Céus, como ela é linda!*, pensou, incapaz de desviar os olhos de Bella, mas apertou os lábios ao ver o tal de Marco – sabia seu nome porque ouvira os dois conversando ainda no local do acidente – se aproximar dela sorrindo, e reparou no modo como ela olhou para ele, ao mesmo tempo que retribuía o sorriso. Não havia dúvidas de que o homem chamava atenção das mulheres.

De onde estava, George não conseguia escutar o que diziam, mas o modo como interagiam um com o outro não deixava dúvidas de que se conheciam. O jeito como ele se curvou para falar com ela, perto demais para o seu gosto, e a mão grande tocando seu braço com intimidade, isso tudo o incomodou. Não gostou do que sentiu e não foi capaz de evitar a pergunta que rondava sua cabeça: *Será que são só amigos ou existe algo mais entre eles?*

— ...O torniquete improvisado foi providencial, impediu que você tivesse uma perda de sangue maior... — George ouviu o médico dizer, apalpando o local após retirar a faixa que cobria o ferimento. Ele tentou, mas não conseguiu deixar de seguir cada um dos movimentos de Bella. — A carne foi muito danificada e os músculos estão afastados, vamos precisar colocar de

volta, no lugar, antes de suturar. Vai ter que passar por uma cirurgia, meu caro — concluiu o plantonista, aprumando o corpo e olhando diretamente para ele enquanto retirava as luvas.



Capítulo 5

“Conheci uma pessoa”

George despertou, horas depois, sentindo todo o corpo doer, até parecia que tinha levado uma surra. Moveu a perna direita e sentiu um incômodo, uma dor, um ardor; não soube identificar, só sabia que o estava aborrecendo. Suas pálpebras tremeram e ele abriu os olhos. Precisou piscar várias vezes para adaptar-se à claridade. Confuso, olhou para os lados tentando identificar o local. Com certeza aquele não era o quarto do chalé onde estava hospedado. Viu que havia uma pequena grade de proteção de ferro em ambos os lados da cama, na altura de sua cabeça. Um lençol branco o cobria até a cintura e suas roupas rasgadas e ensanguentadas foram trocadas por uma camisola.

Levou o olhar até as paredes nuas e viu uma mesinha com duas cadeiras encostadas num dos cantos e um sofá de dois lugares colado na parede oposta. Tudo parecia impessoal e asséptico. De súbito, flashes do que ocorrera invadiram sua mente. Arregalou os olhos.

— O acidente na estrada! Isabella... — O nome saiu em meio a um suspiro. Após perscrutar mais uma vez o lugar, deu-se conta de que se tratava de um quarto de hospital. Virou a cabeça e localizou uma campainha perto da cabeça. Ansioso, apertou o botão duas vezes. Minutos depois, via uma enfermeira morena e baixinha passar pela porta.

— Que bom que acordou! — disse a pequena mulher, aproximando-se e tratando de verificar a intravenosa em seu braço. Ato contínuo, girou uma manivela e o encosto começou a subir, deixando-o quase sentado. — Melhor?

— Bem melhor, obrigado. Eu dormi por muito tempo?

— Umas quatro horas. O estresse, a perda de sangue e a cirurgia fizeram com que seu corpo precisasse dessas horas para se recuperar — explanou ela.

George assentiu e seu olhar foi puxado para além da janela, que dava para um pequeno pátio. Deu-se conta de que havia anoitecido e admirou por uns instantes o céu estrelado.

Ouviu ao longe o que lhe pareceu ser uma antiga canção dos Beatles e se perguntou de onde estaria vindo. Após apurar os ouvidos, concluiu que as ondas sonoras teriam se propagado no ar e chegaram até ele por meio da brisa que soprava e entrava pela janela aberta.

““Something in the way she moves

Alguma coisa no jeito como ela se move

Attracts me like no other lover

Me atrai como nenhuma outra

Something in the way she woos me

Alguma coisa no jeito como ela mexe comigo

I don't want to leave her now

Eu não quero deixá-la agora

You know I believe and how

Você sabe o quanto eu acredito”

A letra da música lhe trouxe a imagem dela uma vez mais.

— E quanto à Isabella, quero dizer, a moça que veio comigo na ambulância? — Mal tinha feito a pergunta, George quis morder a língua, pois

havia decidido deixar Isabella e o inusitado encontro deles para trás. Além do mais, era bem possível que a moça tivesse um namorado. Torceu a boca num esgar ao se lembrar do paramédico muito alto e metido a galã.

— Ela foi examinada e liberada. — A resposta da enfermeira o trouxe de volta.

— Obrigado por me informar — disse ele, passando a mão pela barba, pensativo.

— Está tudo bem? Precisa de alguma coisa? — a mulher indagou, notando seu semblante fechado.

— Eu vou precisar de roupas quando sair daqui — respondeu, apontando para si mesmo. — E pelo que me lembro, meu celular estava descarregado. Tem algum telefone que eu possa usar?

— Neste quarto havia um telefone fixo, não sei o que houve, mas não está mais aqui. Vou ver se consigo outro aparelho, assim poderá ligar para sua família.

— Eu pretendo falar com um amigo.

— Entendo, mas a assistente social disse que conseguiu localizar a pessoa que o senhor deu como contato. Não se recorda?

— Na verdade, não. Ainda me sinto um pouco zozinho, aéreo.

A enfermeira lhe lançou um olhar condescendente.

— É normal sentir-se assim depois de um acidente como o seu. No relatório dos paramédicos que o atenderam diz que foi atropelado e arrastado por uma moto grande, dessas que devem pesar uns quinhentos quilos. A princípio, parece que não afetou muita coisa, porque está consciente e falando, mas é quando o sangue esfria que podemos ver que não foi bem assim — tagarelou a mulher.

George moveu a cabeça, concordando com ela.

— É verdade. Na hora eu também achei que não tinha acontecido nada

de mais, mas me enganei.

— O arrastamento fez toda a lateral do seu corpo sofrer, mas de acordo com os exames feitos, está tudo bem, nenhum osso quebrado, você só vai ficar dolorido e com hematomas por algum tempo. Bem, eu já terminei aqui, agora vou avisar o médico responsável que está acordado e conseguir o telefone que pediu — afirmou, sorrindo amistosamente para ele. Estava a ponto de deixar o quarto quando pareceu recordar-se de algo. Colocou a mão no bolso do avental e retirou o que lhe pareceu ser um pedaço de papel dobrado. Deu-lhe um olhar cúmplice e olhou para os lados. — E quanto àquela moça bonita, antes de ir, ela me pediu para lhe entregar isto.

Um brilho de surpresa surgiu nos olhos de George e seu semblante se iluminou. Esticou o braço e pegou-o, mas se forçou a esperar até ficar sozinho para saber o que Bella tinha lhe escrito. Quando viu a enfermeira finalmente deixar o quarto, apressou-se em abrir o bilhete, porém, de repente, o som de passos se aproximando se fez ouvir e ele voltou a dobrá-lo.

— Vejo que retornou ao mundo dos vivos! — disse uma voz conhecida, num tom bem-humorado. George elevou a cabeça, dando de cara com o homem alto, moreno e bem vestido cujo ombro largo encontrava-se encostado, de maneira indolente, no batente da porta. — Fiquei aqui esperando que você acordasse por horas, então decido sair por uns minutos, esticar as pernas e tomar um café, e, quando retorno, te encontro acordado — continuou Sérgio, abrindo um sorriso e indo sentar-se no sofá, ficando de frente com ele. — Como se sente?

George contraiu o rosto diante da pergunta do amigo.

— Eu me sinto como se tivesse caído de uma moto e sido arrastado por vários metros numa estrada de terra — respondeu, ácido.

Sérgio jogou a cabeça para trás e riu alto.

— Pelo que vejo, você acordou de muito bom humor — zombou, sem deixar de sorrir.

George retribuiu o sorriso, pois foi impossível não se deixar contagiar pela alegria do amigo. Sérgio Moraes era o tipo de cara robusto, de estrutura larga, e as horas na academia e na quadra de tênis o ajudavam a manter-se em forma. Com quarenta e dois anos de idade, era viúvo e tinha uma filha adolescente.

Depois que um câncer de pâncreas levou a esposa, Marly, com quem ficou casado por dez anos e por quem sempre foi apaixonado, Sérgio guardou o período de luto e se dedicou unicamente à Vanessa, que contava com apenas oito anos na época. À medida que o tempo foi passando, ele começou a aceitar encontros arranjados por amigos, contudo, nenhuma das mulheres com que saiu chegou a ultrapassar o terceiro encontro. Talvez tenha sido injusto ao compará-las com a esposa morta, por isso o tempo que passou com elas ficou na paquera, não evoluindo para nada além disso. Seis anos depois e ele seguia à espera da mulher especial, aquela com quem voltaria a pensar em se casar, mas enquanto não a encontrava, e como ele mesmo dizia, não era celibatário, amava as boas coisas da vida e gostava de se divertir. Tinha boa aparência, era saudável e bem-sucedido; em resumo, um bom partido, e mulheres não lhe faltavam. Sérgio nem precisava se esforçar, porque, muitas vezes, eram elas que chegavam naturalmente até ele.

— Ainda me sinto um pouco grogue e com um gosto ruim na boca, mas, no geral, estou bem. E valeu por ter vindo. Está tudo bem na empresa?

Sérgio assentiu.

— Tudo indo às mil maravilhas, como sempre. A propósito, Alana está a caminho.

George não ocultou o desagrado. Ele não se lembrava, mas se não tinha dado o telefone da mansão, devia ser porque quis evitar assustar sua família, principalmente as filhas.

— Você avisou a Alana? Não devia ter feito isso, já que em um ou dois dias, no máximo, eu vou estar fora daqui — reprovou George.

— Cara, ela ligou várias vezes no seu celular, mas como não

conseguiu falar com você, ligou no meu. Pensou que estivesse comigo — retrucou Sérgio. — Disse que precisava falar com você. Parecia nervosa e preocupada. Eu não vi outro jeito de acalmá-la, a não ser contar o que aconteceu, e fiz questão de afirmar que você tinha sido operado e que estava bem, mas ela disse que precisava ver por si mesma.

George passou a mão grande pelos cabelos grisalhos.

— Eu sei como a Alana pode ser persistente. — Suspirou, conformado. — Ela vem, vê que estou bem e logo vai embora. E você, como soube do acidente e que eu estava aqui?

— A assistente social do hospital me ligou. Disse que você tinha dado meu nome e telefone quando te perguntaram a quem deveriam avisar. Eu já estava pensando no que poderia ter acontecido quando você não apareceu na reunião nem atendeu ao celular. Estava começando a pesquisar os nomes dos hospitais da região quando entrou a chamada dela, me contando que você tinha sofrido um acidente, mas não me deu detalhes. Não pensei duas vezes, larguei tudo e vim para cá. E no meio do caminho a Alana me ligou.

— Entendi. Eu pretendia te avisar, mas a porra do meu celular descarregou. Uma das enfermeiras me disse que eu dei um nome e um número de telefone para contato, mas juro que não me lembro de ter feito isso. Em um momento eu me senti tão fraco que cheguei a pensar que ia desmaiar.

— Pode ser por isso que você não se lembra. Bem, agora é descansar e ficar bom para voltar à ativa. Quanto ao advogado, não se preocupe, consegui passar a maioria das informações necessárias. Na segunda-feira ele vai dar entrada nas licenças. Da nossa parte, por agora, não há nada mais a fazer, a não ser aguardar a análise e o parecer dos órgãos, e sabemos que isso pode levar meses, por conta da burocracia.

George parou por um instante, a fim de assimilar o que Sérgio lhe contava.

— Eu preferia começar a construir logo, mas terei que me forçar a ser

paciente, enquanto isso, vamos nos concentrar nos outros projetos, inclusive podemos iniciar o da construção da alça de acesso.

— Tem razão. Esse merece uma atenção especial. — Sérgio franziu a testa. — Não foi nada fácil ganharmos a licitação. Mudando um pouco de assunto, quando receber alta, você vai voltar logo para São Paulo, certo?

O rosto bonito de Bella surgiu na mente de George e ele hesitou.

— Eu me programei para ficar até o fim da semana. Estou hospedado num chalé funcional, aconchegante e perto da praia. Como não sei se vou estar bem o suficiente para viajar, talvez seja melhor ficar por aqui mais alguns dias.

Sérgio uniu as sobrancelhas, intrigado, pois não havia se convencido com os argumentos do amigo. Passar o resto da semana ali? Isso vindo de um homem que quase nunca tirava férias? Que já foi trabalhar com quarenta graus de febre? Com o pé quebrado e engessado, devido à outra caída de moto? Um cara que, após retirar o apêndice, improvisou um escritório, com secretária e tudo, no quarto do hospital? Tinha algo nessa história que não se encaixava.

— Nós nos conhecemos há mais de quinze anos, você sabe bem que eu sou um cara atento e perceptivo. Sou de detalhes, nuances, e neste momento estou com a sensação de que você não está me contando tudo — disse Sérgio, desconfiado.

George se encrespou, impaciente.

— Não estou te ocultando nada. É só impressão sua. Mas veremos como vou me sentir quando sair.

Diante da negação do amigo, Sérgio voltou à carga:

— Eu não acredito que você terá problemas em viajar, já que iremos de helicóptero, mas se achar que o pouco espaço vai te incomodar, podemos voltar de jatinho. Ficaremos no ar por menos de uma hora, então não vejo razão para não voltarmos os três juntos, você, a Alana e eu. Resolvida essa

parte, o que mais você teria para fazer aqui?

— Eu planejava visitar uns terrenos além da praia, fazer umas pesquisas. Digamos que não estou exatamente ansioso para voltar. Maristela e eu discutimos feio por telefone, e talvez por isso eu estivesse tão distraído e não prestei atenção quando entrei naquele acesso.

— Mas como vai se arranjar sozinho com essa perna?

— Eu me viro.

— Não sei se a Alana vai concordar com isso. Esqueci-me de dizer que ela deixou escapar que a mãe parecia descontrolada, por isso precisava te localizar com certa urgência — comentou Sérgio.

— A Maristela sabe como ser dramática e manipuladora. Deve ter falado as piores coisas de mim para ela. É seu costume se fazer de vítima, mas, para minha sorte, a Alana conhece bem a mãe e sabe o pai que tem. De qualquer maneira, terei que me recuperar em algum lugar, e, para ser sincero, prefiro que seja aqui. Há vários anos que não tiro uns dias de folga, talvez esse acidente seja um alerta do Universo para que eu desacelere e pense um pouco na vida. Com você e Alana no comando da empresa, eu posso me dar o luxo de ficar uma semana por aqui. Mas não se acostume, porque, muito em breve, vou estar de volta.

— É claro que podemos ficar sem você por uns dias — falou Sérgio, ainda intrigado com o comportamento do amigo. Até onde sabia, George nunca acreditara nessas coisas de Universo e destino. — Mas algo me diz que você está evitando me dar uma resposta direta. Sabe que não me engana. — O homem alçou uma sobrancelha ao afirmar isso.

Após um longo suspiro, George deixou os ombros caírem e se rendeu:

— Você está certo, há algo que eu não te contei. Conheci uma pessoa, e desde o primeiro momento em que a vi sua imagem não sai da minha cabeça. Tenho que admitir que, perto dela, senti algo que nunca havia sentido antes. — Estava um pouco constrangido de se abrir dessa maneira, mas sentiu a

necessidade de fazê-lo. Era o tipo de conversa que só poderia ter com alguém em quem confiava, um amigo a quem considerava o irmão que nunca tivera, e esse alguém era Sérgio Moraes.

— E essa pessoa é daqui?

— Sim. É.

— Cuidado, não...

George não o deixou continuar. Não confessara como se sentia para que fosse alvo de um julgamento. Já havia se dito muita coisa e se recriminado o suficiente.

— Eu sei, eu sei. Sou casado, tenho duas filhas e responsabilidades... Além disso, essa mulher... Ela é muito jovem para mim. Só que conseguiu mexer comigo de um jeito que não pensei que aconteceria.

Sérgio meneou a cabeça, negando.

— Não era isso o que eu ia dizer. Sei que não pedi, mas te darei o conselho mesmo assim. Faça o que fizer, só tenha cuidado para não magoar ou sair magoado. Eu não gostaria de ver o meu melhor amigo com o coração partido. Você não é nenhum garoto, sabe o que faz, e, principalmente, conhece a mulher que tem. Se a Maristela sonhar que você se interessou por alguém... — Deu de ombros, deixando a conclusão da frase no ar. — Sabemos que não mede esforços quando se trata de te manter ao lado dela.

Incomodado com a advertência, George remexeu-se na cama. Seu olhar foi, mais uma vez, para a janela entreaberta, e seu pensamento voou para longe. Sérgio estava certo, contudo, o que acabara de dizer não era novidade para ele. Não era um cara irresponsável, não agia sem pensar, além disso, estava ciente dos riscos envolvidos, e foi com a expressão resoluta que voltou a encarar o amigo.

— Eu não sei se acontecerá algo entre mim e a Bella. De repente, eu nem a verei de novo. Mas vou te contar uma coisa: eu já não me importo com o que a Maristela pensa ou é capaz de fazer. Você sabe que já tentei me

separar dela antes, e não foi uma única vez, mas por causa das ameaças, inclusive de se matar, eu terminei por protelar essa decisão. Vou deixá-la, Sérgio, e desta vez nada nem ninguém vai me impedir. Eu sei que deveria ter feito isso há muito tempo, mas, depois de hoje, descobri que nunca é tarde para recomeçar, e que, como todo mundo, eu também tenho direito a tentar encontrar a minha felicidade.

O ruído da porta sendo aberta interrompeu a conversa dos dois. Pensativo, Sérgio achou melhor deixar o assunto morrer, ao menos por enquanto. Apesar de todos os impedimentos, a julgar pela expressão no rosto do amigo e pelo brilho em seus olhos só em mencioná-la, concluiu que George não deixaria por isso mesmo. Parecia bem mais decidido do que das vezes anteriores quando falara em se divorciar. George tinha três amores na vida: Alana, sua filha mais velha, Liliana, a caçula, também conhecida por Lilly, e a construtora *Di Fiori*. Fosse quem fosse a mulher que acabara de conhecer, lhe causou uma ótima impressão e o deixou intrigado, duas coisas que, para alguém tão focado quanto ele, não acontecia todos os dias.



Capítulo 6

“Você foi irresponsável”

Bella fez os exames e, uma hora depois, ainda aguardava o médico retornar com os resultados na sala de espera. Passaram-se mais dez minutos até que o viu se aproximar. Ao chegar, ele foi logo dizendo que tanto a tomografia quanto a radiografia saíram limpos, portanto, estava tudo bem com ela. Aliviada, Bella ligou para Enrico e o pegou a caminho de casa. Explicou, em poucas palavras, o que havia acontecido. No trajeto de volta, ela responderia a todas as perguntas que, sabia, o irmão faria. E era exatamente isso o que fazia, meia hora depois, sentada no banco do carona da caminhonete dele.

— Como você se envolve num acidente, bate com o carro em uma árvore, vai parar no hospital e não me avisa, Bella? — indagou Enrico, inconformado.

Bella revirou os olhos e respirou fundo, pedindo paciência aos céus.

— Porque eu sabia que você estava no trabalho e não quis te incomodar, além do mais, não aconteceu nada comigo. Bati com o carro, fui levada ao hospital para que me revisassem por causa deste galo na minha testa, os exames não deram em nada e fim da história — compilou ela, paciente. — Eu estou bem, Enrico — assegurou com firmeza.

— Mesmo assim, Bella. Você poderia ter se machucado feio, e só de pensar nisso eu... — Enrico não prosseguiu e olhou-a de lado, chateado. — E o seu carro?

Aliviada pela mudança de assunto, Bella respondeu:

— Eu chamei um reboque e agora o meu carro está em uma oficina não muito longe do local da batida. Amanhã vou até lá para conversar sobre o conserto.

— Já acionou o seguro? — Enrico quis saber.

Bella desviou os olhos para a janela, fingindo prestar atenção nas casas e árvores que passavam.

— Acionou, Bella? — insistiu ele, intrigado.

— Não consegui renovar — respondeu ela, por fim.

— E por que não? O que houve?

Bella mordeu o lábio. Se dissesse que tinha emprestado dinheiro para Eros, Enrico ficaria zangado. Ele não apoiava o sonho do irmão, embora admitisse que tinha talento. Considerava a carreira de cantor algo praticamente impossível para uma pessoa comum e sem recursos, como era o caso de Eros. Enrico acreditava em trabalho duro e era pé no chão demais para sonhos improváveis, e na sua cabeça era o que Eros perseguia. Um sonho improvável. Acreditava que ele deveria voltar a estudar, como Bella fizera, e ir à busca de um emprego estável. Era para isso que ele se matava de trabalhar, ficando a cargo de todas as despesas da casa.

— Você deu seu dinheiro para ele, não foi? — Enrico nem esperou pela resposta e socou o volante, apertando os lábios com raiva.

— Emprstei — corrigiu Bella. — Ele prometeu me devolver quando puder.

— Você *deu* — repetiu Enrico. — Sabe que ele não tem como te devolver. Eros já fez isso tantas vezes e você continua dando dinheiro para

ele. Eu te disse para não ficar alimentando a irresponsabilidade dele, Bella! Ele não vai mudar se continuar recebendo tudo de mão beijada!

— Ele é meu irmão! E veio me pedir com aquele jeito dele, sabe, de cachorrinho carente? Eu não consigo evitar, Enrico! — defendeu-se Bella, chateada por estar sendo repreendida.

— Ele sabe que você tem bom coração e se aproveita disso, e você se deixa manipular — arrematou Enrico.

O dinheiro é meu, não é? Pois posso fazer o que quiser com ele!, pensou Bella, e como se tivesse lido seus pensamentos, ouviu Enrico retrucar:

— Eu sei que o dinheiro é seu e que pode fazer o que quiser com ele, mas você foi irresponsável. Deu para o Eros e deixou de renovar o seguro do seu carro por causa disso. Agora me diz se fez o certo, com o carro batido e precisando de conserto. Bella, se o Eros quer continuar fazendo o que faz, se quer correr atrás dessa carreira dele, devia pelo menos se bancar!

— Enrico, agora já foi, não adianta mais falar nisso.

— Não foi coisa nenhuma! — Bufou, inconformado. — Quando ele precisar de novo, vai te pedir, e você, como sempre, vai dar. Tem que ser um pouco dura com ele, Bella, senão as coisas vão continuar desse jeito, não vão mudar!

— Está bem, eu entendi. Vou ver como faço para pagar o conserto — retrucou ela, abespinhada.

— E como pretende fazer isso? Parcelando em cem vezes no cartão de crédito? E o outro motorista? Você disse que tinha uma moto envolvida, mas não disse se o acidente foi culpa sua.

— Digamos que foi dos dois — disse ela, enigmática.

— Bella, você é professora substituta, não ganha bem, e é por isso que não aceito que ajude nas contas da casa. O que você ganha é para suas despesas, e o Eros devia fazer o mesmo! — exclamou Enrico, voltando ao assunto, ainda inconformado.

— Você não acredita no sonho dele, mas eu acredito. Um dia, o Eros vai conseguir. Ele só precisa de uma chance — defendeu Bella.

— O problema não está em ter um sonho. Todos nós temos. Há os que podemos realizar e os que estão tão distantes quanto uma estrela. Não é como se eu não acreditasse no potencial dele. Eu acredito, sei que o Eros é talentoso, é um ótimo cantor, tem presença e carisma, o problema é o que ele faz, ou melhor, não faz, enquanto esse sonho não é alcançado. Sonhar não paga as contas, Bella, não vivemos de brisa. Ele já está com vinte e três anos e não tem um único registro na carteira, não tem experiência. Enquanto estava estudando, eu relevava, mas depois que parou... Até quando ele pretende viver desse jeito? Quer perseguir um sonho, tudo bem, mas tem que trabalhar em algo que dê dinheiro enquanto esse dia não chega!

— A partir desta noite, ele terá um trabalho remunerado. Eros vai estrear como atração principal no Bar do Capitão e vai receber para cantar — argumentou Bella.

Enrico torceu a boca. Conhecendo o irmão como conhecia, sabia que o mais provável era que ele torrasse tudo com bebida e mulheres. Esse seu lado, Eros ocultava da irmã mais nova, mas não conseguia esconder do mais velho. Esperava que o irmão não estivesse envolvido com drogas. Queria não pensar nisso, porém, a julgar pelos lugares que frequentava e pelas companhias com quem andava, nada era impossível. Suas entranhas se reviravam só de pensar na possibilidade, mas uma pergunta de Bella o chamou de volta à realidade.

— Você vai, não vai?

Enrico balançou a cabeça, negando.

— Nem você deveria ir, não depois do acidente e da pancada que levou na cabeça. Já sei o que vai dizer... os exames não deram nada. Mas... mesmo assim...

— Eu prometi que ia e vou! E você, Enrico, não pode fazer uma desfeita dessas com ele. O Eros vai ficar chateado se você não aparecer. É nosso irmão, precisa do nosso apoio! Até eu, que não sou de sair, usei o saldo do

meu cartão de crédito e comprei um vestido novo só para assistir à estreia dele.

Bella viu o irmão respirar fundo. Enrico poderia criticar o modo de vida de Eros, pressioná-lo para que mudasse, mas o amava, não podia negar.

— Está bem. Falo com a Diana e vamos nós três.

Foi a vez de Bella torcer a boca em desgosto. Diana era a namorada grávida e grudenta de Enrico. Namoravam a cerca de um ano, e quando soube que seria pai, o irmão fez o que era esperado de um cara como ele: pediu-a em casamento e a chamou para morar com eles. Como foi pego de surpresa, não estava financeiramente preparado, então adiaram a cerimônia para depois que o bebê nascesse.

Bella não confiava nela, o santo das duas não bateu logo de cara. Não chegou a comentar nada, mas não gostava da futura cunhada. Falava demais, julgava demais e se metia onde não era chamada. Tinha ciúmes da própria sombra, por isso os dois viviam brigando. Na maioria das vezes, Enrico relevava o comportamento possessivo dela, porque acreditava que a namorada o amava, mas Bella não estava muito certa disso. Já a vira agir de modo estranho e furtivo pelos cantos da casa; sussurrava no celular, trocava mensagens no *WhatsApp* sabe-se lá com quem, e saía sem dizer para onde ia, ficando fora por horas, enquanto Enrico trabalhava. No entanto, Bella ocultava suas suspeitas, pois sabia que o irmão não acreditaria nela e até ficaria chateado, afinal, ela não tinha uma base forte para desconfiar da mulher além do seu sexto sentido.

Colocando os pensamentos de lado, Bella meneou a cabeça em concordância e ambos fizeram o resto do trajeto em silêncio. Quando entrou em casa, viu Eros jogado no sofá da sala. Colocou a bolsa e a sacola de papel sobre uma mesinha e se acomodou no assento ao lado do dele.

— Ei, o que está fazendo aqui? Não deveria estar ensaiando no bar?

— De que jeito, se foi fechado?

Bella arregalou os olhos, surpresa.

— O Bar do Capitão foi fechado?

Eros confirmou com a cabeça.

— Esta tarde. A vigilância sanitária baixou lá e lacrou tudo. Só poderão reabrir depois que as exigências forem atendidas e a multa for paga.

— Mas por quê? O que aconteceu para eles irem até lá?

— O rumor que se espalhou foi que os donos estavam comprando pescados fora da época. A gente sabe que é proibido por causa da procriação, mas eu duvido. O Valter e o sócio dele são pessoas sérias e tomam todos os cuidados, não é à toa que são os melhores da região, tanto no restaurante quanto nos ambientes destinados aos shows — dissertou Eros.

— Ser o melhor, às vezes, atrai gente mau-caráter e que não se conforma com o sucesso dos outros — aparteou Enrico, amargo.

— Talvez tenha sido algum ex-empregado insatisfeito — sugeriu Bella.

— Pode ser, e a inveja é mesmo uma merda — disse Eros, chateado. — Parece que foi uma denúncia anônima, mas eles devem resolver isso em uma semana ou duas, no máximo.

Bella passou um braço pelos ombros do irmão e colocou a mão sob seu queixo.

— Ei, levanta a cabeça, não fica assim. Sua estreia só foi adiada por alguns dias — disse, procurando confortá-lo.

— Foi o que o dono me garantiu, mas eu estava bem ansioso para estrear esta noite. Essa notícia foi um banho de água fria no meu entusiasmo.

— Uma semana passa rápido, Eros. Use esse tempo para se preparar e ensaiar mais — voltou a sugerir Bella, a fim de animá-lo.

— Devia usar esse tempo para procurar um emprego ou voltar a estudar! — Enrico não conseguiu se controlar.

— Eu ainda serei um cara famoso e ganharei mais dinheiro do que poderei gastar. Escreve isso, Enrico! — exclamou Eros, lágrimas ameaçando chegar aos seus olhos. Doía ver que o irmão não acreditava nele.

— Torço para isso acontecer, um dia, mas precisa tirar a cabeça das nuvens e colocar os pés no chão, Eros. Não sou contra o que você busca, sou contra a não fazer nada para ajudar e a não se dedicar mais a esta família.

— Quem sabe se eu tivesse um pouco mais de apoio, eu não me dedicaria? Eu não quero trabalhar como um burro de carga, ganhar uma miséria e ver a vida passar como você! — devolveu Eros, bufando, nervoso.

— Eros, nós somos pobres! E temos uma hipoteca para pagar, se quisermos manter esta casa, fora as outras despesas. O banco não espera o seu sucesso chegar! Precisa crescer, de uma vez por todas! Quer saber, já tivemos esta conversa um milhão de vezes. Nada do que digo consegue entrar nessa sua cabeça dura. Estou cansado. Vou tomar um banho e dormir. Amanhã acordo bem cedo, ao contrário de você!

— Fala tudo isso, se acha o tal, mas acabou engravidando aquela vaga... — provocou Eros.

Enrico, que já estava no corredor, voltou, o rosto contraído, furioso, e foi com tudo para cima do irmão.

— Cuidado com o que diz! Nós não ofendemos mulheres dentro ou fora desta casa! — gritou, fervendo de raiva e colocando o dedo na cara dele. — Não importa o que você pensa da Diana, ela é minha mulher, futura mãe do meu filho, e você vai respeitá-la, entendido?

Eros engoliu em seco, arregalou os olhos e anuiu movendo a cabeça. Enrico recolheu a mão e se afastou, deixando a sala com passadas duras e rápidas.

Ao se verem a sós, Bella olhou para o irmão mais novo.

— Você não deveria ter provocado o Enrico, nem ofendido a Diana. Como ele disse, gostando o não, ela é a mãe do filho dele. É nosso irmão mais

velho, e você sabe bem como ele é. No fundo, o Enrico só está preocupado.

— Eu sei, mas ele também pega pesado, não alivia. — Eros levantou-se e virou as costas para ela, contrariado.

— Nem você! — Bella retrucou, fazendo o mesmo e dando um soco de brincadeira no ombro do irmão. — Já comeu?

— Não — disse Eros, voltando a olhá-la.

— Vem, vamos até a cozinha — chamou Bella. — Estou morta de fome, também tive um dia complicado.

— Cara, agora que eu vi! — Eros levou a mão até a testa dela. — E esse curativo?

— Essa é a parte complicada do meu dia. Sofri um acidente naquela faixa de terra da estrada quando voltava para casa. Mas te conto tudo em detalhes mais tarde, agora vamos preparar algo para comer — disse, puxando-o pela mão.

Eros beijou-a no rosto e passou o braço pela sua cintura.

— Caramba, um acidente... E como eu não soube disso? — Diante do olhar impaciente de Bella, ele voltou atrás. — Tá bom, depois você me conta. Eu te amo, sabia?

— Não mais do que eu e o Enrico te amamos, não se esqueça disso!

— Não esqueço, mas ele leva esse papel de irmão mais velho muito a sério.

— E você também não ajuda, Eros. Custa procurar algo para fazer? Pode trabalhar numa empresa e cantar nos fins de semana. O Enrico sairia do seu pé, se você fizesse isso. Sabe que mesmo que seja pago para cantar no Bar do Capitão, será pouco, e o Enrico precisa de ajuda. Eu já tentei dar parte do meu salário, mas ele não aceita, de jeito nenhum. A maneira que encontrei de ajudar foi comprando algumas coisas para casa e pagando uma ou outra conta às escondidas, mesmo sabendo que ele vai ficar bravo comigo quando

descobrir. Mas esse é o jeito dele, fazer o quê? — concluiu Bella, dando de ombros.

— Eu sei como ele é, irmãzinha, mas não pense que não sou grato pelo que o Enrico fez e faz por nós.

— O problema é que vocês dois são opostos. Enquanto você não consegue entender como o Enrico pode ser tão realista e pragmático, ele não entende como você pode ser tão idealista e sonhador. E um pouco egoísta... E folgado também, precisa reconhecer — adicionou ela, antes que ele pudesse rebater. — É por isso que vocês vivem batendo de frente.

— Acho que você está certa, mas cada pessoa é de um jeito. Eu sei que tenho falhado com a nossa família. — Eros suspirou e olhou para o chão. Passou a mão na nuca, tentando organizar os pensamentos. — Está bem, eu vou pensar nisso tudo que você me disse.

Bella olhou para ele em dúvida. Queria mesmo que o irmão criasse juízo e assumisse suas responsabilidades. Admitia que, em parte, Enrico estava certo; Eros fazia promessas que não pretendia cumprir, por isso era difícil acreditar nele. Ela o viu sorrir, já mais calmo. Nisso, ambos eram parecidos, ele não guardava nada. Podia brigar, ficar bravo, irritado, mas cinco minutos depois esquecia e seguia em frente, principalmente se a briga fosse com Enrico.

Nesses momentos, Bella ficava dividida entre os dois irmãos, sentia-se como em um cabo de guerra, sendo puxada de um lado para o outro. Adorava o Enrico, de verdade. Ele era forte, era seu apoio e sua rocha. Sem ele, talvez tivesse sido criada em um orfanato qualquer, e pior, sem nenhum deles por perto, contudo, não sabia explicar o motivo, mas sentia um carinho especial por Eros, além de amá-lo, é claro, e por isso acabava errando com ele, arrumando desculpas para o seu comportamento.

— Espero que você pense mesmo e tome uma atitude. Não é mais um garoto, Eros, é um adulto agora, e passou da hora de agir como tal — disse ela, entrando na cozinha, com Eros em seus calcanhares.



Na manhã do segundo dia depois da operação e sentindo-se bem melhor, George analisava um contrato de um novo negócio que Sérgio havia lhe trazido, quando ouviu uma batida na porta. Curioso, pensou que não devia ser alguém do hospital, pois estes nem batiam, só iam entrando. Fechou o notebook, agrupou os papéis espalhados sobre a cama e colocou-os na pasta, autorizando, fosse quem fosse, a entrar.

— Então foi mais sério do que você pensava...

Surpreso e duvidando dos próprios ouvidos, George elevou a cabeça e se deparou com a mulher que habitava seus pensamentos nos últimos dias e que os céus o ajudassem, porque Bella estava ainda mais digna do seu apelido.



Capítulo 7

“Vamos sair daqui”

Ele não parara de pensar nela, por isso pedira, ou melhor, implorara ao Sérgio que lhe enviasse algum trabalho que pudesse ser feito ali. O que fosse, não importava, desde que ocupasse sua mente, lhe desse uma folga e tirasse a imagem dela de sua cabeça, nem que fosse por umas horas.

Alana tinha vindo no dia anterior, falado com ele e agora se encontrava em seu chalé alugado, aguardando que tivesse alta. Não aceitara muito bem sua decisão de permanecer na cidade e insistira em ficar com ele ou deixá-la contratar uma pessoa para ajudá-lo, ao menos durante uma parte do dia. George concordou com a segunda opção, pois precisava de Alana na empresa, em São Paulo. E, agora, a mulher que invadia seus sonhos estava ali, na sua frente, em carne e osso. Num segundo, ele sentiu o corpo responder à presença dela, mas, por fora, tratou de se manter tranquilo e sob controle.

— Eu estava errado, e você, certa — admitiu e enrugou a testa, intrigado. — Pelo bilhete que me deixou, pensei que não voltaríamos a nos encontrar.

— Também pensei, mas como pode ver, aqui estou.

— Eu posso ver que você parece estar muito... bem. — Pelo brilho de admiração nos olhos azuis, não era exatamente essa a palavra que George

queria usar para defini-la, mas já havia notado o quanto Bella era tímida e não queria assustá-la sendo direto demais. — Aliás, como foram os seus exames? — quis saber, tirando calmamente os óculos de leitura e os colocando sobre o notebook.

Sem perceber, Bella seguia cada movimento das mãos dele com os olhos. E, de repente, sentiu a garganta ficar seca. Engoliu algumas vezes antes de responder:

— A tomografia saiu limpa, assim como a radiografia. Eles me disseram que o inchaço e o hematoma sumirão em alguns dias.

— Fico feliz em saber. — George a fitou por alguns segundos, à espera.

— Deve estar se perguntando o motivo de eu estar aqui... — Bella quebrou o silêncio desconfortável entre eles. — Eu vim porque não tinha o seu número, e como precisava te passar os dados da oficina...

— Entendo, mas você poderia ter deixado um bilhete, como aquele que pediu para a enfermeira me entregar — implicou George. Estava claro em sua expressão que preferia mil vezes que Bella tivesse vindo em pessoa.

— Eu sei, mas vou precisar do nome e do telefone da sua seguradora. Como meu carro não está segurado e você assumiu a culpa pelo acidente...

Ok, então foi por isso que ela veio. Não foi por mim ou para saber como estou. Foi pelo dinheiro!, pensou George, decepcionado.

— A moto não é minha, é alugada — esclareceu, o semblante fechado.

Bella murchou diante da informação, e apesar de sua própria decepção, George não gostou de ser o causador do vislumbre de tristeza que viu cruzar aquele lindo rosto.

— Preciso consertar o meu carro e não tenho condições de...

George fez um gesto com a mão, impedindo-a de prosseguir.

— Não se preocupe com isso, Bella. Como você acaba de dizer, eu assumi a culpa pelo acidente, e como não sou homem de voltar atrás à minha

palavra, você pode mandar consertar o seu carro. Só me envia o orçamento ou a conta, o que seja, para eu poder providenciar o pagamento. — George pegou um cartão de visita de dentro da pasta e entregou a ela. — Aí tem o número do meu celular e o meu endereço de e-mail. Agora, se foi só por isso que veio...

Ele está me mandando embora? É isso mesmo?, perguntou-se Bella, sentindo a decepção a tomar. *É claro que está. O que estou pensando? Que um homem como ele iria querer algo comigo? Me chamar para sair? Acorda, Isabella! Isso aqui é a vida real, e não o roteiro de um dos romances água com açúcar que você está acostumada a ler. E ainda que ele te chamasse, você não aceitaria. São diferentes demais!*, recriminou-se, e respirou fundo antes de contestar:

— Sim, foi por isso — confirmou, chegando perto da porta. — E para ver como o senhor estava. Mas agora que vi, já estou de saída. Meu desejo é que se recupere e possa deixar o hospital em breve. — Virou-se e colocou a mão na maçaneta, pronta para deixar o quarto.

— George!

Ao ouvi-lo, Bella estacou e se voltou novamente para olhá-lo.

— Desculpe, eu não entendi...

— Me chame pelo meu nome — pediu ele.

— Como quiser. George — repetiu Bella, gostando de chamá-lo assim.

— Um café!

— O quê?

— Quando eu sair daqui, gostaria de te convidar para tomar um café comigo. — Surpresa, Bella abriu a boca, disposta a recusar. — Para te agradecer pela ajuda com a moto. Não vai negar um pedido a um homem ferido, vai? — Ele emendou com uma piscadinha, e suas palavras saíram carregadas de sensualidade. Com seu jeito sedutor e o sorriso matador, era quase uma missão impossível, para ela, resistir.

— Eu não acho que seja uma boa ideia... — Bella hesitou.

— Só um café — insistiu ele. *Por enquanto!*, completou para si mesmo.

— Acho melhor não. — Bella forçou-se a resistir. *Mas que diabos estou fazendo?*, perguntou-se antes de prosseguir: — Entro em contato quando tiver o orçamento, mas adianto o nome e o endereço da oficina por e-mail, então vai poder avisar a locadora. — E sem esperar por uma resposta, Bella deixou o quarto. Se ficasse e ele voltasse a insistir, tinha certeza de que não conseguiria se negar uma vez mais. A verdade é que o homem a fascinava, e soubera disso desde que o vira encostado na moto caída no meio da estrada.



O Bar do Capitão estava lotado. Como Eros dissera, levou exatos sete dias para que fosse reaberto, mas parecia que nunca havia sido fechado. Bella viu, impressionada, que havia uma fila de bom tamanho na lateral, dando na porta principal. Os três, ela, Enrico e Diana, tiveram a entrada liberada assim que chegaram, pois Eros deixara o chefe da segurança de sobreaviso.

Sentindo-se um pouco ansiosa, Bella alisou o vestido curto na altura dos quadris. O modelo era um tomara que caia cinza-claro, plissado no busto e com a cintura marcada. Quando chegou em casa, vinda da escola, mal teve tempo de se arrumar e fazer uma maquiagem um pouco mais caprichada, pois era o que o evento pedia, mas conseguiu arrematar uma secagem rápida nos cabelos naturalmente brilhantes, que caíam em ondas suaves pelos seus ombros e costas nuas.

Ao entrarem, foram conduzidos por um dos seguranças até um dos camarotes VIPs e avisados de que, em alguns minutos, Eros iria falar com eles. Mesmo assim, Bella procurou o irmão naquele mar de cabeças, mas obviamente não o encontrou.

— Nossa! Quanta gente bonita, e como este lugar é bem frequentado. É a melhor balada da cidade! — exclamou Diana, toda eufórica, a barriga proeminente encostada na balaustrada feita em madeira. — Eu só vim aqui

uma vez, e isso porque fui convidada por uma amiga que fazia aniversário — concluiu, fechando a cara e olhando duro e de lado para o namorado.

Enrico recebeu e retribuiu o olhar da mesma maneira.

— Diana, não começa! — falou, e seu tom era de advertência, a tensão entre eles chegando a um nível perigoso.

Diante da expressão do irmão, Bella decidiu interferir:

— Tudo aqui é muito caro, não dá para vir sempre.

— Quando se quer e não se é mão de vaca, se consegue — replicou a garota, ácida, os olhos ainda sobre Enrico.

Diante da evidente provocação, Enrico respirou fundo e achou melhor se calar. Ele sabia o que Diana pretendia ao provocá-lo, pois ela vivia reclamando que os dois saíam pouco. Mas como poderia ser diferente, se ela sempre escolhia os lugares mais caros e que, certamente, ele não tinha condições de pagar? Tivera um longo e complicado dia no trabalho, e em vez de estar descansando em casa, estava ali, naquele bar quente e lotado, contudo, como era a estreia do irmão, a última coisa que desejava era engolir a isca e acabar brigando.

Com Diana grávida de seis meses, Enrico evitava ao máximo discutir com ela, pois pensava no bem-estar do filho em primeiro lugar. Ele sabia que a mulher era temperamental, ciumenta e manipuladora. Depois da gravidez, as coisas chegaram a um nível quase insuportável. Ela tentava controlá-lo de todas as maneiras possíveis, e sua raiva era que ele não se deixava dominar. As discussões entre os dois eram basicamente devido às desconfianças dela, não que Enrico desse motivo.

— Que bom que vieram! Eu não esperava menos de vocês — disse Eros, subindo a escada que dava para o camarote. Aproximou-se dos irmãos com um sorriso aberto. Cumprimentou Enrico com um abraço e Bella com um beijo no rosto. Para Diana, só um aceno com a mão.

O Eros também não vai com a cara dela!, pensou Bella. Será que só o

Enrico não vê como essa garota é dissimulada?, perguntou-se, levando o olhar de um para o outro.

Inesperadamente, o olhar de Bella foi puxado para uma pessoa que estava de costas para ela e encostada no balcão. *Não pode ser!*, pensou quando viu o cabelo de corte curto salpicado de grisalho e as tatuagens que cobriam seus braços. Ela congelou e o ar lhe fugiu dos pulmões no instante em que o homem se virou e ela viu seu rosto. Levou a mão até o meio do peito, como se com o gesto pudesse desacelerar as batidas do coração. Depois de visitá-lo no hospital, como prometido, ela havia enviado o orçamento para o e-mail dele. Pensara mil vezes em ligar, desistindo em cada uma delas. Deus era testemunha de que tentara evitá-lo e lutara para não pensar nele, no entanto, ali estava a razão de suas noites mal dormidas. *Como é possível eu me sentir como se estivesse queimando por dentro só em tê-lo por perto?*, perguntou-se, sem deixar de admirá-lo. Sua sorte era que Enrico e Diana estavam tão entretidos numa conversa com Eros que nem reparavam no que se passava com ela.

Os olhares dos dois se encontraram e Bella notou o instante em que ele a reconheceu. Como se fossem capazes de ler a mente um do outro, ambos se moveram ao mesmo tempo. Bella virou-se, andou em direção à escada, desceu e esperou. George chegou, parou à sua frente e abriu um sorriso preguiçoso, encarando-a com os olhos semicerrados. Estendeu o braço e Bella estremeceu quando o polegar dele começou a se mover, formando pequenos círculos na palma de sua mão.

— Está pronta para tomar aquele café comigo? — indagou ele, tão próximo que Bella sentiu o calor de seu hálito contra a orelha.

Ela imitou o gesto e foi envolvida pelo seu cheiro másculo, um misto de madeira e testosterona.

— Sim, estou — respondeu e apertou a mão dele, a fim de reforçar o que dizia.

— Vamos sair daqui. — Antes que Bella pudesse abrir a boca para dizer

algo mais, George a conduzia por entre a multidão, indo em direção à porta. E ela se deixou guiar por ele sem protestar ou opor resistência.

Quando se está verdadeiramente atraído por alguém, cada olhar, cada movimento, cada toque, por mais casual que seja, ganha uma conotação diferente. Sexual. Os sentidos ficam em alerta, a pulsação acelera, a temperatura do corpo se eleva e pede por mais.

E era assim que Bella se sentia ao ser puxada por George através daquele mar de gente. No meio do caminho para fora do bar, Bella recordou-se do real motivo de estar ali.

— George! — gritou, tentando ser fazer ouvir por conta do som altíssimo da música. Ele não deu sinal de que a tinha escutado. — George?! — voltou a chamar, e desta vez ela parou de andar. Ainda prendendo sua mão na dele, George se virou, e havia uma interrogação em seus olhos. — Eu não posso. Esta noite é a estreia do meu irmão. Preciso estar aqui quando ele começar a cantar.

— E que horas começa o show dele?

Bella pensou por um instante.

— Se não atrasar, por volta das onze.

George consultou o relógio em seu pulso, eram nove e quinze.

— Prometo te trazer de volta a tempo. — Apesar da promessa, Bella não se moveu. — Confie em mim e vem comigo.

Bella exalou o ar, atordoada com a maneira como ele a olhava. Parecia haver labaredas de fogo naqueles olhos. Por mais que considerasse aquilo tudo uma verdadeira loucura, não podia negar o desejo de estar com ele, por isso se viu sacudindo afirmativamente a cabeça.

— Está bem, eu vou com você.



Depois de se recuperar do ferimento da perna e fazer o que pretendia na cidade, George sentiu-se entediado. Subiu na outra moto que alugara e deixou o chalé, dirigindo sem rumo, mas parou ao se deparar com a melhor balada da região, de acordo com a opinião de alguns dos operários que realizavam o trabalho de terraplanagem no terreno que ele acabara de adquirir.

Com a garganta seca e depois de passar todos aqueles dias sem colocar uma única gota de álcool na boca, por conta dos antibióticos, George decidiu estacionar a moto e entrar. Como esperado, o lugar estava lotado. Abriu caminho e encontrou um canto privilegiado perto do balcão. Enquanto apreciava a primeira dose de uísque, teve a sensação de que alguém o observava, e de maneira bastante insistente, a ponto de incomodá-lo. Como estava de costas para o salão, virou-se, com o copo ainda na mão, e perscrutou com o olhar a multidão à sua frente, notando que várias das mulheres presentes o olhavam com interesse. Fazendo contato visual com uma delas, viu-a sorrir e elevar o próprio drinque, à guisa de cumprimento, e imitou o gesto. Diante da resposta, a mulher começou a andar em sua direção. George não era de se gabar, mas por conta de sua estatura e porte físico, pelo modo como costumava se vestir e, é claro, pelas inúmeras tatuagens que cobriam parte de seu corpo, dificilmente passava despercebido. Sempre havia quem apreciasse e quem torcesse o nariz para o seu estilo, mas ele não se importava. Que as pessoas pensassem o que quisessem, afinal, não podia controlar seus pensamentos e preconceitos.

A loira alta, bonita e de pele bronzeada estacou quando o viu desviar os olhos de cima dela, focando em um camarote à frente e acima de onde ele estava.

George sentiu o coração se agitar quando seus olhos se encontraram. Ela estava ainda mais linda do que se lembrava, com os cabelos soltos e dentro de um vestido cinza sem alças. Agindo por puro instinto, ele não pensou duas vezes antes de colocar o copo sobre o balcão e começar a andar em direção às escadarias, esquecendo-se completamente da loira.

Aquela era sua última noite na cidade, e sua intenção era apenas tomar uns drinques, retornar ao chalé e se jogar na cama, pois Roberto, o piloto da empresa, avisara mais cedo que ele teria que estar no heliporto às oito horas da manhã do dia seguinte, e embora tivesse desejado ardentemente revê-la antes de ir embora, o surpreendeu encontrá-la naquele bar.

Quando George se aproximou de Bella, só conseguiu pensar no convite que havia feito, ainda no hospital, e agora ambos atravessavam o estacionamento de mãos dadas.

Bella, dando um puxão de leve, tentando soltar sua mão da dele, o obrigou a retornar ao presente. Ele lhe deu uma olhada rápida, recusando-se a soltá-la, e assim, unidos, os dois chegaram ao fundo do estacionamento, parando diante de uma *Harley-Davidson Fat Boy*.

— Mal saiu do hospital e já alugou outra moto? Tem certeza de que já pode dirigir uma dessas? — questionou Bella, franzindo levemente a testa.

— A primeira coisa que eu fiz depois de sair de lá foi buscá-la, mas não se preocupe, está tudo bem. Minha perna incomoda um pouco, o que não me impede de pilotar.

— Entendi. Você realmente gosta delas — comentou Bella, admirada com o tamanho daquele modelo. Não era exatamente uma amante de motos, mas não podia negar que aquela era linda, e lhe parecia maior do que a anterior.

George observou-a e abriu um sorriso, o que foi suficiente para que os joelhos de Bella tremessem.

— Eu comprei a minha primeira moto aos dezoito anos. É um clichê, eu sei, mas gosto da velocidade, de sentir o vento no rosto, da sensação de liberdade que andar numa dessas me dá. É como um vício do qual não tenho a menor intenção de me curar. Tenho uma na minha casa em São Paulo — contou George, deslizando a mão pelo contorno da Harley, os dedos se movendo numa carícia lenta. Subiu na moto e acelerou, uma, duas, três vezes, mantendo os pés apoiados no chão. — É mesmo uma beleza — emendou,

jogando o comentário dúbio no ar, olhando diretamente para a mulher, sem esclarecer se estava se referindo à moto ou à Bella. — Vai ficar aí só me olhando?



Capítulo 8

“Meu corpo pede pelo dela”

Enquanto aguardava por uma resposta ou atitude por parte dela, George aproveitou para voltar a admirar cada pedacinho da moça, começando pelo seu lindo rosto. Bella possuía uma boca de lábios carnudos e voluptuosos, a ponto de serem considerados indecentes; os cabelos castanhos eram entremeados com mechas mais claras, quase loiras, que iam até um pouco abaixo dos ombros; os seios eram cheios e estavam apertados dentro do bojo do vestido; seu corpo era esguio e curvilíneo. Para ele, a mulher era simplesmente perfeita. Tudo o que via, unido aos pensamentos nada puros que permeavam sua mente, fez seu pau se contrair dentro da boxer. Balançou a cabeça, desfazendo a nuvem de luxúria que havia se formado em cima dele, e estendeu a mão livre a fim de ajudá-la a subir na moto.

— E para onde você pretende me levar? — indagou Bella, acomodada na garupa, os braços envolvendo-o deliciosamente pela cintura.

— Hum... Eu ainda não conheço muito bem a região, então, acho melhor você me guiar.

— Está falando sério? Eu posso mesmo escolher para onde vamos?

— Foi o que eu disse, pode escolher — reafirmou George.

— Eu escolho, e, sendo assim, vire à direita na próxima esquina —

instruiu Bella, já fazendo uma ideia de onde poderia levá-lo.

— Agora eu é que quero saber para onde vai me levar.

— Sinto muito, mas não vou contar. Você só vai saber quando chegarmos lá.

George girou o pescoço e alçou uma sobrancelha.

— Surpresa?

— Sim, é uma surpresa. Só posso dizer que vou te levar para um lugar especial.

Ele assentiu, ligou a moto e partiu. Durante o trajeto, Bella se pegou observando suas mãos fortes, os dedos enrolados no contorno do guidom, que o homem controlava com perícia, fazendo curvas e ultrapassagens com facilidade. Perguntou-se o que aquelas mãos seriam capazes de fazer no corpo de uma mulher.

Ao chegarem ao lugar indicado por Bella, que ficava nos arredores da cidade, George desligou a moto e desceu. Abarcou sua cintura com as duas mãos e ajudou-a a fazer o mesmo. Esquadrinhando o local, ele se viu cercado por quilômetros de areia, com o quebrar selvagem das ondas à sua frente. A lua cheia estava tão próxima que era possível identificar os contornos e relevos a olho nu, com sua luz clareando tudo ao redor e espalhando seus reflexos pela superfície da água.

George aconchegou Bella nos braços e a mão grande deslizou pela espinha dela, os dedos enlaçando os cabelos. Com um pequeno puxão, fez sua cabeça ir para trás, enquanto colava os quadris estreitos nos dela.

Bella estava adorando cada minuto que passava com ele, mas não podia negar que sua presença a deixava ligeiramente intimidada. Alheio a este sentimento, George estudou cada detalhe e nuance do rosto bonito.

— Olá... — disse ele, como se tivesse acabado de conhecê-la.

— Olá... — Bella respondeu, sentindo um nó na barriga, e teve que

desviar o olhar do dele. Os olhos azuis eram intensos demais, bem como o modo como observavam seu rosto.

— Então, você é daqui mesmo? — perguntou George, mais para quebrar o silêncio. Bella voltou a olhá-lo. Era um homem alto, grande e bem constituído. Perguntou-se o que ele estaria pensando dela. Provavelmente que era uma oferecida, pois mal se conheciam e ela o seguira sem pensar duas vezes.

— Sim, sou, e você? — Ela riu da própria pergunta, pois sabia que George não era dali. No estacionamento, lhe contara que deixava sua moto em São Paulo, então deduziu que ele devia ser de lá.

— Por que é tão tímida? Não me entenda mal, eu gosto desse seu jeitinho acanhado de ser.

— Eu... hum... não sei. — Ela voltou a sorrir.

— Espero que as pessoas com quem você estava não fiquem chateadas.

— Talvez fiquem.

Bella não queria pensar nisso agora, não queria se sentir culpada por ter saído sem dizer para onde ia e com quem estaria, ainda mais por ter mentido dizendo que tinha encontrado uma colega de escola que há muito não via e que resolvera sair com ela para colocar o papo em dia, mas que não se preocupassem, pois estaria de volta a tempo de assistir ao show de Eros.

Envolvida por um braço tatuado, Bella mal conseguia acreditar que estava ali, com ele. Estava sendo difícil habituar-se à ideia, mas George não era nenhum extraterrestre. Era apenas um homem. Um homem bonito, cheio de estilo, totalmente diferente das pessoas com as quais convivia. Mas gostava dele, sentia-se atraída, mesmo não sabendo exatamente por quê. Sabia apenas que sentia essa coisa gostosa na barriga, e isso acontecia cada vez que olhava para ele. Perguntou a si mesma se ele percebia o que sua presença fazia com ela.

— Faz sempre isso? Quero dizer, abandonar as pessoas com quem sai?

— *Nunca!* — Ambos riram da ênfase dada por ela.

— É bom que não faça comigo.

— Não farei. Prometo!

Bella mal o conhecia, mas algo a aproximava a ele. George a fazia sentir-se pequena e muito jovem, mas também lhe proporcionava segurança, como se tivesse esperado que ele viesse e a protegesse por toda sua vida. Era uma sensação estranha, mas que a agradava.

As mãos que a prendiam pela cintura a puxaram e a impressaram contra o peito dele. Ela viu a boca que descia sobre a dela e uma onda de expectativa queimou-a por dentro. Bella estava certa de que ele ia beijá-la, mas George não o fez. E ela queria desesperadamente que o fizesse.

George desejava prová-la, sentir seu gosto, fazer o que vinha ansiando desde que a conhecera, mas se conteve, resolveu adiar o momento, por isso, em vez da boca, beijou a base de seu pescoço, aspirando seu aroma de mulher com gosto. Lambeu sua garganta e subiu por ela, parando ao alcançar a orelha delicada. Afastou uma mecha do cabelo, fechou os lábios no lóbulo e sugou, ouvindo-a arfar e se inclinar para trás, a fim de lhe dar mais acesso. Elevou a cabeça apenas o suficiente para olhá-la e colocou uma mão de cada lado do seu rosto.

Bella se virou e plantou um beijo na palma de uma das mãos, o olhar carregado de sensualidade quando voltou a encará-lo. Os lábios entreabertos pediam para serem beijados, e, desta vez, George não se negou esse prazer.

E assim ele fez, tomando-os para si, com fome, paixão e necessidade. Chupou, devorou, degustou, se perdeu e se encontrou naquela boca, surpreendido com a gama de sentimentos que um simples beijo era capaz de despertar nele. Era estar dentro de um sonho, pensou George. Só que melhor. Muito melhor. O gosto dela era tão bom quanto havia imaginado. Sentiu o

belo corpo tremer em seus braços, as mãos se entrelaçarem em seus cabelos enquanto ela gemia de puro prazer contra seus lábios.

Bella teve que se agarrar aos seus ombros e ficar na ponta dos pés. Durante o beijo, sua cabeça girou em círculos vertiginosos e seu coração pulou dentro do peito, roubando-lhe o ar. O beijo a fazia se sentir fraca e trêmula enquanto a boca de George enviava ondas de calor por todo o seu corpo. Sua boca era sedenta, seu charme e seu toque, enlouquecedores. Ele era muito mais do que pensara que seria, e só haviam se beijado e trocado algumas carícias. Nem queria imaginar como devia ser estar com ele sobre uma cama. Já sabia que seu toque era firme, exigente, mas terno e excitante ao mesmo tempo. Ela o olhou, a respiração ofegante pelos lábios entreabertos, os dedos enfiados nos cabelos dele. Esforçou-se para desviar o rumo dos pensamentos, pois receava deixar transparecer o que se passava por sua mente.

— É muito bonita, Bella — elogiou após se separarem.

Meu Pai, o que dizer desse homem? Primeiro, que sabe beijar uma mulher!

— Obrigada. E eu posso dizer o mesmo de você. Por acaso está tentando me conquistar com elogios?

Um sorriso curvou os lábios de George. A mulher era irresistível!

— Eu só disse a verdade. Mas... me diz, está funcionando?

— O que você acha?

— Prefiro que me diga, ou melhor, que demonstre.

— Eu posso demonstrar o que você faz comigo, mas uma outra hora. Agora, infelizmente, nós precisamos voltar para o bar. — Bella não queria, porém, havia prometido ao irmão que assistiria ao seu show, e não podia voltar atrás.

— Ainda temos tempo — disse George, voltando a beijá-la.

Bella pôs a mão sob seu queixo e gostou de sentir os fios macios da barba na palma. Com a ajuda dos dedos, virou seu rosto e o fez olhar diretamente para ela.

— Eu concordei em vir só porque você prometeu!

— Eu sei que prometi, mas...

Droga! Eu não quero soltá-la, não quero que este momento acabe, não quando meu corpo está pedindo, implorando pelo dela...

— George, eu também gostaria de ficar aqui com você, mas me comprometi com o meu irmão.

Ele entendia. E prometera. Conteve um suspiro e balançou a cabeça.

— Você está certa, mas como eu disse, ainda temos algum tempo. Que tal um passeio pela praia? — sugeriu ele, animado. — A noite, este lugar, a lua... você. — Levou a mão até o rosto dela e fez um carinho. — Não podemos sair daqui sem aproveitar, o tempo que seja. Meia hora e iremos embora. Não se preocupe, garanto que vai estar de volta a tempo de ouvir o seu irmão cantar a primeira música. — Levantou a mão direita, um sorriso brincando nos lábios finos. — Palavra de George Di Fiori! — completou.

— Eu não pensei que fosse um romântico — provocou Bella.

— Eu amo a natureza e atividades ao ar livre. — George fez uma pausa para olhar ao redor, respirando profundamente o ar puro e fresco da noite. — E o que posso dizer? Todo mundo tem um defeito — brincou, voltando a encará-la.

De fato, seu lugar favorito era maravilhoso, e com aquele homem sexy, bonito e gostoso ao seu lado, tornou-se simplesmente perfeito, portanto, sua resposta à sugestão de George só podia ser uma, e quando Bella deu por si, os dois passeavam de mãos dadas, à beira-mar e sob a luz da lua cheia.



Provando, mais uma vez, ser um homem de palavra, George deixou Bella na entrada dos fundos do Bar do Capitão faltando apenas cinco minutos para o horário previsto para o início do show do irmão. Apressada, ela desceu da moto, mas se deu um minuto para poder se despedir dele.

— Bem, aqui estamos. Nós... vamos nos ver de novo?

— Eu preciso voltar para São Paulo.

— Quando?

— Amanhã. Mas eu quero muito voltar a te ver. — Ela sentiu o baque que a resposta dele causou, contudo, já imaginava que ele fosse deixar a cidade e voltar para sua vida em São Paulo, só não pensou que fosse tão cedo. — Você me espera?

— Talvez — provocou Bella.

Com um braço, George envolveu sua cintura e fez menção de beijá-la, no entanto, Bella desviou o rosto, evitando o beijo e olhando para os lados.

— Aqui não — disse ela, sem jeito.

George não insistiu. Seus olhos estavam calorosos com o divertimento quando os fixou em Bella. Não mentira quando dissera que gostava do jeitinho tímido dela. De certa forma, ele a entendia, afinal, como ela, também nascera e fora criado em uma cidade pequena, e por isso sabia que, o que se fazia num dia, no outro, já estava na boca do povo. Ali, ele era o forasteiro, o que, por si só, despertava curiosidade, e a última coisa que desejava era que Bella fosse alvo de fofocas por sua causa.

— Eu te ligo — ele disse simplesmente.

— Eu vou esperar sua ligação — Bella se despediu. Ao parar diante da porta dupla, um segurança veio até ela. Trocaram algumas palavras e o rapaz autorizou sua entrada.

Recusando-se a ir embora, George seguiu seus movimentos até ela sumir de seu campo de visão, só então pegou a avenida que dava no chalé

alugado.

Enquanto isso, já dentro do bar, Bella andou até o camarote onde estavam Enrico e a namorada. E como ela previra, a expressão dele estava fechada. Emburrado, Enrico foi logo falando:

— Pensei que não voltaria a tempo. O Eros acabou de subir no palco.

Bella não respondeu, em vez disso, foi até a bancada e se debruçou nela, mantendo o olhar fixo sobre o irmão, e quando ele começou a cantar, ela se surpreendeu, no bom sentido, pois Eros cantava e encantava a plateia.

Uma hora e meia depois, Eros cantou a última música do seu repertório e aplausos explodiram pelo bar, provando que o show tinha sido um sucesso, como Bella imaginara. E não podia estar mais orgulhosa do seu irmão artista.



No fim da tarde do dia seguinte, o sinal tocou, anunciando que a aula havia acabado. Bella levantou a cabeça e ficou observando enquanto as meninas e os meninos, seus alunos, levantavam-se, caminhando para a porta, falando alto e deixando a sala.

— Devagar, crianças! — advertiu, dirigindo-se aos mais afoitos. — Vejo vocês na segunda!

Maria Clara, uma loirinha de sete anos, parou bem ao seu lado.

— Olá! Você precisa de alguma coisa? — perguntou Bella, num tom baixo e carinhoso.

— Eu só queria desejar um bom fim de semana, tia Bella.

— Obrigada, meu anjo. Um ótimo fim de semana para você também! — Fez um afago na cabeça da menina, que abriu um sorriso e afastou-se apressada, quase correndo. — Sem correr! — Bella voltou a advertir, contudo, o aviso chegou tarde, uma vez que a garotinha já saía pela porta feito

um raio.

Bella balançou a cabeça e começou a recolher os trabalhos sobre a mesa, guardando-os dentro da pasta. Era sexta-feira, e normalmente ela ficaria um pouco mais para preparar o plano de aulas da próxima semana, no entanto, sentia-se tão cansada por conta do pouco que dormira na noite anterior que resolveu fazê-lo em casa, após o banho relaxante que pretendia tomar.

Levou uma das mãos até a base do pescoço e massageou o músculo tenso e dolorido. O rosto másculo e bonito de George escolheu aquele momento para cruzar sua mente, e ela imaginou que naquela altura ele já deveria estar em São Paulo.

Em um gesto instintivo, tocou os lábios com as pontas dos dedos. Já tinha sido beijada antes, já fora abraçada e apertada contra o peito de um homem, mas não podia comparar as experiências que tivera com o beijo e o abraço de George. Ele era simplesmente... incrível. O beijo dele deixara-a zozza de um jeito delicioso.

Bella amou a sensação, adorou cada momento daquele calor que a envolvera. E tudo o que tinha de fazer era fechar os olhos, deixar a mente vagar e sentir tudo outra vez. Perguntou-se o que ele estaria pensando, o que estaria sentindo. Ninguém podia deixar de ser afetado por uma experiência como aquela. Um homem não podia beijar uma mulher daquela maneira e não ser atingido pelo impacto.

Suspirando, levantou e ajeitou a pasta num braço. Foi até a sala dos professores, pegou suas coisas e saiu, distribuindo sorrisos e acenos de despedida aos colegas e funcionários enquanto saía. Atravessou o grande portão de aço e pegou o caminho que dava no ponto de ônibus mais próximo, a uma quadra de distância da escola, já que seu carro levaria ainda alguns dias para ficar pronto. E foi quando ela o viu, encostado de maneira displicente em sua moto. Usava calça jeans e uma camiseta branca básica. Roupas simples em um homem extraordinário. Bella parou e estreitou os olhos, observando-o apertar o corpo e andar até onde estava, com passos leves como os de um

felino, viril e sexy como o inferno, e sem desviar, nem por um segundo, os olhos azuis dos castanhos. Ele parou a poucos centímetros dela, e só então Bella reparou no meio sorriso charmoso e na rosa vermelha que George trazia na mão esquerda.



Capítulo 9

“Delícia de homem”

— Alana, você teve alguma notícia do seu pai? Ele retornaria hoje, não é? Ou me engano?

Alana tinha acabado de colocar os pés no hall de entrada e seguia em direção às escadarias que davam no primeiro andar da mansão quando foi interceptada pela voz da mãe. Estacou e se voltou para olhar para a mulher, cuja postura ereta a fazia parecer mais alta do que já era.

Dona de um rosto marcante, herança de sua ascendência italiana, Maristela Di Fiori, no auge dos seus quarenta e três anos, era uma mulher tão bela quanto fria e imponente. Vestia-se com esmero, como Alana a via agora, dentro de um terninho azul-celeste de corte impecável e que lhe caía como uma segunda pele. Seus cabelos, embora soltos, estavam arrumados, e a maquiagem, perfeita, como sempre. Aparência, em todos os sentidos da palavra, era algo que ela não abria mão.

Alana era tão alta e bonita quanto a mãe, e fisicamente parecida, também. Vestia uma camisa de mangas compridas, confeccionada em seda branca, e uma saia lápis de cor grafite. Na cintura, um cinto de couro largo com detalhes em prata; nos pés, um sapato fechado preto e de saltos altíssimos de um famoso estilista italiano. Não ficava atrás no quesito elegância, e se não tivessem conhecimento de que eram mãe e filha, poderiam

muito bem passar por irmãs, mesmo com Maristela optando por deixar o grisalho dominar seus cabelos longos e bem tratados. Quando estes começaram a ficar cinzentos, ela se recusou a pintá-los, pois os preferia como eram, bem como sua figura naturalmente esbelta e sem um pinga de gordura.

Há décadas era uma entusiasta da yoga e do Pilates. Equilíbrio físico e mental era o seu lema, e aí de quem ousasse a interromper nesses momentos de total concentração; não havia equilíbrio que aguentasse seus rompantes de mau humor, beirando a crueldade, principalmente com os empregados da casa. Tirana era o adjetivo mais leve que usavam ao se referirem à patroa – pelas costas, é claro.

— Sim, a volta dele estava prevista para hoje, mas ele ligou na empresa avisando que tinha transferido o voo para amanhã cedo.

Maristela torceu a boca em desagrado. George não era de fazer isso, a não ser que algo exigisse sua atenção exclusiva e imediata. Embora não sentassem para uma conversa normal, pois quando se dirigiam um ao outro era apenas discussão, o que vinha acontecendo com frequência nos últimos tempos, ela tinha por hábito manter-se sempre bem informada sobre os passos do marido.

— E ele disse o motivo de atrasar seu retorno? — *O que será que o George está fazendo naquela cidade? Os dias que passou lá a fim de se recuperar do ferimento na perna podem ser justificados, mas agora que está quase curado, não tem motivos para protelar sua volta*, Maristela pensou enquanto aguardava por uma resposta de Alana. Então a viu balançar a cabeça, negando.

— Para mim ele não disse nada.

A mulher mais velha juntou os lábios numa linha, cruzou os braços sobre o peito e olhou diretamente para a filha.

— E você não teve curiosidade em perguntar?

— Ele não falou e eu não perguntei. Provavelmente quis ficar mais

um dia para inspecionar algum terreno, sei lá. — Alana deu de ombros, estava cansada daqueles interrogatórios da mãe. Quase todos os dias era a mesma coisa, mal chegava em casa e lá vinha a mãe a enchendo de perguntas sobre o pai, encurtando cada vez mais o seu nível de tolerância. Mas de nada adiantava reclamar, Maristela Di Fiori simplesmente se recusava a escutar.

— Não tinha nada na empresa que dependesse da presença dele ou algo do tipo?

— Ele deixou a empresa em nossas mãos, minhas e do Sérgio. Além disso, hoje em dia, e com a internet, podemos resolver praticamente tudo via *online*. E meu pai quase nunca tira folga, vai ver quis curtir o sol, a praia e o mar um pouco mais. A senhora bem sabe que ele adora estar ao ar livre.

— Eu sei disso, mas... mesmo assim.... — insistiu Maristela, recusando-se a se dar por satisfeita.

Alana começou a se irritar com tanta insistência por parte dela. Será que a mãe nunca se tocava? Era triste para ela, enquanto filha, mas acreditava que o pai estava mesmo era saturado de tantas brigas e de ter que olhar na cara sempre mal-humorada da mulher que era sua esposa.

— Mãe, eu sou a filha, e não a babá do meu pai!

— Olha como você fala, Alana! Tenho que te lembrar de que eu sou sua mãe? Mais respeito comigo! — vociferou a mulher mais velha, mas logo respirou fundo e se recompôs. Detestava perder o controle das emoções, entretanto, a demora de George a estava deixando com uma pulga atrás da orelha e com os nervos à flor da pele.

— Desculpa, mãe. Eu não pretendia ser grossa, mas o dia no escritório foi um pouco estressante. — *E esse seu interrogatório interminável está me estressando ainda mais*, acrescentou para si mesma. — Eu tive que resolver uma série de problemas hoje, mas se quer tanto saber dele, por que não liga e pergunta a senhora mesma?

— Eu poderia fazer isso, mas do jeito que discutimos na última vez

em que seu pai e eu nos falamos, prefiro evitar e perguntar para você.

Alana suspirou, com a paciência por um fio. Sentia-se exausta, seus pés doíam e desejava desesperadamente um bom e demorado banho de imersão.

— Como eu disse, não sei de cada passo que o meu pai dá. Ele é um homem adulto e vacinado. Se decidiu só voltar amanhã ou até passar o fim de semana naquela cidade, deve ter tido os seus motivos. Agora, mãe, me surpreende esse seu interesse. Quando ele está aqui, vocês dois nem se falam, mal se cumprimentam, e se o fazem, é só para discutir. Ele sofreu o acidente de moto, ficou internado e passou quase uma semana naquele chalé, se recuperando. E a senhora, quando soube, nem ao menos pensou em ligar, uma única vez, para perguntar como ele estava. — Alana não pretendia soar tão crítica, mas foi impossível evitar.

Maristela se empertigou ainda mais diante do julgamento explícito da filha.

— Tudo isso só porque eu fiz uma simples pergunta? Esquece! Descobrirei de outra maneira! — decidiu, bufando, impaciente.

Alana fitou a mãe, com desconfiança.

— E de que maneira a senhora pretende fazer isso? — indagou, com cautela, e, de súbito, seu rosto se contraiu quando um pensamento nada inédito passou pela sua cabeça. — Não me diga que a senhora mandou seguir o meu pai! — A mãe não se deu ao trabalho de confirmar ou negar. — De novo? Pelo amor de Deus! Já esqueceu o que ele disse da última vez que a senhora fez isso?

Maristela repuxou os lábios e deu de ombros, minimizando a discussão que tiveram no ano anterior, quando o marido jurara que não toleraria mais nenhuma de suas atitudes, que classificou como obsessivas. Mas o que ele chamava de *obsessão*, ela chamava de *cuidado*. Só estava sendo precavida, nada além disso.

— Ele falou aquilo da boca para fora. O George não vai me deixar.

Alana estreitou os olhos. Como sempre, a mãe estava segura demais quanto a manter o marido ao seu lado, e ela sabia que faria isso usando todos os costumeiros artifícios: manipulação, chantagem emocional, ameaças... Contudo, sabia também que o pai estava no limite. Quando estivera no hospital, ele chegou a mencionar, em meio a uma conversa com o Sérgio, a qual acabou por escutar uma parte sem querer, que, desta vez, estava decidido a se divorciar, que nada, *nem ninguém*, o faria mudar de ideia. E quando disse isso, pareceu falar muito sério.

— Eu, no lugar da senhora, não o provocaria. Ele foi firme quando disse que aquela seria a última vez, que não teria uma próxima, e eu confesso que nunca vi meu pai tão nervoso.

Maristela sacudiu a cabeça negativamente.

— Seu pai fala, mas nunca fez nada. E não fará.

— Algo me diz que o tempo em que a senhora nos usava – a Lilly e eu – para chantageá-lo já passou. Não me olhe assim, como se eu estivesse falando uma tremenda bobagem, sei disso há muito tempo. Bem, eu só estou dando um toque. Se ele descobrir que está fazendo das suas de novo, assuma as consequências. E depois não venha até mim pedindo para eu falar com ele. Estou fora! Cansei dessas picuinhas de vocês dois! — disse Alana, dando o assunto por encerrado e começando a subir as escadarias. — Já tenho a minha própria vida e os meus próprios problemas com que me preocupar. — Ainda resmungava quando alcançou o topo e pegou o corredor até o seu quarto.

Maristela virou-se para deixar a sala, porém, passos apressados descendo as escadarias chamaram sua atenção. Parou e viu Lilly, a filha caçula, sorrir, acenar e passar por ela, indo direto para a porta.

— Ei, ei, ei! Aonde você pensa que vai, mocinha?

Lilly se deteve e respirou fundo antes de se virar para encarar a mãe.

— Eu marquei de sair com a Fernanda esta noite. Vou esperar pelas

meninas na casa dela. Tem uma balada nova sendo inaugurada hoje no Itaim e nós vamos lá, para conhecer — respondeu a garota, com os olhos brilhando, cheia de entusiasmo.

— Nada disso! A senhorita não vai sair hoje!

— Mas, mãe, hoje é sexta-feira, e eu tive uma semana estressante de provas na faculdade. Eu só quero me divertir um pouco, e todos os meus amigos vão estar lá — choramingou Lilly, apelando para o lado sentimental, torcendo para conseguir ultrapassar as várias camadas de gelo que constituíam o coração da mãe. Uniu as mãos em oração e acrescentou sua melhor carinha de cachorro faminto olhando para o interior de uma churrascaria, pedindo: — Por favor?

Pensativa, Maristela olhou para a filha. Se a proibisse, ela daria um jeito de fugir, e não seria a primeira vez que faria isso.

— Está bem — cedeu e a viu virar-se novamente para sair, contudo, a fez estacar no lugar com o que disse a seguir: — Você pode ir, mas eu tenho duas condições.

— Mãe... — Lilly tentou falar, mas Maristela a ignorou.

— Eu a quero de volta às duas da manhã! E o Rogério vai te levar e te buscar. — Lilly abriu a boca para protestar, no entanto, a mãe a fez se calar com apenas um olhar. — Duas horas, nem um minuto a mais! E nada de tentar despistá-lo, caso contrário, você já sabe — concluiu Maristela num tom de voz ameaçador.

— Tá, tá! Eu sei! Sem cartão de crédito e sem carro por um ano inteiro. — Lilly bufou, inconformada.

— Não adianta fazer essa cara. Minha casa, minhas regras! Não se esqueça disso.

— E como eu poderia esquecer, se a senhora faz questão de me lembrar o tempo todo? — indagou Lilly, num resmungo baixo. Sem esperar por uma resposta, saiu, fechando a porta atrás de si.

Maristela suspirou pesadamente, vendo a filha deixar a casa sem se despedir, mas logo retornou ao assunto que mais a incomodava.

— Desta vez eu não o mandei seguir, mas se o George insistir em permanecer mais tempo naquela cidade, terei que dar um jeito de descobrir o que o está prendendo. Tem o tal do empreendimento, mas a construção ainda nem começou, então não faz muito sentido ele ficar por lá — falou consigo mesma, tocando a base do queixo com os dedos. — Ele não vai me fazer de idiota ou me humilhar. Que ele nem ouse pensar em fazer uma coisa dessas, porque eu o farei se arrepender amargamente! — acrescentou, comprimindo os lábios e com uma expressão determinada no belo rosto de traços aristocráticos.



Bella viu George se aproximar com um olhar surpreso no rosto. O homem, com toda aquela aparência de mau, trazendo uma rosa solitária, era uma cena no mínimo inusitada, mas, ao mesmo tempo, o contraste da flor tão delicada na mão grande e tatuada parecia tornar um gesto simples em algo verdadeiramente especial.

Ao parar diante dela e mantendo o contato visual, George levou a rosa até a frente do rosto e sorriu. Estendeu-a e Bella retribuiu o sorriso ao pegá-la. Levou-a até o próprio rosto e inalou seu aroma delicioso.

— O que faz aqui? Você me disse que viajaria hoje, achei que já estivesse em São Paulo — recordou-o, mas, no íntimo, não continha a alegria de vê-lo ali, na sua frente, em vez de a milhares de quilômetros como imaginara que estaria há alguns minutos.

Bella estava certa, George tinha mesmo que ter entrado no helicóptero que o levaria de volta à capital, contudo, ao acordar pela manhã, um impulso o fez ligar para Roberto e pedir que o voo fosse adiado para o dia seguinte, pois sentiu uma necessidade irrefreável de vê-la, nem que fosse pela última vez, antes de retornar à sua vida na capital.

— É isso mesmo, eu deveria, mas amanheci me sentindo um pouco rebelde e resolvi não atender ao chamado do dever — gracejou George, bem-humorado.

— E veio me ver ... Aliás, como soube onde eu trabalho?

— Tenho os meus meios — respondeu ele, enigmático — Na verdade, eu vim té aqui para cobrar uma dívida, porque você está me devendo, Bella!

Ela franziu a testa, tentando se lembrar de qual dívida era aquela a que ele se referia.

— Eu estou te devendo? Estranho, porque não me recordo de nenhuma dívida! — negou, e George moveu a cabeça para os lados, fingindo-se consternado.

— Que memória ruim essa sua! Desse jeito, você me decepçiona! — brincou. — Mas vou te ajudar a refrescá-la: você me deve uma demonstração.

Mortificada, Bella sentiu as faces esquentarem e tentou esconder o rosto atrás da rosa, no que, evidentemente, não foi bem-sucedida.

— É sério que você veio aqui por causa de... da...? — gaguejou ao se recordar das cenas que ambos protagonizaram na noite anterior. Mesmo agora, o que tinha acontecido entre eles parecia irreal. Não se reconhecia naquela pessoa que se entregara de maneira tão livre e impetuosa às carícias daquele homem, as quais, inclusive, retribuiu com igual fervor. *Agi assim por causa da força lua cheia, só pode!* Sorriu intimista pela desculpa meia-boca que arranjou. *A quem eu quero enganar? Desejei que acontecesse e não tenho do que me envergonhar.*

— Exatamente! Você disse que poderia me fazer uma demonstração em um outro dia, e, veja só, hoje é esse outro dia! — anunciou George, abrindo um largo sorriso.

— Pois é, parece que chegou rápido... — Bella sentiu o coração se agitar diante do que aquela cobrança realmente implicava.

— Hum, eu não te contei, mas a impaciência é outro dos meus poucos

defeitos — confidenciou George, movendo-se e envolvendo-a nos braços. — E eu preciso te confessar outra coisa.

— O quê? — Bella ficou ligeiramente tensa esperando que ele confessasse fosse o que fosse, mas, ainda assim, estava adorando sentir o calor do corpo grande e forte junto ao seu.

Céus, que delícia de homem!, pensou só de inalar o cheiro gostoso dele.

George emoldurou seu rosto com as mãos e, olhando em seus olhos, disse:

— A verdade é que eu não consegui ir embora, precisava te ver mais uma vez.

Bella sentiu tanta convicção em suas palavras que não duvidou nem por um segundo. Seus olhos diziam que ele falava a verdade. O coração deu uma, duas, três cambalhotas dentro do peito, agitou-se tanto que ela pensou que seria capaz de sair pela boca. George Di Fiori dizendo que não pudera sair da cidade por pura necessidade de vê-la era algo que a deixava maravilhada, encantada, fascinada. Era como flutuar sem tirar os pés do chão. Teve que respirar fundo antes de sentir-se capaz de voltar a falar.

— Eu também estava louca para te ver — confessou, sentindo-se um pouco exposta e ousada ao mesmo tempo. Podia até estar sendo imprudente, mas não conseguia evitar.

E diante de tal declaração, George engoliu a saliva antes de prosseguir:

— Bella, você não sai da minha cabeça, e se não deixarmos este local agora mesmo, eu vou voltar a te beijar, e desta vez não vou me preocupar se temos plateia ou não.

O que ele dizia era verdade, contudo, por um momento sentiu-se culpado por omissão. Talvez tivesse se precipitado ao adiar a viagem, talvez devesse primeiro resolver sua situação em casa antes de se aventurar em algo

novo, porém, George nem mesmo sabia para onde aquilo que estava sentindo podia levá-lo ou se o levaria a algum lugar, o que sabia era que não desejava enganá-la ou enganar a si mesmo. Não era de sua índole fazer esse tipo de coisa, no entanto, estava ciente de que havia ultrapassado uma linha ao chamá-la para saírem daquele bar e, depois, beijá-la naquela praia. Entretanto, não podia se arrepender de absolutamente nada. O momento, o lugar, a companhia, tudo lhe pareceu certo e perfeito, tanto que, pela primeira vez em muito tempo, havia perdido o controle, e estava prestes a fazê-lo de novo.

Antes de ir até a escola onde Bella trabalhava, passou um bom tempo pensando em abrir o jogo. Embora, na prática, estivesse separado da mulher, casado só no papel, Bella tinha o direito de saber qual era sua situação. Os dois não haviam chegado a conversar sobre suas vidas, e o certo seria ele lhe dar a opção de recuar antes de prosseguirem, mas, naquele instante, quando a sentia tremer em seus braços, quando fixava o olhar em seus lábios entreabertos e na boca convidativa, tal resolução perdia força. Nem se lembrava de quando tinha sido a última vez que sentiu o sangue correr mais rápido nas veias e o coração bater mais forte por uma mulher, e de maneira diferente, especial; de sentir essa atração crescente e irresistível que o enfraquecia, esse desejo que o impedia de raciocinar direito, que só o fazia pensar em se perder na maciez daquele corpo sinuoso. E Bella correspondia, fazendo-o crer que sentia o mesmo que ele, e ter ciência disso o impedia de tocar no assunto.

Experiente, já notara o seu tipo de mulher, e isso lhe dizia que Bella não ia querer nada com ele se soubesse quem de fato era. Imaginava que ela o rechaçaria caso falasse a verdade, mas a hora de contar invariavelmente chegaria e ele o faria. Só estava adiando o inevitável, mas, por hoje, só por hoje, George se deixaria levar pelo momento e não pensaria em mais nada. Que o julgassem, mas ainda não estava disposto a abrir mão de algo tão novo quanto assustador e que o fazia se sentir vivo e inteiro.

A voz suave de Bella o tirou de seus devaneios.

— E para onde nós vamos desta vez?

George levou a mão até uma mecha do seu cabelo e fez um carinho de leve, passando o dorso em seu rosto.

— Desta vez, eu vou te mostrar o *meu* lugar favorito.

Bella inclinou a cabeça ligeiramente para trás, semicerrou os olhos e sorriu. Só esse gesto foi capaz de fazer as entranhas dele se contorcerem.

— Pensei que você tivesse dito que não conhecia a cidade.

— Eu falei que não conhecia *muito bem* a cidade, mas não disse que o lugar era aqui.

Bella arregalou os olhos.

— E onde é? — indagou, curiosa.

— Hum, isso eu não posso dizer. Vai saber quando chegarmos lá. — Usou as mesmas palavras que ela usara com ele.

— Está usando minhas palavras contra mim! — Bella riu ao reconhecê-las. — Já sei! Você quer me fazer uma surpresa, estou certa? — A pergunta era retórica, pois era óbvio que ele estava.

— Certíssima! Mas não se assuste, o lugar não fica muito longe, e com o meio de transporte que vamos utilizar, será bem rápido chegarmos lá. Então, você quer vir comigo e conhecê-lo? — convidou e aguardou ansioso pela resposta.

Era contraditório, mas George quase torcia para, mesmo desejando ardentemente um sim, que ela dissesse não, assim Bella tiraria a decisão de suas mãos. No entanto, como ele não era um covarde, se fez a promessa de que responderia com a verdade todas as perguntas que ela lhe fizesse, caso contrário, permaneceria calado, principalmente ao que se referia à sua vida pregressa e seu estado civil, e essa resolução teria que ser suficiente para apaziguar sua consciência.

Sua mão deslizou devagar pelo rosto dela, chegando até a boca, abrindo-a e acariciando a carne úmida de leve. Bella não resistiu e rodeou a

língua pelas pontas de dois de seus dedos, fechando os lábios em torno deles e iniciando um movimento de sucção. O gesto teve uma conotação tão sexy e sensual que por pouco George não deixou escapar um gemido de antecipação, a mente criando imagens eróticas e outras utilidades, todas prazerosas, para aquela boca que o sugava. Bella mesclava momentos de timidez e até uma certa inocência com outros da mais pura ousadia, como o que estava fazendo com ele, e essa maneira dela de ser, ao mesmo tempo que o confundia, o tirava do sério. *Sexy pra caralho!*, foi o que passou pela sua mente enquanto a observava.

Minutos depois, quando Bella balançou a cabeça, dizendo sim à sua pergunta, ele não perdeu tempo para tomá-la pela mão e a conduzir até o local onde estacionara a moto. Os dois subiram na Harley, colocaram os respectivos capacetes e George pegou o caminho até o heliporto. Estava decidido a mandar a cautela para o inferno, porque aquela noite seria deles. De George, Bella e do desejo que os consumia.



Capítulo 10

“O que você está fazendo comigo?”

George parou na entrada do heliporto, onde o piloto já os aguardava. Ajudou Bella a descer da moto e fez um sinal para que o homem se aproximasse. Roberto tinha aproximadamente a sua idade, possuía um físico bem constituído e era igualmente alto. Leal, discreto e de poucas palavras, trabalhava na empresa *Di Fiori* há vários anos. Não que costumasse fazer algo que precisasse esconder ou ocultar, contudo, essa faceta de sua personalidade, agindo sempre com discrição, seria ainda mais apreciada naquele momento, em que ele preferia evitar especulações sobre o que o chefe fazia ao viajar na companhia de uma jovem com metade de sua idade.

George não tinha o poder de controlar os pensamentos dos demais, então faria o possível para não expor Bella à maledicência alheia somente por estar ao seu lado. Teria que ser assim até resolver sua situação com Maristela.

— Olá, Roberto! — George o cumprimentou com um aperto de mão.
— Tudo certo? — indagou, brindando o homem com um olhar significativo.

O piloto fez que sim com a cabeça.

— Sim, senhor. Fiz tudo exatamente como me instruiu — assegurou, tocando a ponta do quepe com os dedos. — E a senhorita Amanda ligou confirmando que já providenciou o que lhe foi pedido.

— Perfeito! — aprovou George, levando o olhar para Bella, que encarava, atônita, o helicóptero. — O que foi? — Arqueou uma sobrancelha, bem-humorado.

— Ah? — Bella piscou, confusa.

Diante de sua expressão de espanto, ele indagou:

— Já voou em um desses?

Bella fez um gesto negativo com o dedo. Nunca tinha sequer chegado perto de um helicóptero na vida, que dirá voar num deles. E agora estava prestes a entrar naquele. *Como assim, Brasil?*, perguntou-se, sentindo os joelhos amolecerem e um arrepio gelado descer pelas costas. Tentou, sem muito sucesso, ocultar seu temor, porque a verdade era que só a possibilidade de entrar e voar naquilo deixava-a apavorada. Teve uma vontade súbita de virar as costas e sair correndo.

Notando a palidez de cera em seu rosto, George procurou por sua mão. E, ao tocá-la, viu que estava gelada, por isso apertou-a na dele, a fim de lhe passar calor e segurança.

— Está tudo bem, não precisa ter medo. Você está comigo, e eu jamais faria algo para colocá-la em perigo — ele disse mansamente para uma Bella hesitante, e antes que ela pudesse processar o que estava acontecendo, se viu diante da portinhola aberta da aeronave. Cavalheiro, George a ajudou a subir e, uma vez lá dentro, Bella o viu se sentar e se ajeitar do lado do piloto, então fez o mesmo no assento atrás do dele.

Durante todo o tempo, ela não olhou uma única vez para baixo e tentou ocupar a mente com qualquer coisa, menos com o fato de estar voando, o que não era nada fácil, mas a presença forte de George, que volta e meia a olhava, sorria para ela e apertava sua mão com carinho, conseguia amenizar, ao menos um pouco, o medo que sentia.

Vinte minutos depois, pousaram no pequeno heliporto situado numa clareira que ficava a cerca de cem metros de uma casa feita em madeira

aninhada na encosta, com a serra ao fundo. Era rodeada por árvores, e na parte da frente havia um jardim bem cuidado. Pelo tamanho, podia-se deduzir que possuía vários cômodos. Bella arregalou os olhos ao notar que havia até uma chaminé, cujo corpo ficava na parte externa, colada junto à parede.

George colocou um braço protetor sobre seus ombros enquanto se afastavam do helicóptero, com as cabeças inclinadas para evitar o vento. Tocando-lhe o ombro, ele indicou que ela aguardasse, pois teria que falar com o piloto. Enquanto esperava, Bella ergueu o olhar até a extensa casa, e quando o helicóptero se ergueu outra vez, George começou a andar e ela o seguiu, porém, depois de dar dois passos, estacou. Ele se virou com um ar inquiridor no rosto.

— O que há de errado?

Bella olhou ao redor e a sensação de que estava penetrando uma espécie de paraíso não desbravado a tomou.

— Nada. Eu só estou... — Voltou a olhar à sua volta. — Isto aqui é simplesmente maravilhoso! Onde moro, tem lugares lindos, mas confesso que nunca estive em um como este antes. — Ela o ouviu rir baixinho e permitiu que voltasse a segurar sua mão enquanto cruzavam o caminho sinuoso, feito de pedras e que levava à entrada da casa.



Acomodada no imenso sofá da sala, Bella observava George servir um cálice de vinho para ela e uma dose de uísque para si. Ele já havia acendido a lareira, pois, como lhe dissera, a temperatura costumava cair com rapidez naquela região. Pegou-se pensando que, todas as vezes que pousava o olhar naquele homem, ela tinha a mesma sensação da primeira vez. Arrepios lhe percorriam a pele, o corpo esquentava e sua respiração se alterava. E conforme ele se aproximava, viu um sorriso lento se formar no rosto másculo. George foi até ela e sentou-se na poltrona mais próxima, posicionando-se de frente. Enquanto bebericavam suas respectivas bebidas, trocavam olhares e

pequenos sorrisos.

— Então, qual é a história desta casa? — indagou Bella, quebrando o silêncio.

George depositou seu copo sobre o descanso em cima da mesinha de centro e alisou a barba, olhando ao redor, antes de responder:

— Esta casa é meu refúgio. Quando fico estressado ou quero pensar na vida, ou só sinto que estou precisando de paz, eu venho para cá. Já fazia alguns anos que eu não vinha, mas por pura falta de tempo.

— E você já trouxe... — Bella limpou a garganta antes de continuar. — Alguém aqui, antes de mim? — *É claro que sim, né?! Que pergunta mais idiota!*, recriminou-se.

A George, agradou sua pergunta. Imaginar que uma mulher linda e jovem como ela pudesse sentir um pouquinho que fosse de ciúmes dele fazia um bem enorme ao seu ego.

— Você quer dizer... outra mulher... antes de você? — Bella moveu positivamente a cabeça. — Não. Nunca. Você é a primeira — assegurou ele. — Pouca gente tem conhecimento da existência desta casa. Além das pessoas que me ajudaram a construí-la, só o meu sócio e amigo, Sérgio Moraes, e Roberto, o piloto que nos trouxe. É um projeto meu, gostei muito de acompanhar cada detalhe enquanto estava sendo construída. Sou arquiteto e amo a natureza. Eu a construí de uma maneira que fosse inserida na paisagem, usei madeiras daqui mesmo, algumas reaproveitadas. A luz é de gerador, a água é retirada de um poço por uma bomba e enviada até a casa por um sistema de encanamento. É rústica, bonita e funcional — concluiu George, com um brilho de orgulho nos olhos.

— Deve ser muito bom você ver algo que imaginou, colocou no papel e viu tomar forma. No meu caso, como professora, eu me sinto motivada quando vejo um aluno conseguir aprender e utilizar algo que ensinei ou que passei para eles.

— Tem razão, são sensações indescritíveis. Gratificante, esta é a melhor palavra para o que sentimos!

— Eu amei tudo o que pude ver até agora — confessou Bella.

George inclinou-se, tirou o cálice de sua mão, colocando-o sobre a mesinha, e levantou-se.

— Vem comigo — chamou, oferecendo-lhe a mão. — Vou te levar num pequeno *tour* pelas demais dependências da casa — emendou diante da pergunta que viu em seus olhos. — Além desta sala, tem uma suíte e um quarto de hóspedes, porque, durante as férias escolares, o Sérgio e a filha costumam passar uns dias aqui — contou, abrindo as portas dos quartos e os mostrando para ela. — Como pode ver, todos os cômodos são espaçosos e bem arejados. Há também dois banheiros, o da suíte e um outro, nos fundos. E um escritório, que eu quase não uso. — Agora ambos seguiam por um corredor que dava na cozinha espaçosa e bem equipada. Saíram por uma porta lateral, que se abria para uma sacada cujo mural havia sido feito de troncos finos de árvores e de onde se tinha uma visão panorâmica e magnífica da mata. — Quando o tempo está mais quente, costumo ficar aqui fora, deitado numa rede, lendo um livro, curtindo uma boa música ou só ouvindo os sons da natureza — explanou George. — Respirar este ar puro é uma sensação única.

Bella foi capaz de captar e entender o que ele descrevia. Sua vontade era a de abrir os braços, respirar fundo, gritar e ouvir o eco da própria voz. Todos aqueles espaços abertos, estar em um local alto, tudo lhe dava uma sensação forte de liberdade. De fato, sentia-se muito bem ali.

— Eu consigo te imaginar fazendo tudo isso aqui, neste lugar, com esta vista espetacular e de tirar o fôlego. Olho para essa imensidão e é como se eu estivesse em outro mundo — declarou Bella, encantada. — Mas e quando você precisa de algo, como reabastecer a despensa, por exemplo?

— Estamos em Atibaia, e embora pareça que estamos distantes, o centro fica a menos de vinte minutos daqui. Mas, de moto, eu faço essa

distância na metade do tempo. Além disso, tenho duas pessoas, um casal, que cuidam da casa, limpam, podam os arbustos do jardim, enfim, a mantém habitável. E costumo avisar com antecedência quando decido vir e envio uma lista para que possam providenciar o que vou precisar.

— Entendi. — Uma brisa fria soprou das árvores e um arrepio lhe percorreu os braços, que ela esfregou a fim de esquentá-los.

— Entre — disse George, segurando-lhe a mão. — Está frio aqui fora.

Bella se deixou levar para o calor e aconchego do interior da casa, porém, quando chegaram perto da suíte, ele parou e a impediu de prosseguir, movendo-se de uma maneira que a fez recuar. Esticando os braços e espalmando as mãos, uma de cada lado de sua cabeça, George encurralou-a entre seu corpo alto, forte e másculo, e a parede fria e dura às suas costas. Encarando-a, sério, deixou o rosto cair, detendo-se muito perto de sua boca, a ponto de os lábios de ambos se roçarem, as respirações se mesclando.

— Diga o que você quer... — pediu ele, com a voz baixa e rouca.

— O que eu quero? — A pergunta a pegou de surpresa.

— Sim, me diga o que você deseja, Bella — repetiu, os olhos fixos nos dela.

— Eu desejo... — Bella passou a língua pelos lábios, capturando o olhar dele para sua boca. George moveu a mão e acariciou a carne macia e úmida do interior do lábio com o polegar, excitando-se ao recordar de como ela reagira quando ele fizera o mesmo gesto mais cedo, com ambos encostados no muro da escola.

— Isso, me diz o que você deseja — estimulou George.

— Você... Eu desejo você... — Bella sentia o coração bater tão forte que sua resposta saiu em meio a um sopro, sofrido, agoniado.

— Eu me prometi que seria paciente, que precisava resolver... — Percebendo o que estava prestes a dizer, George se deteve. — Eu não consigo mais esperar — concluiu junto aos lábios entreabertos.

— Não consegue esperar...? — foi a vez de Bella questionar, usando o mesmo tom de voz sussurrante.

— Esperar para fazer isto. — E num movimento perfeito e sincronizado, as bocas se procuraram, se encontraram e se entregaram a um beijo faminto e apaixonado. Girando sobre os próprios pés, em poucos passos chegaram até a porta do quarto. Entraram, e, sem deixar de beijá-la, George estendeu o braço, alcançando o interruptor na parede e abaixando a luz, deixando o lugar envolto numa agradável penumbra.

— Tire a roupa, Bella, quero você nua para mim. — A voz baixa e sedutora soou perto do seu ouvido. Ela levou os dedos até os primeiros botões da blusa e viu os olhos azuis se estreitarem, logo sentiu o calor da mão dele sobre a sua, detendo-a no meio do movimento. Bella soltou os braços nas laterais do corpo e George terminou de abrir o restante dos botões, lentamente e ao terminar, ele a puxou pela cintura, permitindo que ela sentisse sua ereção no baixo-ventre, o que a obrigou a fechar os olhos, o coração agitado e o nervosismo lhe comprimindo o peito. — Eu desejei fazer isso desde o instante em que te vi.

George colocou a massa de cabelos castanhos para trás, liberando seus ombros. Inclinou a cabeça para beijar um deles e se desfez da blusa, se deliciando com o fato de a mulher não usar sutiã. Não demorou nada para seu jeans deslizar pelas longas pernas, formando um montinho ao redor dos calcanhares, e com dois ou três movimentos, Bella o chutou para o lado.

Apoiado em um joelho, George deslizou a calcinha de renda preta pelas pernas intermináveis e, elevando um pé de cada vez, livrou-a da minúscula peça. Enquanto voltava a subir, passava as palmas das mãos por toda a extensão da pele macia. Aprumando o corpo, se afastou apenas alguns centímetros, a fim de admirá-la, deixando o olhar vagar e apreciar cada curva e saliência do corpo sinuoso e perfeito com olhos cobiçosos. Bella era o que costumavam chamar de *falsa magra*, e George amou descobrir isso nela. A visão dela completamente nua diante dele fez seu sangue ferver nas veias e seu pau reagir, pulsando, louco para se libertar da prisão onde estava

confinado.

Bella voltou o olhar para o rosto de George bem a tempo de testemunhar o gesto de apreciação que ele fazia com a boca enquanto devorava seus seios com os olhos.

George levou as mãos até eles, apertando e fazendo movimentos giratórios com os polegares sobre os mamilos. Ela gemeu com as carícias, pois ambos já estavam doloridos de tão duros. Logo ele substituiu os dedos pela boca, lábios e língua.

Entregue e ofegante, Bella deslizou a mão pelo peito sólido e George respondeu enterrando os dedos em sua carne, sentindo suas formas de maneira desinibida. Ficaram se encarando, absortos nas carícias que trocavam, sem se aterem ao tempo. De súbito, ela notou um brilho predatório lhe iluminar o olhar.

— Você é tão linda... — elogiou George, a voz grave e profunda, carregada de desejo. Puxou-a para mais perto com força, encaixando a outra mão sob sua nuca, enroscando os dedos em seus cabelos. Os lábios macios e rosados eram um convite perfeito e ele tomou-os com volúpia, deixando-se levar pela luxúria, mergulhando a língua atrevida na boca da mulher e se perdendo na sensação deliciosa que era beijá-la. Uma das mãos passeava entre os seios fartos, enquanto a outra descia, imiscuindo-se no meio de suas pernas.

Bella voltou a gemer contra a boca do homem, movendo-se de encontro aos dedos que entravam e saíam de dentro dela, imitando os inconfundíveis movimentos de vaivém. Ela se surpreendia com a forma desinibida que seu corpo respondia às carícias ousadas.

George afastou-se para se despir e Bella não conseguiu desviar o olhar dos músculos fortes, das tatuagens que a fascinavam e do corpo que se deixava mostrar a cada peça de roupa tirada. Nu, ele permaneceu parado por alguns instantes, enquanto Bella o comia com os olhos. Ela engoliu em seco ao se deparar com o pau gloriosamente duro, e a expectativa de tê-lo dentro

de si era excruciante. Ele esticou o braço, abriu a gavetinha do criado mudo e pegou o preservativo. Abriu a embalagem, desenrolou o látex e revestiu o pau com gestos apressados. Colocando as mãos nos ombros dela, ele a fez deitar-se, descendo junto e ajeitando o corpo sobre o dela, que sentiu o coração bombear o sangue, desenfreado. Paralisada entre o medo e o desejo, Bella ofegou ao sentir a cabeça dura e macia do pau daquele homem maravilhoso na sua entrada. Separou os joelhos, abrindo as pernas para lhe dar mais acesso.

— Está tudo bem? — George quis saber.

Bella balançou a cabeça, assentindo.

Ele forçou mais um pouco e um gemido rouco escapou da garganta de Bella. Sem pressa, ele a tomava, centímetro por centímetro, e, para ela, a espera era uma verdadeira tortura, uma doce agonia.

— Porra! Que delícia! Eu me sinto como se pudesse tocar o céu com as mãos! — exclamou George, planando o corpo sobre o dela, saindo e retornando, devagar e duro.

Os olhos dele estavam fechados, sua expressão era intensa, e num instante, Bella entendeu o que era sentir-se preenchida e completa, com o pau daquele homem lindo, másculo e grande entrando e saindo de dentro dela. George agarrou-a pela cintura e moveu os quadris, tornando o ritmo acelerado, a outra mão desceu e localizou seu ponto mais íntimo.

— George... Céus, o que você está fazendo comigo? — Sua voz saiu entrecortada. Sentia o corpo tenso, em chamas, e tanto as mãos quanto a boca de George pareciam saber onde tocá-la, encontrando os pontos certos, estimulando-a e levando-a ao limite.

— Você já vai ver, ou melhor, vai sentir.

George intensificou os movimentos e a sessão de sexo selvagem, intenso e delicioso prosseguiu. Rendida, Bella notou uma nuvem de prazer se formar e crescer, ameaçando engolfá-la. Seu corpo inteiro ondulou, seu sexo

se contraiu e ela exalou o ar com força no instante em que o gozo chegou forte e arrebatador, quebrando-a e deixando-a desfalecia e prostrada na cama.

Enquanto sentia as contrações da boceta de Bella estrangulando seu pau, George continuou arremetendo por alguns segundos, os braços trêmulos por conta do esforço. Concentrado, ele gemeu alto quando se liberou e um prazer poderoso o atingiu, atravessando-o como um raio. Ele soltou o corpo quente e suado sobre o de Bella, logo depois, e ainda ofegante, começou a se mover.

— Não... não se mexa ainda... — pediu Bella, pois desejava mantê-lo dentro de si um pouco mais.

— Eu sou muito pesado e não quero te machucar.

— Não me importo. Fica mais um pouquinho — ela voltou a pedir. Com os braços, envolveu os ombros largos e os quadris estreitos; com as pernas, uniu ainda mais os corpos.

— Está bem — cedeu George, beijando-a na boca e enfiando o rosto na curva do seu pescoço, o coração acelerado voltando ao normal aos poucos.

Quando sentiu que precisava se retirar de dentro dela, George rolou para o lado e, desta vez, Bella não o impediu. Pulando da cama, ele andou até o banheiro a fim de se livrar da camisinha e, ao retornar, seus olhos varreram o rosto da mulher deitada languidamente em sua cama. Notou, encantado, que ela resplandecia. Deitou ao seu lado e passou o dorso da mão pela face corada. Bella se aninhou em seu peito e George a apertou entre os braços.

Cerca de uma hora se passou e eles descansavam, apaziguados após mais uma sessão de sexo. Bella estava maravilhada com a maneira como ele a fazia se sentir. Cada fibra de seu corpo vibrava e pedia pelo dele. Deitada ao lado de George, ela não tinha a menor vontade de se levantar, sentia-se muito bem, apesar da leve ardência no meio das pernas.



Capítulo 11

“É um espetáculo da natureza”

O toque repentino do celular tirou Bella do enlevo em que se encontrava. George girou o pescoço e, esticando o braço, pegou o aparelho de cima do criado-mudo e o entregou a ela. Bella agradeceu e leu o nome que aparecia na tela antes de atender.

— Olá, Enrico.

— *Isabella! Até que enfim! Estou te ligando há horas feito um louco! Por que você não atende essa porra de celular? Eu já estava pensando o pior!*

Bella sentiu um frio percorrer sua barriga. Era raro o irmão chamá-la pelo seu nome de batismo, e quando o fazia, era porque estava bravo, ou melhor, furioso. Deu uma olhada furtiva na direção de George antes de responder.

— Eu coloquei o celular para vibrar e não ouvi tocar...

— *Onde você está?*

— Eu, ãh... precisei colocar umas coisas em dia na escola e depois saí com a Betty. Desculpe, acabei me esquecendo de avisar.

— *Diz onde você está, estou indo te buscar* — Enrico falou, decidido e

já pegando as chaves da caminhonete de cima do aparador. — *É perigoso você andar sozinha pelas ruas a essa hora da noite!*

Bella sentou-se na cama e levou parte do lençol consigo, um braço passado sobre os seios nus.

— Não precisa, Enrico, eu tenho com quem voltar para casa.

— *Bella, sua voz está estranha...* — comentou ele, desconfiado. — *Por que você não quer que eu vá te pegar?*

— Eu já te disse, porque não precisa, eu arrumei uma carona — argumentou ela, agora com mais ênfase. — Pode ir descansar. Logo mais eu estarei em casa. Não se preocupe comigo, eu estou bem. Nós nos falamos mais tarde! — Bella não lhe deu tempo de voltar a insistir e cortou a chamada. Fitou o aparelho por alguns segundos antes de se voltar para George, que a encarava com uma sobrancelha erguida.

— Meu irmão mais velho. Nossos pais morreram quando eu ainda era criança e ele cuidou sozinho de mim e do Eros, o do meio. O Enrico é do tipo de irmão protetor... — respondeu à pergunta que George nem precisou formular. — Droga, eu detesto mentir para ele, me sinto culpada.

George a fez voltar a se deitar e a aconchegou em seus braços.

— Sinto muito pelos seus pais, Bella. — Apertou sua mão na dele. — E seu irmão só está preocupado. Quanto a mentir, logo mais vai poder esclarecer as coisas.

Bella meneou a cabeça, negando.

— É melhor eu não falar nada por enquanto. O Enrico vai me encher de perguntas, e não sei se estou disposta ou se vou saber responder neste momento. — Na verdade, ela nem tinha as respostas para as perguntas que, sem dúvidas, o irmão faria. O que ela e George tinham era algo recente demais, ainda não cabia um título ao relacionamento que apenas nascia. — Sei que ele se preocupa comigo, mas às vezes exagera. Enfim, o fato é que eu preciso ir. Você me leva? — Muito a contragosto, Bella deixou o calor dos

braços de George e, ainda enrolada no lençol, saiu da cama.

— É claro que levo. Só me dá um tempinho para eu tomar uma ducha e me vestir — disse ele, se levantando.

— Está bem — ela anuiu, recolhendo as roupas largadas pelo chão.

Começava a vesti-las quando o viu, ainda nu, atravessar o quarto. Por instinto, o seguiu com os olhos, admirando as tatuagens que cobriam quase toda a superfície das costas, descendo o olhar e parando sobre o belo traseiro. Era redondo e duro, como as demais partes de seu corpo. George devia passar umas boas horas dentro de uma academia. O homem era um espetáculo da natureza e um verdadeiro furacão na cama, nem de longe parecia ter a idade que tinha.

De repente, ele parou, girando o pescoço e pegando-a em flagrante. George estreitou os olhos, mordendo um sorriso, divertido ao vê-la tentar disfarçar.

— É impressão minha ou você estava secando a minha bunda?

— Eu? Eu não faria isso! — negou Bella, fazendo-se de desentendida.
— É claro que é impressão sua — emendou, mentindo sem um pinga de vergonha na cara. — Mas já que você mencionou essa parte da sua anatomia, eu tenho que admitir que você tem um belo traseiro! Fato inegável! — declarou, fitando-o com malícia.

George soltou uma gargalhada alta e gostosa, que ela adorou ouvir.

— Só o meu traseiro? — ele quis saber, colocando uma expressão safada no rosto.

— Você inteiro! — Bella sorriu, satisfeita consigo mesma pela ousadia.

— Então, eu sou bonito?

— É, e sexy. — Conforme falava, Bella ia se aproximando dele.

— Interessante... Bom saber que você me acha sexy.

Bella confirmou com a cabeça.

— E gostoso também — acrescentou, mordiscando o lábio.

George inclinou a cabeça, olhando seu baixo-ventre, e voltou a encará-la, com um sorriso sacana dançando nos lábios.

— Se continuarmos com isso, você sabe onde vai dar — advertiu ele, e seu semblante passou de risonho para sério.

— U-hum. Sim, eu sei. E.... pensando bem, eu também estou precisando de um banho — declarou Bella, eliminando os últimos centímetros que os separavam. Tocou seu peito, beijou sua boca e a mão foi descendo... descendo... descendo...

George deixou escapar um suspiro quando a mão da mulher alcançou o objetivo, envolvendo-o com os dedos.

— Bella... O seu irmão... — murmurou e mordeu o lábio inferior, reprimindo um gemido ao ver o que ela fazia.

— Ele já me esperou até agora, então... — Bella deu de ombros, deixando a conclusão da frase no ar.

— Pode esperar um pouco mais! — George completou-a por ela. — Sua danadinha! E eu digo o mesmo da sua bunda, aliás, de você todinha. Além de linda, é sexy, gostosa, deliciosa... — retribuiu os elogios, sentindo a mão dela acariciar seu pau, agora semiereto. E sem perder mais tempo, ambos sumiram dentro do banheiro.



Desde que estivera com Bella em sua casa em Atibaia, passaram-se duas semanas. Durante esse tempo, se não fosse o trabalho que tanto amava, George sentia que teria enlouquecido, tamanha a vontade que tinha de voltar a vê-la. Evitava se aprofundar no que dizia respeito a sentimentos, só sabia que desejava aquela mulher de uma maneira tão forte e intensa que chegava a ficar um pouco perdido. Adiantou vários projetos que estavam em andamento

e sob sua responsabilidade, deixando o resto nas mãos competentes de Sérgio.

A situação com Maristela permanecia inalterada, e ele não desejava que mudasse. Já tinha acertado com Jônatas Villares, seu advogado, e lhe dado sinal verde para redigir os papéis do divórcio.

E, finalmente, George conseguira dois dias inteiros para si. Viajaria até o litoral para reencontrá-la. Ansioso, não via a hora de poder abraçá-la, beijá-la e se afundar inteiro em seu corpo. O desejo que sentia por aquela mulher o consumia diariamente, entretanto, os prazeres da carne teriam que esperar, pois planejava levá-la para jantar num restaurante que acabara de ser inaugurado. Ficava em outro estado, mas prometera ao dono, um amigo dos tempos de faculdade, que o visitaria na primeira oportunidade.

Havia enviado uma mensagem para Bella avisando sobre seus dias de folga e que estava a caminho. Ele a pegaria em frente ao colégio, como fizera da última vez. E era onde estava no instante em que a viu passar pelo grande portão de aço, distraída e falando com uma mulher baixinha e de cabelos vermelhos curtos.

— Olha só aquele homem! Se eu tivesse um balde de água, atiraria em cima dele só para ver os músculos sob a camiseta molhada. — Betty abanou-se e Bella gargalhou diante do comentário da amiga.

— Parece que é você quem está precisando de um banho de água fria, Betty — brincou, então seu sorriso se desfez ao olhar para onde a amiga apontava. Como ela, todos os olhares femininos do local se dirigiam a ele. Mesmo naquele horário de troca de turmas, com alunos e professores entrando e saindo do colégio, George Di Fiori conseguia se destacar. Como sempre, estava usando calças jeans, camiseta e um par de botas, sendo que, desta vez, ele a aguardava sentado na moto. *Sexy e lindo de viver!*, pensou, admirando-o abertamente.

Passara aqueles dias todos sem vê-lo com os pensamentos nele, por isso achou até difícil se concentrar nas aulas. Tinham se falado por telefone, entre uma reunião e outra, da parte dele, e nos intervalos, da parte dela. Também

trocaram mensagens, mas nada se comparava a tê-lo ali, ao vivo e a cores.

Será que estou me apaixonando?, perguntou-se, e as batidas rápidas do coração, as mãos úmidas, o estômago se contraindo, todo o seu corpo reagindo ao dele lhe diziam que sim, mas sua cabeça se recusava a acreditar que isso pudesse acontecer num espaço tão curto de tempo. Conheciam-se a menos de um mês, porém, não podia negar que a atração que sentia por aquele homem que, agora, sorria para ela, só fazia crescer, se avolumando e tomando conta do seu corpo e da sua mente.

— Ele veio... — murmurou sem desviar os olhos de cima dele.

— Ele quem? — Betty indagou, olhando confusa para a amiga.

— Eu te falei dele. O George.

— Mentira! Aquele deus grego é o George? O seu George?

Bella anuiu, dando-se conta de que gostaria muito de chamá-lo de seu.

— Uau, que homem! — Ouviu Betty exclamar, admirada.

— É, eu sei. — Presa nos olhos dele, Bella retribuiu o sorriso que ele lhe dava. — Nós nos vemos na segunda, Betty — disse e deu um beijo no rosto da amiga. — E não se esqueça do que combinamos. Eu vou passar o fim de semana com você, na casa dos seus pais, por causa do casamento do seu irmão. E se alguém da minha casa te ligar procurando por mim, me chama.

A parte do casamento era verdade, Bella só não estaria presente, então não havia motivos para seus irmãos a procurarem, porém, não custava ter certo cuidado. Ainda considerava cedo demais para contar sobre o que se passava entre ela e George para os dois.

— Seu segredo está seguro comigo. Não conto nem sob tortura! — Betty sorriu cúmplice para a amiga e lhe deu uma piscadela safada.

Meia hora depois, com Bella na garupa da moto, George entrava no estacionamento de um prédio muito alto e espelhado. Após descerem, ele a puxou pela cintura e colocou sua boca na dela num beijo cheio de saudade. Ao

se separarem, sorriram um para o outro, e, tomando sua mão, George a conduziu até onde ficavam os elevadores, entrando em um que já estava ali. Bella viu George apertar o botão de número vinte. Quando as portas se abriram no andar selecionado, os dois saíram e caminharam ainda de mãos dadas por um largo corredor, parando diante da porta de número 205, que George abriu com um cartão-chave. Entraram e Bella ficou impactada com o que viu, a ponto de não saber o que dizer. Estava literalmente de boca aberta. Ele divertia-se com seu jeitinho encantador.

Levando o olhar para um sofá enorme no meio da sala, Bella viu que havia três caixas, uma em cima da outra, envoltas num laço de fita de cor vermelha sobre um dos assentos. Incapaz de conter a curiosidade, perguntou:

— O que tem nelas?

— Abra e veja. Elas são para você.

— Está dizendo que o que tem dentro delas são presentes para mim? Não está falando sério... — recusou-se a acreditar.

— Isso mesmo. Como eu disse, abra e veja se gosta. Espero não ter me enganado quanto ao seu número, e agora, senhorita Bella, pegue essas caixas e entre naquele quarto. Enquanto isso, estarei naquele outro ali. Preciso retornar umas ligações de trabalho, mas esteja pronta dentro de uma hora, ok?

— Ok... — respondeu Bella, tratando de assimilar o que ele havia acabado de dizer e no que aquilo tudo implicava.

George inclinou-se para beijá-la rapidamente nos lábios.

— Hoje eu a quero ainda mais bela! — dizendo isso, ele saiu da sala, indo em direção ao quarto que indicara há um minuto.

Aturdida, Bella deixou a alça da bolsa deslizar pelo seu braço e a colocou em cima de uma poltrona antiga revestida com um tecido grosso e florido.

— Isso deve ser o que chamam de brocado — especulou, passando a palma da mão sobre o assento e sentindo a textura.

Pegou as três caixas e entrou no quarto à esquerda do que George entrara. Era enorme e parecia bastante confortável, tanto que passou por sua cabeça que a casa onde morava poderia caber inteira ali dentro. Os móveis eram de um *design* moderno e de extremo bom gosto, tendo o preto e o branco como as cores predominantes. Com passos hesitantes, andou até a cama e sentou-se na borda, abriu a primeira caixa e encontrou um conjunto de lingerie de renda e seda; abriu a segunda e encontrou um par de meias finas 7/8, uma cinta-liga e uma linda bolsinha de mão. Foi para a terceira e maior caixa e seu queixo quase caiu ao encontrar o vestido mais lindo que já vira na vida.

O que ele pretende me trazendo para este apartamento gigante e me entregando estas roupas, que, é óbvio, devem ter custado no mínimo uns seis meses do meu salário? É claro que não devo ficar com elas! Eu não posso usá-las. Definitivamente, não!

Bella se levantou, cruzando os braços sobre o peito e virando de costas para a cama.

Quem ele pensa que é? Nem nos conhecemos direito... Será que acha que pode me comprar com essas coisas caras e bonitas?, indagou-se ao voltar a girar o corpo na direção da cama. Com um movimento de cabeça, afastou a ideia. *Ele não faria isso... Faria? Que bobagem, afinal, o George nem precisaria fazer algo assim. E para onde será que pretende me levar? Já sei que, se eu perguntar, ele vai me dizer que é surpresa, mas deve ser um lugar sofisticado, para ter se dado o trabalho de comprar essas peças lindas.*

Olhou para o relógio. *Só tenho uma hora, é melhor eu me apressar.* Decidida a colocar as dúvidas de lado, Bella andou até o espaçoso banheiro, se despiu e entrou no box de vidro temperado. Saiu vinte minutos depois, descalça e com o corpo envolto numa toalha enorme, branca e felpuda, com os cabelos protegidos por uma menor. Assim que retornou ao quarto, seus olhos caíram sobre as peças estendidas sobre a cama.

Pensando bem, eu acho que não vou ter outra oportunidade de usar

lingeries lindíssimas e um vestido tão chique quanto esse. Já que estou aqui, vou experimentar, só para ver como ficam em mim, depois eu tiro e coloco de novo nas caixas — prometeu para si mesma, abrindo o vestido na frente do corpo.

Voltando a se sentar na borda da cama, Bella se concentrou em vestir a lingerie, as meias, a cinta-liga e calçar os sapatos de salto. Foi até a penteadeira, tirou a máscara, o blush e o gloss da bolsa e fez uma maquiagem leve, só para realçar os pontos fortes do rosto. Liberou os cabelos da toalha, passou o vestido pela cabeça e começou a escovar os fios longos com movimentos vigorosos. Quando achou que era suficiente, levantou-se e foi conferir o visual no espelho de corpo inteiro. Deu umas voltinhas para analisar melhor o resultado final e sorriu feito boba para o próprio reflexo. O vestido verde-oliva tomara que caia realçava sua figura esbelta, combinando com os olhos castanho-esverdeados e acentuando os reflexos dourados de seu cabelo.

Eu me sinto dentro de um sonho, uma Cinderela de carne e osso, só falta a carruagem. E o príncipe, é claro!

Achou graça da ideia, mas logo ficou pensativa.

Ou dentro daquele quarto do hotel... Ritz, Hilton... Qual é mesmo o nome dele? Não, é Beverly alguma coisa. Só sei que foi cenário do filme Uma linda Mulher, que a Marisa adora e me fez assistir pelo menos umas cinco vezes com ela, recordou e voltou a sorrir, descontraída.

Pretty woman, walking down the street.

Pretty woman, the kind I like to meet.

Cantarolou diante do espelho, parando por aí, porque só sabia cantar as duas primeiras frases da música tema. Estava tão distraída e concentrada no que via que se assustou quando ouviu as duas batidas na porta. Agitou-se, sentindo-se como se tivesse sido pega experimentando as roupas de outra pessoa, como quando ainda era uma menina e vestia as roupas de sair de sua mãe às escondidas. Fazia tanto tempo que não pensava nela que a lembrança

fez um sorriso triste chegar até seus lábios. Mais duas batidas a trouxeram de volta para a realidade. Olhou mais uma vez para sua imagem e, sem alternativa, andou até a porta e a abriu. Como os segundos se passavam sem que George dissesse nada, engoliu a saliva e falou:

— Está aqui porque demorei mais do que o previsto, certo? Eu me distraí e não vi o tempo passar. — Pouco à vontade, Bella colocou uma mecha grossa de cabelos castanhos para trás, alisando-os para disfarçar seu embaraço por conta do olhar intenso ele lhe dava.

— Bella, fique tranquila, não foi por isso. Eu é que sou impaciente e não consegui me segurar. Precisei vir até aqui só para te ver, e agora que te vi, me arrependo de não ter vindo antes. — George balançou a cabeça para os lados. — Você está... Eu nem sei colocar em palavras como você está... Deslumbrante é pouco para definir o que tenho diante de mim.

Ela sorriu, deliciada, diante do elogio dele.

— Exagerado! Mas obrigada assim mesmo.

Colocou-se de lado para lhe dar passagem. Enquanto George entrava, aproveitou para admirá-lo. Ele havia trocado a camiseta e o jeans por um terno de *tweed*, num tom castanho-claro, cujas calças justas delineavam suas coxas fortes, mas sem apertar, e uma camisa branca aberta no colarinho, deixando entrever uma pequena parte da tatuagem de um terço que envolvia seu pescoço e descia pelo torso, terminando logo abaixo do peito. Estava elegante e de tirar o fôlego, não que ele precisasse disso para deixá-la sem ar.

— Pelo que vejo, você está pronta, nesse caso, já podemos ir — disse George, parando ao lado de uma mesinha junto à janela do quarto.

Bella fez o gesto correspondente ao número um com o dedo indicador.

— Eu já volto — disse e saiu à procura da bolsa *clutch* de cetim preta. Após localizá-la, sobre o assento da poltrona, pegou-a e regressou para o local onde George a aguardava.

— Agora sou eu que vou te pedir um minuto. Eu trouxe algo para

você usar esta noite. — Sem desviar os olhos dos dela, George abriu uma caixa quadrada revestida em veludo azul-escuro, de onde retirou um colar.

— George...

— Shh... Não diga nada, eu espero que goste. Escolhi especialmente para você — confidenciou, pegando a corrente fina e dourada com um pingente cujo formato se assemelhava a uma gota. Deu a volta e parou bem atrás dela. Aguardou Bella juntar os cabelos e levantá-los, a fim de lhe dar acesso, então o passou por seu pescoço esguio, encaixando o pequeno fecho na base da nuca da moça.

— Eu amei. É lindo! Obrigada. — Bella ficou nas pontas dos pés para poder beijá-lo nos lábios.

George passou o braço por sua cintura, a puxou para ele e aprofundou o beijo. Céus, como ele adorava aquela boca! Adorava tudo. Não se cansava. Tinha certeza de que poderia passar horas beijando-a.

— Agora sim, nós podemos ir — declarou, oferecendo seu braço, que ela prontamente aceitou.

Segundos antes de deixarem o apartamento, um sorriso chegou aos lábios bem feitos de Bella ao tocar a delicada joia com as pontas dos dedos.



Capítulo 12

“Como resistir a um pedido desses?”

George e Bella saíram do elevador e atravessaram o hall de entrada. Com a mão espalmada nas costas dela, ele a guiou até um Mercedes-Benz Classic preto, estacionado em frente ao prédio.

Notando o casal que esperava se aproximar, um rapaz uniformizado e atencioso apressou-se em abrir a porta traseira.

— Obrigado, Douglas — disse George, lendo o nome bordado no bolso do casaco azul-escuro do uniforme do motorista.

Bella entrou, com o rapaz segurando a porta para ela. Nesse meio tempo, George deu a volta no carro e acomodou-se no assento ao seu lado.

Com seus passageiros devidamente acomodados, Douglas contornou o veículo pela frente, abriu a porta e tomou seu lugar.

No interior do luxuoso automóvel, Bella olhou para George, e sem poder conter a curiosidade por mais tempo, indagou:

— Você vai me dizer para onde estamos indo?

George tomou alguns segundos para decidir se contava ou não, e achou por bem dizer a verdade.

— Esta noite, vou te levar para jantar em um restaurante que acaba de

ser inaugurado.

— Hum... Deve ser um lugar muito chique — especulou Bella.

— Pode-se dizer que sim — admitiu George. — O proprietário é um amigo da minha época de faculdade.

Nesse momento, ouviu-se o ronronar do motor sendo ligado e o carro foi colocado em movimento.

— George, eu não estou acostumada a frequentar esse tipo de lugar.

— Bella... Minha Bella! — Ele tomou sua mão e levou-a até o rosto, depositando um beijo suave no dorso. — Não se preocupe com isso, você possui elegância e refinamento natos — tranquilizou-a, brindando-a com um olhar quente, mantendo sua mão na dele.

Bella lhe lançou um olhar duvidoso e George sorriu gentilmente ao aconchegá-la nos braços.

Minutos se passaram e, no instante em que entrou numa avenida, o Mercedes diminuiu a velocidade em meio à confusão do tráfego. Sonhadora, Bella recostou-se no ombro de George e fechou os olhos. O som agressivo e atordoante das buzinas, para seu alívio, era reduzido pelas janelas fechadas do automóvel. Morando a vida inteira numa cidade pequena e praiana, com praticamente nenhum trânsito, seus ouvidos não estavam acostumados àquela quantidade de ruídos. Ela não reconhecia aquele caminho e não pôde ocultar a surpresa ao ver que o carro entrava em um hangar. *Céus, nós vamos voar de novo?*, perguntou-se, enrugando a testa, preocupada.

— George, onde fica o restaurando do seu amigo?

— No Rio de Janeiro. Em Angra dos Reis, para ser mais exato — respondeu ele.



— George Di Fiori! Que alegria recebê-lo aqui! O que anda fazendo?

Dormindo em formol? O tempo não passa para você, cara! — exclamou o homem alto, loiro, no início da casa dos quarenta anos, de barba, recebendo os dois com um sorriso aberto. — Já faz quanto tempo? Uns cinco, seis anos? — indagou, cumprimentando George com um aperto de mão e um meio abraço.

— E você, como sempre, exagerado! — George riu ao ver o amigo se afastar um passo. — Na verdade, o nosso último encontro foi há três anos, na festa de casamento do filho do Theo, na fazenda do irmão dele, em Goiânia — recordou-o.

Theo Zanetti era um amigo em comum, os três se conheceram quando este passou uma temporada em São Paulo, antes de decidir sair do país e fixar residência em Nova York. Mas, mesmo vivendo em países distantes, sempre que possível, quando Theo retornava ao Brasil, a fim de visitar a família, os três marcavam um encontro para matar as saudades.

— Isso mesmo, agora eu me lembrei. Aaron, é o nome do rapaz. — George assentiu com um balançar de cabeça. — Eu soube que ele voltou, e desta vez para ficar. Pensando bem, acho que chegou a hora de marcarmos um novo encontro, nós três — sugeriu Lars, entusiasmado.

— Concordo! É só me avisar local, dia e hora que estarei lá — disse George, afagando a barba. — A última vez que o Theo e eu nos falamos, ele tinha conhecido uma fazendeira, vizinha do irmão dele.

— Exato! Isadora Meirelles. Cheguei a ver uma nota na internet sobre os dois. Nós nos falamos de vez em quando, mas com essa nossa vida agitada... — Lars deu de ombros, deixando a frase no ar, e levou o olhar para Bella, que se mantinha calada, apenas observando. — E quem é essa moça encantadora? Não me diga que é uma das...

George lançou um olhar significativo para Lars, o suficiente para impedi-lo de prosseguir, e após um ou dois segundos de um silêncio constrangedor, ao perceber que a companhia do amigo não se tratava de uma de suas filhas, a bela morena foi devidamente apresentada a ele.

— Lars, esta é Isabella Magalhães. Isabella, este é Lars Van Saint, um bom e velho amigo.

Galante, Lars inclinou-se, pegou a mão de Bella e levou-a até os lábios.

— Encantado em conhecê-la, Isabella — disse, brindando-a com um sorriso charmoso.

— O prazer é meu — devolveu ela, impressionada com a estatura e aparência do homem que arremetia aos antigos guerreiros de países nórdicos e gelados como a Noruega ou a Suécia.

Lars voltou sua atenção para George:

— Reservei o melhor lugar da casa para os dois, espero que esteja a gosto. — Com um gesto quase imperceptível, chamou o *maître*, que pareceu se materializar ao lado dos três. — Meu amigo George e esta jovem adorável são meus convidados esta noite. Por favor, acompanhe-os até a mesa — instruiu ao funcionário. — Daqui a pouco, eu irei até lá — completou, à guisa de despedida.

George assentiu e, pousando a mão na cintura de Bella, acompanhou o *maître* até um terraço coberto, de onde se tinha uma magnífica e panorâmica vista da cidade.

Uma cadeira foi puxada para Bella, que agradeceu o gesto e se sentou. Pegou o guardanapo dobrado de cima da mesa, ao lado do prato, abriu-o, colocou-o sobre o colo e levou os olhos ao seu redor, admirada com o lugar. De fato, era tudo muito bonito e fino. Sentiu-se um pouco insegura por nunca ter sequer entrado em um lugar como aquele. Logo, viu uma carta de vinho ser entregue para George, que após consultá-la e ela dizer que seria melhor ele escolher, optou por uma garrafa de *Dom Pérignon*, em homenagem àquela noite, a primeira de muitas que passavam juntos, esperava ele. E tinha certeza de que ela também o apreciaria.

Após um jantar saboroso e regado a um belo vinho, uma companhia linda e agradável como a de Bella, além do primoroso atendimento, George

agradeceu o amigo e ambos deixaram o restaurante com a promessa de voltarem outras vezes.

Já era alta madrugada quando os dois retornaram ao apartamento. Entraram e foram direto para o quarto. George esperara por muito tempo para ficar a sós com ela de novo, e quando Bella deu por si, uma nuvem de seda verde deslizava pelas suas pernas, ficando de lingerie, meias finas, cinta-liga e descalça, pois deixara os sapatos pelo caminho.

Com as mãos ao redor de sua cintura, George a trouxe para ele e, sem dizer nada, tomou sua boca num beijo, que começou lento, mas num instante se tornou insaciável e urgente. Logo ambos estavam na cama, as roupas dele sendo tiradas, uma peça após a outra, de maneira apressada, e o mesmo aconteceu com o conjunto de lingerie dela. Todas as peças tiveram o mesmo destino, acabaram espalhadas pelo chão do quarto, mas quando chegou a vez da cinta-liga e das meias, George a deteve.

— Não... não tire... quero que fique com elas — pediu, a voz rouca, enquanto sua boca descia pelo corpo de Bella, as mãos brincando com seus mamilos.

Parou e beijou sua barriga, bem perto do umbigo, e logo a língua inquieta seguiu deslizando pelas suas curvas rumo ao seu ponto mais íntimo. Bella afastou as pernas e George enfiou o rosto entre elas, chupando seu clitóris com vontade e se deliciando com os sons que ela emitia.

— Oh, céus, George! Eu quero você! — Bella suplicou em meio aos gemidos que escapavam de sua garganta.

Enquanto ele a chupava, ela entrelaçava os dedos em sua nuca e se contorcia sob os movimentos que a língua audaciosa e ousada fazia. Quando George voltou a subir e pairar o corpo sobre o dela, Bella correu as mãos pela extensão do seu peito, beijou e lambeu seu pescoço e abraçou-o, as unhas lhe arranhando a carne das costas.

— Eu te desejo tanto que mal consigo me segurar — confessou George, a ponto de perder o controle. A necessidade de estar dentro dela só fazia

aumentar, chegando ao nível do insuportável.

Elevou o tronco, esticou o braço e pegou uma camisinha dentro da gaveta do criado-mudo. Ajoelhou-se na cama, desenrolou o preservativo, revestiu o pau duro e desceu, cobrindo seu corpo com o dele, preenchendo-a devagar e ouvindo-a gemer bem perto de sua orelha.

— Como isso é bom... — sussurrou, aumentando a velocidade das estocadas. Bella arqueou o corpo e George a puxou para ele, colando seu peito no dela.

— Mais, mais... Por favor, George, não para... — pedia Bella, e ele seguia arremetendo com força, cada vez mais fundo, o rosto contra seu pescoço, seus braços envolvendo os ombros dele, os quadris se chocando em harmonia.

Enquanto suas estocadas se aprofundavam e seu pau entrava e saía, ele a ouvia gemer cada vez mais alto, até que os dois chegaram ao ápice com poucos segundos de diferença. Cansada, mas satisfeita, Bella sorriu para ele, e George beijou-a, apertando-a mais entre os braços.



O sábado chegou e passou voando. Quando os dois levantaram já era quase hora do almoço. Como estavam famintos, saíram e almoçaram num restaurante pertinho de onde estavam, depois, Bella e George gastaram algumas horas, passeando pela cidade. Era meio de tarde quando ele a levou até a marina onde deixava seu iate ancorado e passaram o resto da tarde e começo da noite, navegando naquele mar imenso e com a brisa gostosa batendo em seus rostos. Jantaram por ali mesmo e às dez horas, George deu a noite por encerrada e decidiu que era hora de retornar para o apartamento, onde, depois de mais uma sessão de sexo intenso e desabarem na cama, exaustos, mas satisfeitos, adormeceram, um nos braços do outro.

Bella acordou assustada e sem saber exatamente onde estava. Sentiu um peso sobre si e imediatamente imagens do fim de semana maravilhoso que tivera

com George invadiram sua mente, fazendo-a curvar os lábios num sorriso. Tentando não despertá-lo, afastou o braço devagar e levantou-se fazendo o mínimo de barulho possível. Pegou a camisa dele de cima do encosto de uma cadeira e a vestiu, notando que a peça de roupa terminava no começo de suas coxas, imitando um mini vestido.

Rumou para o banheiro e parou na frente do espelho acima da pia. Lavou o rosto inchado de sono e ajeitou os cabelos longos com os dedos. Sorriu satisfeita para a sua imagem e, minutos depois, ao sair, foi até a cozinha a fim de preparar um café para si. Com uma xícara do líquido preto e fumegante nas mãos, andou até a varanda. Eram seis e meia da manhã e o tempo estava um pouco frio, mesmo assim, Bella se acomodou numa cadeira de vime e apreciou o momento em que o dia nascia. Pegou o celular que trouxera consigo e ligou para Betty, dando um gole no café enquanto a aguardava.

— *Alô?* — Ouviu Betty atender, a voz ainda rouca de sono.

— Oi, Betty. Desculpe te ligar tão cedo — falou baixinho, receando acordar George.

Do outro lado da linha, Betty arregalou os olhos e sentou-se na cama ao reconhecer a voz da amiga.

— *Bella?! Que bom que você ligou! E que cedo, que nada, eu estava louca para saber de você. E cadê aquele seu homão?*

Homão?, Bella repetiu para si mesma, achando graça na maneira da amiga se referir a ele. *É verdade, o George é um homão, em todos os sentidos. Acho até que posso me viciar nele, isso se eu já não estiver!*, pensou e riu sozinha.

— Ele está dormindo. Eu só liguei para te avisar que estou bem, e também porque precisava conversar com alguém.

— *Isso mesmo, amiga! Fala comigo, me conta tudo, não me esconda nada, eu quero detalhes! E aí, como está sendo o seu fim de semana ao lado*

desse deus grego?

— Betty, nossa, está sendo perfeito! O George é isso mesmo que você acabou de dizer, um homão, atencioso, gentil, carinhoso e um amante maravilhoso, mas confesso que estou com um pouco de medo.

— *Pirou? De onde veio esse medo agora?*

— Betty, essa noite, eu descobri uma coisa...

— *Não! Sério? O que foi? Algum podre dele?*

— Nada disso! — exclamou Bella, horrorizada. — Eu descobri que estou perdidamente apaixonada por esse homem. E, convenhamos, nós mal nos conhecemos, eu não sei quase nada da vida dele.

— *Bella, eu entendo que se sinta assim, mas a vida não tem garantias, minha amiga, e você não pode deixar de viver por medo. Cadê aquela mulher forte, batalhadora e que sempre enfrentou a vida de frente?*

— Está aqui, mas... Betty, eu nunca me senti assim antes.

— *Faz uma coisa, aproveita o que a vida está te dando, vá curtir esse homem lindo, delicioso, e deixa de criar problemas onde não existem.*

— Acho que você está certa. Eu vou fazer isso e esperar para ver no que vai dar. Vou viver um dia de cada vez.

— *Isso, é assim que se fala! Bella, com o tempo vocês vão se conhecendo. Ele também sabe pouco sobre você. E quando, ou se, os problemas aparecerem, porque eu nunca vi um relacionamento perfeito na minha vida, vocês dão um jeito de resolver. Coloque esse receio todo de lado e viva o momento. Até porque, quem morre de véspera é peru!* — exclamou Betty, arrancando uma gargalhada da amiga, que se apressou em abafá-la colocando uma das mãos em concha sobre a boca.

— Obrigada pela força, por me ouvir. E me desculpa de novo por te acordar tão cedo — repetiu Bella.

— *De nada, e amigas são para isso mesmo.*

— É uma ótima amiga, Betty, a melhor que eu poderia ter! Eu te envio uma mensagem quando estiver a caminho. Nós nos vemos mais tarde — Bella se despediu, desligando o telefone, ainda pensativa. Pela primeira vez em sua vida, havia entregado seu coração a alguém, e apesar da conversa que acabara de ter com a Betty, esse fato a amedrontava.

Pegou a xícara de café que deixara sobre o beiral e terminou de tomá-lo, pensando que setembro acabava e o outono estava a ponto de chegar. Uma nova estação, séria e linda. E a sua preferida.



George abriu os olhos e rolou na cama, encontrando o outro lado vazio. Pegou o travesseiro usado por Bella e inalou seu cheiro impregnado nele. *Não foi um sonho*, pensou, aliviado. *Ela passou mesmo outra noite aqui, comigo.*

Um ruído o fez levar os olhos para a porta. Distraída, Bella entrou no quarto, ainda vestida com sua camisa. *Deliciosa* - pensou George, enquanto a observava dobrar e colocar as peças que ela usara no restaurante de volta nas caixas. Talvez tivesse sido a força do seu olhar cravado nela, pois ela se virou e sorriu para ele.

— Bom dia. Dormiu bem? — perguntou Bella.

— O sono dos justos. — Ele sorriu ao responder. — E você?

Bella retribuiu o sorriso e fez que sim com a cabeça.

— Maravilhosamente bem!

— Bom saber. Ainda é cedo, por que você não está aqui comigo?

Ela deu de ombros.

— Fui fazer um café e ver o sol nascer, só que ele resolveu se esconder hoje. E eu não quis te acordar — disse e, virando-se, pegou as caixas e deixou-as empilhadas sobre um móvel.

George afastou o lençol, colocou as pernas para fora da cama, procurou pela cueca box, a vestiu e só então se levantou e se aproximou de Bella. Colocando as mãos ao redor de sua cintura, por trás, afastou uma mecha de cabelo e inclinou a cabeça. Bella sentiu um arrepio quente e gostoso descer pela espinha quando seus lábios roçaram bem aquele ponto entre a curva do ombro, a base do pescoço e a clavícula. Suspirou e fechou os olhos, apreciando a carícia lenta.

— São suas. Eu comprei pensando em você.

— Eu não posso ficar com elas. Não tenho como explicar a origem delas. E aquele vestido... eu nem teria onde usar.

— Eu insisto — disse ele. Bella voltou a negar com a cabeça. — Fica ao menos com o colar. Aceite-o como um presente meu, e toda vez que o tocar, vai pensar em mim.

— George...

— Oi, minha bela?!

— Eu não preciso de nada físico para me lembrar de você.

Pegando-a suavemente pelos ombros, George a virou para si, fixando os olhos nos dela, e toda vez que fazia isso, ele se pegava pensando em como eram lindos, em quanto gostava de admirá-los e de se perder neles.

— Mesmo assim, fique com ele... — insistiu.

Diante do pedido e do olhar daquele homem, Bella cedeu.

— Está bem, ficarei com o colar. Tem muito bom gosto, George, porque ele é lindo, assim como as roupas. — Abaixou o olhar e tocou o pingente, pensativa. — Eu preferia não ter que ir...

Com dois dedos, George elevou seu queixo e beijou-a de leve nos lábios.

— Então não vá. Fica... — Seu tom era persuasivo. — Hoje é domingo, e eu só preciso estar em São Paulo amanhã cedo. Prometo que você estará em

sua casa, sã e salva, antes que o dia amanheça.

— Por mim, eu ficaria o resto do dia, da noite, da semana, do mês inteiro com você! — declarou, sincera.

Bella havia combinado com a Betty de encontrá-la naquele mesmo dia, na entrada da cidade delas, antes do meio-dia. A amiga a pegaria de carro e a deixaria em casa, reforçando a história de que passaram o fim de semana juntas, com a família dela. Não era fã de mentiras, mas, nesse caso, achou necessário ocultar a verdade, e não se arrependia, ainda mais que não tinha prejudicado ninguém.

George elevou a cabeça e fez um carinho em seu rosto.

— Está bem. Eu entendo. — Soltou-a e saiu à procura das calças. Localizou-a jogada no chão, perto da cama, então a pegou e vestiu. Foi até o armário e, a ponto de enfiar os braços na camisa de mangas compridas, a ouviu exclamar:

— Não!

Ele se virou de imediato e olhou para ela, o semblante assustado, terminando o movimento, mas deixando a camisa aberta.

— O que houve?

Bella espalmou a mão em seu peito.

— Desculpa, eu te assustei. Eu só queria que você não as ocultasse dos meus olhos. Não me canso de admirá-las — esclareceu, chegando mais perto. — São tão lindas... — Passou o dedo devagar pelo contorno da tatuagem do lado esquerdo do peito de George, parando a milímetros de um mamilo masculino, circulando-o. — É quase um sacrilégio escondê-las. — Sentiu o homem prender a respiração. — Às vezes, eu olho para elas e me pego imaginando quais seriam seus significados.

— A maior parte conta a história da minha vida. Já outras têm a ver com lugares que visitei, acontecimentos... Qualquer hora dessas eu te falo mais sobre elas — prometeu.

George fez sua primeira tatuagem aos dezoito anos, e aos vinte e um, já casado com Maristela, começou a mudar a maneira de se vestir; mudou o corte de cabelo e deixou a barba crescer; trocou os ternos, camisas e sapatos sociais por camisetas básicas e outras de corte retrô, coletes, suspensórios, botas de couro e jeans. Adquiriu o mau hábito de fumar, o qual estava tentando parar havia um tempo, e vez ou outra gostava de degustar um bom charuto e apreciar um cachimbo.

A cada ano que passava, George fazia uma ou duas tatuagens novas, eternizando na pele algum momento especial, um sonho realizado ou até mesmo um evento que o marcara, deixando a quase todos com quem convivia horrorizados. Isso a princípio, pois, com o tempo, pareceram se acostumar e pararam de fazer comentários, nem sempre agradáveis. Ou será que foi ele que deixou de se importar? Na verdade, não sabia. Nem fazia questão de saber. Sentia-se bem assim, e depois de alguns anos, chegou à conclusão de que, talvez, essa tenha sido a maneira que encontrara de se expressar e se rebelar contra aquela vida certinha e hipócrita que a mulher e sua família faziam questão de levar.

A tatuagem que ficava do lado esquerdo de seu peito, ele tinha feito em homenagem à mãe. Depois vieram as letras nos dedos, formando a palavra “*perdoado*”, seguidas pelos rostinhos das filhas, ainda bebês, no dorso da mão direita. E depois dessas, não parou mais fazê-las.

— Conte-me ao menos sobre esta — pediu Bella, o dedo pousado sobre um nome de mulher, segurando a respiração enquanto aguardava pela resposta.

— Este é o nome da minha mãe.

Bella soltou o ar, satisfeita por saber que aquela em particular tinha sido feita em homenagem à mulher que o trouxera ao mundo.

— E o escorpião no seu braço?

— Representa o meu signo. — George sorriu, pois o agradava o genuíno interesse dela pelas suas tatuagens.

Bella seguiu passeando os olhos, fascinada por aquele verdadeiro mosaico, lindo, vivo e cheio de cores. Estava tão concentrada no que via e tocava que precisou piscar algumas vezes para voltar à realidade.

— Fica... — George voltou a pedir.

Meu Deus, como posso resistir a esse pedido? Esse também é o meu desejo, ficar aqui com ele! – pensou Bella, afastando-se apenas o suficiente para olhar em seus olhos.

— Fico! — disse, dando-se por vencida. Mais tarde enviaria uma mensagem para Betty, avisando que a amiga não precisaria apanhá-la no lugar combinado, e outra para o irmão, avisando do seu atraso.

George eliminou a pequena distância entre os dois e Bella não conteve um suspiro ao se ver sendo puxada e sentindo o corpo colando-se ao dele. Ele moveu a pélvis de leve e ela elevou as mãos, os dedos apertando com ternura aqueles ombros largos e fazendo a camisa deslizar pelos braços fortes, pensando que foram necessários vinte e dois anos para que suas vidas se cruzassem, mas menos de um mês para que ela se apaixonasse por ele.

Assim, as semanas se passavam e, sempre que podia, George ia ao encontro de Bella. Costumavam dormir juntos no apartamento dele ou na casa em Atibaia, gastando todo o tempo livre um com o outro. Ela nunca se sentira tão feliz, e demonstrava isso no seu dia a dia, no brilho dos olhos, no sorriso e na maneira como se movia.



Capítulo 13

“Ela é minha!”

Assim, as semanas se passavam e, sempre que podia, George ia ao encontro de Bella. Costumavam dormir juntos no apartamento dele ou na casa em Atibaia, gastando todo o tempo livre um com o outro. Ela nunca se sentira tão feliz, e demonstrava isso no seu dia a dia, no brilho dos olhos, no sorriso e na maneira como se movia.

Em um desses encontros, ambos estavam na cama, deitados lado a lado e George enrolava uma mecha do cabelo de Bella no dedo, quando ele fez a pergunta:

— Você já viu que horas são?

Bella virou para ele e suspirou.

— Eu prefiro não saber das horas, elas voam quando estou com você — declarou e deu um beijo no bíceps do braço da mão que brincava com seus fios castanhos.

— Eu sinto o mesmo, mas é quase hora do almoço e precisamos comer alguma coisa. Podemos sair e procurar por um restaurante que sirva uma comida gostosa. Você só precisa escolher entre peixe, carne, massa... — George começou a enumerar.

— Ou podemos comer aqui mesmo — sugeriu Bella.

— Por quê? Você não quer sair?

Ela moveu a cabeça, negando.

— O que eu quero é me concentrar em nós dois, aqui, neste apartamento. Estou sendo egoísta em te querer só para mim? — Abaixou o olhar ao indagar.

— Então você quer ficar aqui dentro e deixar o mundo lá fora? — resumiu George, com um breve sorriso iluminando o rosto.

Bella riu, jogando a cabeça para trás, e ele amou o som de sua risada.

— Exato! Você já pegou o espírito da coisa.

— Isso ficou parecendo letra de música, e daquelas bem bregas — disse George, rindo, contagiado pela alegria dela. — Está bem. Nós podemos pedir *delivery* ou ver o que tem na geladeira. O que acha?

— Você sabe cozinhar? — Bella quis saber, impressionada.

George passou a mão livre pela barba.

— Olha, não é para me gabar, não, mas até que eu me viro bem. E você?

— Quer dizer que, além de tudo o que já me mostrou, você ainda manda bem na cozinha? — Havia um toque de malícia e um elogio camuflado nas palavras de Bella. Obviamente George captou a mensagem, fazendo seu ego inflar e subir feito um foguete. — Hum, quanto a mim, eu acho que também me viro.

— Adoraria que você me mostrasse o que é capaz de fazer... — Agora quem a fitava com malícia era ele.

— Com todo prazer! Eu gosto de retribuir, e farei o possível para estar à altura, quem sabe até superar as expectativas — disse ela, encarando-o, sedutora, a tensão sexual crescendo entre eles.

Impetuoso, George se moveu, pegou-a pela cintura e pairou o corpo por cima dela, porém, num movimento fluido e inesperado, Bella inverteu as

posições, trocando de lugar com ele. Deitado debaixo dela, George abriu os braços, numa falsa rendição.

— Acho que o almoço vai ter que esperar — disse ele, com a mulher deslizando pelo seu corpo, as mãos descendo e liberando seu pau de dentro da boxer, começando a excitá-lo.

— Isso mesmo, porque pretendo me alimentar de você... primeiro — sussurrou Bella, a boca a milímetros do membro pulsante.

George abafou um gemido de antecipação, mas foi incapaz de segurá-lo quando sentiu os lábios de Bella ao redor da ponta do seu pau, que começou a endurecer conforme a língua quente e úmida se movia, rodeando a glândula e provocando, com a ponta, a pequena fenda no centro.

— Porra! Que delícia! — exclamou ele, observando-a levá-lo até a metade e voltando para o início, o rosto um pouco ruborizado. — Isso... Assim....Continua... — estimulou-a, tentando tocá-la. Mas Bella o impediu, mantendo seus antebraços junto ao colchão, então se deteve e elevou a cabeça para olhá-lo por um instante.

— Não se mova... Eu só quero que sinta o que faço com você — pediu, voltando a tomá-lo na boca até onde foi possível sem engasgar.

Normalmente, Bella não se sentia confortável em praticar sexo oral, fosse por insegurança de sua parte ou por não se considerar experiente o suficiente, mas algo em George a impelia a prová-lo. Desejava degustá-lo, saboreá-lo, adorá-lo e lhe proporcionar o máximo de prazer possível, como ele fizera antes com ela. Por isso, deixava-se guiar mais pelo seu instinto de fêmea do que pela técnica, e a julgar pelos sons de apreciação que o homem fazia, elevando o quadril ligeiramente, como se não pudesse se controlar e se manter parado, ela podia considerar que estava no caminho certo.

Saber disso a deixava cada vez mais excitada, a ponto de precisar esfregar as coxas uma na outra ao sentir a boceta quente e molhada se contrair e o clitóris latejar, pedindo para ser tocado.

George fez o possível para tentar manter o foco e observou novamente quando ela se afastou, até que apenas a cabeça de seu pau permaneceu dentro de sua boca. Ele podia sentir o sangue pulsando pelo seu corpo, concentrando-se em sua virilha, e seguiu olhando, se deliciando com o que Bella fazia.

Intercalando sugadas, chupadas e lambidas, ela o estava levando ao céu. O olhar dele começou a ficar vítreo, suas pálpebras caíram. Ele mordeu o lábio e apertou a mandíbula ondulando o torso para trás, afundando a cabeça no travesseiro. Uma veia pulsou ao lado de sua testa e pequenas gotas de suor se formaram e escorreram pelas laterais de seu rosto.

É claro que, se quisesse, ele se soltaria, mas George queria ver até onde aquilo daria, e, pelos deuses, amava a sensação de Bella o chupando. Sentir seu pau no interior da boca quente, a língua macia, movendo-se com ousadia e atrevimento, o estava deixando louco, e quando sentiu que estava a ponto de explodir, finalmente desvencilhou-se das mãos que o seguravam e pegou-a pelos ombros, detendo-a.

— Eu quero estar enterrado dentro dessa sua boceta apertada e gostosa quando gozar — murmurou em seu ouvido, esticando-se, pegando a calça a um canto e tirando uma camisinha da carteira.

Após revestir o pênis com o preservativo, viu Bella se posicionar, colocando um joelho de cada lado dos quadris dele, gemendo no momento em que encaixou a cabeça em sua entrada. Ela soltou o corpo aos poucos e desceu devagar, apreciando cada centímetro daquele pau gostoso sumindo dentro de si. Ao sentir a maciez das bolas na sua bunda, Bella buscou apoio nas laterais do corpo de George, começando a cavalgá-lo. As mãos do homem foram para suas coxas, os dedos afundando na carne e acompanhando seus movimentos de subida e descida, os sons dos corpos se movendo no mesmo ritmo, dando um ar de luxúria crua ao ambiente, a tensão do desejo estalando entre eles.

Ela deixou a cabeça pender para trás e George pôde ver que seus olhos estavam fechados, os lábios entreabertos, os seios balançando, parecendo

totalmente perdida na dança erótica. Ele estendeu a mão e passou seu dedo pelos lábios da moça, gemendo quando ela sugou e mordeu a ponta.

Bella deslizou as mãos dos quadris de George para o seu abdômen, os músculos ondulando sob seus dedos. Inclinou-se para frente e abaixou a cabeça, passando a língua ao longo da curva da orelha dele, que aproveitou para abocanhar um seio, sugando o mamilo com vontade. Pouco depois, Bella voltou à posição inicial e o olhar de George pousou sobre ela, pensando em como estava linda naquele momento: a pele afogueada, os cabelos se movendo livres sobre os ombros e costas, os seios balançando no ritmo da cavalgada, a transpiração fazendo seu corpo reluzir... Estar dentro dela era o paraíso na Terra.

— Abra os olhos e olhe para mim, eu quero ver seu rosto quando você gozar. — Sem pensar, a mulher obedeceu, e George levou a mão até o órgão durinho e úmido no meio de sua boceta, notando seu olhar se tornar esgazeado quando passou a acariciá-lo. Em questão de minutos, ouviu-a soltar um gemido longo e agoniado, exalando o ar dos pulmões e deixando o corpo cair e amolecer sobre o dele.

Ainda sentindo as contrações do prazer de Bella em torno do pau, George arremeteu algumas vezes e, sem aviso, deixou um gemido gutural escapar da garganta quando seu mundo explodiu e ele se entregou a um clímax tão poderoso que o desnortou por alguns instantes. Ele se permitiu ficar prostrado na cama, com Bella sobre seu peito e ouvindo sua própria respiração pesada e rápida, o corpo ainda tremendo.

Muito mais tarde, Bella estava deitada na curva do braço de George, e a sensação de irreabilidade do desejo satisfeito fez sua boca curvar-se num sorriso.

Esticando o braço, George pegou o celular de cima da mesinha, a fim de verificar se havia chamadas perdidas. Como tinha colocado o aparelho para vibrar e estivera ocupado na última hora e meia, enrugou a testa quando viu oito delas, sendo a metade de Sérgio, e a outra metade, de Alana. Para os

dois ligarem várias vezes, e ao mesmo tempo, o assunto só podia ser sobre a empresa. E urgente.

— Eu preciso retornar umas ligações. Coisa de trabalho. — George beijou-a de leve na boca. — Está frio, fique aqui, eu já volto e a gente vai até a cozinha — emendou, se vestiu e caminhou até a varanda.

Meia hora depois, ele dava uma baforada no cachimbo, pensativo. Retornara primeiro as ligações de Sérgio, e as da filha mais velha em seguida, pois, embora fosse domingo, os negócios e os problemas não esperavam pelo próximo dia útil. Finalmente, conseguiram, em conjunto, solucionar o entrave em uma proposta para um novo empreendimento, cujo projeto seria apresentado ao cliente na reunião marcada para a manhã de segunda-feira.

Passos leves se aproximando o fez levantar a cabeça, a tempo de ver Bella surgir na porta, envolta numa manta grossa, e trazia uma garrafa de champanhe com duas taças pendendo entre os dedos da mão direita e um refratário com morangos na mão esquerda.

— O que você está fazendo aqui?

— Você demorou e eu me senti sozinha.

George olhou-a de cima a baixo, e seu olhar era como uma carícia lenta. Se em algum momento passou pela sua cabeça que a levando para a cama ele poderia virar as costas e seguir com sua vida como se nada tivesse acontecido, se enganou redondamente. Bella o fascinou desde o instante em que a viu pela primeira vez, e ele pensou que quando a tivesse gemendo sob si, tal fascínio seria amenizado. Em vez disso, este só crescia a cada momento que passava. Tocar a pele macia e sedosa de Bella só fazia George querer tocar mais. O pensamento de foder sua boceta apertada só o fazia pensar em fazê-lo uma e outra vez. Como um viciado, sentia que perdia a força de vontade para resistir. Sucumbira ao experimentar a primeira dose e agora queria mais, muito mais.

Bella era uma mulher batalhadora e que, apesar das perdas que sofrera no passado e de uma vida de luta e dificuldades, possuía a maior das riquezas:

era rodeada de amor. E não era um amor qualquer, era do tipo incondicional. Pelo que ela lhe dissera, anteriormente, Bella tinha dois irmãos que a adoravam, uma amiga capaz de acobertá-la para que pudesse se encontrar com ele, e gostava de crianças, levando em consideração a faixa etária dos alunos que ela optara por ensinar. Era carinhosa, generosa e exercia um poder até então desconhecido sobre ele, uma atração que tirava o centro do seu mundo do eixo. Ele tinha que estar perdendo a cabeça. Bella tomou posse do seu corpo e invadiu seus pensamentos. Hesitava em admitir, mas ela se imiscuía, aos poucos, para dentro de seu coração, algo que George não esperava que acontecesse e sequer se lembrava de já ter se sentido assim. Colocando o cachimbo de lado, levantou, tirou o champanhe e as taças da mão dela e as colocou a um canto. Pegou os morangos e viu Bella forrar o chão da varanda com a manta. Depois de se acomodarem nela, George serviu a bebida.

Bella lhe dirigiu um olhar, apreciando os ombros largos, o peito poderoso, os bíceps fortes e os quadris estreitos.

— George, o que vamos fazer? Quero dizer, daqui para frente?

— Vamos viver um dia após o outro, nos conhecer melhor como um casal e aproveitar nosso tempo juntos — disse ele, pegando um morango e levando-o até a boca dela. Bella entreabriu os lábios para morder a fruta, mas ao contrário do que esperava, George tomou sua boca num beijo apaixonado, fazendo-a sentir um calor conhecido surgir entre as pernas, pensando que tocar nele era como alcançar o paraíso com as pontas dos dedos. Em questão de minutos, os dois faziam amor ali mesmo.

Mais tarde George precisou dar uma saída rápida e ao retornar, encontrou Bella no quarto digitando algo em seu celular.

— O que está fazendo tão concentrada, minha Bella?

Distraída, Bella levou um pequeno susto ao ouvir a voz de George a milímetros de sua orelha.

— Nada de mais — respondeu e virou o rosto para ele, brindando-o

com um pequeno sorriso. — Acabei de enviar uma mensagem para o Enrico avisando que volto amanhã cedo, para ele não ficar preocupado.

George dobrou um joelho e sentou-se na cama, de frente para ela.

— Você e seus irmãos são muito próximos — afirmou, o olhar pousando nela.

— Sim, somos. O Enrico é mais que um irmão. É como um segundo pai. Quando nossos pais morreram, ele tinha dezenove anos, eu tinha onze e, o Eros, doze. Ele largou a faculdade para poder trabalhar, e desde então tomou a tarefa de cuidar de nós dois para si. Seu maior medo era que fôssemos tirados dele e separassem a nossa família, por isso ele fazia horas extras para pagar alguém para ficar com a gente, além das outras despesas.

George admirou o orgulho e entusiasmo com que Bella falava do irmão mais velho.

— Ele parece ser uma pessoa especial, afinal, quem com apenas dezenove anos abriria mão da própria vida para trabalhar e cuidar dos irmãos menores? Tem que ser uma pessoa altruísta, de coração muito bom. Admirável.

Bella balançou a cabeça, anuindo com veemência.

— Sim, ele é tudo isso o que você disse e muito mais. O Enrico não gosta de tocar nesse assunto. Se a gente fala alguma coisa sobre isso, ele fica bravo, sabe? Diz que era sua obrigação cuidar da família, que era o que o nosso pai esperava dele, e a última coisa que faria na vida seria decepcioná-lo, porque, onde estivesse, estaria velando por nós e vendo o que ele fazia.

George encarou-a, pensando no quanto Bella era linda, meiga e sexy.

— Você falou com os seus irmãos sobre nós?

Bella levantou-se, foi até a porta que dava para a varanda e ficou uns segundos admirando a vista. Ali era bonito, mas ela não gostava muito de apartamentos. Preferia sua casa na praia ou alguma feita de toras de madeira, um jardim encantador e bem cuidado, e com muito verde ao redor. Suspirou

ao perceber que descrevera mentalmente a casa de George em Atibaia. *Seria possível se esconder do mundo naquele lugar...* Sua mente vagou por uns instantes antes de ela se virar para ele, com as costas ainda apoiadas no batente.

— Não — respondeu, mordendo a ponta do dedo, um hábito nervoso.

George foi até ela e a envolveu com os braços, e Bella apoiou a cabeça no peito largo. Sentia-se em casa e muito protegida ali.

— Então você não contou que passaria este fim de semana comigo?

— Desta vez, eu disse que me inscrevi num seminário de dois dias sobre pedagogia, que seria realizado num hotel em outra cidade. Não foi bem uma mentira... Eu me inscrevi mesmo, só não compareci — tentou justificar.

— Uma meia-mentira ou uma...

Bella moveu a cabeça a fim de ver seu rosto.

— Meia-verdade — completou por ele. — Você achou ruim por eu ainda não ter contado?

— Não, é claro que não.

— E você?

— Eu?

— Sim. Já comentou de mim para a sua família?

— Meus pais já morreram e eu sou filho único. — George deu de ombros, deixando a conclusão óbvia no ar. — É por isso que você está com essa carinha de preocupada?

— Eu já comentei com você... Sei que vou soar contraditória, mas detesto mentiras. Na verdade, esta é a primeira vez que escondo algo importante do Enrico.

George sentiu uma pontada de remorso ao ouvi-la, e agora, mais do que nunca, não poderia dizer a verdade. Estava decidido. Retornando a São

Paulo, a primeira coisa que faria, seria ligar para o advogado, assinar os papéis do divórcio e deixar aquela casa de uma vez por todas. Com isso em mente, ele lhe fez uma proposta:

— Bella, se você quiser, nós podemos marcar um encontro entre nós quatro.

Eu ouvi direito? Um encontro?

— Você diz... marcar um encontro com os meus irmãos?

George pegou as mãos dela nas suas.

— Isso mesmo. Um encontro para nos conhecermos e contarmos que estamos juntos.

Bella surpreendeu-se com a proposta.

— É sério que você faria isso? Espera um pouco! Você disse que nós estamos juntos?

— Foi o que eu disse. Por que a surpresa? É tão difícil acreditar em mim?

— Não é isso... É que eu não esperava — defendeu-se ela. — E eu adorei saber que você está disposto a conhecer os meus irmãos, mas eu ainda acho que é cedo, nós estamos só há dois meses juntos, não me sinto pronta para contar.

— Do que você tem medo? — ele quis saber, colocando uma mecha do cabelo dela atrás da orelha e fazendo um carinho em seu rosto no processo.

— Não é exatamente medo. Eu só acho cedo. Apenas isso.

George ergueu uma sobrancelha larga.

— É só por isso mesmo? Tem certeza?

— Não entendi a sua pergunta...

Ele sabia que não tinha esse direito, mesmo assim, não conseguia evitar pensar nela como uma posse sua. Seu rosto se contraiu diante do que

estava prestes a dizer, mas precisava tirar aquela dúvida de sua cabeça.

— Bella, você é uma mulher jovem, linda, poderia muito bem ter alguém na sua vida.

— O que você quer dizer com isso? — indagou uma Bella confusa.

George passou a mão pela cabeça, impaciente.

— Alguém. Um namorado. Aquele tal de Marco, por exemplo.

Um flash a fez se recordar da expressão que George fizera do outro lado da sala enquanto ela conversava com o Marco no hospital. Era a mesma que ele tinha agora. Inclinou-se para ele, pousou uma mão em seu rosto e, olhando-o nos olhos, falou:

— Você acha que, se eu tivesse um namorado, estaria aqui com você? Nós teríamos feito o que fizemos, mais de uma vez, nesta cama? Pois, se pensou isso, saiba que eu abomino traição de qualquer espécie. Não, não há outra pessoa na minha vida além de você. — Enrugou a testa em sinal de estranheza. — E por que você pensou logo no Marco?

George saiu da cama e, de costas para ela, deu alguns passos pelo quarto, levando a mão até a nuca, para só então voltar a olhá-la.

— Eu vi como vocês interagiram na estrada, depois, no pronto-socorro, e cheguei a pensar que vocês pudessem, você sabe, ter algo mais. — Pronto, tinha falado, colocado para fora, e agora só podia espera estar enganado. Se fosse verdade, não saberia o que fazer ou dizer. *Deus, que isso não seja verdade! Que só seja coisa da minha cabeça!*, rezou enquanto aguardava.

Bella cruzou os braços sobre o peito. De onde ele tinha tirado aquilo? Observou-o atentamente, e pelo que ele dizia, pela sua postura, pelo brilho nos olhos e pela dureza do maxilar, tudo indicava que George estava com ciúmes do paramédico. Ela quis rir da conclusão absurda, não que não pudesse se interessar por alguém como o amigo do irmão. Marco era simpático, agradável e tinha uma profissão estável, além de ser fisicamente

bonito e atraente, contudo, ela não olhava para ele com interesse. Os dois nem mesmo eram amigos, e, para ela, Marco não passava de um conhecido, no máximo, um colega. Eliminou a distância que George impusera entre os dois e pressionou um dedo contra seus lábios, detendo suas palavras.

— Eu não tenho e nunca tive nada com ele, seu bobo! Nós nos conhecemos porque ele é amigo do Eros, só por isso.

Foi notável o modo como George se sentiu ao ouvir a resposta da boca dela. O ciúme ensandecido que sentia só de pensar nos dois juntos evaporou feito fumaça ao vento. *Graças a Deus! Ela é minha. Só minha!*, pensou, entre possessivo e aliviado, porém, voltou a enrijecer o corpo ao ouvir a pergunta que ela fez em seguida:

— Mas e você? Por acaso não possui algumas amantes espalhadas por aí? Ou, quem sabe, uma esposa? — Seu tom era de brincadeira, sua intenção era dissipar a súbita tensão que surgira entre eles.



Capítulo 14

“Minha Bella”

Antes que pudesse formular uma resposta para a pergunta de Bella, George sentiu o celular vibrar dentro do bolso dianteiro da calça jeans. Puxou o aparelho com dois dedos e leu o nome na tela. Com um gesto de mão, pediu um minuto para ela e saiu do quarto, cruzando a sala com passos rápidos e entrando no escritório. Rodeou a escrivaninha e sentou-se na cadeira de couro escuro e espaldar alto, para, só então, aproximar o celular do ouvido e atender.

— *George! Até que enfim eu consegui falar com você!*

— O que houve? Por que esse desespero todo? Dez chamadas perdidas!

— *Você precisa voltar para casa!*

— Por quê? O que foi que aconteceu?

— *É a Lilly! Ela saiu com as amigas, parece que foi a uma boate no Itaim, e, na volta para casa, sofreu um acidente de carro!*

George levantou-se em um salto, passando a mão pela cabeça, nervoso.

— O quê?! E quando foi isso? Ela está bem?

— *Eu mandei o Rogério ir pegá-la na saída, como sempre faço, mas*

— você sabe como a Lilly é independente e teimosa. Ela conseguiu despistá-lo. Estava voltando para casa, dirigindo o carro de uma amiga, quando bateu em um poste. Bêbada! Acredita numa coisa dessas? — A voz da mulher soou indignada.

— Maristela, quer me dizer logo como está a Lilly?

— Ela está bem. Só teve uma luxação no braço. Mas poderia ter sido bem pior!

— Uma luxação! Poxa vida! Você quase me fez ter um infarto aqui — exclamou ele, andando pelo escritório, exasperado.

— George, você me ouviu? Ela estava dirigindo bêbada! Só imagino o que os nossos amigos e a minha família vão falar quando souberem...

— Eles que pensem e falem o que quiserem! E sim, eu te ouvi, mas estou estranhando, porque a Lilly não é de beber, ainda mais se for dirigir — respondeu, aliviado ao saber que a filha estava sã e salva.

— Você precisa ter uma conversa séria com essa menina!

— Onde ela está agora? — quis saber, sentindo os batimentos cardíacos desacelerando e voltando ao normal.

— Ela está aqui, do meu lado.

— Coloque-a na linha.

— George...

— Coloca a menina na linha, porra!

— Está bem, calma, não precisa gritar!

Impaciente e aborrecido, George grunhiu algo ininteligível, mas se transformou ao ouvir a voz da filha.

— Pai...

— Oi, meu amor. Você está bem, mesmo?

— Estou, sim. E não foi nada de mais, pai. Eu disse que não precisava

te ligar, mas o senhor sabe como a minha mãe é ansiosa. E eu não bebi, juro!

— Amanhã eu estou de volta e conversaremos melhor, tudo bem?

— *U-hum.*

— Eu te amo, filhota — disse George, sentindo-se melhor por falar com ela e saber que não tinha acontecido nada grave. — Agora, passe o telefone para a sua mãe.

— *Tá bom. Eu também te amo, pai* — repetiu a garota, retornando o telefone para Maristela.

— Ainda bem que tudo não passou de um susto. Eu falo com ela amanhã.

— *Por que você não volta agora, George?* — insistiu a mulher.

— Você sabe que horas são? É tarde! Além disso, a Lilly está bem. Como disse, estarei aí amanhã. — George não esperou para ouvir a mulher voltar a insistir e desligou o telefone com uma carranca. Não tinha acontecido nada de mais, porém, de qualquer maneira, tiraria tudo a limpo no dia seguinte. Conhecia Maristela e sabia o quanto podia ser dramática e como se aproveitava das situações, transformando uma gota d'água na tempestade do século. Aborrecido, deixou o escritório e retornou ao quarto onde Bella o esperava, imaginando o que ela estaria pensando depois de tê-la deixado de maneira tão abrupta. Com certeza, deveria ter estranhado.

— Está tudo bem? — Bella questionou, o semblante preocupado, assim que o viu entrar. Morria de vontade de perguntar qual o motivo de ele estar com aquela expressão fechada, mas pensou que, se fosse para saber, George lhe diria.

— Não se preocupe, minha Bella. Não é nada que não possa ser resolvido. — Ele a trouxe para seus braços e obrigou-se a sorrir. — Que tal pedirmos algo para jantar? Ou, desta vez, você prefere sair?

Bella deixou-se abraçar e retribuiu o sorriso, mais sossegada ao vê-lo relaxar os músculos do rosto.

— Você já sabe qual é a minha resposta — disse. George sentou-se na cama, puxando-a e fazendo-a sentar-se em seu joelho, um braço passado em sua cintura. Num gesto automático, Bella envolveu-o pelo pescoço e o viu rolar a tela do celular com o polegar da mão livre, à procura de opções.

— George?

— Oi... — respondeu ele, distraído.

— Você não me respondeu.

— O quê? — Ele pensou em se fazer de desentendido, arrumar uma desculpa para não precisar lhe dar uma resposta, mas achou melhor não fazer nada.

— Você deve ter esquecido, por causa do telefonema que recebeu, mas eu fiquei aqui... me perguntando algumas coisas... sobre você ter alguém...

O sorriso de Bella desapareceu quando George fez um movimento para que ela saísse de seu colo e se levantou. Fixou seus olhos nele, vendo-o girar nos calcanhares e evitar contato visual. Impaciente e intrigada, Bella agarrou-o pelo braço, impedindo-o de se afastar.

— George, o que foi? — indagou e ergueu o olhar para captar sua reação, podendo ver seus lábios se apertarem em uma linha fina.

O homem desvencilhou-se dela com um gesto suave, enfiou as mãos nos bolsos das calças e, antes de voltar a encará-la, respirou profundamente. Mesmo desejando ardentemente que tudo permanecesse como estava e correndo o risco de perdê-la com o que estava prestes a revelar, George decidiu que era chegada a hora de dizer a verdade. Não se sentia capaz de seguir lhe ocultando sua atual situação.

— Bella, na verdade, eu tenho... — começou a falar, contudo, hesitou ao ver o rosto bonito se transformando diante de si.

— Tem o quê?

— Uma esposa. — A voz saiu comprimida, engasgada. Ele já

esperava ver choque e mágoa naqueles olhos que tanto adorava, e, de fato, foi o que viu, porém, além disso, pôde ver repulsa, o que fez suas entranhas se revolverem.

Encarando-o com os olhos arregalados e a boca aberta, Bella deu um salto da cama e recuou alguns passos, colocando distância entre os dois e esforçando-se para assimilar as palavras que acabara de escutar. Puxou o ar, seu peito subindo e descendo enquanto tentava, desesperadamente, absorver o golpe causado por aquela declaração.

— C-como? Não pode ser... — murmurou, a voz rasgada, quebrada.
— Meu Deus, você está falando sério — constatou, perplexa. — Eu devia saber... Meu sexto sentido me avisou quando nos conhecemos, me disse que alguém como você não podia ser livre, mas eu sufoquei esse pensamento e não dei ouvidos ao meu instinto. Como fui tola! Ingênua! — recriminou-se, andando pelo quarto à procura de suas coisas. — Você deve ter se divertido com a minha ingenuidade... Eu preciso sair daqui!

— Nunca, Bella! Eu jamais riria de você! Espera, deixe-me falar. Eu sou casado, sim, mas estou separado da minha mulher. — George não mentia, era assim que se considerava havia anos, embora ele e Maristela vivessem sob o mesmo teto, mas Bella não precisava saber disso, não naquele momento. — Eu estou me divorciando dela.

Bella encontrou a saia e a blusa sobre uma poltrona.

— Não é verdade! Você está mentindo para mim! — acusou com uma voz estrangulada, andando até o closet para poder se trocar.

George a interceptou, se inclinou para frente e lhe segurou o queixo, mas ela virou o rosto, como se seu toque, agora, a queimasse.

— Bella...

— Não me toque! — exigiu ela, com raiva. — Quando você pretendia me contar? Ou achou melhor me deixar na ignorância? Você queria ficar com a sua esposa e a trouxa aqui seria a amante? É isso? — Bella fazia uma

pergunta após a outra enquanto tirava o roupão, entrava no closet e fechava a porta atrás de si com um baque.

— Bella, você não está me escutando! Eu disse que estou me divorciando! Eu não te disse nada antes porque queria estar com os papéis assinados no momento em que te contasse — explicou, parado do lado de fora.

Um silêncio desconfortável tomou conta do quarto, quebrado apenas por um farfalhar de roupas. Minutos depois, a porta foi escancarada e Bella, já vestida, parou na frente dele e o encarou, zangada.

— Como eu posso acreditar em você, depois de me ocultar uma coisa tão importante como o fato de ser casado? De ter esposa e... filhos? — Levou a mão até o meio do peito, tentando, inutilmente, apaziguar a dor que nascia e conter o buraco que crescia em seu coração. Lágrimas chegaram a seus olhos, mas ela as limpou com brusquidão quando começaram a cair.

— Filhas — corrigiu ele. — Eu tenho duas filhas.

— Filhas... Duas filhas — repetiu Bella, como num transe. — Só me leva daqui! — exigiu, colocando nos olhos castanhos toda a dor, tristeza e decepção que sentia.

— Bella... Espera... Você também não contou sobre nós dois para o seu irmão — recordou-a George.

Como ele se atreve a tentar virar a situação contra mim?, Bella indagou-se, indignada.

— Nós conversamos sobre isso e eu te contei os meus motivos. É muito bom você usar a minha insegurança com relação a eles contra mim!

— Eu não faria uma coisa dessas — defendeu-se George, ofendido. — Só estou dizendo que existem motivos para se ocultar algumas coisas. Eu estava esperando o momento certo para te contar, do mesmo modo que você espera para contar aos seus irmãos sobre nós — argumentou.

— Para você, é uma boa comparação, mas não para mim. Por favor,

me leva daqui! — voltou a exigir, transtornada, andando pelo quarto, os olhos revirando o lugar à procura da bolsa. — Se não me levar, eu dou um jeito de ir sozinha!

— Bella, me escuta! Não faz assim, vamos conversar — pediu ele, agoniado.

— E como você vai tentar me convencer? Deixe-me ver: vai me dizer que seu casamento é uma bela porcaria, sua mulher é uma bruxa que te trata mal, que você não suporta mais estar num casamento falido e não vê a hora de se separar. As típicas desculpas que todo homem casado e cafajeste costuma usar!

— Eu não sou assim. Não sou essa pessoa que você descreveu. — George pegou-a com firmeza pelo braço e, olhando-a nos olhos, respirando fundo para se controlar e não gritar, falou: — Para um pouco e me escuta, por favor! Eu sei que pisei na bola com você. Reconheço que eu deveria ter te contado. Você tem razão de estar chateada comigo. Eu não vou usar desculpa nenhuma para me justificar. Eu assumo o que faço. E estou mesmo me divorciando da minha mulher!

— Que não seja por mim, eu não suportaria ser uma destruidora de lares — a garota retrucou com desdém.

— Bella, você não destruiu nada. Meu casamento já não existe há muito tempo. Esse desejo de me divorciar já me acompanha há anos. Reconheço que fui covarde e me acomodei, mas a minha decisão não tem nada a ver com você, ou melhor, sim, tem, mas o que eu quero dizer é que a decisão foi tomada há anos, o que faltava era tomar uma atitude, e eu tomei, antes de sair de São Paulo e vir te encontrar.

Bella parou para olhá-lo.

— O que você quer dizer com isso?

— Que me encontrei com o meu advogado e pedi para ele preparar os papéis do meu divórcio.

— Está falando sério?

— Muito sério! E assim que o os documentos estiverem prontos e assinados, eu os trarei e você poderá ver com seus próprios olhos. Eu não estou mentindo, Bella!

— Eu não sei o que pensar... Estou confusa — disse ela, um pouco mais calma.

— Bella... Minha Bella...

Ela fechou os olhos, pois adorava quando ele a chamava assim, precisando de toda sua força de vontade para não baixar a guarda.

— Não me chame de minha Bella, porque eu não sou sua! — disse com aspereza, e soube que o atingira quando o viu enrijecer o maxilar e recuar um passo. — Pelo menos até que você possa me provar que não é um desses homens safados que existem aos montes por aí — emendou, vendo-o expirar o ar e deixar os ombros caírem, relaxando os músculos tensos.

George a entendia. Já tinha imaginado que Bella, ao saber a verdade, o olharia como fazia agora: com dúvida e decepção.

— Está bem — concordou a contragosto, mas aliviado.

— Você diz que falou com o seu advogado, mas como posso saber se é verdade ou mais um truque seu?

— Não vai me dar nem o benefício da dúvida? — Sem esperar por uma resposta, George puxou o celular do bolso da calça. — Quer que eu ligue para ele agora mesmo e pergunte sobre o meu pedido de divórcio? Coloco no viva voz e você vai poder ouvir a resposta.

— Eu quero acreditar em você, mas...

— Falei com o Jônatas hoje cedo e pedi para ele deixar tudo pronto para eu assinar amanhã, porque eu já tinha decidido que essa seria a primeira coisa que faria ao regressar a São Paulo.

— Eu quero vê-los, George.

— E você os verá. Eu vou te provar que falo a verdade. Não sou um homem leviano, Bella. Não saio por aí seduzindo mocinhas ingênuas só para me satisfazer, virar as costas e seguir em frente. Eu te levei para conhecer a minha casa em Atibaia e não menti quando disse que você foi a única mulher que já esteve lá. Eu te levei para conhecer o Lars, um amigo muito querido, quase um irmão. E agora, estamos aqui, passando o fim de semana. Acredite em mim quando eu digo que não faria isso se não me importasse com você, se não tivesse sentimentos por você. Eu te disse que estamos juntos, e falei sério!

— Eu quero acreditar em você...

Ele deu mais um passo, depois outro, até que ficou na frente dela, estendeu a mão e levantou o queixo de Bella.

— Então acredite — pediu, pegando e pousando sua mão no meio do peito. — Sente como meu coração bate acelerado? Vê como as minhas mãos tremem? Acha que é possível fingir essas coisas?

— Não... eu não acho — murmurou Bella.

— E nós dois, nesta cama, não foi só físico, Bella. Foi entrega. Não duvide disso, eu te peço.

— Eu não duvido, mas acho melhor a gente não se ver mais. — Dizer isso a estava matando por dentro, mas Bella não via alternativa. Ter um caso com um homem casado era algo que ia contra todos os seus princípios.

Todo o sangue sumiu do rosto de George. Ouvira direito? Ela estava mesmo terminando com ele?

— Bella... eu me enganei quando acreditei que você sentia algo por mim?

— Não, George, você não se enganou. É claro que eu sinto, mas...

— Então não faz isso. Não me afaste de você.

— Eu... — Bella estava a ponto de dizer que ficar longe dele era a última coisa que desejava, mas mudou de ideia. — Por favor, me leva

embora, George. Eu preciso pensar. Preciso digerir tudo isso. Tentar assimilar o fato de que você tem uma família, uma esposa...

— Que muito em breve será ex.

— É o que você diz... Mesmo assim, preciso me afastar, e melhor que seja agora, enquanto ainda há tempo. Eu não estou sabendo lidar com isso. — Bella ergueu a cabeça e sustentou seu olhar. Seu mundo desmoronava ao seu redor, seu coração se despedaçava dentro do peito, estava a uma respiração de sucumbir à dor que sentia.

George deixou escapar um suspiro resignado. Bella precisava de tempo, e ele estava disposto a lhe dar esse tempo. O bom é que ela não fechara a porta completamente para ele.

— Está bem. Eu te levo. Só vou ligar para o Roberto e pedir para ele verificar se é possível adiantar o voo de amanhã cedo para hoje.

Não foi. Bella passou o restante da noite sozinha, trancada no quarto, enquanto George permaneceu na sala. Embora estivesse esgotado, física e emocionalmente, ele não conseguiu pregar o olho, pensando nas decisões que tomara. Ponderou sobre as atitudes que colocaria em prática no dia seguinte e que dariam um giro de cento e oitenta graus em sua vida.

Durante o voo até a cidade de Bella, os dois quase não se falaram. Passava quinze minutos das nove da manhã quando George desligou o motor da moto no meio-fio, na frente da casa dela. Em silêncio, Bella recusou sua ajuda e desceu sozinha, encaminhando-se até o portão e abrindo-o. Virou-se e lançou um último olhar para o homem que a observava sem mover um músculo, só então entrou e fechou o portão atrás de si.



Capítulo 15

“Um ponto final”

A volta para São Paulo demorou mais que o previsto, mas George mal notou, mergulhado em seus pensamentos como estava, pois, desde que a deixara, não conseguia pensar em outra coisa que não fosse em Bella e na discussão que ambos tiveram. Seu coração quase parou no instante em que ela pusera um fim na relação. Pensou em como se sentia vulnerável quando se tratava daquela mulher. A expressão decepcionada em seus olhos o fez perceber que havia cometido um grande erro em protelar. Seu peito se apertou em angústia ao lembrar que ela o tinha deixado. Mas nem tudo estava perdido, e George não estava disposto a desistir. Lutaria por ela e pelo que tinham. Ele a teria de volta. Culpava-se por ter demorado em contar a verdade, em pedir o divórcio e por tê-la magoado. Arrependia-se por tanta coisa...

Já na cidade, George se despediu de Roberto e pegou um táxi, mas em vez de ir para a mansão, encontraria Lilly, pois marcara de encontrá-la para almoçarem juntos, naquela manhã, antes de deixar o apartamento. E pedira para falar com a amiga e os pais dela, a fim de esclarecer o ocorrido da noite anterior. Duas horas depois, já ciente dos fatos, George foi capaz de tirar suas próprias conclusões. Quando a filha se despediu, indo para a faculdade, ele seguiu para a empresa, e, mais tarde, ao sair de uma reunião exaustiva que

tivera com o novo cliente, avisou a secretária que não estaria disponível pelo restante da tarde. Vinte minutos depois, encontrava-se no escritório do advogado, com os papéis do divórcio nas mãos.

— Espero que esteja a contento. Fiz tudo conforme me instruiu — disse Jônatas Villares, um advogado proeminente e muito bem relacionado.

— Sim, está como pedi — aprovou George, aceitando a caneta que o advogado lhe oferecia e rubricando as primeiras folhas, devolvendo-a após assinar a última.

— Tem certeza do que está fazendo, George?

— Tenho. Eu quero dividir minha vida com ela, Jônatas.

— Não me diga que está pensando...?

— Em me casar novamente? Confesso que a possibilidade passou pela minha cabeça, mas ainda é cedo. Como você mesmo disse, estamos juntos há pouco mais de dois meses. Não quero assustá-la, nem vou me precipitar. Primeiro, quero estar livre e desimpedido, assim posso tomar essa decisão com tranquilidade. Não preciso de mais tempo para saber que a Bella é a mulher da minha vida. Eu já perdi muito tempo, quero ser feliz, e estou certo de que a minha felicidade está em uma vida ao lado dela.

— Ela sabe que você ainda está casado?

— Sim. Eu pretendia contar quando tivesse esses documentos em mãos, mas surgiu uma situação e não pude me esquivar de dizer a verdade. Como previsto, ela se sentiu enganada e ficou magoada por eu não ter contado antes, o que é compreensível, e acabamos discutindo, mas espero acertar as coisas tão logo eu possa lhe mostrar este pedido de divórcio assinado e sacramentado — concluiu, confiante.

— A Maristela vai fazer de tudo para complicar a sua vida.

— Eu sei que ela vai tentar, mas estou disposto a fazer o que estiver ao meu alcance para que não consiga.



Quando o Uber parou em frente à mansão, George agradeceu e desceu. Entrou pela porta principal e foi direto ao bar bem equipado que ficava a um canto da espaçosa sala. Serviu-se de uma dose de uísque e deixou-se cair no sofá. Passou os olhos ao redor, tudo ali parecia excessivamente em ordem. Nada fora do lugar. Asséptico e silencioso. Nunca considerara aquele mausoléu como um lar de verdade. Suspirou, pensando que deveria ter deixado aquela casa há vários anos. Observou as paredes pintadas em um tom dégradé de laranja e terracota que tinham o objetivo de transformar o ambiente em um espaço aconchegante. E devia ser para alguém, mas não para ele. Aquele luxo todo o incomodava, era muita ostentação. Por mais que tentasse, sempre se sentira um intruso ali, mas a situação, por fim, estava em vias de mudar. Era chegada a hora e ele não tinha motivos para esperar mais. No caminho até ali, decidira que não passaria nem mais uma noite debaixo daquele teto. Antecipava que a conversa com Maristela não seria nada fácil, o que não era nenhuma novidade. A frieza da esposa o condenara a uma vida sem amor por tempo demais. Maristela se transformou numa pessoa fútil e oca, muito diferente da garota cheia de vida e amorosa por quem um dia se apaixonou, chegando a pensar que envelheceriam juntos. Infelizmente, suas vidas tomaram um rumo nunca imaginado.

— Enfim, o senhor George Di Fiori se lembrou de que tem uma família e uma casa — a mulher comentou ao entrar na sala.

Uma expressão de desagrado se estampou no belo rosto másculo.

— Se você se refere à Lilly e à Alana, sim, eu tenho uma família, porém, esta casa nunca foi minha — declarou, ácido.

— Eu não falei no sentido literal, George — retrucou Maristela. Com poucos passos, chegou perto de onde ele estava.

— Você sabe que eu nunca me senti confortável nesta mansão, ainda mais com essa quantidade inútil de quartos. Eu não queria vir para cá, só

concordei por muita insistência sua. — George deu um último gole no seu drinque e colocou o copo sobre um móvel, levantando-se em seguida.

— Já falou com a Lilly? Essa menina precisa de um puxão de orelha e um bom corretivo.

— Eu marquei um encontro e falei com ela assim que voltei de viagem.

— E por que não conversaram aqui?

— Achei melhor falar com ela em um lugar neutro. Já me inteirei dos fatos, e não foi nada daquilo que você me contou pelo telefone.

— Por isso você quis falar com ela sem a minha presença? Não vê como essa menina te manipula?

— Não me tire por idiota, Maristela. Eu não me prendi à versão dela ou à sua. Conversei com os pais da Fernanda, a amiga dela. Dessa vez o seu teatrinho dramático não funcionou — comentou em tom sarcástico.

— E você prefere acreditar nas pessoas de fora do que em mim, que sou sua esposa? — questionou Maristela, amarga. — O nosso casamento está desmoronando, George! — declarou de repente.

George quase riu do absurdo que acabara de ouvir.

— Eu não sei em que mundo você vive, mas, no meu, o nosso casamento já afundou faz muito tempo! — contestou, agastado.

— Mas nós ainda...

— Nada, Maristela — cortou-a. — Não há amor entre nós desde que as meninas eram pequenas, e você sabe bem disso, só que prefere se enganar. Isso que você chama de casamento não existe mais. Eu é que fui covarde, acomodado, e me deixei manipular por todo esse tempo, só que agora acabou!

Alarmada, Maristela o encarou, e sentindo um frio na barriga, indagou:

— O que você quer dizer com acabou?

— Exatamente o que eu disse: acabou! — repetiu ele. — Eu dei sinal verde para o Jônatas preparar os documentos do nosso divórcio, e é bem provável que ele entre em contato com você ou com o seu advogado ainda esta semana.

— Você contratou o Jônatas Villares? — Maristela lhe lançou um olhar que foi do surpreso ao irado. — Enlouqueceu? Não! Isso não!

George sentia-se cansado e perigosamente próximo do seu limite.

— Por favor, eu não estou com ânimo, nem paciência, para aturar esses seus joguinhos sentimentais. Não dá mais! — exclamou, exaltado.

Maristela abriu a boca para retrucar, porém, o som de passos chamou sua atenção. Virando-se, viu dois dos empregados da casa descerem as escadarias, trazendo duas malas cada um.

— O que significa isso? — questionou, estupefata.

— Significa que estou deixando esta casa. Eu deveria ter feito isso há tempos, mas, como dizem, antes tarde do que nunca. Eu falei com a Rosa. Depois mando alguém pegar o restante das minhas coisas. — E dirigindo-se aos dois rapazes que aguardavam ao lado da porta, acrescentou: — Podem colocá-las no porta-malas do Mercedes — instruiu e viu os dois assentirem e saírem.

Possessa, Maristela inquireu:

— Como assim está indo embora? Você sempre ameaçou, mas nunca fez!

— Como eu disse, não o fiz antes por ter sido fraco e condescendente, mas isso agora mudou. Eu decidi que é hora de viver a minha vida. Descobri que ainda não é tarde para buscar a minha felicidade.

— George, não faz isso... Ainda podemos tentar...

Ele bufou, impaciente.

— Eu realmente não consigo entender por que você insiste em manter

alguém que não te ama ao seu lado. Maristela, não há mais nada para salvar!

A mulher ergueu o queixo, melindrada. Será que, mesmo depois de tantos anos, George não conseguia entender o seu lado?

— Você conhece os meus motivos para manter este casamento.

— E sempre considere essas suas razões idiotas e sem sentido.

— Para você, não para mim.

— Para mim e para pessoas inteligentes, sensatas, que não pararam no tempo e que se recusam a seguir apegadas a conceitos retrógados e ultrapassados. Ninguém merece viver infeliz para sempre!

Ao ouvi-lo e perceber que falava mesmo a sério, Maristela se desesperou.

— Não vá embora, eu te peço! Podemos dar um jeito... Recomeçar. O que a minha família vai dizer? E os nossos amigos? — indagou, engolindo o orgulho.

George levou o olhar para o teto.

— Senhor, dai-me paciência! — pediu, e voltando a olhar para a mulher à sua frente, falou: — Você está sempre se perguntando o que os outros irão dizer. Por favor, amadurece, Maristela! E esta conversa não vai nos levar a lugar nenhum! — decretou, dirigindo-se à porta. — A minha decisão está tomada e não tem volta!

— E para onde você vai?

— Hoje ficarei em um hotel, depois eu vejo o que faço — respondeu ele, de má vontade.

— Qual hotel? — George a brindou com um olhar desconfiado. — Só quero saber para...

— Para quê? Ir até lá e me encher o saco? — Maristela não respondeu, apenas se colocou entre ele e a porta. — Tem meu telefone, mas só me ligue em caso de emergência. E quando falo emergência, é de verdade, não essas

desculpas que costuma usar para me irritar. Agora, estou de saída, poderia me dar licença?

Maristela se negou a atendê-lo, permanecendo no mesmo lugar, o olhar duro, a postura resoluta.

— Não, eu não vou permitir que você deixe esta casa! Como você pode fazer isso comigo? Depois de todos esses anos e eu ter te dado duas filhas?

George não podia acreditar no que estava ouvindo. A mulher não tinha mesmo a menor noção da realidade.

— Maristela, por favor! Não consegue ver o papel patético que está fazendo? Aceite de uma vez por todas que acabou!

— É por causa dela, não é?

Ele estreitou os olhos e a encarou.

— Do que você está falando?

— Para você ter tomado essa decisão, assim, de repente, só pode haver outra mulher!

George relaxou os músculos, que ficaram subitamente tensos, pois, por um instante, acreditou que ela se referia ao seu relacionamento com Bella.

— Eu me recuso a discutir a minha vida pessoal com você!

— Eu sou sua esposa, a mãe das suas filhas! Eu, mais do que ninguém, tenho o direito de saber! — gritou ela, indignada.

— É minha esposa, sim, mas só no papel! E por pouco tempo! Pode ir se acostumando a usar a expressão “*ex*” antes da palavra “*esposa*” ao se referir a si mesma, e antes da palavra “*marido*”, quando for se referir a mim! — retorqui George.

Maristela encarou-o e torceu a boca de um jeito grotesco.

— Eu estou sabendo da garota com quem você passou o fim de

semana no apartamento do Guarujá — escancarou, revelando que tinha conhecimento da traição dele. Não pretendia dizer agora, teria preferido usar a informação como trunfo em algum outro momento, mas não aguentara guardar o que sabia para si mesma.

Quanto a George, diante de tal declaração, não tinha como ou o porquê negar o óbvio.

— E como você sabe disso? — indagou, estreitando os olhos. Maristela balançou os ombros e ele soube. — Você mandou me seguir de novo — falou, estranhamente calmo. — Como você adora perder tempo e dinheiro... Bem, vindo de você, esse tipo de atitude não me surpreende. E, no fim das contas, nem tem mais importância. Na verdade, eu acho até melhor que você saiba que eu tenho alguém na minha vida — concluiu ele, e de uma maneira curiosa e inesperada, sentia-se indiferente, até mesmo aliviado.

— Uma menina, George! Mais jovem que a sua própria filha! Eu esperava qualquer coisa de você, menos isso. Pelo que vejo, a crise te pegou de jeito. Um homem como você, traindo a esposa com uma moça de vinte e dois anos! Menos da metade da sua idade! Quer coisa mais patética do que isso? — declarou, sarcástica.

— O que estou vivendo não tem nada a ver com uma crise de meia-idade, e sim com o que sinto por ela! — George contra-atacou.

— Agora quem aqui está se enganando? Você acha mesmo que aquela garota vai ficar muito tempo com um velho feito você? Ela é jovem e bonita! — Maristela vira as fotos que o detetive enviara para o seu celular. — E eu também soube que é órfã de pai e mãe. Pensando bem, ela não deve te ver como homem, mas como um pai substituto — provocou, maldosa, a voz pingando ironia.

George não podia negar que sentiu o impacto das palavras ferinas, formuladas com o propósito de desestabilizá-lo. A diferença de idade entre ele e Bella era grande, admitia isso, contudo, não queria pensar a respeito, muito menos discutir o assunto com Maristela.

— Eu já disse que não vou mais perder meu tempo com você. Nós dois estamos acabados. Já vivíamos vidas separadas, não acredito que o lugar onde durmo ou não faça alguma diferença.

Por força do hábito, Maristela apelou para o seu argumento mais antigo:

— As nossas filhas, elas não vão aceitar que o pai troque a mãe delas por uma garotinha interesseira e...

George não a deixou prosseguir.

— As nossas filhas já são adultas. Foi-se o tempo em que você podia usá-las para me manter nesta casa. Não pode mais afastá-las ou colocá-las contra mim. Nem ameaçar ir a uma corte e dizer que eu sempre abusei delas. Minhas próprias filhas, Maristela! — Torceu a boca, enojado. — Acabaram-se as ameaças e as manipulações! Entenda de uma vez por todas que você não pode fazer mais nada!

— Está certo, admito, mas posso tirar o seu dinheiro. Eu vou te deixar sem um centavo. Não vai gastar a herança das minhas filhas com uma vadia qualquer! — gritou ela, furiosa.

George riu da tentativa patética de tentar fazê-lo mudar de ideia.

— Então, você pretende tirar o meu dinheiro e me deixar sem nada?! — repetiu ele, surpreendendo-se com a ameaça, afinal, Maristela tinha mais dinheiro do que ele jamais teria. — Vai perder o seu tempo, mas pode tentar.

Ele a observou. A mulher estava tão irritada com sua reação que chegou a pensar que ela teria uma síncope a qualquer momento.

— Eu farei mais do que tentar! E o mundo saberá o grande traidor que você é! — sibilou ela, cada vez mais furiosa.

— Quer seguir por esse caminho? Quer colocar a culpa do fracasso do nosso casamento nas minhas costas e se fazer de vítima? Pois fique à vontade! Ao contrário de você, eu não me preocupo com o que os outros pensam de mim. Quem me conhece, sabe como e quem eu sou. Mas só me deixa

refrescar sua memória, porque, pelo que vejo, você não se lembra do contrato pré-nupcial que eu tive que assinar antes de nos casarmos.

— Você está inventando isso. Não sei de nenhum contrato — negou Maristela, parecendo mesmo não saber do que ele falava.

— Agora você me pegou de surpresa... Seu pai não te contou que me fez assinar um contrato e que o regime do nosso casamento é de separação total de bens?

— Ele me pediu para assinar uns documentos, mas disse que tinha a ver com o espólio dos meus avós, pais dele.

— Hum... Então a velha raposa também te enganou! O contrato foi uma exigência do seu querido papai para que nós pudéssemos nos casar. Ele se assegurou de que eu não tivesse direito a um centavo no caso de nos separarmos. Aquele desgraçado sempre me considerou inferior e um caçadotes. E ele me disse que você estava de acordo... Uau, veja só como é a vida! Hoje, eu dou graças aos céus por ter assinado. Aliás, preciso enviar um cartão de agradecimento para aquele velho sovina e preconceituoso. Bem, acho que não temos mais nada a dizer. A partir de agora, nos falaremos o mínimo necessário e através dos nossos advogados — disse George, encerrando a discussão, saindo daquela casa pela última vez e deixando uma Maristela furiosa, impotente e ruminando um fim tão amargo quanto fel.



Capítulo 16

“É coisa de alma”

Sentado numa poltrona, no quarto de número 210 de um luxuoso hotel localizado em Moema, um dos bairros mais tradicionais da capital de São Paulo e que, por coincidência, tinha sido construído pela *Construtora Di Fiori*, George soltava a fumaça aromática de um charuto e refletia em silêncio. Parte dele se sentia aliviado por ter saído daquela casa e dar o primeiro passo para pôr um fim ao seu casamento com Maristela, mas, por outro lado, sentia-se agoniado, inquieto, agitado.

Pedira para Jônatas agilizar o processo do divórcio e, caso Maristela se recusasse a assinar os papéis, o que ele não duvidava, já o autorizara a partir para o litigioso. Era tudo ou nada. Precisava finalizar aquela situação, e logo.

O fato de não terem bens para dividir era um empecilho a menos, e ele faria de tudo para que a separação definitiva se consumasse o mais rápido possível. Estava disposto a seguir sendo um pai presente e cumprir com suas obrigações, tanto com Lilly, em seus estudos e manutenção, quanto com Alana, no que ela precisasse, afinal, estava se divorciando da mãe, não das filhas.

Uma batida na porta tirou-o de suas divagações e, com um esticar de braço, esfregou a ponta do charuto no cinzeiro sobre a mesinha de centro,

apagando-o. Levantou-se com um suspiro e caminhou até a porta, abrindo-a e dando de cara com um Sérgio sorridente.

— Trouxe pizzas e cerveja — disse ele, segurando um pacote com seis delas numa mão, equilibrando duas caixas de pizza no antebraço e apoiando-se no batente da porta. — Pensei que estaria precisando de um ombro amigo.

George se colocou de lado, lhe dando passagem.

— E pensou certo. Entre — disse, indo até a poltrona e voltando a se sentar. Sérgio colocou as pizzas e as cervejas sobre a mesinha e se acomodou num sofá próximo. Tirou uma cerveja da embalagem e jogou para George, que a pegou no ar e, num gesto contínuo, puxou o lacre e tomou um demorado gole. O amigo fez o mesmo.

— Então? Como está se sentindo?

George bebeu um segundo gole da bebida gelada, afundou as costas no encosto e descansou a mão livre sobre o braço da poltrona.

— Na medida do possível, estou bem. É um pouco estranho estar aqui, depois de viver tanto tempo naquela casa, mas acho que é só uma questão de tempo para eu poder me acostumar.

— E suas filhas? Já falou com elas?

— Ainda não, mas sei que minha decisão não será uma surpresa para a Alana. Eu me preocupo mesmo é com a reação da Lilly. Das duas, ela é a mais apegada a mim. Acho que por ela ser a caçula — concluiu George, pensativo.

— Lilly é uma garota esperta e inteligente, vai entender que o pai não estava feliz e que tem o direito de buscar o melhor para si.

— Assim espero. Marquei de me encontrar com as duas no fim da tarde, num shopping aqui perto.

— Vai dar tudo certo — assegurou Sérgio, estendendo a mão e oferecendo a sua latinha para um brinde.

— Estou torcendo para isso — disse George, aceitando o gesto. — Falou com o Antônio? — indagou, pegando um pedaço da pizza, levando-o até a boca e dando uma mordida. Mesmo estando em um lugar que possuía um excelente restaurante, onde poderia apreciar os pratos mais sofisticados, volta e meia, duas ou três fatias de uma boa pizza e algumas garrafinhas de cerveja eram tudo o que ele queria.

Seu pensamento retornou para o trabalho. Antônio Andrade era o engenheiro responsável pelo projeto do condomínio de luxo que construiria no terreno da praia, e George queria tirar algumas dúvidas com ele antes de tomar a decisão final, então pediu que Sérgio agendasse uma reunião para aquele mesmo dia, às três da tarde. Mergulhar a mente no trabalho talvez o ajudasse a suportar o momento difícil pelo qual passava.

— Sim, falei, e ele vai nos esperar na empresa com todos os dados que você pediu. Convoquei o Leonardo, do departamento financeiro, também. Vai levar os orçamentos que nós temos até o momento.

George balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Fez bem. Precisamos deixar tudo alinhado para quando obtivermos as permissões. Pelo que o advogado que está acompanhando o andamento das licenças me disse, falta pouco para que elas sejam liberadas, então poderemos iniciar a construção dentro de um mês, talvez menos.

— Isso mesmo. Ele enviou um e-mail me colocando a par da situação. E, George, posso te perguntar uma coisa?

— Manda — disse George, apreciando mais uma fatia da pizza. — Isso aqui está mesmo uma delícia! Fazia tempo que eu não comia uma pizza tão boa!

— Essa pizzeria é excelente. A Madalena^{2[2]} deles é imbatível simplesmente a melhor, tenho que concordar! — Sérgio sorriu e depois ficou sério. — Bem, a minha pergunta é sobre a Isabella. Você teve alguma notícia dela?

George meneou a cabeça, negando.

— Ela não responde as minhas mensagens e não atende as minhas ligações, mas eu já esperava por isso. Sou teimoso em insistir, mas tudo o que eu queria era ouvir a voz dela, Sérgio. Confesso que essa separação está acabando comigo. — Suspirou, inconformado.

— Nossa, está tão mal assim? Essa garota deve ser mesmo especial para você ter caído de quatro por ela em tão pouco tempo — comentou Sérgio, admirado.

— Você não imagina o quanto... Descobri que Bella tem o meu coração nas mãos para fazer o que quiser com ele, e não posso negar que isso me assusta. Ela me pediu esse tempo, disse que precisava pensar, e eu estou me forçando a respeitá-la. Enquanto isso, aguardo a Maristela assinar os papéis do divórcio. Eu me comprometi a só voltar a procurá-la quando os tivesse em mãos, então pedi ao Jônatas resolver esse assunto ainda esta semana. Cara, eu não vejo a hora de vê-la de novo e acertar as coisas entre nós — disse, o olhar angustiado.

— E você acha que ela vai te aceitar de volta? Você me contou que ela ficou bem chateada quando soube... E sabe como é esse negócio de mágoa...

George respirou fundo.

— Estou confiante. Sabe, Sérgio, vou te contar uma coisa: a Bella e eu... nós temos essa conexão, essa coisa forte, e eu sinto nos ossos, no sangue que corre por aqui, que estamos destinados a ficar juntos. — Dava batidas com a mão aberta acima das veias de um braço esticado. — Nunca pensei que isso aconteceria, nem que fosse tão rápido, mas aconteceu.

— Eu entendo. Sei bem como é isso. Já vivi uma vez — falou Sérgio, nostálgico. — Você se apaixonou por ela, George. Só de olhar para você, posso ver, esse brilho especial que tem nos olhos ao se referir a ela. E se está tão certo do que ambos sentem, eu só posso te desejar o melhor, meu amigo! — concluiu, dando mais um gole em sua cerveja.



A claridade do sol atravessando as cortinas da janela do quarto e um ruído de louça sendo usada a despertaram. Bella olhou para o relógio em cima do criado-mudo. Eram seis horas. Respirou fundo e decidiu ficar mais cinco minutos na cama. Só teria que estar na escola depois do almoço, mas queria adiantar algumas coisas antes de sair. Sua vontade era ficar ali e não ter que se levantar nunca mais. O que acontecera entre ela e George a atingiu com força. Sentiu o peito pesar e a vontade de chorar retornar. Engoliu o choro, recusando-se a ceder, pois, se começasse, receava não conseguir parar, e não poderia encarar os irmãos com os olhos vermelhos e inchados. Eles iriam querer saber o motivo, e ela não estava disposta a contar.

A verdade é que Bella se envergonhava por ter se envolvido com um homem casado, embora não soubesse disso, mas não se arrependia do que tinha vivido ao lado de George. Fazia uma semana que não sabia dele, mas morria de vontade de saber como estava. Desde que tinham se separado, sentia-se como uma alma penada: dormia mal, comia mal, vivia mal. Ficar longe dele era como se lhe tirassem o ar. Era um absurdo o quanto ela sentia sua falta, apesar de terem ficado pouco tempo juntos.

Algumas vezes, quando achava que a saudade era demais e que não ia suportar, Bella quase se arrependia de ter tomado a decisão de se afastar, mas como poderia continuar com ele depois de saber que era um homem casado e que tinha filhas da sua idade? Seu coração doía, seu corpo clamava pelo dele, mas precisava aguentar. Em algum momento, essa dor que a deixava prostrada, sem forças, haveria de passar. Nada durava para sempre.

Suspirou, afundando a cabeça no travesseiro. Fechou os olhos e, ao reabri-los, assustou-se ao ver que quase uma hora se passara. Com um gemido, chutou os lençóis para o lado, levantou e foi tomar um banho. Ao terminar de se arrumar, entrou na cozinha e encontrou Enrico arrumando a mesa para o café da manhã.

— Bom dia — cumprimentou e se sentou, servindo-se de uma xícara de café preto, observando o irmão fazer o mesmo.

— Aconteceu alguma coisa? — indagou Enrico, olhando-a como se quisesse ler a sua mente. Será que ele desconfiava de algo ou era sua consciência recordando-a de que ainda ocultava o relacionamento que tivera com George? Diante de tal questionamento, Bella se viu obrigada a abaixar o olhar, fixando-o no conteúdo escuro e fumegante da xícara que envolvia com as duas mãos.

— O quê? — Ao responder, parecia distraída, cansada, aborrecida. — Não aconteceu nada — mentiu.

Enrico olhou-a com desconfiança, demonstrando não estar nem um pouco convencido. Era só olhar para ela para saber que a irmã não dizia a verdade.

— Nos últimos tempos, você andava mais alegre, sempre sorrindo, e, de repente, isso mudou. Quando olho para você agora, está calada e pensativa, então achei que pudesse estar com algum problema.

— Eu tenho andado um pouco cansada e sem apetite, só isso.

— E você tem alguma ideia do motivo de se sentir assim?

— Acho que alguma coisa que comi não me caiu bem, mas deve passar logo. E como não estou me alimentando direito, fico assim, sem ânimo.

— Hum, entendo. Mas, se não passar, você precisa ver um médico. Pode ser uma gastrite, e seja o que for, tem que cuidar — recomendou Enrico, o semblante preocupado.

— Farei isso. Pode deixar.

Enrico deixou cair os ombros.

— Está certo. Qualquer coisa, me avisa, posso te acompanhar. E por falar em cansaço, eu quase não preguei o olho essa noite. A Diana ficou

virando na cama, procurando uma posição melhor para dormir, e quando ela dava uma trégua e eu conseguia pegar no sono, os barulhos da rua – vozes e os escapamentos das motos passando – me despertavam.

Antes que Bella pudesse comentar a respeito, Eros entrou na cozinha, estava todo arrumado.

— Ué, já está de pé? Caiu da cama? — brincou ela, com um pequeno sorriso. — Está bonito e cheiroso!

Eros esfregou a parte de trás do pescoço, sorrindo, meio sem jeito.

— Um amigo me falou de uma vaga de emprego na empresa onde ele trabalha e eu tenho uma entrevista marcada para hoje, às nove e meia.

Enrico pousou um olhar surpreso sobre o irmão.

— Toma café antes de sair — disse Bella, apontando a cadeira ao seu lado.

Eros assentiu com a cabeça e sentou-se, servindo-se de uma xícara de café com leite.

— Eu tive uma noite bem agitada — comentou.

— Você também? — perguntou Bella, e diante da interrogação nos olhos do irmão, esclareceu: — O Enrico não conseguiu dormir direito. *Nem eu*, acrescentou para si mesma.

— Por quê? — quis saber Eros, molhando um pedaço de pão no seu café.

— Eu só perdi o sono — Enrico apressou-se em responder. — E você?

— Eu acho que, no meu caso, foi a ansiedade, por causa da entrevista — Eros respondeu, abaixando o olhar e desbloqueando a tela do celular que colocara sobre a mesa. Percebendo que já estava em cima da hora, engoliu um último pedaço do pão e arrematou com um bom gole de café com leite, levantando-se. — Bem, eu vou indo. Se eu não sair agora, vou chegar atrasado. — Inclinando-se, beijou Bella no rosto, despediu-se de Enrico com

um toque de mãos e, apressado, deixou a casa.



Bella atravessava o pátio da escola quando ouviu Betty chamá-la. Parou e se virou, esperando por ela, que chegou toda esbaforida.

— Nossa, pensei que eu não ia te alcançar. Já faz uns dias que a gente não se fala. Estou atolada de serviço na secretaria. Está tudo bem?

— Sim, por quê?

— Você não me falou mais nada... Sabe, do seu namorado. E aí, me conta, quais são as novidades?

Antes que pudesse responder, Bella levou a mão à testa, fechou os olhos e um gemido débil escapou de seus lábios.

— Bella, o que foi? — perguntou Betty, alarmada diante da repentina palidez no rosto da amiga. — Bella? — insistiu, olhando ao redor, à procura de um lugar onde pudesse colocar suas coisas e ampará-la, pois parecia que Bella cairia a qualquer momento.

— Não sei... Senti uma fraqueza, minhas pernas amoleceram e eu fiquei tonta de repente. Uma sensação horrível, como se eu fosse desmaiar.

Largando sua bolsa e a pasta no chão mesmo, Betty colocou um braço na cintura da amiga e a guiou até um banco de madeira, encostado numa parede e perto de onde estavam.

— Vem, senta aqui. Eu já volto. Só vou buscar um copo de água para você — avisou, indo até o bebedouro, pegando a água e voltando em menos de dois minutos.

— Que estranho — murmurou Bella.

— Já senti isso antes? — quis saber Betty, sentada ao seu lado.

— Não — negou Bella, tomando um gole da água que Betty trouxera. — Acho melhor ver o que pode ser. Antes de sair de casa, eu coloquei o café

da manhã para fora, e agora... isso.

— É estranho mesmo... — Betty lançou um olhar desconfiado para a amiga. — Bella...

— Não, não, não! Não olha para mim com essa cara! Nem pensa uma coisa dessas, Betty!

— Mas, amiga, não é impossível. Você e o George passaram algum tempo juntos e fizeram, não fizeram? Você sabe...

— Não! Quero dizer, sim. Algumas vezes. Mas nós sempre nos cuidamos, ele nunca deixou de usar preservativo. Não, definitivamente, não pode ser! — Bella balançou a cabeça, negando com veemência.

— Bem, eu acho melhor fazer um teste para eliminar dúvidas. Nós vamos à farmácia da esquina, compramos, você faz, e ficamos sabendo de uma vez.

Diante do que ouviu, Bella ficou ainda mais pálida, suando frio, o coração batendo feito louco.

— Nós não estamos mais juntos, Betty — confessou de repente.

— O quê? — indagou Betty, achando que não tinha escutado direito.

— Eu e o George... não estamos mais juntos. Aconteceu uma coisa...

— O que houve? Você me disse que estava apaixonada, e ele parecia tão interessado...

— Eu estou apaixonada. Ah, Betty, eu amo aquele homem de um jeito que não pensei que fosse capaz de amar... Tão pouco tempo e sinto que o George é o homem da minha vida. É uma coisa de alma, sabe? Como se as nossas tivessem se encontrado antes, e, agora, se reencontraram e se reconheceram — discorreu, animada, mas logo uma sombra abaixou e nublou seus olhos.

— O que foi, Bella? Por que essa carinha triste? Você estava tão animada, falando do seu amor, de um encontro de almas... - Betty não

entendeu a repentina mudança no semblante da amiga.

— Eu descobri uma coisa que me fez tomar uma atitude e me afastar dele. Ainda bem que eu não cheguei a contar que estava saindo com ele para o Eros e o Enrico, mas agora, se eu... — Parou de falar. Não podia sequer verbalizar o que passava pela sua cabeça. — Na última vez que estivemos juntos, ele me contou que é casado e tem duas filhas.

A ruiva levantou de um pulo, o rosto contraído pela surpresa.

— O quê? Está me dizendo que o desgraçado te enganou? Que safado! — exclamou a morena, brava.

— Ele me disse que está separado da esposa. Veio com aquele papo, sabe, de que o casamento deles acabou, que não vê a hora de se divorciar...

Betty voltou a se sentar.

— Nossa, amiga, estou passada! Nunca imaginei uma coisa dessas. Mas você não acreditou nele, acreditou?

— Ele me disse que já pediu o divórcio e que vai me provar que é verdade. E que não quis me ocultar nada, só esperava os documentos ficarem prontos para me contar. Eu quero acreditar, mas confesso que não sei o que pensar. Betty, sendo verdade ou não, eu não poderia ficar com o George, não sem antes ele resolver a situação com a esposa. Mas, por favor, não comenta nada disso com ninguém, está bem?

Betty fez um sinal com a mão sobre a boca, imitando um zíper sendo fechado, e deu um olhar cúmplice para a amiga.

— Você fez o certo. Ele que resolva sua vida primeiro. E se falou a verdade e gosta mesmo de você, que te procure quando estiver totalmente livre. E pode ficar tranquila, eu sou um túmulo, mas ainda temos que comprar aquele teste. Já se sente bem para ir comigo até a farmácia? Se não, eu vou, compro, e você me espera aqui.

— Não precisa, eu já estou bem — disse Bella, respirando fundo. — Mas eu ainda acho que você está viajando. Minha menstruação nem falhou,

nem nada, mas pensando bem, teve aquela vez que... — disse, pensativa, mas foi interrompida por Betty que se colocou de pé, com as mãos nos quadris e olhando-a séria, falou:

— Mesmo assim, *dona* Isabella! Você nunca ouviu falar de casos em que a mulher pode ter sangramentos nos primeiros meses, mesmo estando grávida?

— Caramba, Betty, assim você não me ajuda! Eu tenho certeza de que não estou grávida e ponto!

Apesar do que acabara de dizer, Bella achou melhor ir até a farmácia na companhia de Betty e comprar o bendito teste. *Um filho do George...* Não que a ideia a desgostasse, longe disso, mas era óbvio que aquele não era o momento, nem a situação ideal, para trazer uma criança ao mundo. E para nenhum dos dois. Por isso, ao contrário do que a amiga sugerira, Bella se recusava a sequer pensar na possibilidade de estar grávida, apesar de como vinha se sentindo nos últimos dias. Mas a danada conseguiu colocar uma pulguinha atrás de sua orelha, e, agora, ela não sossegaria até que fizesse o teste e visse o resultado.

— Vamos voltar para a escola — disse Betty, assim que as duas deixaram a farmácia.

— Para quê? — indagou Bella, se fazendo de desentendida. Guardou o saquinho de papel dentro da bolsa e começou a andar na direção do local onde costumava deixar o carro.

— Para você poder fazer o teste, oras! — exclamou Betty, batendo o pé, impaciente.

— Ah, tá! Eu resolvi que vou fazer mais tarde. E na minha casa. É mais tranquilo. Agora, eu preciso ir — disse Bella, inclinando-se para dar um beijo de despedida na bochecha da amiga.

Betty se recusou a desistir e a seguiu.

— E vai me deixar assim, nessa agonia? Não pode fazer isso comigo!

— choramingou.

Não se pode mais ter um mal-estar e uma queda de pressão que já pensam logo em gravidez..., pensou Bella, revirando os olhos diante da insistência da amiga.

— Betty, você não tem por que se angustiar. — Bella tentava, ao máximo, ser paciente. — Eu já disse que você está enganada — reforçou, abrindo a porta dianteira do Pálio e se acomodando no assento do motorista. — Nós nos falamos amanhã. — Fechou a porta e deu a partida, colocando o carro em movimento e deixando uma Betty bufando, inconformada, atrás de si.



Capítulo 17

“Eu vou sair dessa”

A casa estava em total silêncio quando Enrico chegou do trabalho e foi direto para a cozinha. Sabia que, naquele horário, Diana estaria preparando o jantar, por isso estranhou ao entrar e não encontrá-la. Reparou que sequer havia, panelas sobre o fogão. Unindo as sobrancelhas, resolveu procurá-la, passando a percorrer a casa: cruzou a pequena sala, abriu as portas dos quartos e andou até a lavanderia, aos fundos, sempre chamando-a pelo nome. Retornou ao quarto deles e parou no centro, as mãos apoiadas na cintura, perguntando-se para onde ela poderia ter ido. Diana sabia que Enrico estava a caminho, pois ele lhe enviara uma mensagem perguntando se ela precisava de algo.

Seu olhar pousou no envelope branco sobre a cômoda. Estranhou, recordando-se que, pela manhã, quando saíra, não havia nada ali. Aproximou-se e o pegou, notando que tinha seu nome nele. Reconhecendo a letra de Diana, achou que poderia ser um bilhete dela ou algo do tipo. Abriu o envelope e tirou uma folha de caderno de dentro dele, e o que estava escrito ali imediatamente fez seu rosto perder a cor, o coração pular e a respiração falhar. Sentindo as pernas fracas, Enrico procurou pela cama e sentou-se, recusando-se a acreditar no que seus olhos viam. O que ela dizia ali só podia ser uma brincadeira de mau gosto. Não estava acontecendo. Não estava!

Agitado, Enrico levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, feito fera enjaulada em um espaço reduzido. Uma fúria incontrollável o dominou, Enrico precisava extravasá-la de alguma maneira ou enlouqueceria. Socou uma das paredes, como se a dor física pudesse aplacar a dor emocional que sentia. Levou o dorso da mão até a boca, fazendo de tudo para não sucumbir ao desespero. Uma série de sentimentos o tomou: surpresa, decepção, fúria, agonia e, por fim, humilhação.

Enrico esfregou os nós dos dedos com a outra mão, percebendo que começavam a ficar vermelhos e inchar.

— Ela não fez isso comigo! Ah, Deus, não pode ser verdade! — Olhou mais uma vez para o conteúdo da carta em sua mão e a amassou, com raiva, jogando-a aos seus pés, o semblante contraído.

Berrou seu nome sentindo o peito abrir e se arrebentar de dor. Por um momento, desejou tê-la diante de si e se viu colocando as duas mãos ao redor de seu pescoço e apertando... apertando, vendo seu rosto ficando vermelho e os lábios arroxando pela falta de ar.

O que estou pensando? Essa pessoa não sou eu. Que loucura, meu Deus!, recriminou-se, passando a mão livre pela cabeça, a dor implacável no peito queimando, dilacerando, e só fazia aumentar. Naquele ponto, até o simples e essencial ato de respirar lhe pareceu extremamente difícil.

Sentado na cama, Enrico dobrou-se em dois e começou a balançar o corpo para frente e para trás.



Eros passou pela porta de entrada a tempo de ouvir um urro agoniado. Sem hesitar e com uma expressão de pavor no rosto, largou a chave em cima do aparador e correu na direção do som. Sem se preocupar em bater, escancarou a porta de um dos quartos, o pensamento de que algo ruim poderia ter acontecido com o irmão, com a cunhada ou até mesmo com o bebê que esperavam cruzando sua mente como um raio. Viu, com certo alívio, o irmão

sentado na borda da cama. Enrico segurava a cabeça entre as mãos enquanto balançava o corpo e mantinha os olhos fixos numa folha de caderno amassada entre seus pés, agindo como se estivesse em uma espécie de transe.

— Enrico? — Eros o chamou num tom de voz preocupado. Sentou-se ao seu lado, mas o irmão não o olhou, parecia sequer ter percebido sua presença.

Eros seguiu seu olhar e pegou a bolinha de papel do chão, achando que o comportamento estranho do irmão poderia ter a ver com o que havia escrito ali. Desamassou o papel com as duas mãos e, ao começar a ler, levantou-se e tapou a boca, surpreso, pois agora conseguia compreender o que tinha acontecido e o motivo de o irmão agir daquela maneira.

— Meu Deus! — murmurou, dirigindo o olhar para Enrico e voltando a se sentar ao seu lado. Num gesto confortador, passou um braço pelos ombros do irmão e logo pôde sentir os pequenos espasmos de seu tronco. Por tudo o que era mais sagrado e pela primeira vez em sua vida, Eros viu Enrico de um jeito que nunca tinha visto antes. O seu irmão mais velho, a fortaleza daquela casa, o seu apoio de uma vida inteira estava quebrado, arrasado. Seu peito doeu e seu semblante se contraiu quando percebeu que Enrico chorava. Enlaçou seus ombros com mais força e o puxou para o próprio peito, e como não sabia o que dizer, ficou calado, esperando que o irmão se acalmasse.



Bella chegou em casa ruminando a conversa que tivera com Betty. Por mais que tentasse se convencer de que aquilo que a amiga dissera era praticamente impossível de acontecer, o pequeno pacote contendo o teste de gravidez que comprara parecia pesar meia tonelada no interior da bolsa pendurada em seu ombro. Ao entrar na sala, deu de cara com Eros, muito sério, de braços cruzados e encostado na cristaleira de mogno, um dos poucos móveis remanescentes da época em que seus pais estavam vivos. Olhou bem para ele e notou que o irmão parecia fugir de seu olhar. Desceu os olhos até

Enrico, sentado no sofá, com a cabeça jogada sobre o encosto e os olhos fixos em um ponto qualquer do teto pintado de branco.

— O que foi? Por que vocês estão assim? — Bella se aproximou, deixou a alça da bolsa escorregar pelo ombro e colocou-a sobre uma mesa. — Aconteceu alguma coisa? — perguntou, olhando primeiro para um, depois, para o outro.

— Não foi nada — disse Enrico, movendo-se e ajeitando o corpo no assento, desconfortável.

— A Diana foi embora — contou Eros.

Com raiva, Enrico uniu os lábios e lançou um olhar de advertência para o irmão, que, nesse momento, se remexeu sem sair do lugar, trocando o pé de apoio, visivelmente nervoso.

Bella surpreendeu-se com a notícia. Sentia em suas entranhas que aquela garota não era flor que se cheirasse, mas, embora tivesse esperanças de que Enrico, um dia, caísse em si e a visse como realmente era, no fundo, ela não esperava por algo como aquilo, não com Diana na reta final da gravidez.

— Como assim a Diana foi embora?

Eros devolveu o olhar do irmão, porém, ao contrário do dele, o seu era compassivo.

— Enrico, mais cedo ou mais tarde a Bella vai ter que saber a verdade — argumentou o rapaz, pronunciando-se com a seriedade que o momento pedia.

Enrico manteve o olhar no irmão mais novo, o semblante contrito.

— Isso é coisa minha, Eros! Não era nem para você saber. Pegou a carta e leu, mas foi sem a minha autorização, porque era, e ainda é, um assunto pessoal! — rosnou e viu Eros se crispar.

— O que acontece com um, afeta a todos. Ou deixamos de ser uma família? — questionou Eros, sem hesitar em encarar o irmão mais velho.

— Eu só não quero que vocês se preocupem comigo. Não quero a pena de ninguém! — exclamou Enrico, levantando-se, o corpo imenso tomando conta do ambiente.

— Pelo amor de Deus, Enrico! É isso o que você acha que sentimos por você? É nosso irmão! Você tem mesmo que bancar o forte? É orgulhoso demais para admitir que está mal? Você é gente como a gente, sofre como todo mundo, não há vergonha nisso! — argumentou Eros, abespinhado.

Enrico deixou escapar um suspiro cansado.

— O Eros está certo, Enrico. Não precisa se fazer de forte o tempo todo. Somos seus irmãos, e você sempre esteve aqui para nós, agora é a nossa vez de estarmos aqui para você. Vamos, me conta, o que foi que houve? Vocês brigaram de novo? — Bella voltou a olhar de um para o outro e viu Enrico balançar a cabeça, confirmando.

— Ontem à noite, mas foi por uma coisa tão boba que eu nem consigo mais me lembrar — explicou ele, remexendo-se no assento, incomodado.

— Mas vocês já brigaram tantas vezes antes. Lembra-se daquela vez que passaram quase um mês separados? — lembrou ela.

Enrico voltou a assentir.

— Foi nessa época que ela me procurou e contou que estava grávida — recordou ele, mordendo o lábio. Seu olhar continha um misto de tristeza, raiva e dor.

— Exato! Foi isso mesmo! — exclamou Bella. — Ela só deve estar de cabeça quente. Final de gravidez, alterações dos hormônios, mudanças de humor, essas coisas... — dissertou ela, na esperança de convencê-lo.

— Não, Bella, desta vez é diferente.

— Por que desta vez é diferente? A Diana não vai voltar? E o bebê? É seu filho, e você, como pai, tem direitos!

Enrico abaixou o olhar e encarou as mãos antes de revelar:

— Não é, Bella.

— Não é o quê?

— O bebê que a Diana espera não é meu filho — confessou Enrico, entregando o bilhete a ela.

Como Eros fizera antes dela, Bella leu-o, enfurecendo-se de imediato.

— Eu sabia! Que vaca! Desgraçada! — xingou, brava, apertando o papel na mão. — Como ela foi capaz de fazer uma coisa dessas? E com alguém tão bom como você? — questionou, furiosa.

Empática, Bella conseguia entender o momento que o irmão estava passando. Trair. Enganar. Ela sabia bem os sentimentos negativos que tais atos eram capazes de fazer emergir dentro de uma pessoa.

Enrico balançou os ombros.

— Acho que eu tenho cara de trouxa, de otário, só pode ser isso! — disse, e havia revolta em suas feições e no tom de voz que usava.

Bella foi até ele e o abraçou pela cintura.

— Não fala assim. Você não é nada disso. Você é a melhor pessoa que eu conheço e uma das que eu mais amo no mundo! A Diana era manipuladora, dissimulada, usou o seu bom caráter e os seus valores para se aproveitar. Ela é a errada nessa história. Você fez o que considerou ser o certo, como o nosso pai teria feito no seu lugar. — De repente, uma dúvida surgiu em sua cabeça. — Mas como ela sabe que o bebê não é mesmo seu?

— Quando eu conheci a Diana, ela tinha um ex que esteve na cadeia por algum tempo por roubo de carros. Parece que ele teve um benefício, um indulto de uma semana, e não retornou. Agora, depois do que aquela filha da... — Enrico se deteve no meio do xingamento. Por mais raiva que sentisse de alguém, não era capaz de ofender a pessoa dessa maneira. Mãe era algo sagrado para ele, por isso usou outra palavra para se referir a, agora, ex-namorada. — Aquela desgraçada escreveu nesse papel aí, eu acho que ela arrumou aquela briga para ficar com ele e acabou engravidando. O cara foi

pego de novo e voltou para a cadeia, então ela precisou do idiota aqui para bancar casa e comida e resolveu jogar o filho de outro para cima de mim. E agora que o safado foi libertado de vez, ela largou tudo e foi atrás dele — dissertou Enrico, seu rosto se transformando enquanto falava.

Bella estava passada com o que o irmão contava. Disso, ela não tinha a menor ideia, já que Enrico era muito discreto no que se referia à sua vida pessoal. Ela e Eros só ficaram sabendo da existência de Diana quando ambos já estavam juntos havia quase seis meses. *Ocultar uns dos outros seus respectivos relacionamentos deve ser coisa dos Magalhães*, pensou Bella, a imagem de George, como sempre, invadindo seus pensamentos. Abaixou o olhar e afastou-se dois passos de Enrico, pois sentia que estava a ponto de voltar a passar mal. A falta e a traição de George lhe doíam. E muito.

— Eu nem sei o que te dizer — conseguiu verbalizar.

— Não precisa dizer nada, irmãzinha. Isso tudo vai passar. No fundo, eu acho que foi até melhor saber disso agora. Já pensou se eu descubro depois de o bebê nascer? Se eu já estava apegado e na expectativa antes do nascimento... — Hesitou, o olhar vagando, perdido por uns instantes. — E quando penso que a pedi em casamento, eu sinto meu estômago se contorcer. — Esfregou o rosto com as duas mãos após dizer isso. — A pior coisa do mundo é nos sentirmos enganados, traídos, humilhados.

— E da pior maneira possível — arrematou Eros, que, até aquele momento, se mantivera calado e pensativo, observando os irmãos interagindo entre si.

Enrico voltou a passar as mãos pelo rosto, os olhos ainda vermelhos. *Eu sou forte e vou sair dessa. Já dei a volta por cima tantas vezes...* Ele não verbalizou, apenas pensou.

— Você vai ficar bem? — Bella quis saber.

— Em algum momento, sim, eu vou.

— Sabe que pode contar comigo e com o Eros, não sabe? — Ela

pegou seu queixo e o fez olhá-la. — Estamos aqui para o que você precisar!

Enrico sorriu, mas seu sorriso saiu sem graça, apagado.

— Sei, e são vocês que não me deixam desabar. É a nossa família e a promessa que fiz que me dão a força que preciso para ficar de pé. Eu não vou me deixar abater. Acho que a minha reação foi mais por orgulho ferido e por um sonho que não vai se realizar. Eu sonhei com aquele filho, com o nascimento dele, em tê-lo nos meus braços... — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — Mas esse sonho acabou. — Suspirou, dando a entender que se conformava. — Vida que segue. Eu não tenho tempo para ficar chateado. Vou tomar um banho e descansar, porque amanhã, logo cedo, eu preciso levantar para ir trabalhar. Tenho uma hipoteca e contas para pagar — concluiu, falando mais para si mesmo.

— Você ainda vai encontrar alguém que te ame como merece, que te valorize. Alguém tão especial quanto você! — desejou Bella, encorajando-o.

Enrico tentou sorrir, mas, desta vez, ele não conseguiu, e o que seria um sorriso se transformou em uma careta.

— A última coisa em que eu quero pensar é nisso, Bella... Como eu disse, faz parte da vida, não é o fim do mundo. Não sou o primeiro nem serei o último cara a ser traído, enganado, e embora doa pra cacete, admito, eu não vou morrer por causa disso, podem ficar tranquilos. Agora, eu preciso ficar sozinho — disse, mas antes de sair, voltou a se dirigir ao irmão mais novo: — Eu soube que você foi bem na primeira entrevista. Meus parabéns! Espero que consiga o trabalho — desejou, dando um tapa amigável em seu ombro.

Eros balançou a cabeça, agradecendo.

— Você ainda vai se orgulhar de mim.

Enrico deixou a mão sobre seu ombro, olhou em seus olhos e falou:

— É meu irmão, sangue do meu sangue. Posso ser um pouco duro com você às vezes, mas é porque eu me preocupo. Não importa o que você faça, Eros, eu te amo e isso nunca vai mudar — declarou. Seu semblante

estava triste, os ombros caídos. Era nítido que, embora se esforçasse em negar, ele sofria.

Enrico abraçou o irmão e beijou a irmã no rosto, só então deixou a sala, caminhando com passos pesados em direção ao seu quarto, com ambos o seguindo com os olhos.

— Ele não merecia isso, Eros.

— Ninguém merece, Bella. Mas ele vai ficar bem, não conheço ninguém mais forte e centrado que o Enrico.

— É, mas mesmo os fortes sofrem, caem, ainda que não demonstrem.

— Vamos ficar atentos, porque sabemos como ele é fechado. Não sei como nos contou tudo aquilo sobre a Diana. Fiquei puto da vida. Qualquer coisa, a gente puxa a orelha dele.

— Eros?! — Bella chamou sua atenção. — O Enrico precisa de apoio, não de um puxão de orelha! Que coisa mais idiota para se dizer! — repreendeu-o, irritada.

— Ué, ele vive fazendo isso comigo, quem sabe não seja essa a hora de fazer o mesmo com ele... — Diante da expressão contrariada da irmã, Eros voltou atrás. — Relaxa, Bella, eu não estou falando sério, estou só tentando amenizar um pouco o clima ruim que ficou nesta casa, embora eu ache que ainda vai levar um tempo para tudo voltar ao normal. Bem, agora eu preciso ir, senão vou chegar atrasado ao Bar do Capitão para a minha apresentação de hoje. Eu queria poder ficar, mas não posso, precisamos da grana. Decidi que vou ajudar o Enrico nas contas da casa.

— Vai lá, eu fico com ele. Vou preparar algo leve para o jantar, talvez o Enrico consiga comer um pouco. Acho difícil, mas vale a pena tentar — disse Bella, despedindo-se do irmão e indo para a cozinha.

Meia hora depois e com uma bandeja contendo uma tigela de sopa em uma das mãos, Bella deu duas batidinhas na porta do quarto de Enrico. Após alguns minutos sem ele responder, Bella achou que o irmão deveria estar

dormindo, por isso abriu a porta e entrou. Foi até a cômoda e deixou a bandeja ali. Olhou ao redor e viu que Enrico não estava na cama. Na verdade, ele estava sentado numa poltrona diante da única janela, olhava a noite através das cortinas, parecendo focar o nada. Com certeza, estava perdido em seus pensamentos. Remoendo o que havia acontecido, vê-lo daquele jeito doía nela, e odiava a Diana por ter sido tão sacana com ele. Aproximou-se a passos leves, porém, ao abrir a boca para chamá-lo, repentinamente seu mundo girou e a tontura que já tinha sentido antes retornou. Desta vez, Bella sentiu que veio ainda mais forte, tanto que nem teve tempo de dizer nada, apenas deixou escapar um gemido antes de desabar no chão do quarto.



Capítulo 18

“Céu de brigadeiro”

Enrico aguardava na pequena sala de espera do hospital enquanto Bella era examinada. Ansioso, movia a perna esquerda sem parar, mesmo estando sentado.

— Enrico! — Levantou a cabeça ao ouvir uma voz conhecida, então viu Eros aparecer no pequeno corredor e andar até onde estava.

Assim que recebeu o telefonema do irmão, durante o intervalo de sua apresentação, Eros deixou tudo para trás e foi voando para lá. Por sorte, a distância entre o Bar do Capitão até o hospital era de cerca de sete quilômetros e um colega que ouvira parte da conversa e o viu agitado ao desligar se ofereceu para levá-lo de carro, deixando-o na calçada, a cinquenta metros da porta de entrada.

— E então, já sabe o que a Bella tem? Como ela está? — quis saber assim que parou na frente do irmão, esfregando uma mão na outra.

Enrico se levantou, ansioso demais para permanecer sentado.

— Não, ainda estou aguardando. Hoje cedo, quando ela me contou que não andava bem, eu falei para consultar um médico e até me ofereci para ir junto. E é claro que ela não foi! Que merda! — exclamou, passando a mão pela cabeça, com as costas largas apoiadas numa das paredes. — O que será

que ela tem? — perguntou, preocupado.

Eros se aproximou e pousou a mão no ombro do irmão. Só de olhar, dava para notar o quanto Enrico estava nervoso, quase a ponto de ter um colapso. E Eros concordava que não era para menos. Primeiro, ficara sabendo que a namorada mau-caráter e fujona aprontara com ele; agora, Bella tinha desmaiado e ele precisou levá-la até aquele hospital.

— Calma, Enrico. A nossa irmã sempre foi saudável. Eu não me lembro da última vez que ela teve um resfriado ou de tê-la visto passando mal antes. Não deve ser nada. Talvez seja só nervoso — especulou, tranquilizador, embora ele mesmo estivesse apreensivo.

Dez minutos depois, os dois viram o médico sair da sala onde Bella estava sendo atendida. Enrico foi até ele e o interpelou:

— Doutor, como está a minha irmã?

O médico parou e olhou para ele.

— Sua irmã está bem. Foi só uma queda de pressão devido ao seu estado.

Eros cutucou o irmão.

— Eu te falei que era só nervoso. Já pode relaxar, Enrico, a Bella está bem! — emendou.

— Se não é grave, então por que ela desmaiou? — insistiu Enrico, ignorando o que o irmão acabara de dizer.

— A irmã de vocês não teve um ataque de nervos. Ela está grávida! — declarou o médico.

Enrico e Eros se entreolharam, surpresos com a notícia. Até onde sabiam, Bella tinha tido apenas dois relacionamentos amorosos, e depois de romper com eles, ela não levara nenhum outro rapaz em casa, a fim de apresentá-lo como namorado.



— Como isso aconteceu? — indagou Bella, movendo a cabeça para os lados, atordoadada.

Betty estreitou os olhos diante da pergunta da amiga. Logo que soubera que Bella tinha voltado a passar mal, após a própria ligar para ela dizendo que não tivera como fazer o teste de gravidez, mas que estava esperando o resultado do exame de sangue, seguiu para o hospital e, com seu jeito descolado de ser, conseguiu se esgueirar do médico que saía da sala e entrar sem ser vista.

— Como as coisas acontecem quando achamos que está tudo bem e que estamos nos cuidando direito? Por alguma falha, é claro. E você viu como eu estava certa? O médico confirmou que varia de mulher para mulher, mas é possível, sim, ter sangramentos nos primeiros meses de gravidez, e que podem ser confundidos com menstruação.

Bella ouvia as palavras do médico sendo repetidas por Betty, mas, ainda assim, não conseguia se conformar com a notícia de que estava, de fato, grávida.

— Eu não entendo... A gente sempre se cuidou... Eu não esperava, ainda mais agora, que eu soube da vida dele e estamos separarmos. — Lançou um olhar confuso na direção da amiga.

— Pois é, não esperava, mas aconteceu. E nessa altura do campeonato, não importa mais como, Bella. Mas, tipo, eu tenho uma teoria: vai ver que, durante o vuco-vuco de vocês... — Betty deu uma piscadela e cutucou a morena nas costelas. — Aquele coroa gostosão tem o maior jeito de ser bem intenso na hora H! A camisinha pode ter furado, rasgado, sei lá... — supôs, dando de ombros.

Bella deu uma bufada.

— Não brinca com isso, Betty, porque a coisa é séria! Não está vendo

como eu estou agoniada? — choramingou. — Um filho do George...

— E quem está brincando aqui? Estou falando sério. E eu te entendo. Mas o fato é que o seu homão plantou a sementinha dele aí dentro de você e daqui a alguns meses teremos um Mini George ou uma Mini Bella para amar e paparicar. Já até imagino a coisinha mais fofa que vai ser esse bebê — disse, o olhar sonhador. — Porque, convenhamos, né, amiga?! Vocês dois fazem um casal e tanto! Ô povo pra ser bonito! E eu nem quero saber, vou ser a dinda e tenho dito!

— Eu não quero nem pensar na reação do George e dos meus irmãos quando souberem. — Bella arregalou os olhos, contrariada. — O Enrico vai ficar decepcionado comigo.

— Olha, quer saber? Depois de se envolver com aquela tal de Diana, o Enrico tem telhado de vidro! E mesmo que não tivesse, ninguém tem o direito de te julgar. Estar esperando um filho, e do homem que você ama, não é motivo de vergonha, faz parte da vida, não é o fim do mundo. Concordo que não seja o melhor momento, mas quem sabe ele não disse a verdade e, depois que estiver livre, não te procura para vocês se acertarem? Você vai ter que contar para o homão, amiga!

— Não! — Disse Bella com veemência.

— Sim! — Betty respondeu no mesmo tom.

— Como eu vou contar isso para ele?

— Hum... — Betty pensou por uns segundos e seu rosto logo se iluminou. — Eu já sei, vou te mostrar — disse, chegando mais perto da amiga. Envolveu o rosto de Bella com as duas mãos, manteve o semblante sério e, olhando-a direto nos olhos, falou: — George, meu amor, meu querido, meu homão da porra, meu tatuado lindo e gostoso, você vai ser papai de novo, porque eu, a sua Bella, estou esperando um filho seu!

Bella foi obrigada a se desarmar diante das palavras e da imitação grotesca da ruiva.

— Só você mesmo para me fazer rir numa situação dessas! — confessou e deu um tapa no ombro da amiga. — Palhaça!

— Ai, Bella! Que mão pesada! Quem vê, nem imagina. Tão meiga e delicada, e dona de uma patada dessas! — reclamou Betty, segurando o braço junto ao corpo e fazendo uma careta de dor. Bem canastrona, por sinal, o que fez Bella rir ainda mais.

— Não seja exagerada. Nem foi para tanto.

Betty desfez a falsa carranca e abriu um sorriso de dentes brancos e alinhados. Moveu os ombros, fazendo seus cachos ruivos balançarem, e colocou uma expressão de menina travessa no bonito rosto redondo.

— Está certa, eu exagerei mesmo — admitiu, rindo alto. — Mas vou falar sério agora. Bella, você vai saber como dizer, só não vai poder ocultar a situação por muito tempo. Logo a barriga vai crescer e... — Enrugou a testa, levou o olhar para o ventre da amiga e não foi preciso completar a frase.

— Eu sei. — Bella mordeu a ponta do dedo, nervosa. — O que estou vivendo não dá para esconder, mesmo que eu quisesse. — Suspirou e deixou os ombros caírem, desanimada. Mas ao mesmo tempo que sentia um frio de medo na espinha, havia uma sensação diferente. Ainda não tinha como nomear, só sabia que era uma paz misturada com expectativa, algo bom e que estava gostando de sentir.

Notando a repentina tristeza da amiga, Betty foi até ela e passou um braço pelos seus ombros.

— Não fica assim. Dizem que o que a mãe sente passa para o bebê, e você não quer que o meu afilhado e a minha afilhada fiquem tristes, né?

Bella virou a cabeça para Betty. Ela tinha ouvido direito?

— O quê? Não era um Mini George ou uma Mini Bella? Agora já são os dois de uma vez? Enlouqueceu, sua ruiva de farmácia? — Mesmo a admoestando, Bella não resistiu e desceu o olhar para a própria barriga. — E deixa de ser boba. É tão pequenininho ainda...

— Como eu disse, é o que dizem, mas vai saber. Na dúvida, é melhor evitar — Betty ponderou.

— Está bem. Eu vou tentar não me angustiar tanto, mas é difícil. Talvez melhore depois que eu contar para o pai *dele* ou *dela* — fez questão de frisar. — E para os meus irmãos.

— Concordo totalmente, por isso é bom tomar a decisão de falar logo. Você tem que ligar para o George e marcar um encontro com ele. Para ontem, Bella!

— Eu sei. — Mal acabara de falar e o ruído da porta sendo aberta capturou a atenção das duas.

Bella viu os irmãos entrarem na sala, encontrando-a sentada na maca, vestida com uma camisola do hospital e com Betty, de pé, ao seu lado. Eros parecia sem jeito e sorriu levemente para ela, já Enrico tinha a postura tão tensa quanto as cordas de um violino; seu olhar estava duro, os lábios comprimidos e o rosto parecia ter sido esculpido em granito. Abriu a boca para repreendê-la, mas ao perceber que a irmã tinha companhia, resolveu conversar com ela só depois que saíssem dali.

— Arrume-se, Isabella. O médico acabou de dizer que você está liberada. Nós te esperamos lá fora para irmos para casa — avisou, seco, virou-se e saiu.

O trajeto de cerca de vinte minutos foi feito em um silêncio incômodo, com os três mergulhados em seus próprios pensamentos. Enrico estacionou na frente da casa e Eros desceu, apressando-se em abrir o portão da garagem. Instantes depois, já estavam na sala. Bella olhava de um para o outro, nervosa e sem saber exatamente o que esperar.

— Acredito que você tenha uma boa explicação, Isabella, porque, até agora, não estamos sabendo de nenhum namorado que justifique essa situação — começou Enrico.

— Bella, quem é o pai? — indagou Eros, direto.

Ela olhou para os dois.

— É o homem que eu amo! E eu não o apresentei para vocês porque só passamos dois meses juntos.

Enrico foi se sentar no assento do sofá ao lado dela.

— Dois meses?! — quase gritou, surpreso. — E por que não nos disse que estava saindo com alguém? Devia tê-lo trazido aqui ao menos uma vez!

Bella mordeu a ponta do dedo e virou-se para ele.

— Eu não sei, Enrico. Acho que eu queria me sentir mais segura e esperar um pouco mais.

— Como sentir-se segura, Bella, se você está esperando um filho desse homem? — contestou Enrico, exaltado.

— Calma, Enrico, não a pressione tanto, deixe-a falar — pediu Eros, preocupado com a palidez no rosto da irmã.

— Eu vou conversar com ele e apresentá-lo a vocês, mas preciso de um pouco mais de tempo...

Enrico foi até ela e ajoelhou-se à sua frente.

— Bella, não tem mais tempo. Ei, olhe para mim — pediu, colocando a mão em seu queixo e virando seu rosto para ele. — Esse homem não tem boas intenções com você, por isso ele não veio até aqui!

Bella não encontrou palavras para rebater o que ouvia e abaixou o olhar, fixando-o nas mãos unidas sobre o colo. George tinha mentido para ela, a tinha enganado, e, por esses motivos, Enrico podia estar certo no que dizia, embora, em seu coração, ainda mantinha a esperança de que ele tivesse lhe dito a verdade, então sentiu a necessidade de defendê-lo.

— Fui eu que não quis apresentá-lo a vocês, mas prometo que o farei! — disse ela, com os olhos marejados, o peito apertado.

Enrico levantou-se e olhou para a irmã, aborrecido.

— Não prometa nada! — vociferou. — Eu só espero que esse cara seja homem o suficiente para te assumir e assumir o filho dele! Ele precisa aprender a respeitar você e os demais membros desta família, caso contrário, vai ter que se entender comigo! — ameaçou, zangado.

Bella se apavorou diante da ameaça, pois sabia que Enrico era capaz de cumpri-la se encontrasse George, e isso era algo que ela não podia permitir. Apesar de tudo, amava o pai do seu filho, assim como amava o irmão, e não queria ter que testemunhar um confronto entre os dois.

— Não, Enrico! Por favor, eu te peço, não faça nada contra ele. Deixe-me resolver isso, sim? — implorou, com um brilho de temor nos belos olhos castanhos.

Enrico colocou as mãos na cintura e a encarou.

— Eu disse e repito: esse homem não quer nada sério com você, por isso não deu as caras por aqui! Não consegue entender isso, Bella? Mas ele vai entender, quando eu o encontrar e encher a cara dele de porrada! – ao dizer isso, suas narinas freMIam como as de um animal selvagem.

Ainda mais angustiada, Bella o puxou pela manga da camisa e o encarou.

— Não, você não vai fazer nada. Ele virá. Eu juro! — insistiu na promessa. — Você não vai machucá-lo! — emendou, olhando bem para o irmão. George era alto e forte, mas Enrico era mais jovem, mais alto e possuía mais músculos. Era óbvio quem sairia perdendo numa disputa física entre eles.

— Assim espero, Bella — disse Enrico, desgastado. — Assim espero.

— A última coisa que quero é fazer vocês passarem vergonha. Prefiro sair desta casa antes que isso aconteça — informou Bella, levantando-se e olhando para os dois com os olhos cheios de lágrimas. Porém, antes que pudesse deixar a sala, foi impedida e amparada por Eros.

— Você não vai a lugar nenhum, Isabella! — o mais velho dos

Magalhães gritou, nervoso. — Eu prometi diante da lápide dos nossos pais que cuidaria de vocês dois e é o que eu tenho feito há onze anos! Trabalhar para que não lhes falte nada e para salvar esta casa. E não reclamo por que isso foi o que me tocou viver e por ser minha obrigação! O que eu sinto é raiva e decepção por você não ter confiado em mim! — desabafou, amargurado.

Bella gemeu, pois suas palavras a atingiam e doeram como um punhal afiado, rasgando sua carne. Sem conseguir encará-lo, desvencilhou-se dos braços de Eros e saiu da sala quase correndo. Entrou no quarto, fechou a porta atrás de si e se jogou na cama. E assim ficou, deitada em posição fetal e abraçada ao seu travesseiro.



O açoite do vento riscou sua pele, fazendo-o semicerrar os olhos a fim de evitar os minúsculos grãos de poeira levantados pelas hélices do helicóptero. Curvou-se, abriu a porta e entrou na aeronave. Mais uma vez, George estava indo para o litoral de São Paulo, onde teria uma reunião destinada a dar o ponta pé inicial na construção do seu mais ambicioso projeto.

O resort de luxo que pretendia construir ficava a duzentos metros do mar, e o público-alvo eram os ricos e famosos que buscavam privacidade e desejavam se manter à parte do agito característico das grandes cidades; loucos por um oásis de paz e tranquilidade, longe da selva de pedra e, é claro, sem a presença inconveniente dos *paparazzi*.

Naquela manhã, George foi acordado pelo toque do celular, que apitava sem parar. Irritado, quase jogou o aparelho longe, pois como comparecera ao evento de lançamento de mais um condomínio construído pela *Di Fiori* na noite anterior, acabou indo dormir às duas da madrugada, contudo, mudou de ideia quando leu o nome na tela. Edgar Vasconcelos, responsável pela obtenção das licenças junto aos órgãos competentes. George

o atendeu e se surpreendeu com seu tom eufórico, pois quase não o vira sorrir nas poucas vezes em que se encontraram. Estava mesmo entusiasmado enquanto lhe contava que a última licença – a mais difícil delas, a do IBAMA – havia sido emitida. Respirou aliviado, pois tinha sido necessário alterar o projeto algumas vezes para que se adequasse às normas do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente.

Muito satisfeito, George sentou-se na cama no mesmo instante, contagiado pela alegria do homem. Não via a hora de dar o sinal verde para o início do projeto, por isso queria voltar a visitar o terreno o mais cedo possível. No entanto, naquele dia, ele tinha outro motivo para estar tão ansioso: depois de quase dois meses, finalmente iria vê-la de novo; Bella, a mulher que vinha tirando seu sono nos últimos tempos. Na última terça-feira, Jônatas havia lhe dado a melhor notícia: o juiz havia deferido o seu pedido de divórcio. Não havia adiantado nada a Maristela espernear e tentar fazer o possível para atrasar a conclusão do processo. Mesmo com todo o seu dinheiro, não existia nada dentro da lei que impedisse que o divórcio fosse homologado.

Como sabia que a mulher era tinhosa e orgulhosa, e provavelmente não deixaria aquilo barato, George decidiu que seria melhor colocar-se à margem e evitar qualquer contato, embora ela tivesse tentado falar com ele várias vezes, ligando e enviando mensagens agressivas, raivosas e ameaçadoras. Ele queria acreditar que ela fazia aquilo por orgulho ferido, que não passava de bravata e que não seria capaz de cumprir suas ameaças, mas, no fundo, não confiava nem um pouco nela, nem sabia até onde era capaz de ir. O que mais o preocupava era que Maristela sabia da existência de Bella, e não conseguindo uma reação dele ou atingi-lo, poderia dirigir sua fúria para a garota, que era a pessoa mais inocente em toda a história, e era sua obrigação protegê-la. Ao mesmo tempo, recusava-se a se tornar refém de uma mulher fria, vingativa e obcecada.

A conversa que tivera com as filhas, logo depois de deixar a mansão em definitivo, foi bem tranquila. Alana, a mais velha, aceitou sua decisão com

facilidade, dando a entender que já esperava por essa atitude da parte do pai. Quanto à Lilly, como ele imaginara, não gostou muito da ideia de ter os pais separados, principalmente quando George confessou já ter outra pessoa em sua vida, mas sem entrar em detalhes. Contudo, após explicar seus motivos, a caçula acabou por admitir que o pai, como qualquer outra pessoa, merecia ser feliz, e a mãe também poderia seguir em frente, se assim desejasse.

O processo de divórcio, que poderia se estender por até três meses, mesmo sendo litigioso, para sua surpresa e alívio, levava menos da metade desse tempo, o que só foi possível devido ao fato de não haver partilha de bens e as filhas terem mais de dezoito anos de idade. George só precisou comprometer a custear os estudos da filha mais nova e sua manutenção, algo que ele jamais cogitara deixar de fazer. Era sua responsabilidade e seria até o fim. E mesmo que não fosse, ele estava disposto a aceitar o que tivesse que aceitar, abrir mão do que fosse preciso, só para colocar um ponto final naquela situação.

— Bom dia, Roberto — saudou, precisando gritar para se fazer ouvir acima do barulho ensurdecador do motor. — Tudo em ordem? Como está o tempo para voo? — quis saber, vendo-o apertar os comandos no painel de controle.

— Bom dia, senhor Di Fiori. Está tudo pronto e o tempo está excelente! — Roberto gritou de volta. — *Céu de brigadeiro*, como diria o meu avô. E o tempo estimado para chegada ao nosso destino é de quarenta minutos — acrescentou e sorriu.

— George, Roberto, só George. Quantas vezes eu tenho que pedir que me chame pelo meu primeiro nome? Senhor Di Fiori era o meu pai, que em paz descanse — disse ele, risonho, enquanto se acomodava no assento ao lado do piloto. Colocou o cinto de segurança e ajustou os fones nos ouvidos. — Perfeito. Então, vamos!

Roberto retribuiu o sorriso dando de ombros e assentiu com um aceno. George o ouviu falar com a base de controle, abrir a manete do coletivo – uma

alavanca similar ao freio de mão dos carros –, e voltar sua atenção para o cíclico – aparelho similar a um volante, comando principal da aeronave. Esta deu um pequeno solavanco e deixou o solo num movimento vertical. George respirou fundo, pensando: *lá vamos nós!* E num instante, cortavam o céu da capital, rumo ao litoral. Prendeu o fôlego diante da visão da cidade de cima. Poderia voar mil vezes sobre ela e a sensação seria sempre a mesma.

Não via a hora de voltar a vê-la. Um sorriso chegou aos seus lábios só de pensar nela. Como a vida podia ser caprichosa... Passara décadas acreditando não ter o direito de ser feliz, ligado para sempre a alguém a quem não amava, e por isso condenado a uma vida sem amor. Mas agora George se via irremediavelmente apaixonado por uma morena linda e bem mais jovem que ele. *Mas o amor possui limite ou data de validade? Ou mesmo uma explicação? Não existe uma palavra ou frase capaz de defini-lo, nós só podemos senti-lo.* Ele não sabia explicar, nunca vivera nada tão forte antes, muito menos com a mesma intensidade. Desde que a conhecera, perguntava-se como podia estar sentindo algo assim, e em tão pouco tempo. Sentia por Bella o que nunca sentira ao longo dos vinte e cinco anos de convivência com a mulher com quem tinha sido casado. Três meses e meio se passaram desde que haviam se conhecido naquele acidente na estrada, e, hoje, George sentia que seria capaz de dar sua última gota de sangue por ela. Algo mudou dentro dele no momento em que se deparou com os olhos castanho-dourados de Bella. Seu sorriso tímido e seu corpo escultural o encantaram. Sua sensualidade o arrebatou. Gostava de sua personalidade tranquila, suave, e que contrastava com a dele, que sempre tivera um temperamento mais agressivo, acelerado, e odiava ficar parado. Mas Bella tinha esse poder de acalmá-lo. Ela era o seu contraponto e transmitia a paz que ele necessitava. Sabia que o que sentia por ela era recíproco e não havia mais nenhuma razão que os impedissem de viver algo tão avassalador e ao mesmo tempo tão bonito. Gostando ou não, Maristela teria que aceitar e seguir com sua vida, como George estava disposto a fazer com a dele.

Sentindo que contraía os músculos do rosto, forçou-se a relaxá-los,

desfazendo a ruga na testa, e levou os pensamentos para a bonita morena que, sabia, estava à sua espera. Bella não era só linda, ela era amiga, espontânea e generosa, e George amava tudo isso nela.

Olhou para o relógio do painel. Dez e meia. Cedo ainda. Enviara uma mensagem avisando que estava a caminho. Não quis adiantar muito, mas fez questão de frisar que sua situação estava resolvida. Pretendia pegá-la e levá-la para almoçar, quando lhe mostraria os documentos que estavam dentro da mochila. Inclusive, alterara seu testamento, só por precaução. Estava confiante de que, depois de provar que suas intenções eram as melhores possíveis, Bella o perdoaria por suas falhas e omissões. Estava livre e podia assumir seu relacionamento com ela, sem medos ou receios. Decidiu que pediria que os dois fossem morar juntos no apartamento dele. Seria algo temporário, depois decidiriam onde viveriam em definitivo. *Estou voltando, Bella. E, desta vez, como um homem livre. Me espera, meu amor!*

Uma repentina oscilação do aparelho o arrancou de seus pensamentos.

— O que houve, Roberto? — inquiriu George, considerando o movimento inesperado e estranho.

— Estamos perdendo força! — respondeu o piloto, num tom de voz alto e urgente. — O motor está falhando!

— Mas como isso é possível? — George voltou a questionar, sentindo sua adrenalina a mil. Porém, recriminou-se em seguida, afinal, que importância tinha como aquilo havia acontecido quando o maldito helicóptero começava a descer e rodopiar em pleno ar?

— Eu não sei dizer o que houve, mas vou ter que fazer um pouso forçado — gritou Roberto, enquanto procurava avistar um campo, uma clareira ou qualquer espaço aberto entre as árvores onde pudesse pousar.

George olhou para baixo e só viu mato.

Roberto começou a falar com a torre, avisando sobre a situação. Na parte traseira da aeronave, podia-se ver a fumaça, que no início era branca,

escurecer e aumentar.

— Que Deus nos ajude! — o piloto voltou a gritar. — Segure-se, porque a coisa pode ficar feia! — avisou, agarrando o cíclico com as duas mãos, o rosto contraído.

George inclinou o tronco para frente, abaixou a cabeça e uniu as mãos, entrelaçando os dedos na nuca. E não houve tempo para mais nada. Nem para pensar nas filhas, nem para pedir ajuda aos céus, nem para ter medo, nem na felicidade que sonhara desfrutar ao lado de Bella. Sua mente ficou vazia, em branco, os tímpanos pareciam que iam estourar, o corpo paralisou, e tudo o que pôde fazer foi esperar pelo impacto inevitável.



Capítulo 19

“Por quê, amor? Por quê?”

Eram seis horas da tarde quando Bella deixou a sala de aula com destino à sala dos professores. Normalmente, a essa altura, ela já teria entregado o plano de aulas da semana seguinte, mas com tudo o que havia acontecido, acabou deixando para a última hora, antes, porém, passaria na secretaria e avisaria Betty que teria que ficar um pouco além do horário. Colocou a cabeça na porta e encontrou-a trabalhando em seu computador. Tossiu para chamar sua atenção e a viu virar o rosto para olhá-la, no entanto, antes que pudesse dizer algo, Marisa se aproximou dela, trazendo um sorriso aberto no rosto.

— Oi, Bella, tudo bem? — cumprimentou-a ao chegar.

— Olá, Marisa. Sim, tudo, e você?

— Estou ótima, graças a Deus. — E, dirigindo-se à ruiva: — Ei, Betty, tem como você imprimir uma apostila para mim? Acabou a tinta preta da impressora lá de casa e estou sem dinheiro para comprar outra agora. Bem, na verdade, não é a apostila inteira, só umas cinco páginas — explicou, tirando uma pasta entre as várias que trazia e mantinha junto ao corpo por um braço.

— Claro. Deixe aí na caixinha de entrada. Eu só vou terminar de digitar duas planilhas e já imprimo. Daqui a pouco você vem pegar.

— Demora?

— Uns vinte minutos.

— Então eu espero. Estou com tempo. — Marisa colocou a pasta no local indicado e foi sentar-se numa das cadeiras, cuja mesa já estava vazia. Apoiou as demais pastas no colo, tirou o celular da bolsa e começou a navegar na internet.

— Betty, eu queria saber se você vai querer ir embora comigo hoje, porque vou precisar ficar um pouco mais, creio que meia hora — avisou Bella.

Betty soltou o ar, aliviada, pois achava que, com o trabalho que ainda tinha por fazer, perderia sua carona.

— Sim, eu vou com você! Vou demorar mais ou menos esse tempo para terminar tudo aqui.

Bella fez um gesto de assentimento.

— Tudo bem. Vou até a sala dos professores finalizar meu plano de aulas para a semana que vem. A dona Margarida já me cobrou. — Revirou os olhos ao se recordar da coordenadora pedagógica. Ela a “lembrara” antes da hora, afinal, estava dentro do prazo. — Quando você terminar, me procura lá — disse e se afastou da porta.

— Combinado! — Betty falou e voltou ao trabalho.

— Nossa, vocês viram isso? — Marisa arregalou os olhos, se levantou e parou ao lado da mesa de Betty, que reprimiu uma bufada. Tinha que terminar aquelas malditas planilhas, e poderia já ter acabado se não fosse interrompida a cada dez minutos. Sexta-feira, todo mundo querendo sair para começar logo o fim de semana e a vice-diretora no seu pé. Ninguém merecia aquilo.

— O que foi? Pela sua cara, só pode ser notícia ruim!

Marisa apoiou-se num arquivo e, sem tirar os olhos da tela, falou:

— O pior é que é! Aqui diz que o dono do terreno, sabe, aquele perto da praia e que o Tião Duarte vendeu para uma construtora de São Paulo... — Betty meneou a cabeça em sinal afirmativo. — Então, parece que ele sofreu um acidente quando vinha para cá. Tem até uma foto dele aqui, e é bem bonitão, apesar da idade — elogiou, impressionada. — George Di Fiori — leu o nome no corpo da reportagem.

— Deixa eu ver! — Betty levantou-se de maneira tão abrupta que quase derrubou sua cadeira. Brusca, arrancou o aparelho da mão de Marisa, e o que leu fez seu coração quase sair pela boca.

“Helicóptero sofre pane e cai nos arredores da cidade Bendita Luz, no litoral norte do Estado de São Paulo.”

No corpo da notícia dizia que as causas do acidente ainda estavam sendo investigadas. Os dois ocupantes – Roberto Mendes, o piloto, e George Di Fiori, o passageiro, dono da *Construtora Di Fiori* e marido da socialite Maristela Luchese – tinham sido transferidos de avião para o Hospital das Clínicas, onde se encontravam sob tratamento intensivo. Havia uma foto dele, de pé, ao lado de duas moças e uma mulher mais velha, identificadas como sendo a esposa e as duas filhas.

— Minha nossa senhora! — murmurou Betty, o tom de voz denunciando o seu estado de choque.

— Pois é... Muito triste isso... Coitada dessa família... — Marisa levou o olhar até a porta e viu Bella, ainda no corredor, pois tinha parado para tirar uma dúvida da mãe de uma de suas alunas e agora, se preparava para entrar na sala dos professores. — Ei, Bella, lembra-se daquela construção no terreno perto da praia que eu te falei?

Bella parou no vão da porta e virou-se para ela.

— Lembro, sim. Pelo que sei, não começaram a construir ainda. Será que desistiram?

— Nada disso. Eu soube por um dos funcionários que estão esperando

algumas licenças serem aprovadas. Mas agora, depois do que aconteceu, acho que não vão começar a construir tão cedo. — Marisa torceu a boca, pessimista.

— Por que você diz isso?

— Por causa da notícia sobre o dono, aqui na internet. Ele sofreu um acidente de... — ao ouvi-la, Betty saiu de onde estava e se apressou em interromper a conversa, antes que Marisa falasse demais.

— Eu conto para a Bella, Marisa. Vou imprimir aquelas páginas da apostila que você me pediu — disse, pegando a pasta de dentro da caixinha. — Bella, daqui a pouco a gente se fala — avisou, dirigindo-se à sua mesa.

— Está bem. — Bella estranhou o comportamento da amiga, mas não disse nada. Seu pensamento foi para o comentário de Marisa e ela se perguntou quem seria esse novo proprietário do terreno.

Bella não tivera curiosidade de saber mais sobre a tal construtora. E não era para menos, depois dos últimos acontecimentos em sua vida. Em pouco mais de três meses, seu mundo virou de ponta-cabeça. Conheceu o George, se apaixonou por ele, se decepcionou com seu engano e descobriu que esperava um filho seu. Teve que enfrentar seus irmãos e seguia protelando um encontro com Enrico, que não se conformava, insistindo em dizer que o pai do seu filho não valia nada. Se ele soubesse que George ainda estava casado quando ela o conheceu, Enrico poderia até surtar, por isso achou melhor esperar o divórcio sair para poder contar.

Embora não tivessem se encontrado pessoalmente nesse mês e meio, depois de duas semanas sem se falarem, Bella não suportou mais e respondeu a uma mensagem dele. Em seguida, George ligou e ela atendeu, pois sentia falta de ouvir sua voz. Fora uma conversa rápida, ele queria saber como ela estava. Bella respondeu que bem, contudo, deixou transparecer o quanto ainda se sentia magoada e ferida pela atitude dele. E logo se despediram, com George afirmando que sentia saudades, que não via a hora de voltarem a se ver e que a procuraria quando resolvesse sua situação, como tinha prometido.

De pé e guardando suas coisas dentro da pasta de couro, Bella retornou ao presente quando Betty entrou na sala. Sem dizer nada, a amiga a pegou pelos ombros e a fez se sentar.

— Eu acho melhor você estar sentada quando ouvir o que tenho a dizer. — Betty fez o mesmo, puxando a cadeira para mais perto dela.

— Está me assustando, Betty! — reclamou Bella, apreensiva com a expressão séria que via no seu rosto redondo.

— Bella, você falou com o George hoje?

De onde vinha essa pergunta agora? Ela sabia que sim.

— Eu te contei que, mesmo depois do que eu soube e fazendo o possível para não responder ou atender seus telefonemas, não aguentei por muito tempo, inclusive, recebi uma mensagem dele, de manhã, me dizendo que estava vindo para cá, porque teria uma reunião de trabalho, e queria me ver.

Bella recordou-se da decepção e tristeza que sentiu quando George faltou ao encontro e nem teve a consideração de avisar, deixando-a esperando, ansiosa para reencontrá-lo. Sentiu-se uma idiota por ter acreditado nele.

— E nessas últimas vezes que se falaram, você chegou a contar da gravidez?

— Ainda não. — Sua resposta saiu num murmúrio.

Surpresa, Betty questionou:

— E por que ainda não? Lembra que a gente combinou que você ligaria e contaria para ele? E isso foi há semanas! Eu achei que você já tinha contado.

Bella abaixou a cabeça e moveu os ombros.

— Na verdade, eu fiquei de pensar — retificou. — E eu não contei porque estava muito chateada com ele. Depois, eu tive que enfrentar os meus irmãos. E o Enrico ameaçou tirar satisfações com ele, até de agredi-lo

fisicamente assim que o visse pela frente. O George me contou que o divórcio vai sair logo, então eu resolvi esperar. Pode parecer bobo, mas eu queria olhar no rosto dele e ver a sua reação quando eu contasse — revelou, sem jeito. — Mas ele não apareceu. Deve ter mudado de ideia e me dado o bolo — concluiu, triste.

Tocada, Betty moveu a cabeça, negando.

— Não é bobo, Bella. É fofo e romântico. Bem a sua cara — disse e sorriu. E voltando a ficar séria, inclinou-se para frente, segurou as mãos da amiga, respirou fundo e se preparou para falar do acidente. — Bella, a notícia na internet é sobre o George. De acordo com a reportagem, o helicóptero dele fez um pouso forçado quando vinha para cá. Foi por isso que ele não compareceu ao encontro que marcou com você, nem te ligou ou mandou mensagem. Ele não tinha como fazer isso. Eu também não sabia, mas o George é o novo proprietário do terreno perto da praia e dono da construtora que a Marisa mencionou agora há pouco.

Bella sentiu uma descarga de adrenalina inundar sua corrente sanguínea e, por alguns instantes, teve dificuldade para respirar.

O quê? Um acidente com o George? Ele é o dono da construtora?

— Quero ver, me mostra... — pediu, fazendo um esforço extremo para não entrar em pânico.

Betty desbloqueou a tela do celular, encontrou a reportagem e virou o aparelho para Bella, que, ao ler a notícia, sentiu como se uma mão invisível envolvesse e apertasse seu coração, sufocando-a.

— Não! — um gemido dolorido ecoou pela sala. O cérebro congelou, o coração parou de bater em seu peito e tudo ao redor começou a rodar. — Meu Deus... — o lamento angustiado, estrangulado, saiu do fundo de sua garganta. *George... George... George... Isso não pode estar acontecendo.* A dor que sentia era insuportável. Uma ferida se abriu em seu peito e ela foi perdendo a capacidade de respirar. *Por quê? Por quê?*, perguntou-se sem cessar.

— Bella... — Betty murmurou seu nome, foi até ela e a abraçou.

Ela tinha sofrido muito quando os pais morreram, e não tinha como ser diferente, mas agora... Agora sentia como se parte de sua alma estivesse sendo arrancada. De súbito, lembrou-se do bebê em seu ventre e respirou fundo, fazendo o possível para se acalmar. Saiu lentamente dos braços tranquilizadores que a envolviam, suspirou, ergueu a cabeça e endireitou os ombros.

— Já estou melhor, Betty. Obrigada. O que mais diz aí?

Betty a olhou com desconfiança, mas voltou sua atenção para o celular e leu o restante da reportagem.

— Aqui diz que ele e o piloto foram removidos de avião para um hospital na capital e que se encontram no Centro de Tratamento Intensivo. A boa notícia é que estão vivos — arrematou, voltando a fixar os olhos em Bella, preocupada.

— Estão em tratamento intensivo — repetiu Bella, pensativa. — Os pacientes que vão para o CTI costumam ser os que estão em estado grave. Eu preciso saber dele, de como ele está... — Sua voz falhou.

— Para isso, você teria que ir até lá. Mas eu acho que não vão te deixar vê-lo. Esses hospitais grandes costumam ter muita segurança — argumentou Betty, de maneira sensata.

Bella manteve os olhos sobre a foto de George ao lado da família.

— Eu sei disso, e não pretendo invadir o lugar, mas tenho que saber como ele está — insistiu, agoniada. — É do pai do meu filho que estamos falando, o homem... — Quase disse “*que eu amo*”, mas preferiu não dizer em voz alta, não naquele lugar. Já tinham falado até demais. Limpou as lágrimas que não conseguira controlar com as mãos.

— Eu sei, Bella, mas eles não vão te deixar vê-lo, querida. No setor de tratamento intensivo só é permitida a entrada dos familiares mais próximos. Sinto muito, mas é assim que as coisas funcionam. — Betty fitou-a,

penalizada.

— O que eu faço, Betty? Ele pode estar morto, ou morrendo, neste momento! — Bella voltou a sentir o mesmo aperto no peito.

— Não! Não diz isso! — Betty se apressou em negar. — Esta é uma situação difícil e complicada, reconheço, mas não podemos pensar no pior. Tem que pensar positivo. Pensa que o homão vai ficar bom! Você não conhece alguém das relações dele para quem possamos ligar? Um amigo, talvez.

Bella pensou por um momento.

— Eu conheci um amigo dele, mas ele mora no Rio de Janeiro. Também mencionou uma outra pessoa quando estivemos na casa dele em Atibaia pela primeira vez, e do modo como falou, os dois são amigos e sócios.

A expressão de Betty se iluminou e ela abriu um sorriso.

— Qual é o nome dessa pessoa? Se é um sócio da construtora, deve ter alguma informação sobre ele na internet — especulou, animada.

— Sérgio — Bella puxou pela memória. — Sérgio Moraes!

— Ok, vamos tentar por esse caminho primeiro. Deixa comigo. Eu vou encontrar esse homem. Se é sócio e amigo do George, tenho certeza que deve ter notícias dele.

— Isso mesmo. Obrigada.

— Pelo quê? — indagou a ruiva, com os olhos grudados no celular e os dedos se movendo, frenéticos, sobre a tela.

— Por me ajudar.

Betty lhe deu um olhar de lado.

— Nem vou falar nada... — disse e se levantou. — Vem, vamos sair daqui, ninguém precisa te ver assim. Eu posso continuar a minha busca no seu carro, lá teremos mais privacidade. Só vou pegar a minha bolsa e saímos — avisou, indo para a porta.

Bella concordou, limpou o nariz e as bochechas com um lençinho que tirou da bolsa, pegou suas coisas e a seguiu.



Passava das nove da noite quando Bella chegou em casa, sentindo-se esgotada. A notícia do acidente e não saber como George estava tirava quase toda a sua energia. Betty conseguiu o número da construtora de George em São Paulo, mas ligaram já fora do horário de expediente e Sérgio Moraes não se encontrava mais na empresa. A pessoa que atendeu informou que não possuía o seu número de celular, sugerindo que voltassem a ligar na segunda-feira, pela manhã. Um fim de semana sem notícias, Bella acreditava que não seria capaz de suportar.

Acendeu a luz e cruzou a sala, e pelo silêncio que reinava ali dentro, Enrico não deveria ter chegado. Recordando-se de que era sexta-feira, concluiu que teria aceitado um dos vários convites dos colegas do escritório para um *happy hour* depois do trabalho. Antes, ele recusava, mas depois que Diana o deixara, tinha voltado a sair e começado a beber. E não socialmente.

Sair para se distrair e ver gente, Bella o incentivava a fazer, por acreditar ser algo bom para Enrico e para não pensar tanto na ex-namorada e no bebê que, até pouco tempo, considerava ser seu. O que ela não achava legal era como o irmão se entregava à bebida. Bella acreditava ser só uma fase que logo passaria, o problema seria se demorasse muito a passar.

Enquanto andava até seu quarto, seus pensamentos foram para o irmão mais novo. Embora Eros tivesse ido bem na primeira entrevista, acabou sendo eliminado no meio do processo. Mas não desistira, seguia procurando um emprego fixo, enquanto isso, se virava com o que recebia com as apresentações.

Entorpecida, Bella largou a bolsa em cima da cama, tirou a roupa e foi tomar banho. Abriu o chuveiro e se deixou ficar debaixo dele, sentindo a água morna lavar o suor do seu corpo, como desejava que fizesse com a

angústia que levava no peito. Lembrar-se do que havia acontecido e não poder estar ao lado de George fazia a vontade de chorar regressar. Sozinha, deixou as lágrimas rolarem livres.

Não soube quanto tempo ficou ali, mas chegou um momento em que parou de chorar, fechou o chuveiro, pegou uma toalha, secou-se e enrolou-se nela. Ao entrar no quarto, andou até a cama e sentou-se na ponta, pegou o celular e rolou a tela, à procura do site da rodoviária. Mesmo Betty dizendo que era loucura, sentia que precisava tentar. Desse no que desse, não passaria dois dias inteiros sem saber nada sobre ele. *Talvez em São Paulo eu tenha a sorte de saber como ele está*, pensou, esperançosa.

Decidida, reservou uma passagem para a capital, no ônibus com saída às nove da manhã de sábado, o horário mais cedo que conseguiu. Colocou o celular de lado, foi até o armário, abriu a gaveta de cima e pegou o pijama mais velhinho que tinha, mas também o mais confortável, e o vestiu. Naquela noite, ela não podia fazer mais nada. Sonolenta, pegou a coberta e deitou-se, deixando o cansaço vencer, com uma última imagem na mente: a do homem por quem estava apaixonada, e de quem esperava um filho, sorrindo para ela.



Capítulo 20

“O que diabos ela faz aqui?”

No dia seguinte, Bella levantou cedo. Colocou duas mudas de roupas em uma bolsa de couro e, como não sentia fome, pois acordou enjoada, resolveu que comeria alguma coisa mais tarde, talvez quando chegasse em São Paulo. Estava pronta para sair quando seu celular tocou, e ao ver que era Betty, hesitou, mas resolveu atender.

— Oi, Betty.

— *Bella, eu consegui!* — A voz do outro lado da linha soou eufórica.

— Conseguiu? Sério? — indagou Bella, se animando.

— *Sério! Como ontem eu falei com o recepcionista do prédio, tentei de novo agora de manhã, por descargo de consciência, e consegui falar com a assistente desse tal de Sérgio. Ela me disse que estava lá por acaso, porque tinha ido finalizar um projeto, mas que estava de saída. Eu falei que precisava falar com o chefe dela com urgência e ela me prometeu dar o recado assim que conseguir falar com ele. Dei o seu nome e número de celular, assim, quando retornar, ele liga direto para você!*

Bella sentiu o coração disparar e pôs uma mão no peito, esperando que o órgão vital, desacelerasse.

— Nossa, que bom, Betty! — disse, indo se sentar no sofá. — Então

eu vou esperar ele me ligar. *Só torço para que não demore muito...*

Depois de conversar por mais alguns minutos com a amiga, Bella pensou melhor e achou que aquilo poderia ser um sinal avisando-a para não fazer aquela viagem. Decidiu aguardar e ver o que Sérgio Moraes poderia lhe dizer sobre o acidente e o estado de George. Quando vira a foto dele ao lado da ex-esposa, sentiu um presságio, um sentimento ruim, e passou pela sua cabeça que não seria nada bom ter algum tipo de confronto com aquela mulher. Pelo jeito, ficaria ali, contando os minutos até seu telefone tocar. Suspirou e acomodou-se melhor no sofá, imaginando que aquela espera seria agonizante.



— Nós fizemos tudo o que estava ao nosso alcance — informou o médico responsável, com uma expressão compenetrada. — Agora, o que podemos fazer é esperar que o paciente resolva acordar.

— E quando deve ser isso, doutor? — Alana questionou, apreensiva.

O homem robusto, usando um jaleco branco de mangas compridas, cujo nome tinha sido bordado no bolso do lado esquerdo do peito, balançou a cabeça. Ele não tinha como saber com certeza, apenas podia supor, por conta dos seus anos de experiência, uma vez que cada pessoa era única e cada organismo reagia de maneira diferente.

— Esperamos que seja em breve. A operação foi um sucesso. A partir de agora, vai depender do poder de recuperação do corpo do paciente — explanou, sério.

Lilly, Alana e Maristela estavam no quarto para onde George tinha sido levado após ser operado e permanecer em observação no Centro de Tratamento Intensivo por 24 horas. Sérgio fora informado, mas como tinha saído da cidade com a filha, só pôde retornar naquela manhã, e agora estava a caminho do hospital.

Duas horas depois de o médico deixar o quarto, George despertou.

Caralho! Que merda de dor de cabeça é essa?, perguntou-se antes de abrir os olhos.

Assim que viram o pai acordar, Alana e Lilly correram até ele, rodeando a cama hospitalar e sorrindo de alívio e alegria.

Alana olhou-o com carinho, pegou uma de suas mãos e envolveu-a com as dela.

— Que susto o senhor nos deu, pai! — exclamou Lilly, chorosa, deitando-se e apoiando a cabeça em seu peito. — Não faça mais isso, quase nos matou do coração! — reclamou, levantando o rosto, mas só o suficiente para olhá-lo.

— É claro que eu não farei mais isso, meu amor... — A voz saiu grossa e seca. George levou a mão livre até os cabelos da filha caçula e fez um carinho. Virou a cabeça para a mais velha e um breve sorriso surgiu em seu rosto. — A última coisa que eu quero é preocupar vocês duas.

— Promete? — insistiu Lilly, a voz abafada.

— Prometo, minha pequena.

Ouvir aquela pergunta remeteu-o a um passado onde Lilly era só uma menininha de olhos azuis, como os dele, mas grandes e sonhadores. Ao chegar em casa depois de um dia intenso de trabalho, ele costumava sentá-la sobre os joelhos e ler histórias de príncipes, princesas, reis e rainhas para ela. Quantas vezes sua pequena dormiu com a cabecinha encostada em seu ombro... E quando sentia seu corpinho pesar e ficar mole em seu peito, ele colocava o livro de lado, a pegava nos braços e levava até a cama – uma réplica da carruagem de Cinderela, sua história de princesa favorita. Ajeitava o cobertorzinho felpudo cor-de-rosa e branco sobre seu corpinho, inclinava-se para beijar a bochecha quente e rosada, e então aprumava o corpo, lançava um último olhar amoroso para sua pequena adormecida, apagava a luz e fechava a porta atrás de si. Um ritual que se repetia noite após noite, durante anos, e

nenhum dos dois se cansava. E fizera o mesmo com Alana, até que a filha decidiu que já era “velha” demais para isso.

Eram momentos preciosos, tanto para ele quanto para elas. Ambas faziam questão de esperá-lo acordadas, com exceção de quando precisava viajar, ficar até mais tarde na construtora por conta de uma reunião ou comparecer a algum evento. Nessas ocasiões, George improvisava e contava as histórias pelo telefone; as preferidas delas, ele havia lido tantas vezes que sabia de memória.

Agora, quando a olhava com a cabeça descansando em seu peito, via como ela havia crescido. Era uma jovem de dezoito anos, cursando o segundo ano da faculdade. Logo abriria as asas e daria seus próprios voos, e George esperava estar por perto para apreciar sua menina se transformar em uma bela mulher, como aconteceu com Alana, que acabou por se tornar uma profissional focada, competente e respeitada, apesar da pouca idade e numa área tradicionalmente dominada por homens. E não era por ser filha do dono da empresa que Alana conseguira o cargo, pois ela mesma fizera questão de começar como estagiária assim que passou no vestibular, aos dezessete anos, e foi subindo aos poucos. Hoje, aos vinte e quatro e já formada, fazia parte do quadro de engenheiros da empresa e estava indo muito bem.

Um raspar grosseiro de garganta chamou sua atenção. George levou o olhar para a grande janela de vidro que tomava metade de uma parede e viu a ex-mulher encostada nela, de pé, vestida com sua costumeira elegância, braços cruzados na frente do corpo e olhando-o com cara de quem chupou um limão.

— Maristela... — George pronunciou seu nome entredentes. *O que diabos ela faz aqui?*, perguntou-se, contrariado. Era a mãe de suas filhas, mas também sua ex-mulher. Não tinham mais nenhum parentesco e nunca foram amigos, muito menos depois da batalha que tinha sido o divórcio deles. *Deve estar aqui para ter certeza de que eu não voltaria, só pode!*

Resolveu que aceitaria que ela ficasse ali, pelas filhas. Não queria

fazer uma cena, mas não podia negar que sua presença o incomodava.

— Pensei que não ia falar comigo, *ex-marido*! — Maristela fez questão de colocar ênfase na expressão “*ex*”, como George a instruíra a fazer quando se referisse a ele durante a discussão em que colocou um fim definitivo ao casamento dos dois. — Cheguei a pensar, por um momento, que eu havia me transformado em uma estátua, um ser inanimado, e não estava sabendo.

Lilly deixou o peito do pai e virou-se para ela:

— Credo, mãe! Que coisa mais desagradável de se dizer! — a garota a olhou feio. Ela não gostava nem um pouco da maneira seca, fria e muitas vezes grosseira como a mãe costumava tratar o pai. — Precisa falar assim?

George fez um gesto apaziguador com a mão na direção da filha e suspirou, mas não respondeu. Preferiu ignorar a provocação e manter a atenção nas duas pessoas realmente importantes dentro daquele quarto.

De súbito, sua mente viajou até a morena de longos cabelos com mechas douradas e olhos castanhos com pontinhos esverdeados. Bella. A lembrança do encontro que marcara com ela antes de viajar para mostrar os documentos, conforme prometera, e acertar a situação entre os dois surgiu vívida em sua cabeça. Era impressionante como se sentia ligado a ela. Será que soubera do que aconteceu com ele? Esse tipo de notícia costuma chamar atenção da mídia, ainda mais ele sendo o *ex-marido* de uma socialite e dono de uma das maiores construtoras do país. Ou será que estava pensando que ele a tinha enganado, mais uma vez, ao não ir pegá-la ou ligado avisando que não iria? Daria um jeito de falar com ela o mais breve possível, mas, para isso, precisava de um celular.

— Há quanto tempo eu estou aqui? — dirigiu a questão à Alana.

— Hoje é o segundo dia. O médico nos disse que você ainda não tinha acordado porque precisava se recuperar da cirurgia.

— Cirurgia? — indagou George, e seu olhar denunciava sua confusão.

— Sim, o senhor chegou aqui com um ferimento feio na lateral da barriga. Foi direto para a sala de cirurgia, onde se fez necessário retirar o baço e uma parte do fígado, que foram esmagados. A operação levou muitas horas. Não imagina a angústia que foi enquanto esperávamos por notícias. Como se sente?

— Dolorido, com a garganta seca e um pouco grogue. — George forçou um sorriso. — Mas, fora isso, diante da situação, até que me sinto bem. É bom demais acordar e encontrar vocês duas aqui, me esperando. — Confessou, alternando o olhar entre elas. — E o Roberto? Como ele está?

— Ele quebrou uma perna e vai ficar um tempo de molho, mas está bem. Foi liberado ontem mesmo, agora deve estar sendo mimado pela esposa e os dois filhos.

— Fico aliviado em saber disso. Graças a Deus e à perícia dele que nós dois saímos vivos do acidente — comentou George, com sinceridade. — Alana, pode me emprestar o seu celular?

— Claro! — disse a morena, abrindo a bolsa, puxando o aparelho e entregando-o para o pai.

Maristela escolheu aquele momento para o provocar, azeda:

— Mal acordou e a primeira coisa que vai fazer é ligar para a amante... Vocês sabiam, meninas, que o pai de vocês tem uma amante com menos da metade da idade dele? — com sua língua ferina, destilou o veneno.

Alana encarou o pai.

— O que ela está dizendo é verdade? Uma garota da minha idade?

— Mais nova que você, Alana — cutucou Maristela.

— O senhor disse que conheceu alguém, mas não nos contou esse detalhe. Uma mulher mais nova do que eu?

George levou o olhar para a ex-mulher, e seus olhos eram tão frios e intensos quanto o aço de um punhal.

Maristela aproximou-se um passo, os braços ainda cruzados sobre o peito. Régia, fria e arrogante, como a mais cruel das rainhas do passado.

— É claro que é! Só não sei se seu pai é homem suficiente para admitir isso diante de vocês. — Olhou desafiante para ele. — Tem coisa mais clichê do que um homem de meia-idade trocar a esposa de anos por uma menininha? Lógico, ela está com tudo durinho e deve ter mais... disposição na cama, não é mesmo? — indagou, venenosa.

— Você quer mesmo fazer isso, aqui? Quer lavar a roupa suja do nosso casamento diante das nossas filhas? — George começava a se impacientar diante de tamanha impertinência.

— Você mesmo disse que nossas filhas não são mais crianças, podem muito bem saber, de verdade, quem o pai delas é.

George não foi capaz de se conter diante do cinismo da ex mulher.

— O que elas estão vendo é uma mulher amarga, sem vida própria e que não aceita que acabou. Vá viver sua vida e deixe-me viver a minha com quem eu quiser, e em paz! — disse ele, perdendo a compostura.

Percebendo que aquilo não ia acabar bem, Alana resolveu intervir:

— Mãe, esta não é a hora, nem o lugar, para começar uma discussão. Controle-se, por favor! — num tom de voz baixo, pediu, perguntando-se quando a mãe deixaria de ser tão ressentida e obsessiva.

— E por que não? Seu pai está bem. Ele mesmo acabou de dizer.

Alana lançou um olhar significativo para o pai, foi até onde a mãe estava e pegou-a pelo braço.

— Vamos conversar lá fora, *dona* Maristela! — E olhando para a irmã, acrescentou: — Lilly, vem com a gente. — Sua intenção, além de evitar uma discussão sem sentido entre os dois, era dar privacidade para o pai ligar para quem quisesse.

— Ai, me solta, Alana! — exigiu a mulher mais velha. — Qual é o

seu problema? — Maristela puxou o braço, tentando se desvencilhar da mão que a segurava. Contudo, Alana apertou mais os dedos em sua carne, não a ponto de deixar uma marca, mas o suficiente para evitar que a mãe se soltasse. — Escolheu ficar do lado da amante dele?

George sentiu o sangue ferver diante do desprezo com o qual Maristela se referia à Bella, entretanto, engoliu a raiva, pois sabia que era o que ela queria, discussão e confronto.

— Lá fora, mãe! — Alana repetiu entredentes, e diante da determinação da filha, Maristela cedeu. — A Lilly e eu voltamos depois, pai — avisou, já saindo.

Do lado de fora e depois de fechar a porta do quarto atrás de si, Alana soltou a mãe, que lhe dirigiu um olhar irado.

— Eu não estou do lado de ninguém. Acontece que o meu pai se salvou por um triz de um acidente, foi operado durante horas, acordou não faz nem quinze minutos e a senhora já está querendo arrumar briga com ele! Eu não vou permitir isso, entendeu?

— Nem eu! — emendou Lilly, apoiando a irmã mais velha.

Maristela apontou o dedo para as duas e falou:

— Ah! Eu já entendi! É um complô! As duas preferem ficar do lado de uma prostituta que só quer saber do dinheiro do pai de vocês e contra mim! Minhas próprias filhas! — Com uma expressão de mágoa, colocou uma das mãos no meio do peito de maneira dramática.

O gesto tinha o objetivo de manipular as filhas, o que, na verdade, era uma perda de tempo, uma vez que Alana já não se deixava cair nessa havia muito tempo, e Lilly, mesmo de maneira um tanto tímida, pois amava a mãe e temia o seu mau gênio, seguia pelo mesmo caminho.

— Eu acho melhor a senhora voltar para casa — Alana sugeriu, resoluta.

Maristela se empertigou e dirigiu um olhar duro para a filha.

— O quê? Você está me mandando embora?

Alana não desejava seguir discutindo com a mãe, ainda mais dentro de um hospital, por isso controlou a respiração e se manteve sob controle.

— Não, eu não faria isso. Eu só estou pedindo, gentilmente, que vá para casa. Nós sabemos que a senhora não se preocupa com o bem-estar do nosso pai, só está aqui porque sabe que ele não suporta a sua presença. Sinto muito se estou sendo dura, mas essa é a verdade. Precisa superar e seguir com a sua vida — disse, tentando manter o tom de voz baixo.

Maristela colocou o dedo na cara da filha mais velha e vociferou, não se importando com o ambiente onde estavam:

— Não é você quem decide isso! Sou eu! Eu o farei quando, e se, eu quiser, entendeu? — Bufando, deu as costas para as filhas e caminhou com passos apressados e bruscos pelo extenso corredor que dava no local onde ficavam os elevadores.



Capítulo 21

“O que foi isso?”

Bella estava de costas para a porta, encarava uma janela aberta que dava para a rua. Mal conseguia controlar a ansiedade e seguia aguardando a ligação do amigo e sócio de George. Já fazia mais de uma hora que falara com Betty e, até aquele momento, nada de seu telefone tocar. Um estremecimento atravessou seu corpo e ela alisou os braços, sentindo um frio anormal para aquela época do ano.

Foi até uma antiga cômoda de mogno colocada no canto do quarto, colocou as mãos nos dois puxadores dourados da primeira gaveta e abriu-a até a metade. Afastou algumas roupas para o lado, deixando a caixa quadrada revestida em veludo à mostra. Pegou-a e colocou-a sobre o móvel, levantou a tampa e tocou o delicado pingente preso ao colar fino e dourado, sentindo uma tristeza a tomar e a dor em seu peito latejar. Perguntou-se pela milésima vez desde que acordara como George estaria. Aquela espera estava sendo pior do que ela tinha imaginado. Cada minuto parecia uma eternidade, a agonia de não saber o que se passava com ele era insuportável, torturante e estava minando suas forças aos poucos.

Bella não sabia mais o que fazer para ocupar seu tempo enquanto aguardava, e, com isso, dar um descanso à sua mente.

Devia ter lhe contado sobre o bebê quando tivera chance. E se já fosse

tarde demais para isso? Diante do que acontecera, toda aquela raiva e mágoa que carregava consigo, embora fossem justificadas, já não tinham o mesmo peso de antes. Culpava-se por ter ocultado que esperava um filho dele.

Virando o pequeno pingente entre os dedos, Bella pensava que tudo aquilo parecia irreal demais para ser verdade.

E se ele...?, voltou a se perguntar e balançou a cabeça, não deixando o pensamento funesto tomar forma. Fragmentos da conversa que tivera com Betty na sala dos professores vieram à sua mente.

...você tem que pensar positivo...

...pensa que ele vai sair dessa...

...que seu homão vai ficar bom...

Era grata pelo apoio que recebia da amiga, mas, naquele momento, sentia-se mais sozinha do que nunca. Sentia falta dele, sentia falta da sensação de intimidade que desfrutava quando fazia amor com George. Gostava de ser desejada por ele, achava que só seria capaz de apaziguar os sentimentos desencontrados que levava por dentro quando o tivesse ao seu lado outra vez. Precisava do seu abraço e da sua presença.

Um suspiro escapou de seus lábios quando se lembrou dos momentos que vivera com George, dos meses que passaram juntos, nas vezes que ficaram em seu apartamento no Guarujá ou em sua casa em Atibaia. Foram dias maravilhosos e de descobertas, tanto de como seu corpo reagia com uma facilidade espantosa ao dele, quanto do que era capaz de fazer e sentir por um homem. Tinha por George um sentimento forte e intenso demais para ser ignorado ou reprimido.

Bella se aferrou às boas lembranças como um náufrago se agarra à tábua de salvação. Passou a repetir parte do que Betty lhe dissera em voz baixa, fechando a mente para o negativo e se convencendo de que George ficaria bem.

Ouviu o som abafado de uma porta se abrindo e se fechando. Deduziu

ser o irmão mais velho, pois, normalmente, Enrico era o primeiro a se levantar, não importando se era dia útil ou fim de semana. Não fazia ideia da hora que ele tinha chegado na noite anterior, porque, por mais preocupada que estivesse, o cansaço venceu a batalha e ela acabou mergulhando num sono intermitente e agitado. Creditou a noite mal dormida à exaustão física e emocional que a deixara tensa, impedindo-a de relaxar por completo.

Apesar de estar em seu quarto, Bella apressou-se em guardar a caixa no esconderijo de onde o tinha tirado. A possibilidade de o irmão chamá-la a qualquer momento e, por um descuido seu, acabar vendo o presente e questionar sobre sua origem cruzou sua mente. Era melhor evitar perguntas cujas respostas só criariam um atrito maior entre os dois. Ele seguia chateado com ela e, com o passar dos dias, que logo se transformaram em semanas, Enrico insistia sistematicamente em um encontro entre ele e o pai da criança. O fato de Bella continuar arrumando desculpas, a fim de protelar o momento, o deixava cada vez mais irritado e intrigado quanto ao motivo que ela teria, por isso a questionara mais de uma vez.

Distraída, Bella levou um susto ao ouvir o celular tocar, alto demais para o silêncio daquela manhã fria, e receou que alguém mais pudesse ter escutado.

Nervosa, eliminou a distância entre ela e a mesinha de cabeceira onde deixara o telefone quando veio da sala, trazendo consigo a bolsa com as mudas de roupas. Não só suas mãos tremiam, mas todo o seu corpo ao pegar o aparelho. Sem reconhecer o número que aparecia na tela, deduziu que só podia ser a ligação que tanto esperava. Tomou uma respiração profunda e, ordenando que seu coração se acalmasse, sentou-se na ponta da cama, apertou a bolinha verde no centro da tela e levou o telefone até a orelha.

— *Alô?* — Por fim, atendeu.

Uma voz de timbre grave e agradável se fez ouvir:

— *Isabella?*

— *Sim, sou eu.*

— O meu nome é Sérgio Moraes, eu sou sócio e amigo do George.

Sérgio estava chegando à cidade quando entrou uma ligação de Sandra, sua assistente, no celular encaixado no suporte colocado estrategicamente no painel do carro, ao lado do volante. Quando atendeu e ela começou a falar, notou-a bastante agitada. Depois de se cumprimentarem rapidamente, Sandra lhe passou o recado que recebera mais cedo, e Sérgio logo soube de quem se tratava. Pensativo e intrigado, não atinou de imediato como Isabella soubera do seu vínculo com George, contudo, não demorou a concluir que o próprio devia ter lhe dito sobre ele.

— *Ah! Olá!* — Bella o cumprimentou, engolindo a pouca saliva que tinha antes de prosseguir: — *Em primeiro lugar, eu gostaria de me desculpar por incomodá-lo, ainda mais numa manhã de sábado, mas eu não sabia a quem mais recorrer. O George mencionou o seu nome durante uma conversa e eu deduzi que, como os dois são sócios e amigos, o senhor poderia me dar notícias sobre o estado dele* — Bella se apressou em explicar.

— O George me falou de você, e fez bem em me procurar. A Sandra, minha assistente, me passou o seu recado. Infelizmente, eu não pude retornar antes, pois estava fora da cidade com a minha filha, visitando os meus pais. Retornei assim que me ligaram avisando do acidente. Neste momento, estou a caminho do hospital. Imagino o quanto você deve estar aflita por notícias.

Bella deixou escapar o ar preso nos pulmões.

— *Aflita é eufemismo diante de como eu me sinto* — retrucou. A ansiedade parecia querer consumi-la, e soube que poderia irromper em lágrimas a qualquer momento. — *Não faz ideia da angústia que me acompanha desde o instante que eu soube. A minha vontade é de sair daqui agora e ir até aquele hospital. Sinto que morro um pouco a cada minuto que estou sem saber dele, sem poder estar ao seu lado.*

— Eu entendo, e para tentar amenizar um pouco a sua preocupação, vou te contar o que sei, está bem?

— *Sim! Por favor!*

— Ontem eu recebi uma ligação da Alana, a filha mais velha do George. Ela me disse que o pai foi operado e que o procedimento levou várias horas. Não me deu muitos detalhes, a ligação estava ruim, mas me contou que ele ficaria no CTI por vinte e quatro horas e que, depois desse período, seria tirado gradativamente do coma induzido. Hoje, mais cedo, liguei e ela confirmou que o George foi transferido para um quarto particular, mas que ainda não tinha acordado.

— *Ele foi transferido para um quarto? Então quer dizer que...* — Bella parou, sentindo um aperto na garganta e os olhos marejarem.

— Que a operação correu bem e que não houve nenhuma complicação dentro das vinte e quatro horas que ele permaneceu em observação, mas que será preciso esperar que ele acorde por si mesmo — concluiu Sérgio.

Bella levantou-se e foi até a janela, aspirando o ar algumas vezes. Diante do rosto, fez um movimento de abanar com a mão livre, tentando se controlar e, assim, impedir as lágrimas de rolar pelas suas faces.

— *É bom ouvir isso, mesmo sabendo que ele ainda não despertou. Eu estava tão nervosa aqui, criando mil teorias na cabeça. E cada uma pior que a outra. Parece que tiraram meia tonelada de dentro do meu peito. Saber que ele segue vivo e lutando me alivia um pouco.*

— Eu consigo imaginar... Também me preocupei muito quando soube, afinal, não foi um acidente qualquer. A coisa foi séria, mas o bom é que, pelo que a Alana me disse, o George está reagindo bem. E como você soube do acidente?

— *A mesma amiga que conseguiu falar com a sua assistente viu a notícia na internet e me mostrou. Eu li a reportagem e vi a foto dele com as filhas e a esposa...* — Bella sentiu a frustração se apossando dela e comprimindo seu peito ao se recordar do que sentiu no momento em que viu os dois, lado a lado. — *Será que eu poderia vê-lo?*

— Sinceramente, eu não sei, mas posso ver isso para você. Eu também vi essa reportagem. A foto é antiga, eles erraram feio ao se referir a ela como

esposa... Ou ainda não possuem a informação de que estão divorciados, pois é algo muito recente — esclareceu Sérgio, notando uma certa desconfiança no tom de voz de Bella ao se referir à ex-mulher do amigo. — Eu sei que o George pisou na bola ao esconder que era casado quando vocês se conheceram, mas ele só fez isso porque acreditou que você, como a mulher de princípios que é, não aceitaria ter algo com ele quando soubesse. Então, decidi esperar até ter dado entrada na separação na vara de família...

Sérgio repetia o que Bella ouvira do próprio George, mas como seu amigo, era esperado que ele o defendesse. Ela, porém, seguia cética, e seguiria assim até que tudo aquilo pudesse ser comprovado, o que não a impedia de se preocupar e querer saber sobre o seu estado.

— *Mesmo assim, ele não tinha o direito de me enganar. O George teve várias oportunidades de me dizer a verdade, mas escolheu continuar me escondendo que era um homem casado e que tinha duas filhas. Talvez eu devesse ter feito perguntas, me interessado mais por esse lado da vida dele ... Eu sei que fui ingênua e confiante, e hoje, me culpo um pouco por isso.*

— Não se culpe, Isabella, você não tem culpa de nada. O George sabe que errou e fez o que estava ao seu alcance para resolver a situação com a ex. Tudo o que o meu amigo quer é se redimir diante de você, e para isso ele obteve o divórcio o mais rápido possível, no entanto, sinto que você segue magoada com ele. — A preocupação na voz de Sérgio era genuína.

— *É difícil esquecer o fato de que ele mentiu para mim, que me ocultou uma parte essencial da vida dele, mas estou fazendo o possível para colocar isso de lado, porque nada é capaz de superar a apreensão e a angústia que sinto ao saber que ele está numa cama de hospital...* — Sua voz falhou e ela precisou de um momento para se recuperar. — *O que me importa agora é saber que ele vai se recuperar, que vai ficar bem!*

— Isabella, o George fez tudo o que podia para voltar a ser um homem livre. Ele pressionou o advogado ao máximo e contou os dias e as horas até que tudo se resolvesse e ele pudesse voltar a te procurar. E quando

ele, finalmente, conseguiu, ficou eufórico! O George é um cara correto, do bem. Eu o conheço há muitos anos, nós somos muito mais que amigos, somos irmãos de pais diferentes. E eu sei que você é a mulher que ele quer ao seu lado. Não coloque isso em dúvida!

Bella queria muito acreditar que o que ouvia era verdade.

— *Como sabe? Foi ele que te disse isso?*

— Exato! Eu ouvi da boca dele, e sei que George falou a sério. Escuta, eu vou entrar no estacionamento do hospital agora, e como é no subsolo, o sinal vai ficar ruim e pode ser que eu não consiga mais falar com você, então, vamos fazer o seguinte: quando eu chegar ao quarto de George, me atualizo e te passo as informações mais recentes sobre o estado de saúde dele. Eu te ligo em, no máximo, meia hora. Combinado?

— *Combinado! Obrigada, senhor Sérgio!*

Sérgio se preparou para cortar a chamada, mas, antes, fez um pedido a ela:

— Isabella, me faz um favor?

— *Se eu puder, é claro que faço.*

— Tire esse senhor antes do meu nome, sim? — Bella não podia vê-lo, mas pelo seu tom de voz imaginou que o homem sorria do outro lado da linha.

— *Está bem, Sérgio.*

— Bem melhor! — aprovou, sorrindo de leve. — Até daqui a pouco — disse Sérgio, desligando.

Assim que se despediu, Sérgio parou o carro na frente da cancela, esticou o braço para fora da janela e apertou o botão amarelo, pegando o ticket do estacionamento. Guardou-o no bolso da camisa polo de tom azul-claro, observando a cancela se mover e ficar na vertical, permitindo sua entrada.

Dentro do hospital e após passar pelos trâmites de praxe, Sérgio recebeu um adesivo, grudando-o no espaço entre o ombro e o peito da camisa. Cinco minutos depois, saiu do elevador no terceiro andar, pegou um corredor comprido e procurou pelo quarto de número 305, conforme haviam lhe informado na recepção. Estava quase chegando quando avistou Maristela, que andava em sua direção. Pensou em cumprimentá-la, contudo, a mulher parecia mergulhada em seus pensamentos e completamente alheia às pessoas ao seu redor. Resmungando algo ininteligível, ela passou por ele sem enxergá-lo. Dando de ombros, Sérgio seguiu seu caminho e acabou por encontrar Alana e Lilly postadas na porta do quarto onde George estava, e suas feições denunciavam o quanto estavam aborrecidas

— Bom dia! Aconteceu alguma coisa? — perguntou às meninas.

Lilly sorriu tímida para ele e Alana olhou para o corredor, deixando os ombros caírem.

— Bom dia — cumprimentou-o e suspirou. — Aconteceu o de sempre. Minha mãe parece não ter limites.

Sérgio se reservou o direito de não fazer comentários. Ele sabia que a ex-mulher do amigo possuía um temperamento difícil e que gostava de controlar as pessoas e as situações à sua volta, chegando a ficar furiosa ao ser contrariada ou se algo não saísse como e na hora que ela queria. E, naquele momento, sua prioridade era obter notícias sobre de George.

— E quanto ao seu pai? Alguma novidade?

O rosto bonito da morena se iluminou no mesmo instante.

— Ele acabou de acordar. E, segundo o médico, vai ficar bem.

— Que boa notícia! Será que eu posso entrar um minuto? — indagou, ansioso.

— Ele pediu o meu telefone emprestado e eu achei melhor deixá-lo sozinho, para o caso de querer ligar para... alguém — concluiu Alana, um pouco sem graça. Ainda não se sentia à vontade ao se referir à nova mulher na

vida do pai.

— É coisa rápida, só quero olhar para a cara feia dele e dar um alô — brincou Sérgio.

Alana sorriu e cedeu.

— Está bem. Ele vai ficar contente em te ver. A Lilly e eu vamos tomar um café na lanchonete. Poderia avisá-lo que voltaremos dentro de meia hora?

— Pode deixar! — assegurou Sérgio, entrando no quarto.

Seu olhar examinou o ambiente rapidamente, para logo se concentrar no homem deitado, coberto por um lençol até a cintura, e cuja cabeça estava virada para a janela entreaberta; parecia que seus pensamentos o haviam levado para outro lugar, muito além daquele quarto.

— Posso até imaginar em quem você está pensando neste exato momento... — disse Sérgio, num tom de voz provocativo e com os cantos da boca levantados por um sorriso. — Nem vou perguntar como se sente, porque eu já sei a resposta.

George girou a cabeça devagar na direção da voz.

— Como alguém que esteve dentro de um helicóptero que começou a girar no ar e teve que fazer um pouso forçado? Que faltando poucos metros para conseguir pousar em segurança acabou despencando numa clareira no meio do mato? Que chegou aqui com um buraco na barriga que levou dez horas para ser fechado? Pois acertou... É exatamente assim que eu me sinto!

Satisfeito, Sérgio riu, pensando que aquele era o George que conhecia.

— A ironia lhe cai bem, e é bom saber que seu humor segue intacto. — Ainda mantinha o sorriso no rosto, mas sua expressão mudou quando chegou perto da cama e inclinou-se, com cuidado, para lhe dar um meio abraço. — Desta vez, foi por pouco. — Afastou-se e endireitou o corpo. — Você nos deu um belo de um susto!

— Tenho que concordar. Cheguei a pensar que não sairíamos com vida. E que bom que não foi dessa vez! — exclamou George, a tensão visível nas linhas ao redor da boca, no maxilar rijo e na pequena ruga entre os olhos. — Você soube de algo?

— Sobre o que pode ter acontecido com a aeronave? — confirmou Sérgio, e George assentiu. — Quando eu voltava para cá, liguei para o Robson Botelho e pedi para ele sondar junto aos peritos e me avisar sobre o que descobrir. A primeira informação que ele me passou foi que o perito responsável pelo caso contou, extraoficialmente, que estão considerando todas as possibilidades. Por enquanto, nenhuma será descartada. O helicóptero foi periciado no local e liberado para transporte ontem, no fim do dia. Disse, também, que deve levar umas duas semanas para o laudo da perícia ficar pronto. Ele vai acompanhar tudo de perto e me manter informado — concluiu, o semblante grave.

George ouviu seu relato e meneou a cabeça, pensativo. Uniu as sobrancelhas e sentiu sua gastrite nervosa dar sinal de vida ao imaginar que o acidente poderia ter sido causado tanto por uma falha mecânica do aparelho quanto por alguém de fora, e, para a segunda opção, apenas um nome chegou à sua mente.

Sempre atento aos detalhes, a expressão contraída de seu rosto não passou despercebida por Sérgio.

— Está pensando que pode não ter sido um acidente... Sabotagem?

Como já acontecera várias vezes, George e Sérgio pensavam igual e chegavam à mesma conclusão.

— Confesso que a possibilidade acabou de passar pela minha cabeça, mas vou esperar. Prefiro não tirar conclusões antes da hora. — Por mais que a ex-mulher fosse fútil e vingativa, George não queria acreditar que ela fosse capaz de tomar uma atitude tão extrema como a de tentar matá-lo. Não só a ele, mas também Roberto.

Uma pessoa, para fazer algo assim, tinha que possuir um nível de

maldade elevado e dar absolutamente nenhum valor à vida. Maristela tinha seus defeitos, mas George não a via como uma assassina, ainda mais de alguém que nunca fizera nada contra ela. Apesar de tudo, ele resistia em acreditar que a mãe de suas filhas, a mulher com quem estivera casado por tantos anos, fosse capaz de algo tão medonho e horrível. Maristela o odiava a esse ponto?

Sérgio fez um sinal, concordando com ele. Estava certo de que o motivo da queda seria esclarecido no seu devido tempo, porém, não custaria ficarem atentos. Se a desconfiança de ambos tinha algum fundamento, George precisaria levar sua segurança pessoal mais a sério. Nesse caso, era melhor pecar por excesso que por omissão. Levou o olhar para o celular jogado sobre a cama, ao lado da mão do amigo, que tinha um acesso conectado a uma bolsa de soro.

— Conseguiu falar com ela? — indagou, disposto a mudar de assunto.

Sérgio nem precisou nomeá-la para que George soubesse de quem ele falava. Seguiu seu olhar e bufou.

— Eu tentei, mas não consegui. Está sem sinal — resmungou ele, aborrecido.

— Deve ser a operadora — especulou Sérgio, puxando o seu aparelho de dentro do bolso dianteiro da calça, a fim de conferir o mesmo. — Algumas que não pegam bem aqui.

George concordou.

— Antes de você aparecer, eu me perguntava o que a Bella deve estar pensando de mim depois de não comparecer ao encontro que marquei com ela. Deve estar me considerando o pior dos canalhas e achando que eu a enganei outra vez... — George afundou a nuca no travesseiro, levou a mão livre até a testa e liberou um suspiro cansado.

Sérgio negou com a cabeça.

— Pois saiba que você não poderia estar mais enganado, meu amigo!

A Isabella soube do acidente pela mídia e está desesperada para ter notícias suas — revelou.

George o olhou, o semblante alternando entre surpresa e estranheza.

— Você falou com ela?

— Falei — confirmou Sérgio. — Uma amiga dela conseguiu falar com a Sandra, que me deu o recado. Liguei para a Isabella e, no fim da nossa conversa, ela me confessou que desejava muito estar aqui, até me perguntou se poderia te ver. Fiquei de verificar e retornar com a resposta.

O rosto de George se iluminou.

— Será que isso quer dizer que ela já me perdoou?

— Eu não posso afirmar. Enquanto conversávamos, ela disse algumas coisas que me fizeram acreditar que ainda sente mágoa, mas, também, tive a impressão de que quando vocês puderem sentar e conversar com calma, é bem possível que isso aconteça.

— Seria muito bom deixar essa parte para trás e pensar na nossa vida daqui para frente. Sérgio, eu preciso que você me faça um grande favor. — George encarou-o, em suspense.

— Você vai me pedir que eu vá até Bendita Luz e a traga comigo? — indagou Sérgio, lhe dando uma piscadinha. Abaixou a cabeça e começou a procurar o nome de Bella em seus contatos, ligando após encontrá-lo.

George devolveu o sorriso, admirado com a perspicácia do amigo. O safado o conhecia, e bem demais, admitia. Tentou elevar o tronco, mas voltou a se deitar, contraindo os músculos do rosto numa careta quando sentiu o corpo reclamar e uma dor forte repuxar a lateral de sua barriga.

— Já começou a ler pensamentos? — questionou, com os olhos fixos no teto do quarto e respirando com certa dificuldade.

— Fica deitado, porra! Quer abrir os pontos? — Sérgio chamou a sua atenção. — E eu não preciso ler pensamento nenhum, está na sua cara! —

retrucou, ouvindo uma voz feminina atender do outro lado da linha. — Olá, sou eu, o Sérgio — identificou-se, antes de pedir: — Só um instante, vou passar o telefone para ele. — Estendeu a mão, entregando o celular para George. — Aqui, fala com ela.

Sem hesitar, George pegou o aparelho e o encostou na orelha.

— Minha Bella... — Sua voz saiu rouca, e havia uma possessividade inerente na maneira como ele gostava de chamá-la, desde o começo. *Minha Bella!*, repetiu, intimista.

— George? É você? — Ele ouviu-a indagar e pensou em como era bom voltar a escutá-la. Parecia que o sol saía detrás de nuvens densas e escuras só ao ouvi-la. Sérgio estava certo no que dissera, porque George foi capaz de identificar a angústia e o alívio na voz de Bella. De repente, um gemido seguido do som de um objeto caindo o fez enrugar a testa, intrigado. Chamou-a pelo nome, e quando ela não voltou a falar, ele insistiu, uma, duas, três vezes. Sabia que a ligação não tinha caído, pois ainda conseguia ouvir ruídos e barulhos indistintos do outro lado, por isso não entendia o porquê a mulher não respondia aos seus chamados. *O que diabos foi isso?*, perguntou-se, levando o olhar apreensivo para Sérgio, que seguia ao lado da cama, de pé. *Que droga!*, praguejou, impaciente, porém, não pôde evitar se preocupar com o que poderia estar acontecendo com ela.



Capítulo 22

“Uma combinação interessante”

Assim que ouviu a voz de George, Bella sentiu o chão oscilar abaixo de seus pés, a cabeça começou a rodar e o estômago se revolveu. Ela mal se deu conta quando seu telefone escorregou e caiu com um baque seco sobre o tapete. Precisou se apoiar na mesinha ao lado da cama e resvalou no abajur, derrubando-o antes que pudesse correr para o banheiro. Tapando a boca com uma mão, só teve tempo de abrir a porta para que o chá e as duas torradas, tudo o que conseguira colocar no estômago enquanto esperava Sérgio retornar com notícias, caíssem em jatos dentro do vaso.

Cinco minutos e vários espasmos depois, Bella fechou os olhos, jogou água fria no rosto e aspirou o ar em grandes quantidades. Retornou para o quarto, pálida feito um fantasma e com as pernas bambas. Inclinou-se, pegou o celular e viu que ele estava apagado e com a tela trincada. Ligou e desligou o aparelho, mas nada de obter sinal de vida. *Droga! Bela hora para passar mal e essa porcaria cair e parar de funcionar*, pensou e gemeu de frustração.

Fraca e trêmula, desabou na cama e colocou o aparelho ao lado do travesseiro. Ao menos pudera ouvi-lo, e isso a deixou mais tranquila. Agora, sentia que precisava de alguns minutos para se recuperar de mais uma sessão de enjoo.

Bella tentou fazer o celular voltar a funcionar, mas como não

conseguiu, sentou-se na cama, e quando achou que já estava bem o suficiente para andar, levantou-se e saiu. Esgueirando-se pelo corredor, alcançou e abriu a porta do quarto de Eros. Pela fresta, viu o irmão esparramado de bruços na cama, com um lençol cobrindo a parte de baixo do corpo. Como ele ainda dormia, e tentando fazer o mínimo de barulho possível, Bella pegou o celular dele, que estava em cima da calça jeans e da camisa jogadas numa cadeira, e voltou, rápida, para o seu quarto, fechando a porta atrás de si. Como sabia como desbloquear o aparelho de Eros – não era a primeira vez que precisava usá-lo –, discou o número de Betty.

— *E aí? O Sérgio te ligou? O que ele te disse?*

— Sim, ele me ligou. Estava a caminho do hospital e me contou o que sabia sobre o estado de saúde do George.

Bella explicou rapidamente o que tinha acontecido. Concluiu contando que seu celular tinha caído e parado funcionar, e por esse motivo ela usava o aparelho do irmão mais novo.

— *Bem que eu não reconheci o número* — comentou Betty. — *Tem como anotar?*

— Tenho. Pode falar.

Depois de tomar nota, Bella se despediu e desligou, mas antes prometeu a Betty que voltaria a falar com ela. Com os olhos fixos no pedaço de papel, fez a chamada e aguardou.

— Desculpa, meu celular caiu e apagou. Tive que pegar o do meu irmão emprestado — explicou rapidamente, omitindo o fato de ter passado mal.

— *Que bom saber que foi só isso. O George e eu ficamos preocupados quando ele te chamou várias vezes e você não respondeu.*

— Como ele está? Eu posso voltar a falar com ele?

— *Eu precisei sair do quarto, porque a enfermeira acabou de entrar para trocar o curativo, mas, antes disso, ele tinha me pedido um favor, e tem*

a ver com você.

— Comigo?

— *Isso mesmo. Ele me pediu para ir até aí, te buscar.*

Bella sentiu um frio na barriga e seu nervosismo voltou.

— Eu vou poder vê-lo? É sério?

— *As visitas ainda estão restritas, mas eu acho que vai poder vê-lo, sim. Eu posso dizer a ele que você vem?*

— Pode, claro — concordou Bella. — E a que horas você vem me buscar?

— *Hum... Como eu vou de carro, saindo agora, devo fazer o percurso em umas três horas, mais ou menos. Por favor, me passa o local onde eu posso te pegar. Creio que chego aí entre meio-dia e meia e uma hora da tarde.*

Bella deu o endereço da casa de Betty, por achar que seria o melhor lugar para os dois se encontrarem. Depois de acertar tudo com Sérgio, ligou novamente para a amiga, contando do encontro e avisando que iria para lá. Desligou, apagou as ligações do histórico e saiu do quarto com a intenção de devolver o celular.

Do lado de fora, deu de cara com Enrico, que saía de seu quarto vestido com o uniforme do time de futebol da empresa em que trabalhava, no qual jogava com a camisa 10, e com uma mochila de lona nas costas. Rápida, Bella levou o braço para trás de si, ocultando o celular de Eros dos olhos do irmão mais velho.

— Vai sair? — indagou ela, tentando agir com a mais absoluta naturalidade.

— Vou. Tenho jogo com os caras hoje. O meu time vai participar de um torneio e combinei de me encontrar com eles no clube que fica no mesmo quarteirão da empresa.

— Que legal. Boa sorte! Espero que seu time vença — desejou, sincera.

— Obrigado, irmãzinha — agradeceu Enrico, inclinando-se e beijando-a no rosto. — Vai ser bom para espairecer e gastar um pouco de energia. E você, também vai sair? — indagou, os olhos passeando pela roupa dela.

— U-hum. Eu vou me encontrar com a Betty. Nós vamos dar uma volta, ver gente. — Bella se forçou a sorrir, a fim de reforçar o que acabara de dizer.

— Ok, bom passeio — desejou ele, abaixando o olhar para o ventre dela. — Cuide-se, nada de exagerar. Agora, tem que pensar no meu sobrinho. — Ele parou de falar por um instante e Bella prendeu o ar, tensa, pensando que Enrico a cobraria mais uma vez o encontro com George, no entanto, tranquilizou-se quando o irmão apenas se despediu. — Bem, eu preciso ir... O primeiro jogo começa às dez e eu estou em cima da hora. Dormi mais do que pretendia. — Deu um sorriso sem graça e saiu apressado pela porta lateral que dava na garagem. Pouco depois, Bella ouviu o som do motor de sua caminhonete e o barulho do motor diminuir gradativamente conforme o veículo se afastava.

Ela se apressou em devolver o celular de Eros e retornou ao próprio quarto. Ao entrar, cruzou o tapete, parando diante da penteadeira e buscando seu reflexo no espelho. Usava um conjunto de calça e casaquinho azul-escuro por cima de uma blusa de malha creme e gola careca. Sentou-se na banqueta e decidiu fazer uma maquiagem leve, só para disfarçar a palidez excessiva do rosto e as olheiras sob os olhos por conta da noite mal dormida. Correu as mãos pelos cabelos e gostou do que viu, embora os olhos expressassem cansaço. Levantou, passou a mão pela alça da bolsa de couro, cruzou a sala, e já ia sair quando se perguntou se não estava esquecendo algo.

Colocando a bolsa no chão, ao lado da porta, Bella foi até o móvel no canto da sala, abriu uma das duas gavetinhas, tirou o bloquinho de papel e a

caneta que costumava deixar ali e escreveu um bilhete dirigido aos irmãos, dizendo que seu celular não estava funcionando e para não se preocuparem com ela, pois passaria o fim de semana na casa da Betty. Na segunda-feira de manhã, ia direto para a escola. Essa foi a melhor desculpa que lhe ocorreu, considerando o pouco tempo que tinha.

Pôs o bilhete de pé, apoiado no porta-retratos em cima da cristaleira. Girou a cabeça na direção do corredor e apurou os ouvidos, respirando aliviada por não escutar nenhum ruído vindo do quarto de Eros, que, pelo jeito, ainda dormia. Como Enrico havia saído, Bella relaxou e aproveitou para deixar a casa. Vinte minutos depois, estacionava em frente ao sobrado pintado de azul-claro. Como Betty estava sem carro, pois o precisara vender para quitar parte de suas dívidas havia alguns meses, Bella deixaria o seu na garagem dela e o pegaria ao regressar.

Passava pouco da uma da tarde quando Sérgio estacionou sua DC-10 preta, cabine dupla, diante do portão alto de mogno, fechado na parte de baixo e com uma faixa vazada na parte de cima e que tomava toda a frente da casa de Betty. Ele buzinou uma vez e as duas saíram pelo portão social.

— Eita! Esse é o Sérgio? — Betty cochichou a pergunta no ouvido da amiga. — Sabe que eu o imaginei totalmente diferente? Uau, que gato! — concluiu, sorrindo na direção da caminhonete.

— Pois é, concordo, embora eu ainda prefira o George.

— É claro que prefere — brincou Betty, com um rolar de olhos. Aproximando-se da DC-10, apoiou o cotovelo na janela. — Não quer entrar um pouquinho? Esticar as pernas, tomar uma água...? — sugeriu, com um sorriso coquete e enrolando um cacho ruivo com um dos dedos.

Sérgio balançou a cabeça.

— Infelizmente, acho que não vai dar. Estamos com o tempo apertado — falou, o semblante denunciando pesar.

— Que isso?! Quinze minutinhos não vão fazer tanta diferença... —

Betty insistiu.

Sérgio a encarou e ponderou por uns instantes. Realmente, não fariam tanta diferença, e seria até grosseiro de sua parte não descer para cumprimentá-las da maneira correta.

— Está bem. Um copo de água gelada viria bem a calhar, sem falar que estou mesmo precisando esticar um pouco as pernas — disse e brindou-a com uma piscadela e um sorriso aberto, daqueles que chegam até os olhos e formam ruguinhas charmosas nos cantinhos. Por algum motivo e de forma inusitada, Betty, que parecia não ter um osso tímido no corpo, agiu exatamente assim diante dele. — Mas só podemos ficar um pouco, isso, se você, Isabella, quiser vê-lo ainda hoje. O último horário para visitas é às seis da tarde, depois disso, só amanhã, às nove — continuou, dirigindo-se à Bella, que balançou a cabeça, anuindo.

Meia hora depois, as duas se despediam diante do portão.

— Cuide-se lá! E mande notícias! Quanto aos seus irmãos, fique sossegada. Você deixou um bilhete explicando, eles não vão se preocupar, ainda mais se disse que passaria o fim de semana comigo — Betty a tranquilizou, contudo, estava preocupada com a amiga indo sozinha para São Paulo.

— Obrigada, Betty. Não sei o que faria sem o seu apoio — Bella despediu-se e abraçou a amiga. Mais uma vez, ocultava algo importante dos irmãos e se sentia culpada por isso, mas era tarde para voltar atrás. Obedecia ao anseio do seu coração, indo encontrar-se com o homem que amava.

— Ah, vai logo, antes que eu vire uma manteiga derretida aqui. Sabe que, apesar dessa minha casca dura, sou uma molenga por dentro. — Betty se aproximou do ouvido dela e cochichou: — boa viagem e cuide bem dos meus afilhados. — Ao se afastar, deu de ombros ao receber um olhar atravessado de volta.

Bella entrou na caminhonete e se acomodou no assento do carona, acenando uma última vez para a amiga, ao mesmo tempo que Sérgio

despedia-se dela movendo a cabeça de leve. Segundos depois, ele girava a chave na ignição e colocava a caminhonete em movimento.

Respirando fundo, Bella quase não acreditava que estava indo para a capital encontrar George depois de várias semanas distantes. No entanto, não conseguia evitar se sentir apreensiva, uma vez que decidiu contar sobre o bebê que esperavam assim que uma oportunidade surgisse, e não podia evitar se perguntar qual seria a reação dele. As duas filhas já eram adultas, de repente ele não se sentiria confortável, muito menos contente, em ter que começar tudo de novo. Será que, como ela, George se perguntaria como tinha acontecido? Afinal, pelo que se lembrava, não tinham transado sem proteção. E se ele duvidasse que era seu filho? Já tinha feito uma cena de ciúmes sem motivo uma vez... Ela não fazia ideia de como reagiria se isso acontecesse. Forçou-se a pensar que aquilo era coisa de sua cabeça, que ele não faria algo assim, e decidiu colocar os pensamentos de lado. Não adiantava ficar especulando, de qualquer maneira, só saberia mesmo quando contasse. Sua insegurança só a deixava ainda mais angustiada, e isso, segundo o que Betty lhe dissera, não era nada bom no seu estado.

Olhou para o lado. Sérgio era um cara simpático, possuía bom humor e tinha uma conversa amena e agradável. Bella logo percebeu isso nele. A viagem estava sendo tranquila, e mesmo louca para chegar logo, ela mal notava o tempo passar. Volta e meia se pegava rindo de situações engraçadas que o homem narrava, inclusive, algumas entre ele e o próprio George. Ela gostou dele de cara, sentia-se bem em sua companhia e seu jeito calmo de ser combinava com o dela.

Estavam no meio do caminho quando Bella sentiu ânsias de novo. Tentou aguentar, aspirando o ar com avidez, mas a náusea não a deixava. Então, sem alternativa, pediu para Sérgio parar o carro, começando a passar mal. O balançar constante da caminhonete, somado à ansiedade, deve ter feito seu estômago se revoltar, pelo menos foi o que ela pensou. O pior é que não tinha quase nada para colocar para fora, pois, no almoço na casa da Betty, só conseguiu ingerir uma salada leve, e isso depois de a amiga insistir muito.

Foi só o tempo de Sérgio parar no acostamento da estrada para Bella abrir a porta do seu lado, colocar meio corpo para fora e vomitar. Quando terminou e voltou a sentar, limpando a boca com um lenço, jogou a cabeça para trás, apoiando-a no encosto, a boca entreaberta em busca de ar.

Sérgio olhou-a com uma sobrelance erguida.

— Está tudo bem? — indagou, intrigado.

— Sim... Estou bem agora. — Bella tentou sorrir, mas sua tentativa não foi bem-sucedida. Virou o rosto na direção da janela, fugindo do olhar aguçado que a perscrutava. — Deve ser a ansiedade... Eu tenho andando um pouco estressada nos últimos tempos... — justificou-se sem olhá-lo.

— Tem certeza de que está bem? — insistiu Sérgio, pois ela parecia tão branca quanto uma folha de papel sulfite. — Quer que te eu leve até um médico? Se bem que eu acho difícil encontrar um por esses lados, quem sabe mais para frente... — falou, intimista.

— Não precisa, Sérgio. Eu já estou bem. — Bella abriu a bolsa e remexeu em seu interior, tirando um pacote de bolacha de dentro dela. Só aceitou trazê-lo por insistência de Betty, pois quando contou que não segurava nada no estômago por causa dos enjoos, a ruiva se lembrou de que uma tia ou prima contou em meio a uma conversa sobre gravidez que as bolachas de água e sal ajudavam a controlar as náuseas, mas Bella tinha até esquecido que as trouxera.

— Isabella... — Sérgio começou a falar, mas ao observá-la e vendo como parecia fragilizada, mudou de ideia. Deduziu que a causa do seu estado devia ser o acidente com George. Embora a garota procurasse não demonstrar o quanto estava abalada e se fizesse de forte, dava para ver que tinha tentado disfarçar as olheiras com maquiagem. Com um balançar de cabeça, decidiu aceitar sua palavra, voltar para a estrada e seguir viagem. Quem sabe se sentiria melhor quando ela o visse. Uma coisa era alguém lhe contar como George estava, outra, completamente diferente, era ela vê-lo ao vivo e a cores. Mas, apesar de tudo, não passou despercebido a ele a maneira protetora

como ela pousava a mão sobre o ventre. Isso chamou sua atenção, pois era algo que Marly, sua falecida esposa, fizera durante a gravidez da filha deles. Tinha passado praticamente os nove meses repetindo o mesmo gesto. *Náusea, palidez, mão protetora sobre o ventre e bolacha de água e sal...* Hum, *está aí uma combinação bem interessante!*, pensou, com um sorriso discreto curvando os lábios e os olhos fixos na estrada.

Para seu alívio, durante a segunda metade do trajeto, Bella não sentiu mais nada. Por um instante, chegou a pensar que Sérgio tinha o poder de adivinhar o que se passava com ela, contudo, logo colocou esse pensamento de lado, dizendo-se que aquilo era um absurdo. Ele não teria como saber, a não ser que ela dissesse. Sua desculpa para ter passado mal era plausível, e como ele não fizera mais perguntas, ao que parecia, acabou aceitando. A última hora de viagem foi feita com os dois calados, com ela intercalando momentos em que se mantinha desperta e outros em que cochilava, embalada pelo movimento cadenciado da caminhonete e pelo som baixo do rádio ligado.



George estava sozinho. Pedira para a enfermeira levantar a cabeceira da cama e, agora, encontrava-se recostado nela. Alana e Lilly tinham ido para casa, precisavam descansar, pois não dormiram quase nada na noite anterior. Mas as duas saíram com a promessa de que voltariam na manhã no dia seguinte, e só concordaram em ir embora depois de ouvirem do médico responsável que estava tudo bem com o pai. Depois de tudo pelo que passara, seu organismo reagia bem, era só uma questão de tempo para George melhorar e receber alta.

Parecia inacreditável que aquela fosse a segunda vez que ele se encontrava em cima de uma cama de hospital em menos de quatro meses. De imediato, sua mente o remeteu ao acidente que proporcionara seu primeiro encontro com Bella. Suspirou ao lembrar-se da primeira vez que se dirigira a ela. Tinha sido brusco e mal-educado, mas reconhecera seu erro, e as coisas

só foram evoluindo a partir daquele momento. Meses se passaram com ele adiando o inevitável, se enganando, ganhando tempo, até que chegou a hora de contar a verdade e, como ele previra, se separaram por conta disso. Mas, agora, só de saber que ela vinha ao seu encontro, seu coração se agitava como o de um garoto esperando para encontrar a primeira namorada, seu primeiro amor. Esperava pela mulher que fazia seu mundo balançar, que o tirava do eixo.

E foi assim, nesse estado de espírito saudoso e inquieto, que George viu a porta ser aberta e ficou observando-a entrar no quarto e andar até ele. Com passos tímidos, a princípio, parecendo temerosa e olhando-o com apreensão. Pôde ver seus belos olhos castanhos brilhantes por causa das lágrimas. De repente, ouviu um gemido baixo e Bella soltou os ombros, relaxando os músculos tensos. Ela correu para ele e, ao chegar, ele a recebeu e a envolveu num abraço carinhoso e confortador.

Ao se afastar, Bella sentou-se na ponta da cama, de frente para George. Ele esticou os braços e pousou uma mão de cada lado daquele lindo rosto que não saía de sua mente durante todos aqueles dias em que os dois ficaram sem se ver e passou a secar suas lágrimas com os dedos.

— Oi — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Oi — Bella repetiu, emocionada, sorrindo e com os olhos fixos nos dele.

George parecia não acreditar que a tinha bem ali, na sua frente. Por alguns segundos, os dois só se olharam, embevecidos, bebendo do outro e sem ação, até que, num movimento sincronizado, suas bocas se procuraram e se encaixaram num beijo perfeito. Naquele instante mágico, não havia lugar para segredos, ressentimentos, cobranças, mágoas ou angústias. Dentro daquele quarto, só havia duas pessoas se reconectando, matando a saudade que sentiram um do outro.



Capítulo 23

“Está falando sério?”

— Senti sua falta. — Bella sentira falta do seu toque, dos seus beijos, do seu cheiro másculo, do abraço protetor e de apoiar a cabeça em seu peito e descansar após fazerem amor. — Você não faz ideia do meu desespero quando fiquei sabendo do acidente. Tive tanto medo de te perder... — Abraçou-o e fechou os olhos, sentindo a respiração regular no topo de sua cabeça, o subir e descer constante do peito largo e as batidas fortes e cadenciadas do coração de George acalmando-a. Aquele era o seu lugar. Ali, sentia-se em casa. Segura. Protegida.

— Pode ficar tranquila, porque isso não vai acontecer — afirmou ele, passeando a mão livre pelos seus cabelos e descendo por suas costas. — Eu estou aqui e vou ficar bem.

Bella elevou a cabeça para poder vê-lo melhor. Ouviu sua consciência ordenar que dissesse o que verdadeiramente sentia por ele, naquele momento, porque nunca se sabe como será ou se haverá um amanhã. Estava sendo fatalista, sabia disso, mas depois daquele tremendo susto, não tinha como ser diferente.

— Eu te amo — murmurou, a mão fazendo uma carícia suave em seu rosto, sentindo os fios macios da barba lhe acariciarem a palma.

George encarou-a sem ocultar a surpresa. Definitivamente, ele não esperava por uma declaração como aquela. Era a primeira vez que ouvia aquelas palavras da boca de Bella. Seu peito expandiu e ele pensou em como sentia-se bem ao ouvi-las. Ignorando seu estado, apertou-a entre os braços e tomou sua boca num beijo apaixonado. Bella era sua força vital, seu sonho que se tornara realidade. Se estivesse bem, em plena forma física, e não convalescente em cima daquela cama, ele envolveria sua cintura, a elevaria do chão e rodopiaria com ela pelo quarto, tamanha era a felicidade que preenchia seu peito. A sensação era boa demais.

Tudo pelo que passara, tudo o que tivera que fazer e enfrentar, tinha valido a pena só para vivenciar aquele momento. Havia saído de um casamento fracassado e sobrevivido a um acidente que poderia tê-lo matado ou deixado sequelas, mas, agora, após a cirurgia, sua recuperação era considerada boa, e para coroar tudo isso, aquela mulher linda, maravilhosa, acabara de confessar que o amava.

O que mais um homem pode desejar da vida? Sorriu internamente, porque ele tinha a resposta para a própria pergunta: ficar bom o suficiente para deixar aquele hospital, depois, se recuperar por completo e viver esse amor ao lado dela. Precisava admitir que estava completamente apaixonado por Bella.

Quando suas bocas se separaram, Bella pôs as duas mãos abertas gentilmente em seu peito e se afastou, colocando distância entre eles. George enrugou a testa, sem entender o gesto e percebendo que, de repente, a atmosfera do quarto havia mudado. Foi uma mudança sutil, mas ele conseguiu identificar, e ficou mais evidente quando olhou bem para ela.

— George, nós precisamos conversar... Eu... — Ouviu-a começar a dizer, o semblante se fechando, se tornando mais sério. Temeroso de que o assunto que ela queria abordar fosse algo negativo e que pudesse separá-los de novo, ele não a deixou prosseguir.

— Bella, se é sobre a minha situação que você quer conversar, como

eu te disse, isso tudo acabou. Eu não sou mais um homem casado e não precisamos mais nos esconder ou ocultar o que sentimos de ninguém. — George sondou seu rosto em busca da confirmação de que ela assimilara o que ele acabara de dizer. — Eu estava levando as cópias dos documentos comigo para te mostrar, como prometi — acrescentou, visando convencê-la.

Bella meneou a cabeça e sorriu, e tais gestos o tranquilizaram.

— Eu sei disso... E fico feliz em saber que você conseguiu resolver essa situação e que já não há mais empecilhos entre nós. — Foi a vez de Bella envolver o rosto dele com as mãos. Ouvi-lo assegurar que, finalmente, era um homem livre, deixava seu coração leve.

George cobriu as mãos dela com as suas e preparou-se para o que desejava dizer, o que guardara em seu peito por todas aquelas semanas longe dela. Antes mesmo do acidente, ele já sabia que não havia tempo a perder, e isso não mudara, pelo contrário, tinha pressa, tinha fome de vida. Havia usado as horas que permaneceu sozinho naquele quarto para refletir, dando-se conta do quanto estivera próximo da morte, de como a vida podia ser efêmera; depois da experiência assustadora, ele vislumbrava o futuro com outros olhos.

— Não tem nada mais que nos impeça de ficar juntos, Bella. Você apareceu na minha vida no momento que eu menos esperava e mais precisava. Você me fez reviver sentimentos que eu mantinha trancados, que cheguei a esquecer que ainda existiam dentro de mim. Eu estava acomodado com uma rotina de trabalho, preso a um casamento sem sentido, ao lado de alguém a quem não amava. Eu me sentia condenado a um futuro sem amor, mas você veio e deu um colorido especial a tudo à minha volta. Você sacudiu o meu mundo!

Emocionada, Bella bebia cada palavra que saía da boca dele.

— George... O que você...?

Ainda mantendo as mãos dela nas suas, George juntou-as, levou-as aos lábios e beijou os nós dos dedos finos e elegantes, um por um, antes de elevar a cabeça e encontrar os belos olhos que, agora, o fitavam, confusos.

— Pensei que seria mais fácil. — Meio sem jeito, ele sorriu e balançou a cabeça. — Não costumo dizer essas coisas... Na verdade, não me lembro quando foi que eu disse algo assim, acho até que esta é a minha primeira vez. Jamais me senti como estou me sentindo. — Limpou a garganta e respirou fundo. — Isabella Magalhães, eu estou apaixonado por você! — declarou, olhando-a com reverência. — Eu já não sou um garoto e não quero mais esperar, principalmente depois de tudo o que aconteceu. Eu preciso saber se você está disposta a dividir a sua vida comigo — despejou de uma vez, antes de racionalizar seus sentimentos, de ter a chance de voltar atrás, de mudar de ideia. Seu receio não era pelo que desejava para si, mas de assustá-la com a intensidade que colocara em seu pedido. Talvez Bella não estivesse pronta para uma vida a dois como ele estava. Pronto para recomeçar, para viver, para amar.

Bella parecia atordoadada, tremia ao perguntar:

— Está falando sério?

— Não. Estou só brincando. O que você acha? É claro que estou falando sério!

— De verdade? — Ela ainda não podia acreditar no que ouvia. Continuava sentada, olhando-o com incredulidade, o que fez George rir.

— É claro que é verdade! E então?

— Estou mais do que disposta, George! O meu maior desejo é estar com você! — Bella inclinou-se para beijá-lo e ele a prendeu nos braços.

Satisfeito com o que ouvia, George tocou-a nos lábios com as pontas dos dedos, o que o excitou. Morria de desejo por ela, mas sabia que, devido ao seu estado, durante algum tempo nada se passaria entre eles.

— Mas como faremos isso? Você vive aqui, mas eu tenho a minha casa, meus irmãos, meu trabalho e toda a minha vida em Bendita Luz — continuou ela, agora, menos eufórica.

— Bella, o lugar não importa, desde que eu esteja com você. No

começo, pensei em ficarmos no meu apartamento no Guarujá, mas sei que ele fica longe da sua cidade e você tem o seu trabalho na escola, assim como eu tenho o meu novo projeto em Bendita Luz, então eu posso me mudar para lá.

— E quanto à sua empresa aqui, em São Paulo? E suas filhas? Você não pode deixá-las — argumentou Bella. Aquilo não parecia certo, e ela não queria ser o motivo da distância entre eles e separar o pai das filhas. Ela não as conhecia ainda, não sabia como eram, mas as duas podiam muito bem se ressentir pelo fato de o pai ir viver em outra cidade, com uma mulher que não era a mãe delas, e a culparem por isso.

— E não vou — garantiu George. — O Sérgio pode seguir tocando a empresa com a competência de sempre. A minha parte é a de inspecionar o andamento das construções e acompanhar o desenvolvimento dos projetos, e é por isso que eu viajava muito, quase não parava em casa. Detesto ficar fechado em um escritório. Gosto de ver as coisas acontecendo, conversar com os mestres das obras, ficar perto do pessoal que coloca a mão na massa, no sentido literal. — Seu rosto se iluminou ao dizer isso.

— Posso ver o quanto você ama o que faz. Você fala com entusiasmo, tanto que seus olhos brilham.

— Eu também sei da sua dedicação, do amor que sente pelos seus alunos. — George tocou sua face com carinho. — É uma mulher especial, Bella. Eu me apaixonei por você, por esse seu jeito... Por você ser assim, linda de todos os ângulos que se olhe. — George se perdeu em seus olhos por um segundo antes de retornar ao assunto principal. — E quanto às minhas filhas, a Alana vai para Bendita Luz quando a obra começar e ficará por lá até concluirmos o novo empreendimento, portanto, eu a verei com frequência. E a Lilly, como ela ainda está na faculdade e sei que pretende começar a estagiar ainda este ano, talvez não tenhamos muitas oportunidades de nos vermos, mas vamos tentar sempre que der. Eu não vou abandoná-las, mesmo não vivendo na mesma cidade. Vamos manter contato, sem esquecer que elas têm suas próprias vidas, assim como eu tenho a minha. E por falar nisso, preciso marcar um encontro para, assim que possível, te apresentar a elas —

concluiu com um sorriso.

Bella sentiu o corpo estremecer de leve diante da eminência e inevitabilidade desse encontro.

— Eu sei que vou gostar de conhecê-las, afinal, são suas filhas e você é o homem que eu amo, mas, ao mesmo tempo, sinto um pouco de medo da reação delas quando nos encontrarmos — disse, sem conseguir ocultar sua insegurança.

— Bella, meu amor, não precisa ter medo. Nem existe motivo para isso. Eu posso te assegurar que a Alana e a Lilly vão gostar de você, de te conhecer. — George contava com isso, uma vez que já tinha conversado com as duas sobre Bella e deixado claro a importância que ela tinha em sua vida. Sabia que as garotas o amavam, e as duas desejavam e entendiam que ele também merecia ser feliz.

— Espero que sim, e, pelo que estou vendo, você já pensou em tudo.

George fez uma careta.

— Hum... eu diria que em quase tudo.

— Em quase tudo... — repetiu Bella, pensativa. — Agora que mencionou a construção, eu me lembrei de que fiquei sabendo que você é o novo dono do terreno perto da praia. Eu não fazia ideia de que você fosse tão... É claro, não sou boba, sei que você tem dinheiro, mas não imaginei que fosse tanto assim.

— Eu sou um dos donos do terreno — corrigiu ele. — Não se esqueça de que o Sérgio é meu sócio. E saber disso, que tenho posses, te deixa desconfortável?

— Eu não sei exatamente como me sinto... Só que é um pouco estranho para mim. Nunca conheci ninguém assim, como você.

— Tudo bem. Eu acho que te entendo — disse ele, empático. — Eu nem sempre fui como sou hoje. Lutei muito para chegar onde cheguei, por isso sei como se sente.

— Por isso que você é assim, tão despojado? Sem frescuras?

George fingiu surpresa diante das perguntas dela.

— Eu sou assim? Ah, pensei que eu fazia mais o tipo sofisticado, culto, até um pouco *nerd* — brincou ele. — Nada disso, minhas raízes são humildes. Nunca pretendi mudar por causa do dinheiro. Não me entenda mal, eu gosto de ter o que tenho, mas são só bens materiais. As minhas filhas e ter você, aqui, nos meus braços, essa é a minha verdadeira riqueza. Vocês são o que eu tenho de mais precioso na vida, e eu não trocaria por nenhum tesouro, nem por todo o ouro do mundo, por nada — assegurou George, lhe dando um beijo rápido e suave.

Como ele pode ter essa aparência de mau, de rude, durão, e ser tão humano, gentil e encantador?

— Eu já disse que te amo hoje? — Bella indagou e sorriu. — Ah, e eu me lembrei de que você me contou que o Sérgio era seu sócio numa das nossas idas à sua casa de Atibaia, foi por isso que consegui falar com ele, depois que a minha amiga, a Betty, conseguiu deixar o recado com a assistente dele.

— Eu sei, ele me contou. — George fixou os olhos nas mãos ainda unidas dos dois. — Bella, eu queria saber quanto tempo você vai poder ficar aqui.

— Eu vim preparada para passar o fim de semana, aliás, tudo aconteceu tão rápido que nem pensei sobre onde dormirei essa noite.

— Isso não é problema. Eu aluguei um apartamento enquanto não decidia o que fazer, o Sérgio sabe onde fica e pode te levar até lá. E, é claro, você pode ficar o tempo que quiser. Ou puder — emendou George, ansioso. Por ele, ela não sairia mais do seu lado, mas sabia que Bella tinha seus compromissos e sua família, e não iria se impor a isso.

Bella não precisou pensar muito para tomar sua decisão. Não era a decisão mais racional, contudo, naquele momento, em que estava com ele e se

recordava da angústia e do medo que passara achando que o tinha perdido, o coração sobrepujava a razão. E dando vitória à emoção, ela falou, decidida:

— Eu não vou embora enquanto você estiver aqui!

— E o seu trabalho na escola?

— Dou um jeito. Eu acho que a escola pode ficar uns dias sem mim.

— Você faria isso? Ficaria aqui, comigo? — Embora o encantasse saber que ela estava disposta a ficar ali, com ele, George sentia a necessidade de dizer o que pensava, pois não queria que ela se ressentisse com ele caso algo desse errado e ela saísse lesada. — Bella, eu não quero que você se prejudique por minha causa. Eu vou ficar bom, e quando estiver bem o suficiente para viajar, eu te encontro em Bendita Luz.

— Não se preocupe, eu vou ver se consigo alguém para me substituir. Além disso, neste momento, a minha prioridade é você!

— Está bem. Se você diz... — George deu de ombros e relaxou o rosto e os ombros, deixando-se cair no encosto. — Aposto que você não falou para os seus irmãos que vinha para cá, estou certo?

Bella abaixou os olhos e os fixou nos dedos entrelaçados dos dois.

— Está, mas eles já sabem de você...

George voltou a enrijecer os músculos.

— Você contou sobre nós?

— Sim, eu não tive escolha.

— Como assim você não teve escolha?

— Eles descobriram e eu não tive como negar — confessou, ainda sem encará-lo.

— Então você não contou, foram eles que descobriram... — raciocinou George, o semblante intrigado e se perguntando como poderiam ter descoberto sem que ela lhes dissesse nada. Será que alguém que os vira

juntos contou para eles? Bem, não fazia mais diferença. — Assim que eu sair daqui, nós vamos resolver isso. — Bella olhou para ele com uma interrogação no rosto bonito, como se perguntasse: “*isso o quê?*”. — Conhecer os seus irmãos, Bella — George respondeu a indagação muda. — Quero oficializar a nossa relação. Daqui para frente, farei as coisas como manda o figurino. Sonho em viver na mesma casa que você, dormir e acordar com você ao meu lado na cama... Sonho em ter um filho com você, em ver o seu corpo mudar, sua barriga crescer, seus peitos aumentarem de tamanho... — Seus olhos tinham um brilho especial, sonhador, e seu rosto se iluminou ao pensar na possibilidade. Sem esperar, Bella o viu esticar o braço e levar a mão à frente, pousando-a aberta em seu ventre. Ela prendeu o fôlego e os olhos marejados o fitaram. Sorriu, a despeito das lágrimas, ao saber desse desejo dele.

— Eu te amo — declarou mais uma vez num sussurro, a mão pousada sobre a dele. George tinha razão, era chegada a hora de seus irmãos conhecerem o homem da sua vida e o pai do filho que gerava.

— Não mais do que eu — confessou George, adorando ver como estava sendo fácil declarar seu amor. Poderia ser brega, romântico, o que fosse, ele não estava nem aí. Só sabia que ela o fazia se sentir mais jovem, era tudo muito diferente do que vivera com a ex-mulher. Maristela era ressentida, egocêntrica e nervosa demais. Bella era inteligente, bem-disposta, preocupada com os outros. Apesar da sua triste história, de ter sofrido a perda dos pais ainda criança, mostrava-se bondosa, carinhosa e meiga.

— George, eu tenho algo para te contar.

— Então me diz. O que é?

Bella apertou mais a mão dele, espalmada em sua barriga.

— Eu andei passando mal e cheguei a desmaiar...

George se remexeu e sentiu um aperto no peito, a preocupação varrendo seu rosto, e, sobressaltado, indagou:

— Você está doente? O que você tem?

Ela balançou a cabeça, negando.

— Não é isso. O que aconteceu foi algo importante e inesperado. Eu sei que este não é o momento ideal e cheguei a pensar que você não ia gostar de receber uma notícia como esta, mas agora que me disse todas essas coisas lindas, percebi o quanto eu estava enganada ao pensar assim.

— Bella, me diz de uma vez o que é... por favor... — pediu ele, começando a se impacientar. — É algo ruim?

— Não. Pelo contrário... — hesitou, voltando a fixar os olhos nos dele. — Um dos sonhos que você enumerou agora há pouco... se adiantou — disse e ficou à espera de sua reação.

George olhou para o rosto de Bella e desceu o olhar para as mãos dos dois unidas sobre sua barriga. Arregalou os olhos ao voltar a encará-la, dando-se conta do real significado do que ela dizia.

— Não! — exclamou, cobrindo a boca com a mão livre.

Bella balançou a cabeça com fervor.

— Sim! — Sorriu ao afirmar.

— Mas como...? — George não completou a pergunta e enrugou a testa, pois acreditava saber quando tinha acontecido. — Tem certeza?

— Tenho. Nós vamos ter um bebê!

Ouvir isso dela o deixou sem fala. Enquanto assimilava a novidade e a encarava, enternecido e apaixonado, pensava que precisava acrescentar um item especial na lista que fizera quando se perguntou o que mais um homem poderia desejar da vida: ter um filho com Bella!

Caralho!

Porra!

Caralho!

Porra!

George obrigou-se a se manter calmo, a se conter, pelo lugar onde estavam e pela limitação do seu corpo, mas o que ele realmente queria era poder gritar aos quatro ventos que teria outro filho.



Capítulo 24

“Não tem mais volta”

Grávida! Ela me disse que está grávida!

George sorriu. Estava feliz. E não só feliz. Estava feliz para caralho! Bella era a luz da sua vida. Seu coração estivera vazio até ela chegar, e agora esperava um filho seu. Ia ser pai pela terceira vez, mas sentia-se completamente entontecido como se fosse a primeira.

— Nós vamos ter um bebê... — repetiu e a olhou com um assombro total. — Eu nem sei o que dizer... Essa notícia me pegou de surpresa, mas juro que pressenti algo, notei um brilho diferente em você quando coloquei a mão na sua barriga. Eu queria, só não sei como colocar essa sensação em palavras.

Bella riu de sua expressão e beijou-o novamente nos lábios. Abraçou-o, emocionada, mas se afastou, temendo machucá-lo.

— Foi uma surpresa para mim também. Eu fiquei assustada e insegura quando soube, mas não levou muito tempo e meu estado de espírito mudou. É tudo tão surreal, só que eu sei que está aqui e é de verdade.

— Entendo o que quer dizer. Acontece o mesmo comigo — concordou George. — Esse filho nos une ainda mais. É um laço inquebrantável. Não vamos voltar a nos separar, minha Bella — assegurou.

— Nunca mais! — Bella exclamou, sem vacilar. — Essa sementinha que levo aqui, dentro de mim, é o resultado do nosso amor, uma mistura de nós dois, e virá para mudar as nossas vidas. E sabe aqueles seus sonhos? — George moveu a cabeça afirmativamente. — São meus sonhos também.

— É muito bom saber disso, que dividimos os mesmos anseios. E quando você soube? — George se mostrou ansioso ao fazer a pergunta.

— Eu soube uns dias depois de nos separarmos, e de acordo com o ultrassom que fizeram no dia em que fui atendida, faltam poucos dias para completar dois meses. Eu já marquei a primeira consulta de pré-natal com o meu médico. — Bella olhou para a própria barriga e depois para ele.

Agora que havia lhe contado sobre a gravidez e diante de sua reação positiva, sentia-se bem, plena e cheia de vida, afinal, estava gerando uma, e aquele era um momento especial para os dois, ainda mais quando George sorria e lançava um olhar devastador para ela. Sua felicidade era pungente, incontestável e contagiante, e a despeito da apreensão com o encontro dele com seus irmãos, estar ali e saber que ficaria bem trouxe de volta o seu bom humor e a esperança de que dias melhores ainda estavam por vir.

George fez uma conta rápida de cabeça ao saber de quantos meses de gravidez Bella estava e o resultado não foi outro além daquele que ele tinha imaginado. Julgava que Bella engravidara quando fizeram amor na varanda de seu apartamento do Guarujá. Bem que percebeu que havia algo estranho com o preservativo quando o retirou no banheiro. Pretendia comentar com ela, mas na hora que abriu a boca para falar, algo o distraiu, chamando sua atenção, e acabou por não dizer nada. Desde então, ele não voltou a pensar no assunto. Até agora.

— Se é como eu penso, ele, ou ela, deve nascer em novembro — estimou George.

— Eu não tinha pensando nisso, mas se tudo correr como previsto, ele vai chegar no mês do seu aniversário — Bella constatou e bateu palmas, animada. — Você gostaria disso, não?

— É claro que sim! Será o meu maior e melhor presente, mas o importante é que venha com saúde. — George não conseguia ocultar sua alegria, apesar do desconforto que sentia, já que o efeito dos remédios que tomara começava a passar. — Eu prometo que serei um bom pai para o nosso bebê — fez um juramento solene.

Bella sentiu-se confortada e enternecida com a sua declaração.

— Meu amor, eu adoro te ouvir falar assim, mas você não precisa prometer, porque não tenho a menor dúvida de que será o melhor pai que o nosso filho poderia ter.

De súbito, uma parte do início daquela mesma conversa retornou, fazendo George ficar silencioso e pensativo, apenas acariciando a mão dela. Não demorou em chegar a algumas conclusões, contudo, sentia que precisava averiguar se eram certas ou não.

— Bella, você me disse que passou mal e até chegou a desmaiar. Você estava sozinha quando isso aconteceu?

— Não. Eu estava em casa, com o Enrico. O Eros já tinha ido para o bar onde se apresenta nos fins de semana.

— E o Enrico te levou para o hospital — concluiu George, e calou-se quando a porta se abriu e a enfermeira entrou no quarto. Durante o tempo em que ela cuidou dele, fez perguntas e administrou a medicação para lhe tirar a dor, Bella permaneceu de pé, junto à janela panorâmica, observando as nuvens escuras e pesadas que pairavam na linha do horizonte, anunciando que uma chuva forte se aproximava.

George esperou que a enfermeira terminasse e, só quando a porta se fechou atrás dela, retomou sua linha de raciocínio.

— Então, foi assim que seus irmãos souberam sobre nós?

Bella sentou-se na poltrona próxima à cama e respirou fundo, preparando-se para explicar tudo.

— Meus irmãos ficaram preocupados, pois não tinham ideia do que se

passava comigo e questionaram o médico que me atendeu. Quando souberam da gravidez, ficaram chateados por eu não ter contado que estava saindo com alguém. Como eu não disse quem era o pai e não te levei até a minha casa para conhecê-los, os dois tiraram suas próprias conclusões e estão pensando o pior de você. Sinto muito, George, a culpa foi minha. Tentei explicar que fui eu que protelei o encontro entre vocês, porque achei que seria melhor contar sobre nós depois que o seu divórcio saísse. Você me disse que não ia demorar, por isso resolvi esperar, mas não me passou pela cabeça que o destino fosse interferir.

George ouviu, atento, sua explicação, o semblante grave.

— Entendi... Eles souberam sobre nós porque você passou mal por causa da gravidez. Bella, eu não aceito que você se culpe, de maneira nenhuma. A culpa foi toda minha. Fui eu que ocultei que era casado e te coloquei na posição de amante, enquanto você não sabia de nada. Eu errei, admito. Nós vamos conseguir resolver essa situação. Eu vou me encontrar com eles e os convencerei de que estão enganados quanto a mim, que tenho as melhores das intenções com a irmã deles. Pode ficar sossegada!

— Eu tento ficar tranquila, George, mas não consigo. O Eros e eu somos mais próximos, ele me ouve e possui um temperamento afável, fácil de levar. Já o Enrico... tem o gênio forte. É impaciente e esquentado. Meu receio é que ele perca o controle quando vocês se encontrarem.

George uniu as sobrancelhas.

— Perder o controle como? Até que ponto você acha que o seu irmão é capaz de chegar?

— Provavelmente, ele vai querer te bater e tirar satisfações — respondeu Bella, ficando abismada quando George riu, mas logo parou.

— Que mer... Quero dizer, que droga! Não posso nem rir que meu corpo inteiro dói — reclamou e fez uma careta angustiada. — Imagino que seria uma boa luta. Ainda não conheço o Enrico, mas sei que seu irmão é mais jovem e, possivelmente, mais forte e mais ágil do que eu. No entanto, eu não

sou um completo leigo em se tratando de defesa pessoal — assegurou, botando fé nos quase quinze anos de prática na academia de um amigo e ex-treinador de boxe profissional. — Não quero que você fique preocupada com isso, não vou provocar ou aceitar provocação dele. Por isso, não vou precisar me defender, ao menos fisicamente — emendou ele, diante do olhar de espanto e da expressão aflita de sua amada.

Bella torcia para que Enrico não fosse capaz de chegar tão longe como tinha ameaçado.

— Tomara que não mesmo.

— Nós nos amamos e você está grávida do meu filho. Não tem mais volta. Enfrentaremos o que tivermos que enfrentar juntos, Bella. Pode levar um tempo para o Enrico e o Eros se acostumarem com a ideia, porque você é a irmãzinha mais nova deles, mas vão acabar aceitando. Confie em mim, vai dar tudo certo! — George falava pausadamente, no intuito de acalmá-la, pois sabia que se estressar não fazia bem nem a ela, nem ao bebê.

Bella ficou pensativa por um momento. Desde que o conhecera, um mundo novo se abrira diante dos seus olhos. Um mundo que a encantava e que temeu perder por duas vezes; no dia que soube que estava casado e, depois, quando ele poderia ter morrido na queda do helicóptero. Agora, o que mais desejava era estar ao seu lado, e rezava para que não houvesse uma terceira vez.

— Eu confio em você, mas também conheço o meu irmão. Só espero que ele use a cabeça, não os músculos. E tem razão, não tem mais volta. Você invadiu a minha vida, e de maneira irremediável.

Bella ficou no hospital o máximo de tempo possível. Não queria deixá-lo, mas George insistiu para que fosse para o apartamento dele, alegando que ela precisava descansar. Na manhã seguinte, poderia voltar.

— Pode ir, meu amor. Eu estou bem, e vou ficar aqui, contando as horas para te ver de novo — garantiu, e Bella viu aquele brilho quente em seus olhos, que sempre a aquecia por dentro e trazia lembranças dos

momentos que estiveram juntos.

— Está bem, mas só porque você está insistindo muito — disse ela, mas no fundo sabia que ele estava certo. A noite mal dormida, a preocupação por causa do seu homem e a viagem até ali cobravam seu preço.

— Ótimo! Vou ligar para o Sérgio e pedir para ele vir te pegar. No caminho, ele pode dar uma parada e comprar algo para você comer. — Bella abriu a boca para retrucar, mas George a impediu com um gesto de mão. — Nada de dizer que não. Não pode mais pensar só em si mesma, minha Bella. Tem que se alimentar bem, afinal, existe mais alguém que depende de você.

Ela sorriu como sempre sorria quando ele a chamava daquela maneira, e tinha sido assim desde o começo. Toda vez que ele dizia “*minha Bella*”, ela sentia um calor gostoso envolver seu coração, e era tão bom de ouvir.

— Eu sei, mas não tenho apetite, e quando consigo comer, termino colocando tudo para fora. — Bella olhou para ele, soltando os ombros, desanimada. Enjoo de grávida não era de Deus, as náuseas a atingiam a qualquer momento, fosse manhã, tarde ou noite, não importava. E depois ela se sentia fraca, com o coração acelerado e ofegante. Sem forças, saía procurando uma cadeira, banco ou sofá, o que fosse, para se sentar, ou corria o risco de cair onde estivesse.

— Mesmo assim, Bella, você precisa insistir. Faça isso por nós três!

O modo como George a olhava era capaz de derreter um bloco de gelo, que dirá a ela mesma, que era suscetível a tudo o que vinha dele. Mas como poderia ser diferente, se era só aquele homem que via, queria e amava? Ele parecia tão impregnado nela que era até assustador.

— Está bem. Você tem razão. Eu vou fazer isso, pode ficar sossegado — prometeu, levantando-se. — Eu já volto — disse e entrou no banheiro localizado a um canto do quarto.

George assentiu com a cabeça e pegou o novo celular que Sérgio lhe trouxera mais cedo. Passou o dedo pela tela, procurando o número do amigo

nos contatos. Depois que Bella lhe contara que o dela caíra e tinha deixado de funcionar, ele ligou para o amigo e pediu que lhe providenciasse outro aparelho. Na *Di Fiori* haviam alguns que tinham sido comprados para uso esporádico, e ele podia pegar um desses e entregar para ela.

— *E então, vocês já se acertaram?* — Sérgio indagou, curioso, assim que atendeu.

— Sim, nós nos acertamos. Enfim um pouco de paz em meio a essa turbulência toda. Para as coisas estarem melhor, só se eu não estivesse neste hospital, mas espero sair daqui em breve — respondeu George, de bom humor. — Preciso que você venha buscar a Bella, pode levá-la ao meu apartamento?

— *É claro! Estarei aí em vinte minutos* — Sérgio respondeu prontamente.

— Desculpe-me por ficar te alugando, mas eu só posso confiar o bem-estar dela e do bebê que ela espera a você, cara — revelou George, com o peito estufado de orgulho.

Do outro lado da linha, Sérgio jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Sentia-se satisfeito por comprovar que tinha razão ao desconfiar dos sintomas dela.

— *Parabéns, papai! Eu desconfiei quando ela passou mal no caminho até aqui. E pode deixar, vou cuidar bem dos dois* — prometeu.

George fez os outros pedidos, do jantar de Bella e do novo celular, e Sérgio se prontificou a atendê-los. Logo depois, se despediram.

Quando Bella retornou, encontrou George de olhos fechados, contudo, o som, ainda que leve, dos seus passos o fez abri-los e seu olhar encontrou o dela. Quando sorriu, Bella sentiu o coração falhar uma batida e sorriu de volta, feito boba.

— Já liguei para o Sérgio, ele está a caminho — informou ele, com a voz rouca e os olhos semicerrados. Estava sonolento e cansado.

Devem ser os remédios começando a fazer efeito, deduziu Bella.

Conforme o combinado, Sérgio enviou uma mensagem avisando que aguardava na frente do hospital. Bella levantou-se e pegou sua bolsa, que deixara ao lado da poltrona.

— Amanhã eu volto para te ver — prometeu, dando um beijo de despedida em George. — E você também precisa descansar. Eu te amo — disse, tocando sua face.

— Eu também te amo! — George fez eco à declaração dela, esforçando-se em manter os olhos abertos. Ele a viu se afastar e envolveu-a com um olhar terno, o que fez Bella soprar um beijo na direção dele antes de sair e fechar a porta atrás de si.

Em poucos minutos, ela já se encontrava sentada no assento do carona da caminhonete de Sérgio. Seguiam rumo ao apartamento quando ele se lembrou do outro pedido de George e entrou no estacionamento de um restaurante de uma rede conhecida. Pouco tempo depois, ambos saíam com Bella trazendo seu jantar: uma salada e um grelhado. Fez o pedido para viagem, pois preferia comer no apartamento. Estava exausta e não via a hora de tomar um banho e colocar uma roupa confortável. Quando finalmente chegaram, encheu Sérgio de agradecimentos por tudo o que ele tinha feito por George e por ela.

— Isabella, não precisa me agradecer. Eu faço qualquer coisa por aquele barbudo! — Sérgio riu ao dizer isso, mas ficou sério ao prosseguir: — Eu vi como o George ficou mal nesse tempo em que vocês estiveram separados. Conheço a história dele e apoiei quando tomou a decisão de mudar toda a sua vida. Chegou a hora de ele ser feliz, e eu sei que agora ele está, ainda mais com um bebê a caminho.

— Ele te contou... — disse Bella, pousando a mão sobre o ventre.

— Sim, mas eu tive uma espécie de pressentimento quando estávamos na estrada, então, eu meio que esperava por isso, e fico muito contente por vocês dois — concluiu Sérgio, simpático.

Bella assentiu e os dois se despediram, com Sérgio alertando-a para não hesitar em chamá-lo caso precisasse de alguma coisa.

— Qualquer coisa. Não importa a hora — enfatizou ele, o olhar firme sobre ela. — Eu sei que é uma mulher feita e perfeitamente capaz de se cuidar, mas você não conhece a cidade. Prometi ao George que tomaria conta de você e do bebê enquanto ele estiver no hospital e farei isso. É para me chamar, Isabella! — Sérgio só foi embora quando ela se comprometeu a fazer o que lhe pedia.

Sozinha no apartamento, Bella passou os olhos pelo local durante alguns minutos. Não era tão grande quanto o do Guarujá, mas era espaçoso e bem montado. Os móveis da cozinha planejada eram brancos, assim como as paredes, e havia uma ilha separando-a da sala de jantar. Esta possuía um móvel baixo com uma gaveta comprida e duas portas. Estava encostado numa parede e decorado com duas pedras grandes, coloridas e pontiagudas. A mesa retangular tinha o tampo de vidro, ladeada por seis cadeiras de espaldar alto, cujos assentos eram estofados na cor cinza-escuro. No centro havia um vaso de cristal, mas sem flores. Na sala de visitas, um rack comprido ia de um canto a outro da parede, era preto com detalhes em branco, e uma televisão gigante tinha sido colocada sobre ele. Para finalizar, um sofá de canto tomava uma boa parte do ambiente.

Como George lhe contara, ele o tinha alugado já mobiliado. Além de prático, era um lugar de passagem, até que ele se decidisse por comprar um apartamento para si. Ou optaria por uma casa, mas, pelo andar da carruagem, não seria nem um, nem outro, ao menos por enquanto.

Cruzou a sala e seguiu rumo ao corredor. Entrou no primeiro quarto que viu, deduzindo que aquele devia ser o que George usava, tanto pelo tamanho quanto pelas roupas espalhadas pela cama e sobre uma poltrona próxima à janela. Colocou a bolsa sobre a enorme cama de casal ainda desarrumada, como se George tivesse saído às pressas.

Despiu-se e foi tomar o banho que tanto ansiava. Dentro do box, Bella

respirou fundo, correndo os dedos pelos cabelos. Juntou-os e os prendeu no alto da cabeça. Após o banho e antes de voltar ao quarto, ela os soltou, os penteou e se olhou no espelho uma última vez, garantindo para si mesma que tudo ficaria bem.

Mais tarde e usando apenas uma camiseta de George que pegara no armário, Bella ligou a tevê e zapeou pelos canais, parando em um que passava um filme que nem mesmo procurou saber qual era. Não pretendia assistir, era apenas para ouvir as vozes, pois a incomodava o silêncio total no apartamento vazio e ainda estranho para ela.

Jantou na mesinha da cozinha e, ao terminar, colocou os utensílios usados na lava louça, presa num suporte sobre a pia. Desligou a tevê e rastejou até a cama. Deitou-se, puxou a coberta sobre o corpo e abraçou o travesseiro, inalando o cheio gostoso, levemente almiscarado, impregnado nele. Porém, antes de pegar no sono, recebeu uma mensagem de George em seu celular novo. Ele lhe desejava uma boa noite e mais uma vez tratava de tranquilizá-la quanto ao futuro. Mas ela não estava tão tranquila como tentava aparentar enquanto trocavam mensagens, entretanto, obrigou-se a acalmar a mente e relaxar.

Após se despedirem, Bella passou um tempo pensando em como o reencontro deles tinha sido maravilhoso, embora tudo com George fosse assim, desde o primeiro beijo. O homem tinha entrado em sua vida e coisas que jamais imaginara vivenciar e totalmente diferentes aconteceram. Com ele, tudo era único, e ela nem se preocupava em tentar entender. Apenas sentia. Olhar para ele fazia seu coração acelerar, a pele esquentar e ganhar vida. Ficava perplexa e encantada com esse poder inexplicável que ele tinha de fazê-la sentir como se vivesse um sonho. Fechou os olhos e se preparou para dormir, enquanto lá fora uma chuva forte começava a cair.



Capítulo 25

“Eu protejo os meus”

Enrico resmungou algo ininteligível, mal conseguindo controlar a fúria que sentia. Estava sozinho em seu quarto, de pé, diante da cama. Sobre ela, havia uma pequena pilha de roupas, de onde tirou duas camisetas, uma calça jeans e uma jaqueta, começando a socá-las dentro da mochila de lona. Eros, que passava por ali, em direção à cozinha, deu uma olhada pela porta aberta e o viu de relance. Intrigado com a postura do irmão, resolveu retornar.

— O que foi? Por que você está enfiando essas roupas na mochila? — perguntou da porta, com um ombro apoiado no batente.

Enrico lhe deu uma olhada de lado, a expressão carregada.

— Eu vou para São Paulo — respondeu, seco.

A resposta curta e direta deixou Eros ainda mais curioso e com uma sensação estranha no peito. Enrico indo para São Paulo, assim, do nada?

— E vai fazer o que lá?

Enrico inspirou fundo, desviando os olhos e esforçando-se para manter a calma.

— Vou buscar a Bella.

Confuso, Eros entrou no quarto e parou ao lado dele.

— Não estou entendendo nada. A Bella foi para São Paulo sem nos avisar? Mas o que ela foi fazer lá?

— Ela deixou um bilhete dizendo que ia passar o fim de semana na casa de uma amiga. Da Betty. Aquela ruiva que estava no hospital quando ela passou mal — esclareceu diante o olhar interrogativo do irmão. — A Bella fugiu para encontrar o pai do filho dela, achando que conseguiria me enganar dessa vez.

— O que você quer dizer com *enganar dessa vez*? — questionou Eros, sentindo-se perdido.

— Depois que eu soube que ela estava saindo com alguém durante dois meses, sem falar nada ou trazê-lo aqui em casa, para pelo menos sabermos quem era, eu comecei a pensar em todas as vezes que ela disse que precisava passar o fim de semana fora da cidade.

— Mas isso não é motivo para você desconfiar dela, Enrico. A Bella tem as atividades da escola, sempre fez cursos extras, já até participou de seminários. Eu não me lembro de uma única vez em que ela mentiu para nós. Ela não é disso. Bom, tirando essa agora... — Eros corrigiu-se a tempo.

— Eu também pensava assim. A Bella nunca me deu motivos para não confiar nela e nos valores que os nossos pais me passaram e que eu tentei passar para vocês, mas acabei decepcionando os dois. Sinto que falhei com eles. — Enrico pegou a calça jeans dobrada e colocou-a dentro da mochila. Tinha um ar cansado no rosto.

Eros respirou fundo e se preparou para o que estava prestes a dizer.

— Para com isso! E nada de dizer que falhou. Sempre fez o que podia por nós, e não é para tanto. Você se cobra demais e se culpa quando algo não sai como deveria. Ninguém tem poder de controlar tudo o tempo todo, Enrico. Somos irmãos, mas somos pessoas diferentes também, cada um de nós tem uma maneira de pensar. E sim, cometemos erros. Faz parte do crescimento, e você sabe disso melhor do que eu — disse Eros, gesticulando, impaciente com esse lado controlador do irmão.

— Eu sei que você está certo, mas ainda não me conformei com o fato de Bella achar que precisava mentir. Tá, eu tenho esse meu jeito estourado, às vezes falo e ajo antes de pensar e sou exigente com vocês, mas sou assim comigo também! Não sou nenhum monstro, e teria feito um esforço para entender o lado dela. O que ela achou que eu ia fazer? Bater nela? Trancá-la no quarto e não deixá-la mais sair de casa? — indagou Enrico, irritado, socando mais uma peça de roupa na mochila. — Vai ver eu deveria ter feito isso mesmo — completou, mais para si mesmo.

— Vê como você exagera? Eu sei o quanto você ama a nossa irmã e não quer que nada de mal aconteça. Eu também amo. Muito. Só que não podemos viver a vida por ela. Você tem que controlar esse seu lado mandão, cara!

Enrico parou o que fazia por um momento e lançou um olhar raivoso para Eros.

— Como quer que eu me controle quando sei que ela se encontrava com o desgraçado todo esse tempo, mentindo, inventando viagens, e com a cobertura da amiga? Quando li o bilhete, fui até a casa da Betty, e cheguei a tempo de ver a Bella entrar numa DC-10 preta. Nem sei de quem era. E não tive como segui-los na hora, porque o tanque da minha caminhonete estava quase vazio. Até parar em algum posto e abastecer, eles já estariam longe, então resolvi descer e tocar a campainha para tentar descobrir para onde ela estava indo e com quem. A Betty ficou nervosa quando me viu e se recusou a contar. É uma amiga leal, tenho que admitir — elogiou Enrico, a contragosto.

— Se a amiga dela não te contou nada, como você sabe que ela foi para São Paulo? E, o mais importante, como pensa encontrá-la naquela cidade? Aquilo lá é enorme!

Enrico pegou o celular de Bella e o entregou a ele.

— Eu vou dar um jeito de descobrir. No bilhete que deixou, ela dizia que o telefone tinha caído e quebrado, mas eu o liguei e consegui fazê-lo funcionar. Ela reservou uma passagem para lá com saída para hoje de manhã,

mas depois cancelou. Tem mensagens entre ela e o George, esse é o nome do cara com quem ela estava saindo, e da Betty. Numa delas, tinha um *link* de uma reportagem, e eu cliquei nele só para saber do que se tratava.

Eros olhou para o aparelho em sua mão e depois para o irmão.

— Você não devia ter lido as mensagens. É o telefone dela, Enrico! É pessoal!

— Eu não costumo fazer isso, mas eu estava preocupado, e ainda estou — justificou-se Enrico. — Li a chamada da notícia e vi que era sobre um acidente de helicóptero que aconteceu na sexta-feira de manhã, nos arredores da cidade, não muito longe daqui. Os dois ocupantes sobreviveram à queda, mas saíram feridos e foram transferidos para um hospital de São Paulo. O passageiro era esse tal de George Di Fiori. O cara é um figurão, dono de uma construtora. E sabe por que o miserável não quis dar as caras por aqui? — indagou Enrico, socando a segunda camiseta dentro da mochila.

Eros fitou o irmão, surpreso com o que ouvia.

— Porra, cara! Para que fazer esse suspense todo? Fala tudo de uma vez! — exigiu, perdendo a paciência.

Enrico aprumou o corpo antes de prosseguir.

— Eu quase tive um troço de tanta raiva. Além de ter o dobro da idade da Bella, o safado é casado, Eros! Tinha até uma foto dele com a mulher e as filhas. E a nossa irmã foi atrás desse desgraçado! — contou, cuspiendo as palavras.

— Agora eu entendi por que ela nos enrolou esse tempo todo... Que filho da p... — Quando se deparou com o olhar de repreensão do irmão, Eros mudou o xingamento. — Mãe!

— É por isso que estou indo atrás dela. A Bella só pode ter perdido o juízo. Bem que eu imaginei que tinha algo errado nessa história toda. E eu disse para ela, mais de uma vez, que esse cara não prestava.

— Está certo, a Bella mentiu, mas ela deve ter tido outros motivos

para fazer isso — ponderou Eros, tratando de acalmá-lo e coordenar as ideias ao mesmo tempo. — Como ela foi cair na lábia de um homem casado? Que merda!

— Ela tinha motivos para mentir, sim, e eram a esposa e as duas filhas do namorado... amante... o que seja! E elas têm quase a mesma idade dela. A Bella sabia que eu jamais concordaria com uma situação como essa. Já se perguntou o que os nossos pais pensariam disso tudo, se estivessem vivos?

Eros balançou a cabeça para os lados. Do jeito que era rígido, o pai teria tido um ataque, para dizer o mínimo. Mas a mãe apaziguaria os ânimos e, mesmo não concordando, colocaria panos quentes na situação. No fim das contas, acabariam aceitando que seriam avós e amariam o neto como amavam a filha. Quanto ao pai da criança, aí já eram outros quinhentos. Talvez o pai mandasse alguém lhe dar uma surra e capá-lo, ou poderia fazer isso ele mesmo. Eros contraiu o rosto numa careta só de pensar na possibilidade.

— Minha irmã, amante de um ricoço... Esse pessoal pensa que pode comprar todo mundo. No mínimo, o cara a envolveu e iludiu. A Bella é jovem, ingênua, e ele é um homem mais velho e experiente. Ela não deve ter tido a menor chance. Canalha! — Enrico xingou entredentes.

Eros bufou, inconformado com a teimosia do irmão. Tomou uma respiração profunda, procurando se acalmar e manter o foco.

— Eu entendo a sua raiva. Eu também não gosto da situação, mas você está tirando conclusões precipitadas. Está julgando os dois antes de ter conhecimento de todos os fatos e arrumando desculpas para odiar o cara. Nós não sabemos como as coisas aconteceram realmente. Você prefere acreditar que a nossa irmã não sabia o que estava fazendo, que ainda é uma garotinha que foi seduzida pelo lobo mau. Não quer ver que a Bella já é uma mulher adulta e capaz de tomar as próprias decisões. Você tem que deixá-la viver a vida dela, Enrico. Ela se apaixonou e foi para São Paulo atrás dele porque quis, ninguém a obrigou — argumentou Eros, tentando fazer o irmão enxergar que se deixava levar pela raiva, por isso não raciocinava direito.

Bella sempre fora a menina dos seus olhos, e Eros podia entender sua decepção, mas Enrico não tinha o direito de querer que ela fizesse o que ele queria só porque acreditava ser o correto. Não que ele aprovasse o relacionamento dela com um homem que possuía uma família, mas só ela era capaz de dizer o motivo de ainda seguir com ele mesmo sabendo disso.

— Ela é a minha irmã, porra! — vociferou Enrico. — Não vou deixar um safado como esse fazer o que quiser com ela! Nossa irmã se apaixonou, então quer dizer que o amor justifica tudo?! Não! — negou, apontando o dedo na direção de Eros. — Nem tente me convencer do contrário, porque você não vai conseguir — emendou, fechando o zíper da mochila, surdo aos argumentos do irmão mais novo, que se indignou com o que ele dissera.

— Ela também é minha irmã! Você acha que estou feliz com o que está acontecendo? Que concordo com tudo isso? Pois saiba que a resposta é não! Eu me preocupo com ela e com você! — exaltou-se Eros. — Está bem, eu não vou tentar convencê-lo de nada, mas já é tarde, não acho que você vai conseguir descobrir alguma coisa esta noite. Por que não deixa para viajar amanhã cedo? — sugeriu, esperançoso. Quem sabe, no dia seguinte, depois de uma noite de sono, Enrico raciocinasse e caísse em si.

Era uma loucura ir até São Paulo sem saber como encontrar a irmã. A não ser que sua intenção fosse montar acampamento na frente do hospital e esperar que Bella aparecesse. Pensando bem, se ela tinha ido para São Paulo só para encontrar o amante, era óbvio que iria até o hospital para ficar com ele durante o tempo reservado às visitas.

— Eu sei que é tarde, Eros — disse Enrico, mais calmo. — Pelo horário, eu chego lá no fim da madrugada e espero o dia clarear na caminhonete mesmo. Não sei quanto tempo vou demorar a encontrá-la, por isso estou levando essas roupas extras. — Parou e olhou para o irmão, os músculos do rosto contraídos pela angústia que sentia. — Pelo menos, tenta me entender, não dá para eu ficar aqui só imaginando como e onde ela está. E sem nenhuma forma de entrar em contato. Simplesmente não posso.

Eros moveu a cabeça para os lados, sentindo os músculos da parte de trás do pescoço e dos ombros doerem, de tão tensos que estavam. Cruzou os braços sobre o peito antes de voltar a confrontar o irmão mais velho.

— Está bem. Supondo que você a encontre, vai fazer o quê? Pegá-la pelos cabelos e trazê-la de volta à força?

Enrico olhou para Eros como se ele tivesse três cabeças. Este não se intimidou. Elevou as sobrancelhas, moveu os ombros e o encarou, questionando:

— E então?

— Que merda de pergunta é essa? É claro que não! — Enrico andou até o armário, escancarou duas das portas e abriu uma gaveta. — Eu jamais faria uma coisa dessas. Você mesmo disse que eu não posso obrigar a Bella a fazer nada. Eu quero saber como ela está e ter uma conversa com esse cara. Só isso — concluiu, colocando dois pares de meias e duas cuecas dentro de um dos bolsos externos da mochila. Estimava que levaria uns dois dias para fazer tudo o que pretendia. Nem que fosse preciso faltar no trabalho na segunda-feira, ele não voltaria para casa sem ela, estava decidido.

Só isso o caralho! Eu te conheço, Enrico!, pensou Eros, contudo, não foi o que verbalizou em seguida.

— E se você estiver enganado? E se as coisas não forem como você pensa?

— Eu não estou errado. Não estou! — reafirmou, zangado. — Ninguém vai me fazer acreditar que aquela menina que eu terminei de criar foi capaz de se envolver com um homem sabendo que era casado! É por isso que eu sei que ela foi enganada! — Vendo que voltava a se exaltar, Enrico abaixou a cabeça, colocou as mãos na cintura e cerrou o maxilar, fazendo um esforço para se acalmar. — Mas se não foi assim que as coisas aconteceram e o que penso está errado... — Sua voz falhou e um nó surgiu em sua garganta. — Nesse caso, eu assumirei o meu erro, deixarei os dois em paz e voltarei para cá. Mas só tem um jeito de saber disso, que é indo até lá e confrontá-lo.

— Ou... ficamos aqui, esperamos a Bella regressar e ouvimos o que ela tem a nos dizer — opinou Eros, sensato.

Enrico voltou a aprumar o corpo.

— Sabe-se lá quando isso vai acontecer. Eu não estou disposto a correr o risco de ela continuar mentindo. Vou até lá e tiro essa porra de situação a limpo de uma vez por todas. — Encarou o irmão, e tinha a expressão dura e sombria ao fazer isso. — Além disso, eu faço questão de olhar nos olhos do homem que enganou a nossa irmã!

Eros não gostou nada do que viu e ouviu, mas como não conseguira demover o irmão do que pretendia fazer, acabou se dando por vencido, entretanto, não deixaria Enrico viajar sozinho, iria com ele para São Paulo. Pelo menos, estaria ao seu lado para tentar contê-lo caso passasse dos limites. Furioso e nervoso com estava, tudo era possível.

— Espera, eu vou com você — avisou e deixou o quarto.

Enrico acompanhou a saída do irmão com os olhos. Nem tentaria impedi-lo, pois podia ser uma boa ideia os dois irem juntos atrás de Bella.

— Então anda logo! Não quero perder mais tempo! — E abaixando o tom de voz, emendou: — Eu protejo os meus e vou proteger a Bella, nem que seja dela mesma.



Capítulo 26

“De homem para homem”

Alana entrou no quarto da irmã, foi até a janela e abriu as cortinas, deixando a pouca claridade, por conta da chuva que caía, entrar. Ouviu Lilly, deitada de bruços, resmungar e se remexer.

— Vamos, preguiçosa. Hora de levantar — disse, indo se sentar na beirada da cama. — Não quer ir ao hospital ver o nosso pai comigo?

Lilly se virou, ficando de costas sobre o colchão.

— Marquei de fazer um trabalho da faculdade com as meninas e o melhor horário para as quatro é agora, na parte da manhã. Vou na visita da noite, mas foi bom você me acordar. Marcamos de nos encontrar às nove. — Consultou o relógio sobre a mesinha de cabeceira e arregalou os olhos. — Já são oito horas?! — Chutou o edredom para o lado e ficou de pé sobre a cama, desviando da irmã para descer, afundando os pés no tapete macio.

— Tudo bem — disse Alana, levantando-se. — Eu vou descer para tomar o café da manhã. Vê se não demora. Sabe como a nossa mãe é rígida com horários, principalmente os das refeições.

Lilly fez um trejeito não muito educado com a boca.

— Nem me fale... Aqui em casa é pior que em alguns hotéis. Se não descemos até às oito e meia, ela manda a Rosa tirar a mesa, e depois, comer,

só na hora do almoço! — reclamou, injuriada. — Eu só vou tomar uma ducha rápida, me troco e desço.

Alana assentiu e saiu. Já estava sentada à mesa quando ouviu os passos rápidos da irmã descendo as escadarias.

— Bom dia, mãe! — saudou, entrando na sala de estar.

— Bom dia, Lilly. — Maristela levou a xícara de porcelana até os lábios e sorveu um gole de chá. Não gostava de café, preferia os chás, e os comprava em dezenas numa loja de importados, cuja dona era uma de suas amigas. Com o cabelo bem arrumado e preso num coque baixo e dentro de um elegante terninho de cor creme, a mulher estava impecável, como sempre. — A Alana me disse que você não vai com ela ao hospital — comentou e aguardou a filha mais nova se acomodar na cadeira diante da sua.

— Eu tenho que terminar um trabalho da faculdade. Irei à noite — respondeu Lilly, servindo-se de uma xícara de café com leite. Cortou uma fatia de bolo e o colocou num pratinho.

Maristela não fez comentários, só balançou a cabeça e devolveu sua xícara ao pires, pegou e levou o guardanapo de linho branco até os lábios finos, devolvendo-o ao colo em seguida.

— Bom, agora eu preciso ir. Tenho umas coisas para fazer depois de sair do hospital, então não me esperem para o almoço — avisou Alana, levantando-se.

— Alana! — Maristela bateu a mão fechada sobre o tampo da mesa com mais força do que pretendia e dirigiu um olhar de censura para a filha mais velha. — Hoje é domingo! Dia de almoçar em casa, com a família! — emendou, inconformada.

— Sinto muito, mãe, mas não vai dar mesmo. Não se preocupe, eu como alguma coisa na rua. — Alana tomou um último gole do seu suco de acerola com laranja e, com um último aceno, se despediu da mãe e da irmã. Pegou a bolsa de cima do sofá no caminho até a porta principal e deixou a

mansão.



— O dia lá fora pode até estar feio, mas esse seu sorriso está lindo demais! — exclamou Alana, da porta. Entrou no quarto e andou até ele. Carinhosa, inclinou-se e beijou o pai na face. — Bom dia! Como se sente? — perguntou ao se afastar e se acomodar na poltrona próxima à cama.

— Bom dia, meu amor. Estou bem — respondeu George, mantendo o sorriso.

Alana olhou bem para ele. Ficava aliviada em saber que estava melhor, porém, havia algo estranho ali.

— Eu diria que está mais do que bem... Eu te encontrei pensativo e com um sorriso no rosto quando cheguei. Aconteceu alguma coisa de ontem para hoje? — quis saber, desconfiada.

— Por que a pergunta?

— Porque eu sinto que tem algo diferente... — Alana estreitou os olhos. — Acho que nunca o vi assim antes. Está leve, em estado de graça, com a aparência de quem está... — Parou por um instante, procurando pela palavra que se encaixava melhor no que pretendia dizer. — Feliz. É isso. O senhor está feliz, mesmo sobre essa cama e neste lugar. — Olhou em volta e abriu os braços, a fim de reforçar o que dizia.

George achou divertido o jeito da filha se expressar. *Estado de graça*. Podia se dizer que sim. Apesar de tudo o que acontecera e o que ainda teria pela frente, seu coração estava calmo, apaziguado. Se tinha algo que não podia, nem fazia a menor questão de esconder, muito pelo contrário, era a felicidade que sentia. Que preenchia seu peito. Pura. Rara. Genuína.

— E você está certa. Estou mesmo. — George abriu mais o sorriso quando levou o olhar para além do ombro de Alana. Esta se virou e viu uma moça muito bonita entrar. Era um pouco mais alta do que ela, possuía cabelos

longos como os seus, trazia um sorriso e olhava para o seu pai com adoração.

— Alana, eu te apresento Isabella, a mulher da minha vida e a razão da minha felicidade. Ou melhor, uma das razões — corrigiu-se, misterioso, olhando para a mulher como se só existissem os dois ali dentro. — Bella, esta é Alana, minha filha mais velha.

As duas se cumprimentaram de maneira tímida, e George não detectou nenhum tipo de animosidade ou tensão entre elas, o que tranquilizou seu coração.

— O senhor disse uma das razões...

George esticou o braço, oferecendo a mão para Bella, que a aceitou e se posicionou ao lado dele, de frente para Alana.

— Sim, eu disse. Nós decidimos morar juntos depois que eu sair daqui.

Alana olhou para o pai, surpreendida com a novidade.

— Não é um pouco cedo? O senhor acabou de se divorciar da minha mãe. Sem falar que, pelo que me contou, vocês se conhecem há poucos meses.

— Não é cedo quando se tem certeza do que se sente. Eu amo a Bella e ela me ama. E, como sabemos, eu não sou mais nenhum garoto, Alana.

— Entendi. Então, o que eu posso dizer, além de desejar felicidades ao casal? — Alana não se lembrava de ter visto o pai alguma vez agir daquele jeito com sua mãe.

Dizem que o amor muda e transforma as pessoas, e se o pai mudou, estava contente em ver que foi para muito melhor. E quem não gosta de ver aqueles a quem ama felizes? Amava demais aquele homem forte, amoroso e cheio de estilo para se tornar um empecilho na vida dele. Isabella era bem jovem se comparada a ele, mas quem se importava com isso? Só de olhar para os dois, dava para ver que havia amor ali, e ela decidiu que se daria bem com a mulher que o pai escolheu como sua companheira de vida. Só o fato de

fazê-lo sorrir do jeito que ele sorria quando olhava para ela, Isabella já tinha conquistado sua simpatia.

— Com licença — pediu Bella, interrompendo os dois e dando um olhar significativo para George. Estava surpresa com as náuseas que a acometiam, já que se sentira mal logo ao se levantar, naquela mesma manhã.

Vendo-a andar rápido e entrar no banheiro, George imaginou saber do que se tratava. Pegou uma das pontas do lençol e o colocou de lado. Jogou as pernas para fora da cama, se sentou e fez menção de descer com a ajuda de uma escadinha de três degraus, colocada ao lado da cama justamente para este fim.

Alana apressou-se em levantar e tentar impedi-lo.

— Tem certeza de que o senhor já pode fazer isso? — quis saber, preocupada.

— Sim, posso. Estou autorizado a me levantar para ir ao banheiro e dar uns passos pelo quarto — respondeu George, começando a andar, empurrando o suporte com a bolsa de soro. Andou a passos curtos, e mal tinha chegado até a porta do banheiro quando viu Bella sair. Terno, passou o braço livre ao redor de sua cintura. — Você está bem? — indagou, inclinando a cabeça para olhá-la.

— Sim. Felizmente, o enjoo veio fraco dessa vez. — Bella forçou-se a sorrir. Voltou com ele até a cama, esperou que subisse e ajeitou o lençol sobre suas pernas, observando-o se recostar nela.

— Você chegou a tomar café da manhã? — perguntou ele.

— Eu passei mal assim que levantei. Não consegui comer nada depois disso. Só me arrumei, chamei um Uber e vim direto para cá.

George levou o olhar para Alana, que parecia ter a palavra “*confusa*” escrita na testa.

— Como eu estava dizendo... Estamos felizes, Alana, e seremos muito mais quando o bebê que esperamos chegar, o que deve acontecer dentro

de uns sete meses, mais ou menos — anunciou, fitando-a. Queria ser capaz de identificar a reação da filha diante do fato de que teria um irmãozinho ou irmãzinha.

Alana arregalou os olhos diante do que ouvira.

— Oh! A Isabella está grávida — concluiu, impactada.

— Pois é. Está — confirmou George, e lançou um olhar amoroso para Bella. — E estamos contentes e animados com a novidade. — E antes que Alana se recuperasse totalmente, ele prosseguiu: — Você poderia me fazer um favor?

— Claro. O que quiser — respondeu a morena, e era visível que ainda digeriria a notícia. — Uau, vocês vão ter um bebê... — acrescentou, intimista.

— Isso mesmo — confirmou George, ainda olhando para a mulher, de pé, ao seu lado. Segundos depois, desviou o olhar carinhoso da sua amada e levou-o para a filha mais velha - Alana, a Bella tem enjoado com frequência e está sem comer nada desde ontem, mas ela precisa se alimentar. Sei que tem uma cafeteria pertinho do hospital...

Bella o interrompeu antes que ele pudesse concluir o pedido.

— George, não precisa...

— Precisa, sim. Já falamos sobre isso, meu amor. — Ele apertou a mão dela de leve. — Leve-a até lá, e vocês podem aproveitar esses poucos minutos juntas para quebrarem o gelo — incentivou, confiante.

— Então vamos, Bella. Posso te chamar assim? De Bella? — Recomposta, Alana sorriu, e Bella anuiu com a cabeça. — É perto, só vai levar uns minutos, logo voltamos. E o meu pai tem razão, você precisa colocar algo no estômago — arrematou, pegando a bolsa e ajeitando a alça no ombro.

— Está bem — concordou Bella, e ambas se despediram de George.



Uma chuva torrencial deu as boas-vindas aos irmãos Magalhães quando os dois chegaram em São Paulo. A temperatura estava baixa, talvez uns quinze graus. Não era a primeira vez que Enrico visitava a cidade, mas o impacto inicial era sempre o mesmo. Sair da pequena Bendita Luz, com cinquenta mil habitantes, no máximo, e chegar numa metrópole como aquela, deixava qualquer um intimidado.

Era bem cedo ainda e quase não tinha ninguém nas ruas ou avenidas, talvez por causa da chuva, talvez por ser domingo, dia de descanso para a grande maioria dos trabalhadores. Mas o fluxo de pessoas começava a crescer aos poucos, conforme o tempo passava.

Enrico tinha se informado e sabia que o horário para visitas começava às nove e ia até as onze, isso na parte da manhã. Já à noite, começava às seis e terminava às oito. Como só era permitido subir apenas duas pessoas por vez, os pacientes que possuíam uma família mais numerosa podiam receber as visitas com tranquilidade. Quando viu que faltava apenas dez minutos para as nove horas, Enrico deixou a caminhonete num estacionamento próximo e os dois, ele e Eros, seguiram a pé até o hospital.

Passara parte da viagem pensando sobre o que o irmão havia lhe dito. Será que estava misturando sua própria situação com a da irmã? Sentia-se enfurecido ao recordar-se do que tinha acontecido com Diana. *Tem que superar isso!*, disse a si mesmo, rangendo os dentes com tal força que o queixo parecia talhado em pedra. Por mais dolorosa que tivesse sido a experiência, tinha lhe servido de lição. Era difícil acreditar que ficara enfeitiçado a ponto de achar que tinha encontrado a mulher em quem poderia confiar. Torceu a boca com escárnio. Tinha sido feito de idiota, de palhaço. Confiou em quem não devia e se comportou como um garoto ingênuo, e não como um homem maduro e experiente de trinta anos.

Será que tinha se precipitado ao pensar que a irmã tinha sido

enganada? Bella era uma mulher adulta, como Eros fizera questão de frisar. Já não tinha certeza se fizera o certo ao correr atrás dela. Balançou a cabeça, procurando colocar todos os pensamentos e dúvidas de lado.

— Descobri que ele está no terceiro andar, quarto 305. O problema vai ser entrar. Preciso pensar em alguma coisa — disse, olhando ao redor.

Eros imitou o gesto, foi quando viu algo que fez seu rosto se iluminar.

— Eu tive uma ideia. Espera aqui — avisou, virando-se e dando uma batidinha com a mão no peito do irmão antes de começar a se afastar.

— Espera, Eros. O que você vai fazer? — indagou Enrico, mas nem sabia se ele o escutara, pois o irmão já tinha dado alguns passos para longe dele, contudo, viu-o virar a cabeça, piscar um olho e sorrir de lado.

— Confie em mim! — pediu Eros, pronunciando as sílabas devagar por conta da distância entre eles e fazendo um gesto com a mão para que Enrico esperasse.

Terminou de atravessar a sala e logo parou diante do balcão de atendimento. O que Enrico não percebeu foi a bonita loirinha que colocara os olhos sobre o irmão mais novo e que sorria de longe para ele. Atento e notando o interesse dela, Eros teve a ideia de ir até lá e puxar conversa.

— Olá! — saudou-a, encostando-se de lado no balcão e brindando-a com seu melhor sorriso.

— Oi — respondeu a garota, devolvendo o sorriso. Levou uma mão até uma mecha do cabelo liso, passando a enrolá-la no dedo.

— Meu nome é Eros — apresentou-se ele, olhando-a nos olhos.

— Eu sou a Priscila. Que nome diferente — comentou ela, tímida, mas sem disfarçar o interesse no rapaz bonito e dono de olhos incríveis.

— Minha mãe era uma romântica incurável — contou Eros, sem deixar de sorrir. Seu olhar passeou pelo rosto da garota, discreto, mas apreciativo.

Priscila arregalou os grandes olhos castanhos e perguntou:

— Era?

Uma genuína expressão de tristeza surgiu no rosto de Eros, que abaixou os olhos.

— Sim, ela morreu quando eu ainda era criança.

— Sinto muito em saber. — Priscila olhou-o com pesar. — Mas por que você disse isso?

— Disse o quê? — indagou ele, voltando a fitá-la.

— Sobre sua mãe ter sido uma romântica incurável — esclareceu ela, curiosa.

— Ah! Isso! Então, você sabe o significado de Eros em grego?

— Não.

— Então, deixa eu te contar...

Cerca de quinze minutos depois, Eros retornou e entregou um adesivo para o irmão.

— Gruda isso aí na sua camiseta — disse, fazendo o mesmo na dele.

— Como você conseguiu fazer a recepcionista liberar a nossa entrada? — quis saber Enrico, surpreso, e viu Eros girar a cabeça na direção da loirinha, que acenou e sorriu para ele. — Não precisa responder, eu já entendi — concluiu.

— Eu disse que tinha uma tia internada no terceiro andar. Inventei um nome na hora e, para minha sorte, tem mesmo uma senhora aqui com o tal nome, só que ela está no quarto andar, aí eu disse que tinha me enganado — contou Eros, retribuindo o aceno e sorrindo para ela. — Acho que o significado do meu nome e a cor dos meus olhos ajudaram um pouquinho — emendou, orgulhoso do seu feito.

— Mentiu para ela e a coitada da garota arriscou o emprego por uma

paquera? Só você mesmo... — Enrico recriminou-o, balançando a cabeça.

— Foi por um bom motivo — justificou-se Eros.

— Babaca convencido! — Enrico disse num tom de voz baixo.

— E eu tenho culpa se as garotas me acham um cara atraente e simpático? Pelo menos funcionou. Se fosse você, com esse seu mau humor e seu jeito truculento, ela teria chamado os seguranças em vez de liberar a nossa entrada e me dar o número do telefone dela — argumentou Eros. Apesar da rabugice do irmão, ele ainda conseguia se divertir, pelo menos um pouquinho.

Enrico deixou escapar um resmungo e grudou o adesivo no peito. Não estava totalmente de acordo com o que Eros fizera, mas precisava admitir que o irmão pensara rápido. Seguiu rumo aos elevadores, onde uma pequena multidão aguardava para subir.

— Quando chegarmos lá, se controla, não faça besteira — advertiu Eros.

— Eu já te disse que só quero falar com ele — reafirmou Enrico, os olhos fixos na setinha acesa que apontava para cima.

— E eu vou fingir que acredito nisso... — retrucou Eros, ansioso.

A atenção dos dois foi desviada para o elevador quando este parou e abriu as portas. Já no terceiro andar, os irmãos caminharam por um largo corredor. Enrico localizou o quarto, entrou sem hesitar e aproximou-se da cama com passos surpreendentes leves para alguém do seu tamanho. Eros permaneceu ao lado da porta, enquanto Enrico parava e fixava os olhos sobre o homem deitado e de olhos fechados, mas que se abriram ao ouvir sua voz...

— Precisamos ter uma conversa, de homem para homem!

Surpreso pelas visitas inesperadas, George ajeitou-se na cama, ficando numa posição recostada, quase sentado.

— E eu posso saber quem são vocês?

— Meu nome é Enrico Magalhães e aquele perto da porta é o Eros e somos os irmãos da Isabella. — Com dois passos, chegou perto de George e pegou-o com ambas as mãos pela gola da camisola do hospital, encarando-o, olho no olho. — irmãos da garota que você enganou ao não contar que era casado e que, agora, está grávida, seu desgraçado!



Capítulo 27

“Princesa”

Pego de surpresa, George elevou as mãos e levou aos antebraços de Enrico. Curiosamente, havia um certo cuidado na maneira como o rapaz o prendia. Era como não tivesse a intenção de machucá-lo. Seus rostos estavam tão próximos que George foi capaz de ver pequenas veias dilatadas nas órbitas dos olhos de Enrico.

— Não é dessa maneira que se resolvem as coisas. Agir com violência não vai te levar a lugar nenhum — disse George, usando um tom de voz controlado e calmo. — Eu entendo que você esteja bravo e frustrado, mas podemos conversar como duas pessoas civilizadas — ponderou, numa tentativa de arrefecer a tempestade que via no rosto contraído de Enrico.

Diante da atitude do irmão, Eros soltou um palavrão, saiu de onde estava e pegou seu braço com firmeza.

— Que merda você está fazendo? Disse que só ia conversar! Solta o cara, Enrico! — comandou, sério, temendo que alguém entrasse a qualquer momento.

— Não antes de dele escutar o que tenho para dizer — rebateu Enrico, sem deixar de encarar George, mas se afastou um passo.

Nesse momento, Bella e Alana entraram rindo no quarto, mas suas

risadas morreram ao se depararem com a cena inusitada.

— Enrico?! Eros?! — exclamou Bella, indo até os irmãos. — O que vocês estão fazendo aqui? — indagou, e sem esperar por resposta, pediu: — Solte-o, Enrico!

— Larga o meu pai, agora! — exigiu Alana, entre assustada e nervosa, e os três homens se viraram ao mesmo tempo em sua direção.

Ao encará-la, Enrico sentiu como se tivesse levado um soco na boca do estômago e ficou sem ar por alguns segundos. *Que merda é essa que senti?*, indagou-se, ligeiramente confuso e contrariado.

— Alana, calma, ele não vai me fazer nada — assegurou George, diante da fúria e do medo estampados no rosto da filha. — Este é o Enrico, e aquele é o Eros, os dois são irmãos da Bella. O Enrico só está defendendo a irmã. Ou pensa que está — esclareceu.

— Penso não, eu estou! — Enrico sentia tanta raiva que seus lábios estavam sem cor.

George levou uma mão até o local da operação num gesto instintivo de proteção. Em outra situação, já teria tentado se soltar, mas achou melhor não fazer nada. Não era nenhum idiota, sabia que o rapaz alto e de expressão raivosa estava em vantagem.

— Largue-o! Não está vendo que está com dor? — voltou a exigir Alana.

— Enrico, eu te peço, solta o George — implorou Bella.

Ignorando a mulher que o olhava com ódio, como se quisesse esganá-lo com as próprias mãos, e atendendo ao pedido da irmã, Enrico abriu os dedos devagar e soltou o tecido que prendia entre eles.

— Eu não vou fazer nada... — disse, tratando de tranquilizar os irmãos, mas voltou a se dirigir a George: — A sua sorte é que você está recém-operado. — *E tem gente demais dentro deste quarto*, quis acrescentar, mas não o fez, só em pensamento. — Serei paciente, porém, ainda o farei se

arrepender por ter enganado a minha irmã!

Alana olhou para o homem possessa.

— Como você se atreve a segurar uma pessoa convalescente, do jeito que acabou de fazer? E, pior, ameaçá-lo? Não tem o menor respeito pelas pessoas ou pelo lugar onde estamos? Quer saber, não vou discutir com você, vou chamar os seguranças! — Decidida, Alana andou até a porta, disposta a fazer o que acabara de dizer, contudo, foi impedida pelo tom de voz imperioso do pai.

— Alana, você não vai chamar ninguém! Eu já disse e repito, o Enrico não vai fazer nada contra mim!

A morena se voltou num movimento brusco, fazendo o longo cabelo girar junto a ela, e havia chispas nos belos olhos castanhos.

— Mas, pai, ele acabou de te ameaçar de agressão! — retrucou, apontando na direção de Enrico. — Isso dá até um processo, sabia?

— Ninguém vai processar ninguém aqui. Tudo não passa de um mal-entendido, e que logo será esclarecido. Ele está um pouco nervoso. Isso é tudo — disse George, controlando os ânimos.

Enrico afastou-se da cama, colocando uma distância segura entre eles.

— Acalme-se, *princesa*! Eu não sou um covarde, vou esperar seu querido papai ficar bom para poder quebrar a cara dele! — cutucou a morena, que, brava, o fitava com lábios comprimidos e nariz empinado.

— Enrico, por favor, não provoca! — pediu Bella, sentada na borda da cama, ao lado de George, e sendo abraçada por ele.

— É, irmão, escuta a Bella e fica na sua! — Eros fez eco ao apelo de Bella.

— Cai fora! Você ainda está aqui? — indagou Alana, irônica, e ergueu o queixo num gesto petulante, sustentando o olhar de Enrico.

— É claro que não estou. Você deve estar vendo coisas ou eu sou a

porra de um holograma. O que você acha? Que estamos num episódio de *Jornada nas Estrelas* e temos um dispositivo capaz de me teletransportar?

— Bem que podia ter, assim você sumiria da minha frente! — contratou a morena, incomodada com a presença dele no quarto.

— Se é tão difícil respirar o mesmo ar que eu, por que não sai você, *princesa*? — Enrico voltou a provocá-la, com um sorrisinho debochado no canto da boca. Olhava-a com os olhos semicerrados, os braços cruzados sobre o peito largo e as pernas fortes e musculosas ligeiramente separadas.

Bella, Eros e George apenas assistiam ao embate. Seria ódio à primeira vista? Antipatia mútua? Ou seria outra coisa?, os três se perguntavam, sem realmente entender o que acontecia entre os dois.

George estava impressionado, Alana nunca agira assim antes, sempre tinha sido uma pessoa controlada, calma, cordata. Séria e responsável, era verdade, mas educada e dona de um temperamento tranquilo.

Alana seguia encarando o grandão à sua frente, descrente do que tinha acabado de ouvir. Definitivamente, de cavalheiro e educado, ele não tinha nada. *É um grosso, isso sim!* Por conta do seu trabalho, estava acostumada a lidar com diferentes tipos de pessoas, mas todos, sem exceção, a tratavam com deferimento e respeito, e ela devolvia o tratamento que recebia na mesma medida. Mas aquele homem... Ele parecia não se importar. Emanava uma força mesclada com raiva, mas ao mesmo tempo tinha um certo apelo que ela preferiu nem tentar identificar. Não se reconhecia. Não costumava aceitar provocações, mas ele tinha conseguido tirá-la do sério, mesmo depois de soltar o pai e se afastar, deixando de ser uma ameaça para ele.

Queria poder dizer que o olhou de cima a baixo com desprezo, mas isso era praticamente impossível para os seus um metro e sessenta e sete de altura, e justo nesse dia ela optara por usar um par de botas sem salto. O homem tinha uma figura impressionante: era alto – estimou que ultrapassava fácil um metro e noventa de altura –, tinha ombros largos e parecia até que seu tamanho não terminava nunca. *E as mãos? Meu Deus! Que mãos enormes*

são essas? Verdade seja dita, combina com todo o resto dele! Se não fosse um homem tão rude e bruto, com esse rosto de traços harmoniosos, o cabelo cortado rente, o corpo poderoso e a maneira de olhar...

— Eu volto depois que esse *senhor* sair, pai — disse, interrompendo de propósito o fluxo dos pensamentos.

Céus, onde estou com a cabeça ao compilar suas características físicas quando ele acaba de ameaçar quebrar a cara do meu próprio pai?

George viu a filha deixar o quarto e voltou a encarar os irmãos de Bella.

— Três fatos importantes que vocês precisam saber antes de qualquer outra coisa: eu estou divorciado, amo a irmã de vocês e, sem dúvida, estou mais do que disposto a assumir o filho que ela espera! — concluiu e aguardou por uma reação por parte deles.

Enrico ficou sem palavras diante da declaração espontânea, e como não sabia se o que ouvia era verdade ou não, acabou por lançar um olhar desconfiado na direção de George.

Acreditando ser o melhor a fazer, afinal, aquele não era o lugar ideal para a conversa que ela pretendia ter com os irmãos, sem contar que a preocupava a palidez que via no rosto do homem ao seu lado, Bella falou:

— Desculpe-me por isso. — Ela o viu mover a cabeça negativamente, e colocou um dedo em seus lábios num gesto suave, impedindo-o de retrucar. — Eu vou sair, mas não se preocupe, volto logo. Só vou conversar com os dois e esclarecer as coisas de uma vez. — Deu um selinho nele após terminar.

— Mas você não precisa sair, minha Bella, podemos conversar aqui mesmo, os quatro! — George ainda tentou convencê-la, e se recriminou por estar tão incapacitado.

— Preciso, sim, porque você ainda não está bem. Sei que sente dor, e eu vou ficar preocupada no caso do meu irmão esquentado se exaltar novamente.

— Está bem, mas não demora. E cuide-se — recomendou George, quase sem cor nos lábios. *Bella tem razão*, pensou após os três saírem do quarto. Descontraíu os músculos do rosto e se deixou cair sobre a cama, esticando o braço e apertando o botão que chamava a enfermeira. Respirou fundo enquanto esperava, tratando de controlar a dor que sentia na lateral da barriga.



Irritado, de cara amarrada e estreitando os olhos castanhos, Enrico seguiu a irmã para fora do quarto e os três entraram num dos elevadores. Desceram no térreo e Bella os guiou até a cafeteria em que tinha estado com Alana há menos de uma hora. Entraram e escolheram uma mesa nos fundos. Eros e Bella logo se acomodaram, contudo, Enrico permaneceu de pé ainda por alguns segundos, mas finalmente, soltando o ar com força por entre os dentes brancos e alinhados, ele se sentou. Apoiou um braço no encosto da cadeira e olhou diretamente para a irmã.

— Bem, vamos começar do começo. Como vocês dois souberam que eu estava aqui? — Bella fez a pergunta e aguardou.

Antes que pudesse falar, a garçonete se aproximou de Enrico com um sorriso e um cardápio nas mãos.

— Eu só vou querer um café puro — disse ele, olhando para Bella e Eros. — E vocês?

— Eu quero uma vitamina mista e um misto-quente — Eros se manifestou.

— E você, Bella?

— Não quero nada. Eu tinha acabado de tomar café quando retornei ao quarto do George e encontrei vocês lá.

— É só isso mesmo. Obrigado — agradeceu Enrico, devolvendo o cardápio e dispensando a mocinha que sorria, simpática, e assentia com um

meneio de cabeça.

Após voltarem a ficar sozinhos, Enrico encarou a irmã e respirou fundo, dando início ao resumo de como ele chegara à conclusão de que a irmã tinha ido para São Paulo atrás do pai de seu filho.

— Você leu as minhas mensagens? Como foi capaz de fazer isso? Eu não sou mais nenhuma criança para ser monitorada! E você se precipitou vindo até aqui! — disse Bella, chocada e muito sentida com o irmão mais velho.

— Eu não teria feito nada disso se você não tivesse mentido para nós. De novo! — recordou-a, ainda zangado.

— Eu não disse o que pretendia fazer justamente porque sei como você é. Foi mais simples omitir a verdade. Mas, afinal, no que você estava pensando quando agarrou o George daquele jeito?

Enrico abaixou a cabeça e ajeitou uma ruga imaginária no tecido marrom da toalha de mesa.

— Pensei em dar um susto nele. O que mais? Achou que eu ia matá-lo?

— Pelo amor de Deus, Enrico! Quando entramos no quarto, você estava a ponto de bater no George, sem se importar com o fato de ele estar recém-operado! Desde quando você age com violência?

— Desculpa, eu exagerei, mas você sabe como sou. Quando o sangue sobe, eu vejo tudo vermelho. E aquele desgraçado bem que merecia levar uns bons socos na cara.

— O George não é um desgraçado, e você está falando do homem que eu amo, o pai do meu filho. Lembre-se disso — admoestou-o, chateada.

— Ele é casado, Bella! E você sabia! Não te conheço mais... Falhei com você... Fiz tudo errado! — exclamou Enrico, elevando a mão e esfregando a nuca.

— Não tem isso de fazer algo errado ou falhar. As coisas simplesmente acontecem. Quando o George e eu nos conhecemos, eu não sabia que ele era casado, só soube uns meses depois.

— Eu sabia que ele tinha te enganado!

— Está certo. Ele omitiu um fato importante da vida dele de mim, mas fez isso porque teve medo de me perder, e realmente perderia. Nós nos separamos quando ele me contou a verdade. Mas isso agora é passado, o que importa é que nos amamos, ele se divorciou da esposa e, um dia, nós vamos nos casar.

— Viu só? Eu te disse que a Bella tinha outros motivos para vir atrás do pai do filho dela — apartou Eros, que até aquele momento permanecia calado.

— Continuo dizendo que esse cara não presta — insistiu Enrico.

Bella teve que fechar os olhos e fazer força para manter a calma diante da teimosia do irmão.

— Está bem. Eu aceito que ele não está mais casado, mas estava quando vocês se conheceram e não te contou! Esse homem já mentiu para você uma vez, quem garante que não está mentindo de novo?

— Enrico, você acabou de passar por uma situação horrível, odiosa, e eu entendo que esteja amargurado por causa disso, mas eu garanto que o George não está mentindo! Ele me ama e cumpriu com o que prometeu, se divorciou da esposa e me chamou para morar com ele.

— Morar com ele?

— Por enquanto. Ele me disse que vai fazer tudo do jeito certo. Já estava decidido que, quando saísse do hospital, ia para Bendita Luz, falar com vocês dois. Ele não tocou no assunto *casamento* ainda, mas eu sei que um dia nós vamos nos casar. Encontrei o amor da minha vida e vou ter um filho com ele. Eu estou feliz! Fiquem felizes por mim também! — pediu Bella, esticando os braços por cima da mesa e pegando uma mão de cada irmão. —

Sim?

— É claro que eu fico, irmãzinha! — Eros foi o primeiro a se pronunciar, olhando-a com um sorriso aberto.

Enrico fixou o olhar nas mãos unidas dos dois, depois olhou para ela, em seguida balançou a cabeça e disse:

— Está bem. Se é o que quer, então, que seja. Só espero que ele cuide muito bem de você!

Havia uma ameaça velada no tom de voz que ele usara, mas Enrico já sorria quando Bella saiu de onde estava, rodeou a mesa e foi abraçá-lo. Ela o encarou, comparando sua raiva a uma chuva de verão. Muitas vezes, esta vinha forte, rápida, mas do mesmo jeito que vinha, ia embora. O problema era o estrago que deixava pelo caminho.

— Eu te amo, Bella, e se você está feliz, eu também estou. Acho que os dois estão certos, e eu, errado. Recusei-me a te ver como você é... Uma mulher adulta, profissional e, em breve, mãe. — Havia ternura e algo mais, uma certa tristeza em seu olhar ao mencionar o futuro sobrinho, talvez por se lembrar de que já poderia ter tido seu próprio filho, se não tivesse sido traído pela ex-namorada, mas sabia que tinha sido melhor assim. Diana não era, de fato, a mulher que ele teria escolhido para ser a mãe de um filho seu. — É um homem de sorte, esse George — emendou, passando o braço pela cintura da irmã.

Bella sorriu diante de tal declaração.

— Eu é que sou uma mulher de sorte. Quando vocês dois passarem a conhecê-lo, verão que ele é uma ótima pessoa. Eu não podia ter encontrado alguém melhor, como companheiro e pai do meu filho.

— Tem que admitir, Enrico... — Eros lançou um olhar provocativo para o irmão.

Enrico se remexeu na cadeira, inquieto.

— Admitir o quê?

— Que você estava errado e que julgou os dois antes da hora.

— É o que vocês querem ouvir? — Ambos fizeram um sinal afirmativo. — Está bem... Eu admito, não deveria ter mexido no seu celular, Bella. Peço desculpas por isso. E admito que me precipitei ao tirar conclusões sem ter conhecimento de todos os fatos, me desculpo por isso também. Na verdade, eu me sinto aliviado por saber que estava enganado — assumiu com um sorriso, no que foi correspondido pelos irmãos.

— É claro que eu te desculpo, mas com uma condição... Vai ter que pedir desculpas para o George — disse Bella.

Enrico gemeu.

— É sério isso?

— Você foi injusto comigo e com ele. Ou se desculpa ou nada feito! — condicionou ela, irredutível.

— Se não tem outro jeito de você perdoar as besteiras que eu fiz, falo com ele antes de voltar para Bendita Luz — cedeu, por fim.



Capítulo 28

“Um brinde ao futuro”

Quando Bella e os irmãos deixaram a cafeteria, o horário para visitas já tinha terminado, por isso decidiram passar o domingo frio e chuvoso em um shopping da região. O plano era passear um pouco, almoçar e, talvez, assistirem a um filme. Caso se cansassem, poderiam aguardar o horário de visitas noturnas no apartamento de George, então regressariam ao hospital. E, de fato, foi o que fizeram.

Ao chegarem, Enrico pediu para entrar sozinho, a fim de conversar com George. Com a cena da manhã ainda fresca na cabeça, Bella hesitou, porém, acabou por concordar, afinal, o irmão tinha dado sua palavra de que só se desculpava e nada mais. Os dois subiram, enquanto Eros ficou no térreo. O jovem cantor passou o tempo conversando com Priscila, a recepcionista, nos momentos em que o fluxo de pessoas estava tranquilo por ali, e mexendo no celular quando este aumentava e a loirinha precisava se concentrar em seu trabalho.

No terceiro andar, Bella sentou-se numa cadeira disposta do lado de fora do quarto, enquanto o irmão entrava. Como da primeira vez, ao olhar para o homem deitado, este parecia estar adormecido. Enrico desceu o olhar para a mão que descansava sobre a lateral de sua barriga, onde julgou que deveria ser o local do ferimento causado pelo acidente. Um sentimento de

culpa o tomou ao se lembrar de como tinha sido brusco, esquecendo-se do seu estado por alguns minutos. Bella lhe contara que o procedimento fora complicado e que ele ficara por várias horas na sala de cirurgia. Admitiu que tanto a filha de George quanto sua irmã estavam certas em recriminá-lo. *Agora é tarde, e não dá para voltar atrás*, pensou e resolveu aguardar, pacientemente, até que ele despertasse.

George abriu os olhos. Ele não dormia, apenas os tinha fechado enquanto esperava Bella retornar para a segunda visita do dia. Encarou o irmão dela, intrigado, pois não imaginou que voltaria a vê-lo tão cedo. Já se preparava para questioná-lo quando o ouviu limpar a garganta.

Enrico estava sem jeito, não sabia bem o que fazer ou o que dizer, por isso foi direto ao ponto:

— A Bella me disse que só perdoaria as besteiras que eu fiz se viesse falar com você, então, me desculpe o mau jeito. Eu me precipitei e agi sem pensar. — E antes que pudesse obter uma resposta ou comentário de George, virou-se para a porta, com a clara intenção de deixar o quarto.

— Espera! — pediu George, e o rapaz estacou. — É só isso?

Enrico girou o corpo e encarou o homem acamado.

— Ela falou para eu vir até aqui e pedir desculpas. Eu já pedi. Você não vai tornar isso mais difícil do que já está, vai? — perguntou, sentindo-se envergonhado pelo modo como tinha agido.

Notando seu evidente desconforto, George comprimiu os lábios, reprimindo o riso.

— Sente-se — convidou, apontando a poltrona próxima da cama hospitalar. — Precisamos conversar.

Enrico enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta.

— Prefiro ficar de pé, se você não se importar — disse, recusando o convite.

— Eu me importo. Incomoda-me ver você de pé enquanto estou deitado nesta cama. Quero deixar a coisa mais nivelada.

Sem ter como contestar, Enrico acenou afirmativamente, andou até a poltrona e sentou-se, acomodando o corpo grande.

— Eu cheguei a te machucar? — indagou, os olhos caindo, mais uma vez, sobre a lateral de seu corpo.

George seguiu seu olhar.

— O corte é recente, e eu sinto dor com qualquer movimento mais brusco. Depois que vocês saíram, chamei a enfermeira, que me aplicou uma injeção, aí ficou tudo bem — explicou, movendo-se à procura de uma posição mais confortável. Detestava ficar deitado. Detestava ter os movimentos tolhidos. Detestava se levantar e só aguentar dar uns poucos passos antes de precisar voltar para a cama. Ficar sentado, pelo local da cirurgia, estava fora de cogitação. A melhor posição, a que o deixava menos cansado, era recostado.

— É bom saber que eu não te prejudiquei. Então, você e a Bella...

— Sim, eu e a Bella, nós...

Enrico fez um gesto com a mão, pedindo que George não continuasse.

— Eu já sei como as coisas aconteceram. Ela me explicou tudo. — Suspirou e colou as costas largas no encosto da poltrona. — Eu fiquei tanto tempo no papel de pai dos dois que esqueci como era ser só o irmão mais velho.

— Eu te entendo. Você se deixou levar pelo coração. Tenho duas filhas, Enrico, e consigo me colocar no seu lugar. Sem falar que a vida foi muito dura e injusta com os três. Principalmente, com você. Não que o Eros e a Bella não tenham sentido a perda dos pais, não me entenda mal — George apressou-se em esclarecer. — Eu imagino que devam ter sentido, e muito, só que você nem tinha saído da adolescência ainda e já teve que assumir uma casa e a criação deles. Não deve ter sido nada fácil — emendou, empático.

Surpreso, Enrico o encarou. Em seguida, remexeu-se no assento, desconfortável, pois não gostava muito de tocar naquele assunto, ainda mais com o namorado da irmã e a quem tinha acabado de conhecer.

— A Bella te contou.

— Sim, ela contou.

Enrico coçou o queixo.

— Foi o que me tocou, e hoje, quando olho para trás, vejo que eu não teria feito nada diferente — afirmou sem pestanejar, voltando ao assunto principal: — Parece que chegou a hora de a minha irmã viver a vida dela. A Bella me contou que vocês vão morar juntos. Com tudo esclarecido e um bebê a caminho, eu me sinto bem com isso.

— Obrigado. Eu sei o quanto a sua aprovação é importante para a Bella. Façamos o seguinte: vamos passar uma borracha no que houve e começar de novo — propôs George. — Nós dois a amamos e queremos o melhor para ela.

Enrico ficou calado, mas fez um gesto de concordância com a cabeça.

— Outra coisa que me deixou bastante intrigado... Confesso que me surpreendi com a reação da Alana. Eu não me lembro de já tê-la visto tão furiosa. Vocês quase se pegaram... — comentou George, pensativo.

Enrico trouxe o corpo para frente e levou uma mão até a nuca.

— Você não acabou de dizer que era para deixarmos o que passou para trás?

George riu de sua pergunta.

— Eu sei o que disse, mas não posso falar em nome da minha filha.

Enrico manteve a cabeça baixa e uma expressão de desgosto cruzou seu rosto ao se recordar o quanto tinha sido grosseiro, tanto com George quanto com sua filha, e por mais que tentasse, ainda não entendia o motivo de tê-la provocado daquela maneira.

— Ela teve medo que eu machucasse seu pai e te defendeu do mesmo jeito que eu achei que estava defendendo a Bella.

— De fato. Justifica, mas só em parte — retrucou George. — Enrico, quando a Bella e eu nos casarmos, vamos nos tornar membros da mesma família, e, com certeza, você e a Alana se encontrarão, por isso, seria bom não guardar mágoas ou perder tempo com discussões bobas.

— Eu posso imaginar aonde você quer chegar.

— Só quero que pense nisso.

— Está certo, eu vou pensar — afirmou Enrico, e os dois ainda conversaram por cerca de dez minutos, antes de se despedirem de maneira amigável.



Mais tarde, Enrico e Eros despediram-se da irmã e pegaram a estrada de volta a Bendita Luz. Bella sugeriu que os dois passassem a noite com ela, no apartamento, e só pegassem a estrada no dia seguinte, logo cedo, mas ambos se recusaram a ficar.

— Então, como foi a conversa com o Enrico? — perguntou Bella, sentada na beirada da cama do hospital, ao lado de George.

— Foi tranquila e esclarecedora — respondeu ele, abraçando-a.

— Que bom! Confesso que fiquei um pouco apreensiva enquanto esperava.

— Creio que nós conseguimos nos entender, afinal, temos algo muito importante em comum... Nós amamos a mesma mulher! — afirmou, sorrindo e tocando a ponta do nariz dela com o dedo.

Bella devolveu o sorriso, e estava a ponto de dizer como se sentia aliviada quando o som de uma movimentação estranha do lado de fora chegou até eles. Inesperadamente, a porta do quarto foi aberta e Maristela irrompeu

por ela, seguida por Lilly, cujo semblante estampava todo o seu constrangimento.

— Eu não acredito! Quem te autorizou a subir e a entrar aqui? — George bufou, irritado e arrependido por não ter avisado a segurança quando Maristela esteve ali, no dia anterior, para que proibissem seu acesso ao quarto dele.

— Pai, eu tentei impedir, mas ela não me deu ouvidos — desculpou-se Lilly, chateada.

— Não se preocupe, filhota. Eu conheço bem a sua mãe — tranquilizou-a George, e levou o olhar furioso para a ex-esposa.

Maristela tinha parado no meio do quarto, seus braços estavam cruzados sobre o peito e sua expressão era intimidadora. Ignorando a pergunta, fixou o olhar duro em Bella, que fez menção de se levantar, porém, George a impediu, descendo o braço dos seus ombros e envolvendo sua cintura, pedindo, sem palavras, que ela ficasse onde estava.

— Então a putinha do meu marido é você?! — atacou a mulher mais velha, com desprezo.

— Ex-marido! — George fez questão de frisar. — E eu não admito que você entre aqui sem ser chamada e desrespeite a minha mulher! — Tanto Maristela quanto Bella o olharam, espantadas com sua declaração, mas foi à ex-esposa a quem ele se dirigiu ao continuar: — É isso mesmo o que você ouviu! A Bella é minha mulher e vamos nos casar assim que for possível!

É claro que George teria preferido pedi-la em casamento em um outro momento, quando os dois estivessem a sós, mas, como sempre, Maristela tinha conseguido tirá-lo do sério, invadindo o quarto com seu ar prepotente e arrogante e ofendendo Bella. Na ânsia de protegê-la da fúria e da língua ferina da ex-mulher, ele se deixou levar pelo instinto, e, quando deu por si, já tinha falado.

Mesmo após ter sido atingida pelo impacto da notícia inesperada, ao

menos para ela, Maristela não demorou em se recompor e voltar a atacar.

— Casar?! Eu já posso imaginar o motivo de tanta pressa — ironizou, voltando-se para Bella. — Eu soube que está grávida. Que espertinha, você! Tratou logo de arrumar um filho para garantir o futuro. Seu e desse bastardinho que espera. — E encarando o ex-marido: — E quanto a você, George, uma vez idiota, sempre idiota! Nem preciso dizer como descobri sobre a gravidez, porque eu acho que você já faz uma ideia — acrescentou, com um sorriso cínico nos lábios bem pintados.

— Fora daqui! Fora! — gritou George, apontando a porta.

Maristela empinou o nariz, ergueu o queixo e não se moveu um milímetro do lugar.

— Eu não vou sair, e quero ver quem vai se atrever a me tirar daqui! — desafiou entredentes.

— Você vai sair, sim! Mas Deus me livre de encostar um dedo em você! Para isso, existem os seguranças. — George esticou o braço e apertou o botão de chamar as enfermeiras.

Diante do que o pai acabara de dizer, Lilly resolveu intervir:

— Mãe, a senhora ouviu, o meu pai vai chamar os seguranças, é melhor nós irmos embora! — pediu, agoniada.

— Quieta, Lilly! Isso é entre seu pai, eu e a vagabundinha dele.

Nesse momento, uma enfermeira alta, morena e robusta entrou, andou até a cama e dirigiu um olhar interrogativo para o paciente.

— Eu preciso que retirem essa mulher daqui e avisem à segurança que ela está terminantemente proibida de ter acesso a este quarto — instruiu George, com o olhar frio sobre Maristela.

— Farei isso — acatou a enfermeira, e dirigindo-se à mulher mais velha, acrescentou: — Sua presença está incomodando o paciente. Por favor, a senhora terá que sair agora.

Com a possibilidade de ser escoltada para fora do hospital tornando-se cada vez mais real, Maristela cedeu, embora muito a contragosto.

— Eu já estava mesmo de saída. Só vim até aqui para olhar na cara da sua amante, mas isso não acaba aqui. Você vai me pagar caro por mais esta humilhação! — ameaçou, furiosa.

O quê? Do que essa louca está falando?, perguntou-se George. *Está se fazendo de boba de propósito!*

— Pelo amor de Deus, Maristela! A que humilhação você se refere? Por tudo o que é mais sagrado, quando que você vai colocar nessa sua cabeça que nós dois estamos divorciados e me deixar em paz, de uma vez por todas? — questionou, exaltado.

— Nunca! O que diz aquele pedaço de papel, não me importa! Eu sempre vou ser uma pedra no seu sapato e fazer da sua vida um inferno! — contestou Maristela, irada.

George inspirou profundamente.

— Pois bem, eu preferia não ter que fazer isso, de partir para uma atitude mais drástica, entretanto, com essa sua teimosia, você não me deixa outra opção — disse e pegou o celular de cima da mesinha.

— Para quem você vai ligar? — Maristela quis saber, olhando-o com desconfiança.

— Jônatas Villares. Vou pedir para ele vir até aqui.

— E posso saber por quê?

— Vai saber, mas no momento certo. Eu quero que você fique longe de mim e da Bella — disse George, buscando nos contatos o número do advogado.

— Um processo?! Pretende entrar com um processo contra mim? É isso? Você não se atreveria! — vociferou Maristela, horrorizada. — Não está falando sério... Está blefando!

— Quer pagar para ver? Você sabe muito bem que eu não sou de blefar, e vou fazer questão de soltar uma nota para a imprensa. Aposto que a sua ilustre família vai adorar ver o seu rosto estampado em todas as capas das revistas de fofoca do país, sem falar das redes sociais. Já até posso imaginar uma das manchetes: *“Socialite obcecada é processada por assediar e ameaçar o ex-marido”*.

— Cretino! — Maristela o fuzilou com os olhos e, bufando, saiu com passadas duras.

Após ver a mãe finalmente ir embora, Lilly se aproximou do pai e o beijou no rosto.

— Amanhã eu volto e conversamos com mais calma. Preciso ir atrás dela. Nervosa como está, é capaz de fazer uma besteira.

— Está bem. Nós nos vemos amanhã. E dirija com cuidado — recomendou George. Lilly assentiu e, com um sorriso tímido na direção de Bella, deixou o quarto, apressada.

Só depois da saída das duas foi que Bella sentiu-se capaz de voltar-se para George e perguntar:

— Você pretende fazer o que disse?

George relaxou o corpo na cama antes de responder.

— Você a ouviu, ela não vai desistir. Eu vou pedir para o meu advogado deixar a papelada pronta. Conhecendo-a como eu conheço, só a ameaça de um processo e de avisar a imprensa será suficiente para que ela nos deixe em paz. A Maristela é apegada demais às aparências, morre de medo de ter seu nome envolvido em um escândalo, ainda mais se for em nível nacional.

— Espero que você tenha razão. Sua ex me passa uma sensação ruim, e isso me dá calafrios — confessou Bella.

George a envolveu mais nos braços e, procurando tranquilizá-la, assegurou:

— Eu não vou deixar nada de mal acontecer, nem a você, nem ao nosso bebê. Acredita em mim?

— Você sabe que sim — afirmou Bella, sem vacilar.



Maristela entrou na mansão feito um furacão, batendo a porta com força atrás de si. Deixou a bolsa num dos assentos do sofá e se dirigiu ao bar. Precisava tomar algo forte para tentar controlar seus nervos em frangalhos.

— Desgraçado! — xingou num tom de voz alto, servindo-se de uma dose de vodca. Levou o copo aos lábios, tomou um gole e fez uma careta quando a bebida desceu pela garganta. — Eu te falei que as coisas não iam ficar assim! Você ainda vai me pagar! Maldito! — rosnou, agora seu tom era baixo e agourento e com as chamadas de uma fúria fria e assassina, queimando em seus olhos.

Quinze minutos depois, uma Lilly esbaforida chegou e respirou com alívio ao encontrar a mãe em casa. Ela a tinha perdido de vista no caminho até ali, e temeu que Maristela pudesse fazer algo drástico depois da cena desagradável que protagonizou ao invadir o quarto de hospital onde o pai estava internado.

— Mãe, o que foi aquilo? Não faltou quase nada para a senhora sair escoltada pelos seguranças! — exclamou Lilly, e seus olhos se estreitaram ao notar o copo com uma bebida transparente até a metade na mão dela.

Maristela encarou a filha mais nova.

— Eu fiz o que tinha que fazer! O seu pai não tinha o direito de fazer isso comigo... Humilhar-me dessa forma? Isso não é justo! — Pelo tom pastoso de sua voz, o álcool começava a fazer efeito, ainda mais por não estar habituada a ingerir bebidas fortes.

Lilly aproximou-se e tirou o copo da mão da mãe. Levou-o até o nariz, contorcendo o rosto ao sentir o cheiro da vodca.

— Devolva-me esse copo! — exigiu Maristela, esticando o braço. — Eu quero beber até esquecer a humilhação que o seu pai me fez passar! — exclamou, vendo a filha se afastar.

Lilly recusou-se a lhe entregar o copo, andou até o bar e o deixou sobre o móvel. Olhou novamente para a mulher transtornada à sua frente e decidiu que não valia a pena discutir com ela, ainda mais descontrolada como estava.

— Chega de beber. A senhora precisa se acalmar, só vai piorar as coisas agindo desse jeito — disse, tentando se manter paciente.

— Eu sei o que devo ou não fazer, e a última coisa que preciso agora é que uma fedelha, como você, me diga isso! — Irritada, Maristela andou até o sofá, pegou a bolsa e subiu as escadarias, deixando a filha na sala, sozinha e pensativa.



Na segunda-feira de manhã, Bella entrou em contato com a diretoria da escola para pedir licença do trabalho, informando que necessitava desse tempo por motivos pessoais e indicando uma colega para ficar no seu lugar.

Depois de dez dias internado, George recebeu alta, e após uma semana, ele precisaria voltar ao hospital para a consulta de acompanhamento. Como sua recuperação era considerada boa, em vez de ficarem no apartamento alugado, decidiram passar o tempo que restava da licença de Bella na casa dele, em Atibaia. Naquele lugar idílico e afastado, George teria paz e tranquilidade para se recuperar completamente, e quando o mês terminasse, os dois seguiriam para Bendita Luz, mas antes que pudessem viajar, o inesperado aconteceu.

Ao descobrir que Bella estava no apartamento de George, Maristela decidiu colocar em prática seu plano de vingança. Resoluta, pediu ao detetive particular que descobrisse onde o ex-marido morava, e não demorou muito para o homem retornar com a informação.

Com o endereço em mãos, Maristela se preparou e foi até lá, mas como precisava de uma desculpa para fazer com que George e sua amante saíssem do apartamento, usou de um ardil, como sempre. Contratou, por meio desse mesmo detetive de ética duvidosa, duas pessoas, instruindo-os a simularem um princípio de incêndio no prédio. Um dos capangas entrou pela lateral, sem ser visto, juntou alguns produtos inflamáveis e colocou-os dentro de um tambor, ateando fogo em seguida. Logo a fumaça começou a tomar conta do lugar, indo em direção às escadarias, enquanto o outro bandido disparava o alarme, fazendo com que o prédio fosse evacuado.

Em meio à confusão que se seguiu, os moradores começaram a sair, agitados e apressados, pela portaria, enquanto, sentada no banco do motorista do carro, Maristela procurava por George e Bella. Logo os viu atravessando a rua de mãos dadas, na direção da calçada do lado oposto ao prédio, a fim de se distanciarem da pequena multidão que se formava diante do edifício. Sem hesitar, Maristela acelerou e avançou com o carro para cima deles.

Ao perceber o que acontecia e fazendo uso de seus reflexos, George protegeu Bella, colocando o próprio corpo na sua frente e empurrando-a para a calçada. E ambos não foram atingidos por um triz.

Vendo que seu plano falhara, Maristela fugiu cantando pneus, e logo depois, a polícia foi chamada. Uma investigação foi iniciada e as câmeras de segurança posicionadas em pontos estratégicos na fachada do prédio captaram, em detalhes, tudo o que aconteceu. No mesmo dia, George, Bella e algumas testemunhas foram até o distrito policial. Os dois prestaram queixa por dupla tentativa de homicídio com arma letal, nesse caso, o carro de Maristela, contudo, prevendo que isso poderia acontecer, ela acabou sendo internada no Hospital Albert Einstein devido a uma overdose de medicamentos, onde permaneceu internada por três dias, evitando o flagrante. Após receber alta e instruída pelo seu advogado, compareceu ao distrito policial para prestar depoimento e, ao final, foi liberada para responder ao processo em liberdade.

Dias depois e passado o susto, George e Bella finalmente puderam

deixar a cidade e seguiram para Atibaia.

— No que você está pensando? — George fez a pergunta, escorado no batente da porta que dava para a varanda.

Escurecia, e Bella estava sentada numa cadeira de balanço, apreciando os últimos raios de sol sumirem no horizonte. Como a casa era cercada por morros e natureza viva, o cheiro das flores e da vegetação que chegava até eles, era delicioso.

— Em você — murmurou em voz baixa, o que o cativou.

— E o que você está pensando sobre mim? — George ajeitou o corpo na cadeira ao lado da dela.

— Eu estava pensando em quando vamos dormir juntos de novo — respondeu Bella, com ar casual, o que fez com que George a olhasse, confuso.

— O que você quer dizer com *dormir juntos*? Nós já estamos fazendo isso, desde que eu saí do hospital.

— Você sabe o que quero dizer. — Bella empurrou seu ombro suavemente e ele riu, pensando em como ela era encantadora.

— Quer dizer...? — George ergueu uma sobrancelha, fingindo-se surpreso. — Está sugerindo que a gente...?

— Acho que sim. — Ela corou. — Quando fomos ao hospital essa manhã, o médico te examinou e disse que você estava liberado, a menos que eu tenha entendido errado.

Ele riu ao ouvi-la dizer aquelas palavras.

— Isso é um convite? — George lhe deu um sorriso que teria derretido o coração de qualquer mulher, mas o dela já derretera havia muito tempo, e voltava a acontecer cada vez que ele a olhava. — Ou você está brincando comigo?

Bella abaixou os cílios, tímida.

— Acho que as duas coisas.

— Entendi. E esta é a minha deixa para me levantar e te arrastar pelos cabelos até a cama? — indagou George, divertido.

Desta vez, Bella riu junto com ele.

— Hum, até que não seria má ideia, meu homem das cavernas.

Ele levantou e estendeu a mão para ela.

— Vem, vamos entrar. — Ajudou-a a levantar-se e circulou sua cintura com um braço enquanto caminhavam na direção do quarto.

Este era espaçoso e decorado com uma mobília rústica e escura, combinando com o restante da casa. Bella reparou no lavatório de mármore rosado e na cama de casal, que tinha sido arrumada com uma colcha de crochê muito bonita. Ela arregalou os olhos ao notar que sobre a mesinha havia um balde com gelo e uma garrafa dentro dele. Duas taças tinham sido colocadas ao seu lado. Girou o pescoço e sorriu quando se deparou com um grande ramo de rosas e lírios, suas flores favoritas, em cima da cômoda.

— Uau, você pensou em tudo! — disse Bella, beijando-o.

— Sim — respondeu George, orgulhoso e fechando a porta. — Mas como você está grávida, vamos brindar à minha *liberação* com um champanhe sem álcool — concluiu, indo até a mesa. Tirou a garrafa do balde, balançou-a no ar algumas vezes e forçou a saída da rolha com o polegar. Ambos riram quando esta pulou e ouviram o barulho alto de um *ploc*. Um pouco da bebida escorria pelo corpo da garrafa, caindo no piso de madeira polida enquanto ele a servia.

— Brindo ao nosso filho, a esta, e a todas as noites que ainda virão e que passaremos juntos — George entregou uma taça para ela. — Brindo a nós, minha Bella! — concluiu, com um olhar intenso e cheio de significado.

— A nós e a um futuro cheio de amor e felicidade! — Bella elevou o braço e George imitou seu gesto. E o som de cristais se chocando ecoou pelo quarto.

Depois de bridarem, George tirou a taça da mão dela e colocou-a

sobre a mesinha, ao lado da sua, inclinou-se e murmurou próximo ao ouvido de Bella:

— Hum, sinto que você está um pouco tensa. — Sua voz era arrastada e ligeiramente divertida. — Vou relaxá-la — declarou, virando-a de bruços na cama.

Minutos depois, Bella gemia baixinho, com o rosto afundado no travesseiro, enquanto ele traçava um caminho morno e úmido com a língua pelas suas costas, bunda e coxas. Fazia isso tão devagar que ela sentia o corpo estremecer, vibrar e pedir pelo dele. Gotinhas de suor orvalhavam sua pele, seu ventre se contorcia, a carne ardia e seu centro doía pela necessidade física do prazer. Todos os seus sentidos ansiavam por ele.

Bella foi virada de costas e George deitou-se, o corpo comprido, musculoso e terrivelmente sensual cobrindo parte do dela. E não demorou para Bella senti-lo entrar e sair de dentro de si, subindo e descendo numa dança deliciosa, e a sensação que a invadia era maravilhosa. Subitamente, ambos explodiram em uníssono e Bella ficou presa nos braços fortes. E no mundo deles, só existiam os dois e o amor que partilhavam. Pouco depois, foi ela quem o quis de novo e o provocou até ele não aguentar mais.

— Oh, Deus... — murmurou George, horas mais tarde. — Desse jeito, você vai me matar... Mas que maneira de morrer... — disse, jogado na cama, a boca entreaberta, respirando forte enquanto recuperava o fôlego.

— Não, nada de falar em morte — Bella ralhou com ele. Sabia que George brincava, mas depois do acidente, ela não queria ouvir falar em morte, nem mesmo no sentido figurado.

Ele moveu a cabeça, concordando.

— Está bem, eu não falo, mas acho que vou precisar me cuidar mais para poder acompanhar o seu ritmo — voltou a brincar com ela.

— Do jeito que você fala, até parece que não está em forma. Pois, na minha opinião, você ganha de muitos jovens por aí, e em todos os sentidos —

elogiou Bella, sorrindo com malícia.

George beijo-a nos lábios.

— Obrigado por me fazer sentir tão bem.

— Disponha — disse Bella, retribuindo o beijo.



O dia amanhecia e George dormia com as pernas e os braços emaranhados no lençol, enquanto Bella, com o rosto encostado em seu peito, ouvia as batidas regulares do seu coração e aspirava o aroma masculino e intoxicante que ele exalava.

Suspirando, ela colocou os pés para fora da cama e se levantou. Ajeitou os cabelos com as mãos e cruzou o quarto até as portas que se abriam para o balcão. Sorriu sozinha, lembrando que jamais tinha sido tão feliz, e acreditava quando George jurava que a amava tanto quanto ela a ele. Já sabia que seu homão era um amante fantástico, tinha experiências fantásticas ao lado dele, mas aquela noite tinha ultrapassado tudo. George tinha sido incontrolável, agira como um animal faminto e a dominara, possuindo-a por completo, e o êxtase que ele lhe provocara foi tão intenso que ela pensou que fosse desmaiar.

Naquela manhã em particular, Bella sentia-se radiante, viva, e acompanhava, embevecida, o amanhecer quando sentiu a presença dele.

— Então foi aqui que você se meteu! — disse George, com os olhos azuis fixos nela. — O que está fazendo aqui sozinha? — indagou da porta.

— Admirando esse magnífico nascer do sol — respondeu Bella, e enquanto ele se aproximava, ela o examinou discretamente. George tinha uma aparência tão máscula e viril que era capaz de lhe tirar o fôlego. Ao acordar, seu cabelo grisalho, cortado bem curto na nuca e nas laterais, caía com displicência na testa, a convidando a colocá-lo no lugar. — Tudo aqui é maravilhoso... Você é maravilhoso! — disse, abraçando-o pela cintura,

encantada com o que via.



Capítulo 29

“Um mini George ou uma mini Bella?”

No quarto mês, os enjoos de Bella por conta da gravidez, finalmente, cessaram. Ela entrava no sétimo mês quando os dois foram morar numa casa linda, aconchegante e despojada que George mandou construir no terreno perto da praia, e mesmo envolvido com a construção do *resort*, ele não se descuidava de Bella, sempre se fazendo presente, levando-a até a escola e se programando para pegá-la no fim do dia. Nos fins de semana, eles faziam pequenas viagens. Já tinham regressado a Angra dos Reis e passaram dois dias na casa de Lars, amigo de longa data de George. Num feriado prolongado, foram até Goiânia visitar Theo, um outro amigo, na fazenda onde ele morava com sua nova família, e Bella conheceu Matheus, irmão mais velho de Theo, terminando o feriado numa reunião na fazenda deste, onde se comemorava o nascimento de mais um membro da família Zanetti.

Quando não estavam viajando, Bella e George faziam longos passeios pela praia e arredores. Caminhavam de mãos dadas, dedos entrelaçados. Outras vezes, os dois chamavam os irmãos dela, as filhas dele, a Betty, o Sérgio e a pequena Vanessa para os acompanharem em algum programa ou até mesmo para fazerem algo em família, embora nem sempre fosse possível reunir todo mundo no mesmo lugar e no mesmo dia.

Felizmente, não tiveram mais nenhum outro contato direto com a

desagradável da Maristela, ainda mais depois que ela havia tentado atropelá-los. E para que Bella tivesse uma gravidez tranquila, George cumpriu o que se propôs e a processou por assédio e ameaça, inclusive solicitou uma ordem de afastamento, proibindo-a de se aproximar deles por um mínimo de quinhentos metros, mesmo assim, ele resolveu contratar dois seguranças pessoais até que Maristela fosse julgada e condenada, deixando de ser uma ameaça para eles.

Robson Botelho, o contato de Sérgio, conseguiu averiguar que o nome de Maristela surgiu durante a investigação, após analisarem os contatos telefônicos de um conhecido marginal. Suspeitavam que ela podia ser a mandante no caso do entupimento do filtro de óleo que causou a pane no helicóptero da *Di Fiori*, por motivos de vingança, já que ela e o marido haviam acabado de assinar os papéis de um divórcio conturbado. Embora mantivessem a descoberta em segredo, não levaria muito tempo para a investigação ser concluída e começarem a tomar as providências necessárias para que os responsáveis fossem punidos. Enfim, a mulher tinha alguns problemas sérios com os quais se preocupar, e passar vários anos na cadeia era um deles.

A desconfiança inicial dos irmãos de Bella com relação ao George há muito havia se passado. Como ela previra, os três se deram muito bem depois que Eros e Enrico começaram a conviver com George, principalmente Enrico, que, desde o início, tinha sido o mais resistente ao relacionamento dos dois.

E assim, a vida seguiu seu curso. Quando novembro chegou, tudo o que Bella mais queria era pegar o seu bebê nos braços. A barriga pesava e ela não encontrava uma boa posição para dormir, e não eram poucas as noites em que passava recostada nos travesseiros e almofadas.

Era uma manhã ensolarada de primavera, ainda faltava uma semana para completar os nove meses de gravidez e Bella dobrava cuidadosamente as roupinhas de bebê, recém-lavadas e passadas, colocando-as em pequenas pilhas sobre a cama. Pegou um casaquinho, aproximou-o do rosto e fechou os olhos, inalando o delicioso aroma de lavanda.

A janela estava aberta, a leve brisa trazia o cheiro do mar e fazia o tecido fino e transparente da cortina branca se agitar. Deitado ao seu lado, com o braço dobrado e a cabeça apoiada na mão, George seguia seus movimentos com um sorriso bobo no rosto e a outra mão pousada no ventre dilatado de Bella. Estava perdido em seus pensamentos quando sentiu um movimento contra sua mão e sorriu.

— Nosso filho chutou — Disse Bella em sua voz calma e lhe deu um sorriso suave, mas este mudou e ela contraiu o rosto ao sentir uma pontada de dor. Esta veio do meio das suas costas, irradiando-se até o seu baixo-ventre. Abaixou os olhos e viu o líquido morno molhar a cama e descer pelas suas pernas — George?

— Sim? — respondeu ele, distraído.

— Parece que chegou a hora — disse Bella, com o nervosismo e a expectativa estampados no rosto bonito. — A bolsa estourou.

George fitou a pequena poça entre os pés dela, elevou o olhar e seu sorriso se ampliou.

— Nosso filho vai nascer....

Horas depois, no mesmo dia.

— Está pronto? — perguntou Cátia, a enfermeira que o ajudaria a se preparar.

— Como nunca estive antes — respondeu George. — Estou animado, mas apreensivo.

Ela sorriu.

— Então, vem comigo.

George a seguiu, e após pegarem o elevador e percorrerem vários corredores, passaram pelas portas duplas, deparando-se com uma sala ampla e esterilizada contendo várias pias.

— Você precisa colocar este avental por cima das roupas e esta

sapatilha por cima das botas. Depois que fizer isso, deve esfregar bem as mãos e colocar as luvas e esta máscara no rosto. Precisa estar tão esterilizado quanto a equipe médica que realizará o parto — Cátia explicou pausadamente.

Ele fez como lhe foi dito e, depois de preparado, Cátia abriu a duas portas onde se lia *Centro Cirúrgico*.

— Ali tem uma cadeira para você se sentar e ficar ao lado dela.

George agradeceu com um movimento de cabeça e se acomodou, vendo Bella, deitada na mesa, virar o pescoço para olhá-lo.

Abaixou a máscara só o suficiente para poder falar.

— Olá, meu amor — falou baixinho. — Como você está? — perguntou, enquanto sua mão procurava a dela. Ao segurá-la, apertou-a levemente, a fim de transmitir segurança, força e carinho.

— Nervosa — Bella confessou, emocionada. — Eu vou dar à luz ao nosso bebê, George, e eu já o amo tanto, de uma maneira que não consigo expressar em palavras.

— Eu também o amo, e vamos dar a ele uma vida cheia de amor. — George aproximou o rosto e beijou o dorso da mão que segurava.

Bella concordou, e cerca de quarenta e cinco minutos depois, George entrava na sala de espera, onde suas filhas, os irmãos de Bella, sua melhor amiga, Betty, e Sérgio aguardavam, ansiosos por notícias.

— E então? — quis saber Eros, inquieto e esfregando as mãos uma na outra.

— Como está a Bella? — um Enrico tenso perguntou.

— É menino ou menina? — indagou Lilly, empolgada.

— Eu vou ser madrinha de um mini George ou de uma mini Bella? — pronunciou-se Betty.

— E eu, vou ter um afilhado ou uma afilhada? — inquiriu Sérgio.

— Fala logo, pai! — pediu Alana, impaciente.

George passou os olhos pelos rostos ansiosos e sorriu.

— Se vocês me deixarem, eu falo. — Quando todos assentiram e se calaram, ele prosseguiu: — o parto foi rápido e sem surpresas, a Bella está bem e sendo preparada para ser levada para o quarto, e nós somos pais de um menino forte e saudável! — anunciou de uma vez, vendo vários sorrisos se abrirem.

Betty foi a primeira a se manifestar:

— Que coisa mais linda! Um mini homão da porra! — soltou a ruiva, fazendo os demais rirem.

— Um mini o quê? — indagou George, divertido.

Betty arregalou os olhos ao se dar conta do que tinha dito.

— Nada, deixa para lá — pediu, apressando-se a mudar de assunto: — E quando vamos poder ver a Bella?

— E o meu irmãozinho? — adicionou Lilly, batendo palmas. — Eu não vejo a hora de conhecê-lo!

— Eu acho que será em breve. Ficaram de me avisar quando a Bella estiver no quarto, e já estão preparando o bebê para colocá-lo no berçário.

Sérgio se aproximou e deu um abraço forte no sócio e amigo.

— Parabéns e boa sorte! Pode dar adeus às suas noites bem dormidas — disse, dando um tapa amigável em seu peito e sorrindo.

Quando Sérgio se afastou, foi a vez de Eros e Enrico o cumprimentarem.

— E já sabem qual será o nome do bebê? Na última vez que falei com a Bella, ela me contou que vocês ainda não tinham escolhido — comentou Betty, pensativa.

— Nós estávamos indecisos entre dois nomes, mas achamos melhor

decidir depois de ver o rostinho dele — contou George.

— E agora, depois que vocês viram a carinha dele, já decidiram? — Lilly perguntou, olhando para o pai com curiosidade.

— O nome dele é... — George se deteve quando sua atenção foi puxada para Cátia, a enfermeira, que vinha avisá-lo de que a Bella estava no quarto e ele já podia entrar para vê-la.



— Tenho certeza de que não há ninguém mais lindo e perfeito no mundo inteiro — disse Bella, embalando o filho nos braços.

— Tem, sim — recrutou George.

— Quem?

Ele a encarou com seriedade.

— Não acredito que você está me perguntando isso — disse, elevando uma sobrancelha e se fingindo de ofendido. Virou o pescoço para mostrar seu perfil e inclinou a nuca ligeiramente para trás. — E então? Que tal? — perguntou, olhando-a pelo canto do olho.

Bella riu da pose e do jeito dele.

— Acho que você está coberto de razão.

George desfez a pose e riu com ela.

— Eu sei que diz isso só para inflar o meu ego. — Com um gesto da mão, ele a impediu de retrucar. — Na verdade, eu me referi a você. É tão linda que não me canso de olhar, como não me canso de olhar para o nosso filho. Essa imagem de vocês dois merecia ser imortalizada numa foto, num quadro ou... Numa tatuagem! — concluiu, o rosto iluminado.

— George?!

— Oi, minha Bella.

Ela o fitou com carinho e sorriu.

— Mais tatuagens?

— U-hum! Tenho espaço para mais algumas — respondeu ele, de um jeito casual.

Bella arregalou os olhos ao se dar conta de que George não brincava.

— Você está falando sério?

— É claro que estou! E já imagino como será o desenho e o local onde o farei. Você gostaria...?

— De me ver representada em uma tatuagem na sua pele?

George aproximou-se um pouco mais dela.

— Bella, você já está sob a minha pele, só vou trazer um pedacinho para a superfície — disse, inclinando-se para lhe dar um selinho.

— Que romântico! Eu amei o que você disse. E que tal se fizéssemos uma dessas que os casais costumam fazer, mas com algo representativo para nós? — sugeriu, retribuindo o rápido beijo e cada vez mais encantada com a ideia.

— Eu acho ótimo! Farei duas, então. Uma em homenagem ao nosso Pietro, e uma em conjunto com a mulher da minha vida — decidiu George, o olhar descendo para admirar o filho dormindo.

Bella fez o mesmo, mal acreditando que o bebê adormecido em seus braços era seu e dele. De verdade.

— Pietro Magalhães Di Fiori. Soa bem, não?

— Soa tão perfeito quanto ele — respondeu George, babando no seu pequeno.

— Então, estamos combinados — Disse Bella e sorriu.

George a pegou pelo queixo e a fez olhar para ele.

— Você é feliz comigo? — Seu semblante estava sério enquanto a

encarava e acariciava sua bochecha com o polegar.

Bella retribuiu o olhar e o carinho.

— Sou. Muito. E você? É feliz?

— Muito mais do que eu jamais sonhei que poderia ser.



Epílogo

Seis meses depois, e como haviam combinado ainda na maternidade, George e Bella tatuaram três datas em números romanos na lateral de seus corpos, logo abaixo das costelas: o dia em que se conheceram, a data do nascimento de Pietro e seus respectivos aniversários. George tatuou o de Bella e Bella fez o mesmo com o de George. E decidiram marcar o casamento para o dia em que Pietro completaria um ano de vida.

O grande dia chegou e, com ele, a correria. George havia passado a noite anterior com Sérgio em um chalé alugado, onde os dois se preparariam para a cerimônia. George e Bella só se encontrariam novamente no altar.

Ela saiu de carro, com o filho sentado na cadeirinha do banco de trás, e se dirigiu para a casa dos irmãos, pois iria deixá-lo com Enrico. Em seguida, iria para o salão, fazer o penteado, as unhas e a maquiagem. Mais tarde, a babá iria buscá-lo para vesti-lo e levá-lo até o local da cerimônia de casamento. O irmão havia se revelado um verdadeiro tio babão, por isso insistira para que ela deixasse o sobrinho com ele. Era lindo ver como o grandalhão era apaixonado pelo garotinho. E Pietro não se fazia de rogado, adorava o tio. Mesmo sabendo disso, o coração de Bella se apertou quando deu um abraço carinhoso no filho, beijou sua bochecha rosada e teve que se despedir.

Após entrar no salão e cumprimentar as três mulheres encarregadas de cuidar dela, seu nervosismo ficou evidente quando se sentou na cadeira e

sentiu a necessidade de pedir que Suzana, a cabelereira, não exagerasse no penteado. E fez o mesmo com Jaqueline, a maquiadora. No entanto, não podia negar que ser paparicada como se fosse uma princesa a deixava encantada.

Bella aproveitou o momento para trocar mensagens de texto com a Betty, para marcar de pegá-la na casa dela; com Enrico, para saber como estava indo com o seu bebê; com o pessoal do bufê e com a florista, para saber se estava tudo como instruíra e acertar os últimos detalhes.

As três mulheres, que trabalhavam em conjunto, não deixaram que ela olhasse no espelho durante seu processo de transformação, e uma hora e meia depois, quando, enfim, terminaram, Bella teve a cadeira virada para a revelação e todas as suas dúvidas evaporaram.

— Nossa, eu estou maravilhosa!

— Deixei seus olhos mais destacados — começou Jaqueline. — Mas de um jeito sutil. Para ficar elegante, como o seu penteado.

— Ficou elegante mesmo. Pareço comigo, só que muito melhor. Adorei, Jaque! E, Suzana, o penteado está fantástico. Essa guirlanda de flores destaca ainda mais os cachos que caem livres pelos meus ombros e costas.

— E deixamos algumas mechas soltas na frente, para não parecer que você o fez em cinco minutos, mas que levou tempo suficiente para ficar perfeito — adicionou Suzana, mexendo um pouco mais em seus cabelos.

— Eu amei! Obrigada, muito obrigada! — Bella levantou-se e deu um abraço nas três. — Minhas unhas também ficaram lindas! — agradeceu à manicure, que sorriu tímida diante do elogio. — E, agora, eu preciso ir.

Saiu apressada e, como tinha prometido, no caminho passou na casa de Betty, já que a amiga se oferecera para ajudá-la com o vestido.

Ao vê-la, a ruiva uniu os lábios e soltou um longo assovio.

— Uau, você está parecendo uma dessas supermodelos sofisticadas.

— Não exagera, Betty. Mas eu me sinto mesmo maravilhosa.

— E está! Desta vez, a Suzana e a Jaque capricharam!

Meia hora depois, Bella entrava em sua casa na praia, ainda rindo de algum comentário que Betty fizera no carro. Foi direto até o quarto. Pegando o vestido de cima da grande cama de casal, ela o segurou diante de si, virando-se para o espelho e sorrindo para a imagem. O corte era fluido, o modelo era tomara que caia, e a calda imitava o rabo de uma sereia, portanto, combinaria muito bem com o penteado.

Bella e George optaram por uma cerimônia íntima e romântica na praia. O chamado *Destination Wedding*, quando os noivos oferecem aos convidados um fim de semana de festa e diversão.

Após pouco mais de uma hora, satisfeita com sua aparência, Bella e Betty entraram no carro de luxo que George enviara para pegá-las.

O motorista estacionou próximo ao local da cerimônia, e, de onde estava, Bella podia ver o caminho até o altar idealizado com um móvel semelhante a uma mesa estreita e antiga, de madeira escura, ladeado por uma enorme guirlanda retangular, coberta de flores brancas e amarelas. Olhou para as fileiras de cadeiras decoradas com as mesmas flores e para os convidados que a aguardavam. Desviou o olhar novamente para o altar e viu George, charmoso e elegante dentro de um terno claro de três peças, com Sérgio, o padrinho, ao seu lado.

— Ah, Betty!

— Não comece a chorar! Porque aí vou chorar também... E vamos estragar nossas maquiagens. Nós duas estamos lindas!

— Ficou tão bonito. É tudo o que eu queria e mais. Parece um sonho.

— Sim, um verdadeiro sonho...

Bella pegou a mão de Betty e apertou-a de leve, respirando fundo para controlar as lágrimas. As duas saíram do carro no exato momento em que Enrico se aproximou. Ele saudou Betty e olhou, emocionado, para a irmã.

— Você está linda, irmãzinha.

— Estou feliz, irmãozão.

Nesse momento, a banda começou a tocar a versão cantada pelos Beatles da música *Stand By Me*. Enrico ofereceu o braço para Bella e, fitando-a, perguntou:

— Pronta para se tornar a senhora Di Fiori?

Bella balançou a cabeça, anuindo.

— Sim. Mais do que pronta — confirmou, pousando a mão na curva do braço dele, enquanto Betty ajeitava a barra do vestido ao seu redor.

— Eu vou para o meu lugar no altar, do ladinho daquele amigo gostoso do seu homão — a ruiva cochichou no ouvido de Bella, soprando um beijo e piscando para ela antes de começar a andar, apertando o passo.

George conversava com Sérgio, que havia batizado Pietro e, agora, seria seu padrinho de casamento, como Betty seria de Bella. Mas, de repente, calou-se. Abriu mais os olhos e franziu o cenho. Seu coração acelerou, pois não acreditava no que via, e sentiu que morria de amor ao ver a mulher de sua vida, vestida de branco, sorrindo e caminhando até ele.

Quando Bella e Enrico chegaram e pararam próximos ao altar, George foi até eles. Cumprimentou o futuro cunhado com um meio abraço, e, ao se voltar para Bella, levantou uma das suas mãos, beijando-a.

— Você me faz perder o fôlego — disse baixinho, brindando-a com um olhar amoroso e intenso.

Diante do elogio e do olhar cheio de promessas, Bella corou. E ainda se olhando, ambos se posicionaram na frente do padre, que deu início à celebração. Esta foi descontraída, com a presença dos familiares e alguns poucos, mas bons amigos como convidados. Foi recheada de emoção, e o cenário não podia ser mais perfeito. Como a cerimônia ocorreu num quase fim de tarde, e mesmo não estando um sol radiante, os convidados puderam apreciar o dia virar noite e a bela paisagem do local, tudo muito leve.

Mais tarde, já casados, o casal dançava no meio do salão de festas,

montado sob uma grande tenda, ao lado do local da cerimônia.

— Parece que estou vivendo um conto de fadas — disse Bella.

— Flores, velas e contos de fadas... — George comentou enquanto inspecionava o espaço. — Lindo, mas sem frescura.

Ela agarrou mais a mão dele.

— Sem dúvidas. Como você.

— Como nós — retificou ele, tocando sua face com as pontas dos dedos.

Bella girou o pescoço e observou as pessoas ao seu redor.

— Olha como todo mundo está se divertindo. — Levou o olhar para o local onde Sérgio e a filha conversavam com Betty. À direita deles, Enrico sentava-se na mesma mesa onde Eros e Lilly estavam, e pareciam envolvidos num papo bem animado. Embora o irmão mais velho tentasse disfarçar, ele não tirava os olhos de cima de Alana, seguindo-a onde quer que ela fosse. Não era para menos, afinal, a filha mais velha de George era dona de uma beleza estonteante. E pelo que Bella podia ver, Alana fazia o mesmo com Enrico quando achava que não tinha ninguém olhando.

Ao ouvir o comentário de Bella, George levou o olhar para as duas filhas. Era bom vê-las se divertindo, talvez até mesmo esquecendo dos eventos de três meses antes, quando Maristela fora julgada e condenada por todas as acusações imputadas a ela. E soubera, por Jônatas, quando esteve em seu escritório para buscar um documento muito especial e que pretendia entregar, mais tarde, para Bella, que seu advogado havia recorrido, tentando reverter o veredito.

— Parece que a sua festa é um sucesso, minha Bella. — A voz baixa e rouca do marido chamou atenção de Bella, trazendo-a de volta para a realidade.

— Eu sei. — Ela o abraçou e encostou a testa na dele. — É uma sensação muito boa, como encostar em seu rosto agora. É bom saber que as

pessoas estão felizes por nós. — Afastou a cabeça e olhou nos olhos dele.

George a puxou para mais perto e beijou-a sob a luz do globo colorido que circulava o piso onde estavam.

— Eu amo mesmo você — murmurou Bella. — É um sentimento que me preenche e me ilumina. — Naquele momento, parecia que ele abraçava seu coração e seus olhos arderam.

George afastou-se e emoldurou o rosto dela com as mãos.

— O que eu sinto por você faz o mesmo comigo. E eu quero mais filhos — declarou de repente.

— Você está me dizendo que quer mais filhos, agora? — Bella brindou-o com um sorriso misterioso.

— Isso mesmo. Não quero esperar, e eu acho que o Pietro deveria ter irmãozinhos ou irmãzinhas. — Ele sorria ao dizer isso, e seus olhos azuis e límpidos brilhavam.

— Mas ele já tem duas irmãs — observou Bella, fazendo-se de desentendida.

— Sim, eu sei disso, meu amor, mas estou falando de irmãozinhos e irmãzinhas com idades próximas a dele — devolveu George, paciente.

— Quantos mais?

— Hum, creio que mais uns dois. Ah, e um cachorrinho!

— Isso é possível. Só teremos que aumentar a nossa casa.

George ampliou ainda mais o sorriso.

— Está falando com a pessoa certa, senhora Di Fiori.

— E eu tenho muitas ideias para ela — acrescentou Bella, fazendo o marido alçar uma sobrancelha.

— É mesmo? — perguntou George, curioso.

— É mesmo — Bella disse e passou os braços ao redor do pescoço

dele.

— Mal posso esperar. Nós dois vamos trabalhar juntos na nossa casa, na nossa família e na nossa vida. E vamos criar algo forte e verdadeiro.

— Já começamos a fazer isso, George. E eu preciso te dizer uma coisa muito importante — anunciou Bella.

— O quê? — indagou ele, olhando-a com curiosidade.

— Eu pretendia te contar quando estivéssemos a sós, no nosso quarto, mas acho que este é o momento ideal.

— Fala logo, mulher! — reclamou George, impaciente e afoito.

— Os números que você citou agora há pouco... Só vai nos faltar mais um filho ou filha. E um cachorrinho.

Entendendo o que ela dizia, emocionado, George pegou-a pela cintura e balançou os dois.

— Eu te amo! E nunca vou deixar de te amar! Eu tenho tanta sorte por ter você na minha vida...

Bella gargalhou enquanto o marido a girava nos braços, deliciada com a declaração de amor dele.

— Eu te amo e acredito. Acredito que nós dois vamos construir coisas maravilhosas juntos. Com você, consigo pensar além de hoje e fazer planos para os anos futuros.

Felizes, os dois deixaram a tenda, indo em busca do garotinho deles, que, vestido com um mini terno que imitava o de George, no modelo e na cor, brincava sentadinho num cercadinho sob o olhar atento da babá.

Quando viu os dois se aproximarem, o bebê abriu um enorme sorriso, deixando ver os quatro dentinhos. Ainda sentado, começou a se mover freneticamente, demonstrando a felicidade que sentia, e foi logo esticando os bracinhos rechonchudos na direção do pai.

— Papá! Papá! — balbuciou Pietro, e George sentiu seu coração

derreter de felicidade. Com um olhar, dispensou a babá, inclinou-se e pegou o filho nos braços, colocando-o sobre os ombros, de modo que as perninhas gorduchas envolveram seu pescoço.

— A mãe aqui carregou o filho durante nove meses, sofreu as dores do parto, cuida com todo amor e carinho, e ele acaba sempre preferindo o pai. Isso não é justo! — Bella cruzou os braços, fingindo-se emburrada.

George gargalhou do jeito marrentinho dela.

— Vem cá. Não fica assim. Nós dois te amamos.

Bella desfez a falsa carranca, sentindo o coração sorrir dentro do peito.

— Eu amo você, amo a pessoa que é comigo e com o nosso Pietro.

De vez em quando, ele gostava de vê-la um pouco brava, mesmo sabendo que Bella não conseguia se manter assim por mais de cinco minutos, por isso, resolveu provocá-la.

— E eu sempre vou preferir você... Depois do Pietro, que fique claro! — disse, recebendo um olhar ferino e um leve empurrão no ombro em represália. — Estou brincando, minha Bella. É impossível, para mim, escolher entre vocês dois — acrescentou, lançando a ela um sorriso tão brilhante que Bella não teve dificuldade em retribuir. Mantendo o filho seguro com um braço elevado, George envolveu os ombros da mulher com o outro.

— Eu sei que está. — Bella passou o braço pela cintura dele e os dois começaram a andar na direção de um mar de águas brilhantes e que borbulhava numa melodia constante sobre as pedras.

Enquanto George e Bella caminhavam abraçados à beira mar, com o filho deles batendo as mãozinhas uma na outra e fazendo barulhos divertidos com a boca, sobre os ombros do pai, as lembranças de uma outra noite, a do beijo que se deram, seguido do primeiro passeio que fizeram, naquela mesma praia, chegaram até eles. E ambos sabiam que não poderiam ter escolhido um lugar mais lindo e maravilhoso para construírem uma vida juntos e chamarem de lar.

FIM.

Agradecimentos

Do que são feitos os sonhos era para ser um conto. Depois de concluir a série Sob o Mesmo Céu, eu passei alguns meses sem conseguir voltar a sentar para escrever. Como eu não queria me forçar, a princípio, eu pensei em fazer um conto num curto espaço de tempo. Conforme eu escrevia e os personagens iam tomando forma, eu senti que o romance de George e Bella me conquistou e contrariando a minha intenção inicial, acabei ouvindo meu coração e tomou uma proporção maior do que imaginei e acabei escrevendo a história completa. DQSFOS foi um livro que eu adorei escrever. Um livro leve e de fácil leitura, e eu sempre terei um carinho especial por ele.

Em primeiro lugar, um enorme OBRIGADA para os meus leitores queridos. Vocês são a razão de eu poder fazer da escrita o meu ofício. E são vocês que me impulsionam a seguir contando histórias. Muito obrigada! De coração!

A minha revisora, Luhana Andreoli. Uma profissional ilibada, pessoa e amiga, maravilhosa e que Deus colocou no meu caminho. Obrigada por cuidar com tanto carinho dos cinco livros da minha série e deste aqui. Obrigada pelas inúmeras conversas no Messenger do Facebook, pelos toques e pelo apoio. Aguardava com ânsias e amava cada um dos comentários que vinham junto com os capítulos revisados.

As Sonhadoras que acompanharam as postagens na plataforma gratuita, que comentaram em cada capítulo, tornando-se assim, milhares de leitoras betas. Meu muito obrigada!

Por fim e não menos importante, agradeço a minha família e meus amigos, que me apoiaram nessa jornada e que são minha rede de segurança. Amor maior não há!

Todos vocês são peças fundamentais nessa minha jornada e sou

infinitamente grata por fazerem parte do meu sonho.

Sobre a autora

Angie Mello é mãe solo de dois rapazes. Nascida no interior do Estado de Pernambuco, imigrou com a família aos quatro meses de vida, para a capital do Estado de São Paulo, onde vive até os dias de hoje.

Leitora assídua desde a mais tenra idade, quando não está escrevendo, adora assistir filmes, documentários, séries e ouvir música.

ACOMPANHE A AUTORA NAS REDES SOCIAIS

[FACEBOOK PERFIL](#)

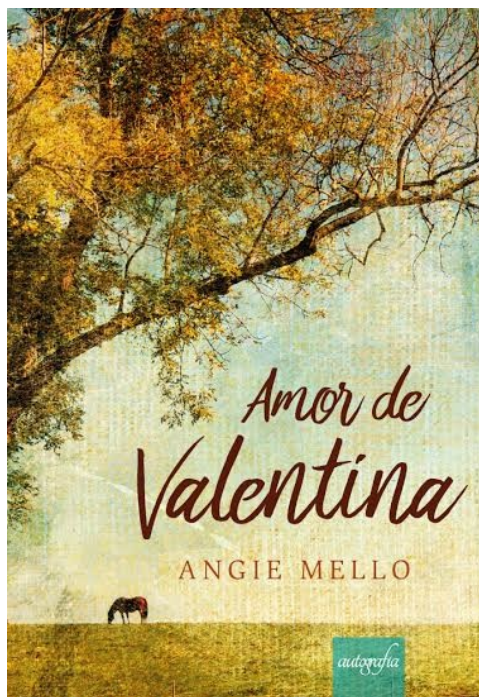
[FANPAGE](#)

[WATTPAD PERFIL](#)

TWITTER: @angiemello

Não esqueça de deixar uma avaliação. Ela é muito importante, pois além de impulsionar a obra, me ajuda a seguir criando novas histórias.

Conheça outros títulos da autora



Amor de Valentina

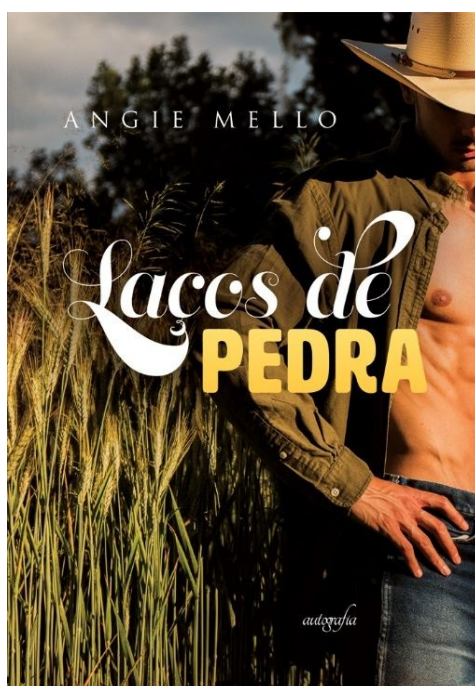
Um acidente, duas vidas que se cruzam.

Valentina Valdez, 27 anos, mulher independente e profissional competente. Depois da morte do pai decide que é tempo de tentar um recomeço e deixa a cidade onde vive, se candidatando a uma vaga de veterinária em Goiânia. Durante o trajeto, perde o controle do carro e sofre um acidente. Por coincidência, é socorrida pelo dono da fazenda para onde se dirigia, a fim de fazer a entrevista.

Matheus Zanetti, 31 anos, é um fazendeiro bem sucedido e possuidor de um haras. Um homem determinado e seguro do que quer para si. Se fez sozinho à custa de muito trabalho, esforço e dedicação. Seu maior sonho é encontrar a mulher da sua vida e constituir uma família.

Será que o destino, que os unirá em um mesmo lugar, vai conseguir provar

para Valentina, que ela está enganada quanto ao que pensa sobre o amor? E Matheus? encontrará nela, a mulher com quem poderá dividir seus sonhos, sua vida e seu futuro?



Laços de Pedra

Ele escolheu fugir. Ela não teve opção a não ser ficar.

Arthur Zanetti. 28 anos. Motoqueiro. Cowboy. Pegador.

Depois de ter causado o acidente onde o irmão gêmeo sai gravemente ferido, abandona sua vida na fazenda, por não conseguir lidar com a culpa. Se foi sem saber que deixaria para trás, muito mais que um coração partido. Vários anos depois ele está de volta, a pedido do pai, que após sofrer um infarto, não está em condições de seguir cuidando dos negócios da família.

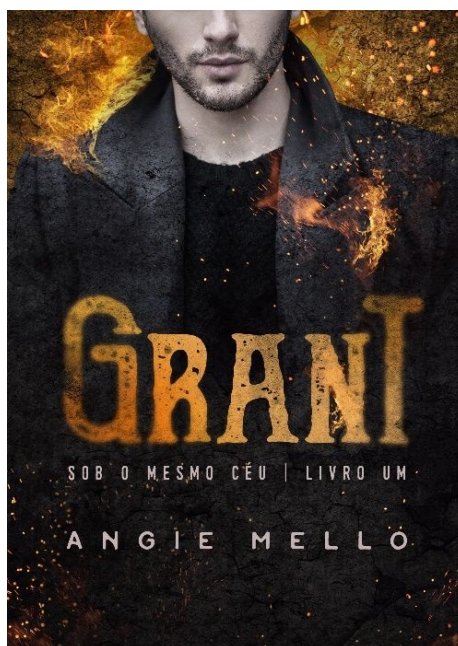
Victória Ventura. 26 anos. Engenheira Agrônoma. Mãe solo.

Ela sabe o que é ser abandonada. Foi deixada para trás por quem jurou que ficaria sempre ao seu lado. Ferida, levou muito tempo para que voltasse a confiar e a abrir o coração, porém, quando decide se dar uma nova chance, um diagnóstico inesperado muda tudo e ela sai em busca do passado. Pouco tempo depois, este retorna, reivindicando o que acredita possuir por direito: seu coração e seu filho.

Em meio a segredos, mentiras, conflitos, culpas e ressentimentos, a

confirmação de que a química entre eles ainda está lá, mais forte do que nunca e é explosiva.

Arthur e Victória têm todos os motivos para permanecerem separados e apenas um, capaz de uni-los. Será que a paixão que sentem, será forte o suficiente para que fiquem juntos?



Grant – Série Sob o mesmo céu - Livro I

Grant Collins. Policial. 28 anos.

Vítima de uma traição sórdida, é enviado para a prisão. Após conseguir sua liberdade, com a ajuda do amigo e advogado Trent Campbell, decide que é seu dever ir atrás do chefe da operação que investigava antes de ser incriminado e condenado injustamente. Sua intenção é desbaratar a rede de tráfico humano montada pelo algoz e seus comparsas, enviando todos para o mesmo inferno de onde acaba de sair, a prisão de San Quentin. Devido a uma ameaça feita contra sua família, Grant se vê obrigado a deixar a cidade de San Diego e decide se mudar para Nova York, onde, sem muitas opções, se torna um faz-tudo para poder sobreviver, mas que não o impede de continuar seguindo as pistas que o levarão ao seu único propósito: obter reparação e justiça.

Danna Green. Dona de Casa. 34 anos.

Ela vive um casamento de fachada em uma luxuosa mansão nos Hamptons, sob o domínio de um marido controlador, possessivo e arrogante que não ama ninguém além de si mesmo. Sempre foi tratada como sua escrava pessoal, na

cama e fora dela. Quando sente que não pode mais suportar, Danna toma a maior decisão de sua vida e inicia uma luta em busca da própria identidade.

O destino unirá essas duas almas. Ele anseia por esquecer os fantasmas do passado. Ela deseja sair de um casamento fracassado. Grant & Danna, um casal improvável em busca de libertação e um recomeço.

“Todos nós vivemos debaixo do mesmo céu.”



Aaron – Série Sob o mesmo céu – livro II

Tudo o que Aaron desejava, era terminar os estudos, se divertir com os amigos e curtir o seu início de namoro com a bela Amy. Porém, as coisas nem sempre saem como se quer, e ele vê sua vida tomar um rumo diferente do planejado. Devido a um acontecimento trágico do passado, Aaron se torna alvo de um amor materno obsessivo. Sentindo-se incapaz de suportar a situação sufocante e opressora dentro de casa, decide se alistar no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Após o período de treinamento, é enviado para um país em conflito, em uma missão de reconhecimento, onde a patrulha da qual fazia parte sofre um atentado e todos são dados como mortos em combate.

Dois anos se passam, e Aaron, que sobreviveu ao ataque por milagre, é resgatado, mas não é mais o mesmo rapaz despreocupado de antes. Regressou com cicatrizes no corpo e na alma, e sem grande parte das lembranças dos últimos quatro anos de sua vida. Resgataram o seu corpo, mas será possível fazer o mesmo com a sua mente e o seu coração?

Segredos, conflitos, drama e paixão são os tópicos desta história de superação e amor.

“Todos nós vivemos debaixo do mesmo céu”



Theo – Série Sob o mesmo céu – livro III

Theodoro Zanetti – Advogado – Divorciado

Quando jovem, Theo saiu Brasil a fim de tentar a sorte no exterior. A cidade escolhida foi Nova York, onde aterrissou em busca do “sonho americano”. Uma vez na cidade, terminou seus estudos na área de Direito, casou-se com sua namorada, Sienna, e viu Aaron, seu único filho, nascer. Anos se passam. Segredos são revelados e traições descobertas. Desiludido, pede o divórcio e passa a acreditar que é hora de mudar. Nostálgico e sentindo falta de sua terra natal, toma a decisão de regressar ao Brasil para tentar se reconectar com suas origens.

Isadora Meirelles – Fazendeira – Viúva

Isadora casou-se com Ricardo Medeiros, porém, não foi um casamento feliz. Logo após a lua de mel, se deu conta do quanto o marido era um homem possessivo e abusivo. Viciado em jogo e no turfe, perdia o que tinha e o que não tinha. Com dez anos de casada, ela enviúva e passa a criar seus dois filhos, tocar a fazenda e cuidar dos negócios sozinha. Totalmente dedicada ao trabalho e à família, relacionamentos sérios não estão em seus planos, muito

menos voltar a se casar.

Um homem e uma mulher que levam na bagagem histórias de desamor, traição e decepção. O que será que o destino ainda tem reservado para eles? Existe uma idade limite para encontrar e viver um grande amor?

Uma história repleta de intensas emoções. Ciúmes, sexo, amor, chantagem, obsessão, reviravoltas e recomeços.

“Todos nós vivemos debaixo do mesmo céu.”



Leon – Série Sob o mesmo céu – livro IV

Ele sofreu duas perdas irreparáveis e tão dolorosas que desejou deixar de respirar.

Leon vê Melissa, sua esposa grávida de sete meses, ser usada como escudo durante um assalto. Depois da morte do bandido por um atirador de elite, sua pressão arterial sobe a um nível assustador. É socorrida, mas entra em colapso. Uma cesariana de emergência é feita, mas tanto Melissa quanto o bebê não resistem e morrem. Após o enterro da mulher e do filho, e não conseguindo permanecer na cidade onde se casou, fez planos e sonhou com um futuro feliz, Leon sobe em sua moto e foge, passando a viver como um ermitão, numa cabana afastada, por três longos anos.

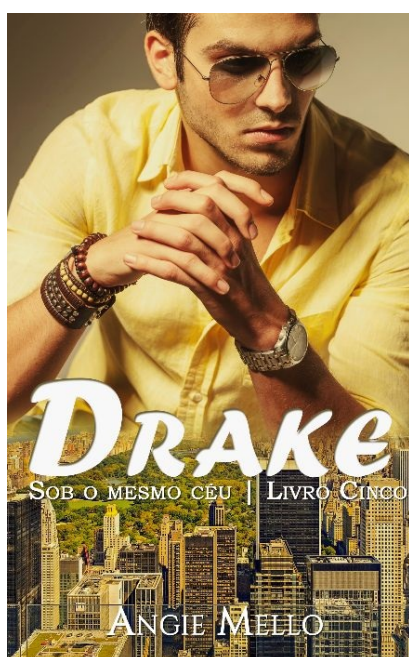
Um determinado dia, ele recebe uma carta da mãe, implorando pelo seu retorno, pois o senhor Jethro Carter, seu pai e com quem não mantém uma boa relação, foi diagnosticado com uma doença fatal e tem pouco tempo de vida. Leon reluta, mas, ao mesmo tempo, se pergunta se não chegou a hora de voltar e retomar sua vida e seu trabalho. No passado, foi um dos melhores e

mais requisitados guarda-costas, acostumado a custodiar ricos e famosos, altos executivos e políticos.

Decide regressar à cidade. Revê a mãe e tem uma conversa com o pai. Pouco tempo depois, seu caminho se cruza com o de uma morena bonita, de grandes olhos castanhos e pernas compridas. Zayla e Leon sentem a forte atração que um exerce sobre o outro, desde o primeiro momento, porém, ambos têm seus próprios motivos para não estarem à procura de um novo relacionamento.

Uma história de superação, paixão, intrigas e amor. Prepare-se para suspirar da primeira até a última página.

“Todos nós vivemos sob o mesmo céu”



Drake – Série Sob o Mesmo Céu – Livro V

Drake é um jovem responsável, honesto e trabalhador. Criado só pela mãe, não chegou a conhecer o pai, nem mesmo sabe o nome do homem que o gerou. Essa situação indefinida em sua vida é algo que ainda não conseguiu superar. Dono de um temperamento introspectivo, é adepto dos esportes e tem um apego especial pela prática do boxe, pois é onde consegue extravasar o estresse do seu trabalho e manter o equilíbrio físico e mental.

Há cerca de um ano, mantém um relacionamento com Yasmin, a filha mais nova de um poderoso magnata preconceituoso e controlador. Porém, num determinado dia, a jovem termina o namoro dos dois alegando que, se não o deixar, o pai a expulsa de casa e tira seu nome do testamento. Decepcionado, com o coração partido e acreditando ter sido apenas um brinquedo para uma garota mimada, Drake decide aceitar o inevitável e segue em frente, determinado a esquecê-la.

Contudo, as coisas nem sempre são como parecem ser. Quando parte para a Espanha custodiando um alto executivo, coincidentemente também seu amigo de treino, Drake não faz ideia de que está muito perto de reencontrar a mulher

que tanto anseia esquecer e que, por fim, a verdade virá à tona.

“Todos nós vivemos sob o mesmo céu”

^[1] Hipster é um termo anglo-americano geralmente aplicado a uma subcultura da classe média urbana que coexiste com a cultura dominante.

^[2] Pizza Madalena - massa, molho, mussarela, carne à bolonhesa, purê de batatas, parmesão e orégano.